FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.758 | SÁBADO, 1º DE JUNHO DE 2024 | R$ 6,90

México deve eleger mulher em ambiente hostil a elas

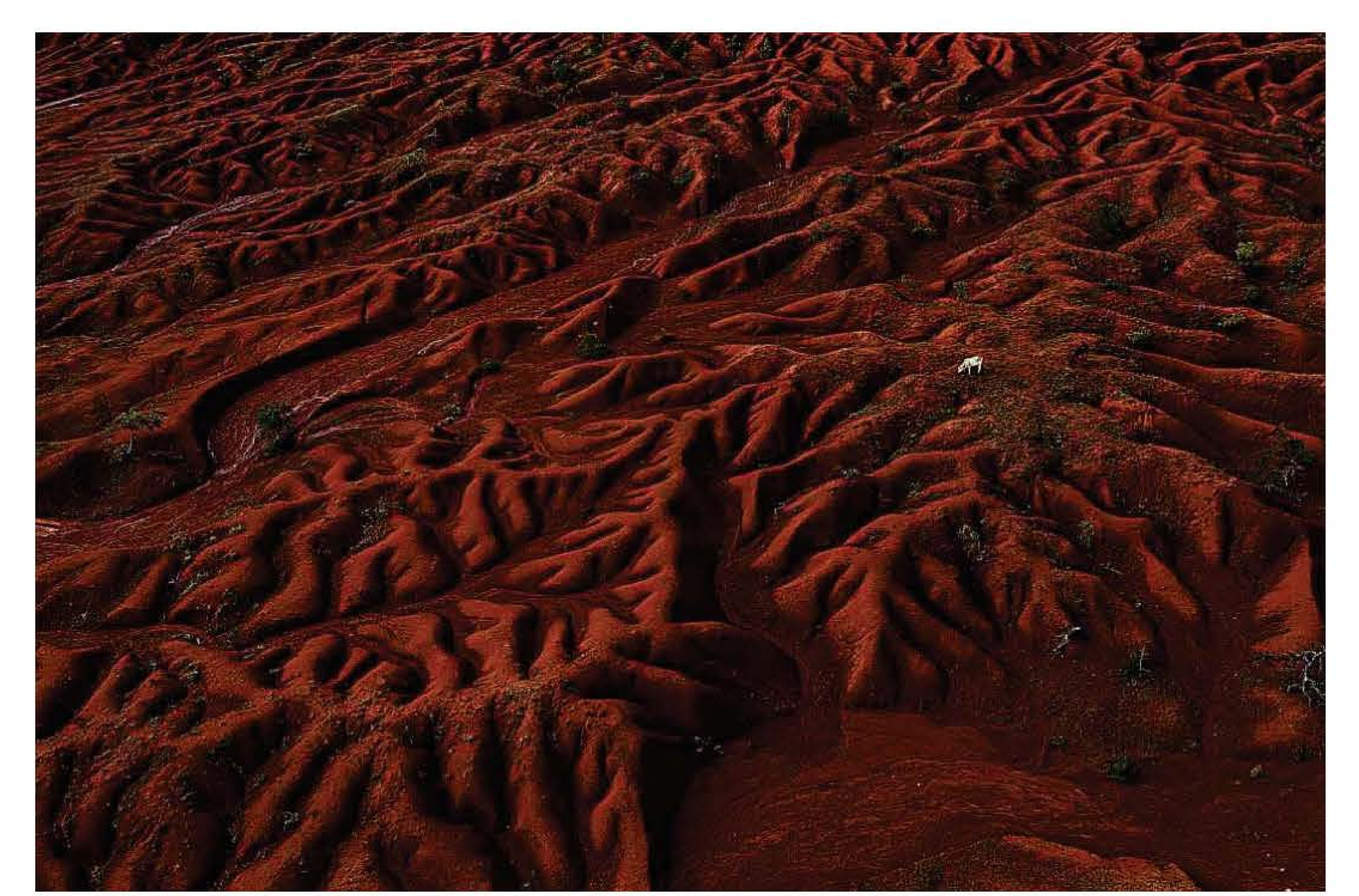
Os mexicanos devem eleger sua primeira presidente no domingo, mas as duas líderes da corrida não apresentaram propostas para reverter a hostilidade de gênero no país, que registra dois feminicídios por dia. Feministas cobram sem sucesso as rivais de situação e oposição, relata da Cidade do México **Mayara Paixão.** **Mundo A12**

ENTREVISTA

Hadreep Puri

Modi é um cara 'socialista', não um extremista

Um dos mais poderosos ministros do gabinete do premiê em busca da reeleição Narendra Modi diz à enviada **Patrícia Campos Mello** que o chefe não é um radical de direita, e sim comprometido com o social na Índia. **Mundo A14**



Gado procura pastagem em área deserta de Gilbués, no sul do Piauí; chamadas de malhadas, as voçorocas marcam a paisagem do município Lalo de Almeida/Folhapress

Ansiedade infantil e de jovens supera a de adultos pela 1ª vez

Incidência do transtorno entre crianças e adolescentes disparou no Brasil em dez anos, mostra análise da Folha

DELTAFOLHA

Pela primeira vez na série histórica iniciada em 2013, os atendimentos por ansiedade entre crianças e jovens superaram os de adultos, mostra análise feita pela **Folha** de dados da Rede de Atenção Psicossocial. Em 2023, a taxa de pacientes de 10 a 14 anos atendidos foi de 125,8 a cada 100 mil.

Entre adolescentes, o índice foi de 157 a cada 100 mil. Já na população com mais de 20 anos, ele cai para 112,5 a cada 100 mil. A mudança na curva passou a ser registrada de forma clara em 2022.

Não existe uma causa única para tal movimento, mas especialistas apontam em estudos impactos de crises agudas, como a pandemia.

Problemas econômicos e climáticos são citados, assim como o uso excessivo de celulares e games.

Para o professor da USP Guilherme Polanczyk, o maior acesso à informação tem simplificado o autodiagnóstico, gerando distorções, mas ele evita colocar peso excessivo nas redes sociais pelo cenário. **Saúde B1**

cerrado loteado

Desmatamento esquenta e seca ainda mais o Cerrado

Bioma já perdeu 46% de sua cobertura original, e o desmate em regiões florestais para substituição por cultivos levou a um aumento de temperatura de 3,5°C. **Ambiente B5**

Demétrio Magnoli

Jalapão não merece seguir como um autódromo instagramável **Política A8**

Folhinha p. 1

Youtuber há 10 anos, Paula Stephânia fala da relação com seus 4,5 milhões de fãs

Esporte B7

Sem brasileiros no elenco, Dortmund pega Real Madrid na final da Champions

Ilustrada C1

Grupo quer que a bandeira do país volte a ser emblema de todos os brasileiros

Após condenação, Trump volta a se dizer uma vítima

Primeiro ex-presidente dos EUA condenado criminalmente, Donald Trump alegou perseguição, criticou o juiz e repetiu falácias, informa de Nova York **Fernanda Perrin**. Sua campanha teve arrecadação recorde. **Mundo A10**

ANÁLISE

C. E. Lins da Silva

Veredicto poderá incentivar apoiador do ex-presidente

Vence quem conseguir convencer mais pessoas a votar. Os adeptos de Trump parecem ser muito mais aguerridos do que os de Biden. A condenação pode lhe ajudar. **Mundo A10**

PF prende suspeitos por ameaçar Moraes, do STF

A Polícia Federal prendeu ontem (31) dois suspeitos por ameaças contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, e sua família. Um deles é Raul Fonseca de Oliveira, sargento da Marinha. **Política A9**

PT cobra ministros de Lula por derrota no Congresso

Política A4

EDITORIAIS A2

Um condenado na Presidência dos EUA?

A respeito de decisão judicial contra Donald Trump.

MEC inerte

Sobre ausência de planos claros para a educação.



Comunidade LGBT+ assume verde e amarelo em resistência ao bolsonarismo Jardiel Carvalho/Folhapress

Lula vai rever benefício para pessoas com deficiência

O governo vai revisar os benefícios pagos a quem tem deficiência. O Ministério do Planejamento diz querer entender o aumento dos gastos do Benefício de Prestação Continuada, que garante um mínimo para essas pessoas e a idosos com baixa renda. Em um ano até março, as despesas com deficientes subiram 14,5%. **Mercado p. 1**

ATMOSFERA

São Paulo hoje

23° 12°

0h 6h 12h 18h 24h



FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Marília Marz

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Um condenado na Presidência dos EUA?

Culpado em processo criminal, Trump representa um desafio para as instituições da democracia americana e para a estabilidade geopolítica global

A condição de ex-presidente condenado criminalmente firma Donald Trump como figura inaudita, e perniciosa, na história da democracia mais importante do Ocidente.

O veredicto do júri que avaliou 34 acusações penais em Nova York demonstra de forma inequívoca o vigor de um sistema legal que vive sob ataque pelo homem que governou, de 2017 a 2021, a maior potência militar do planeta.

Como ocorreu na Chicago dos anos 1930, quando o gângster Al Capone acabou preso por sonegação fiscal e não pelos banhos de sangue que ordenava, a Justiça carimbou Trump como condenado em um caso relativamente lateral.

Seu erro não foi ter tentado calar a atriz com quem havia mantido relações, a fim de preservar sua imagem na campanha eleitoral de 2016, mas sim ter falsificado registros do dinheiro pago a Stormy Daniels para acobertá-los como serviços empresariais.

É pouco ante as outras três acusações criminais a que responde: pela tentativa de reverter a disputa que perdeu para Joe Biden em 2020, pela interferência no processo eleitoral da Geórgia naquele ano e por esconder documentos secretos consigo após deixar o poder.

Trump dificilmente será preso pela sentença a ser proferida em julho. Ainda que fosse, poderia seguir em campanha eleitoral para voltar à Casa Branca em novembro, e até governar da cadeia se eleito.

É uma distorção decorrente de um princípio fundador dos EUA, a soberania da voz do povo. Demagogos como Trump usam essa retórica libertária, pervertendo-a como autorização para um vale-tudo.

A hipótese mais perturbadora, contudo, é a de que o ex-presidente derrote Biden e enfrente as gravíssimas acusações na cadeira presidencial. Os dois processos de âmbito federal tendem a ser suspensos enquanto ele estiver no governo, mas seguem vivos, e não se sabe o que ocorreria com o da Geórgia.

O conjunto compõe receita de instabilidade que testará ainda mais a esgarçada tessitura institucional dos EUA, além de confirmar o risco geopolítico que um eventual novo mandato de Trump trará.

Resta saber o impacto eleitoral da condenação. Se é certo que apoiadores de tipos como o republicano ou seu seguidor Jair Bolsonaro (PL) são impermeáveis a acusações contra seus ídolos, o pleito americano é disputado no detalhe.

Trump está pouco acima de Biden nas sondagens, mas lidera em estados-chave para uma vitória no Colégio Eleitoral —cuja composição se sobrepõe ao voto popular.

Se trumpistas podem se mobilizar pelo que veem como caça às bruxas, pesquisas indicam que pessoas sem aderência partidária tendem a não votar num condenado. E são elas que decidem a disputa.

MEC inerte

Nome promissor, Izolda Cela deixa pasta, que ainda precisa mostrar política consistente para educação

Dentre as escolhas de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para seu ministério, a da pasta da Educação mostrou-se promissora, não só pelo contraste com o descalabro sob Jair Bolsonaro (PL), mas pelos nomes selecionados. Contudo ainda não há uma política clara desenhada para combater os problemas crônicos do ensino brasileiro.

O ministro Camilo Santana governou o Ceará, unidade da Federação que melhorou significativamente seus indicadores no setor. A segunda na hierarquia, Izolda Cela, foi secretária de Educação do estado e também de Sobral (CE), cidade pioneira no incremento dos índices estaduais de aprendizagem.

Passado um ano e cinco meses de mandato, Cela deixa a pasta para disputar pleito municipal, e o MEC precisa correr atrás do prejuízo de uma gestão que, até o momento, está abaixo das expectativas.

Em relação à alfabetização, o governo apresentou na terça (28) dados que mostram melhorias na área em 2023, como se fossem resultados do programa lançado em junho do ano passado. Mas, até novembro, nenhum centavo do recurso previsto havia sido destinado para o letramento dos brasileiros.

Já a urgente reforma do novo ensino médio, que tem potencial para alavancar a aprendizagem e reduzir a evasão escolar, alta nesta etapa do ensino, foi postergada devido a hesitações na formulação do projeto e dificuldades na articulação política com o Congresso. Só foi aprovada em março deste ano.

O setor de educação exige políticas de longo prazo, já que serão responsáveis por cobrir anos, até décadas, da vida acadêmica de uma geração. Mas os números mostram como, aqui, o Estado é incapaz de implementar ações contínuas.

De acordo com o IBGE, 11,4 milhões de pessoas acima dos 15 anos são analfabetas. Pesquisa do Instituto Natura com dados do MEC mostrou que, em 2019, ínfimos 19% dos jovens do país concluíram o ensino médio na idade certa e com nível suficiente de aprendizagem.

O PT esteve no poder de 2003 a 2016. Não pode perder tempo em mais um mandato sem desenvolver políticas que deem início a mudanças consistentes nos índices vexatórios da educação brasileira.

Trump condenado

Hélio Schwartsman

Como a condenação criminal de Donald Trump afeta a eleição presidencial? A resposta tem algo de paradoxal. Não se esperam grandes movimentações nas pesquisas de intenção de voto. Com a polarização afetiva, eleitores fiéis ao ex-presidente devem tornar-se ainda mais trumpistas. Verão na decisão do júri nova-iorquino um ato de perseguição política, uma nova tentativa de "roubar" a Presidência ao magnata laranja. Já os democratas tenderão a ler o episódio como uma confirmação do que sempre souberam: Trump não passa de um bandido, indigno de ocupar o cargo mais alto do país.

Só que nem todo mundo reage de forma tão emocionalmente intensa a eventos do mundo da política. Há um grupo, o dos chamados independentes, que não tem um envolvimento tão passional nem com os candidatos nem com seus partidos, podendo ir tanto para um lado como para o outro, dependendo de fatores tão diversos quanto o estado da economia, preferências em questões concretas, como o aborto, e eventualmente também a ficha criminal dos postulantes.

De um modo geral, sempre foram os independentes que decidiram eleições. Até pouco tempo atrás, candidatos competitivos moldavam seus posicionamentos justamente para conquistar esse grupo. O resultado era uma certa moderação. Para não desagradar a ninguém, os postulantes fugiam de radicalismos e questões polêmicas. A polarização mudou um pouco essa dinâmica. Um candidato como Trump prefere tocar fogo no circo, radicalizando os eleitores que já têm e os motivando a sair para votar no dia da eleição ou para invadir o Capitólio, dependendo do caso.

Nos EUA, dadas as particularidades do colégio eleitoral, que tem algo de lotérico, o pleito acabará sendo decidido por um grupo muito restrito de eleitores: os independentes dos seis estados em que a disputa está indefinida. Aí, mesmo que a condenação mude muito poucos votos, eles poderão fazer toda a diferença.

helio@uol.com.br

Sem rumo nem prumo

Dora Kramer

Ainda na campanha, quando indagado sobre seus planos para se relacionar com um Congresso cheio de novos poderes, o então candidato Luiz Inácio da Silva (PT) não demonstrava preocupação. Dizia que resolveria tudo com muita conversa.

Transcorrido praticamente um ano e meio de governo, o presidente muito discursou, mas não resolveu nem conversou na forma e no conteúdo exigidos pela atual configuração do Parlamento.

Aqui não se fala do perfil ideológico, desde sempre de centro-direita, com a esquerda minoritária. Foi assim em todos os governos petistas, sendo que nos dois de Lula a coisa fluiu. Nem sempre a poder de motivações republicanas, mas andou sem percalços, no automático como habitual.

Era um tempo de Congresso submisso a cargos, emendas de liberação não impositiva, presidente da República nos píncaros da popularidade e oposição aveludada.

Isso mudou. O tempo passou, e Lula fez a Carolina na janela. Não deu o devido peso à força da maioria de centro, direita e extrema direita, que antes não tinha voz nem o respaldo das "ruas" hoje conhecidas como redes sociais e que tampouco dispunha do manejo do Orçamento da União.

Num primeiro ano dedicado a ambições internacionais, Lula confiou no taco do passado, deixou o Congresso se entregue a articuladores cuja expertise não está à altura da ferocidade das onças agora poderosas e dedicou-se à governança de palanque.

Semeou descaso, jogou no improviso, natural que colha derrotas. Atribuí-las ao perfil ideológico dos parlamentares é ignorar que o Legislativo lhe deu folga orçamentária na transição, aprovou o arcabouço fiscal e ainda lhe conferiu medalha por ter tirado a reforma tributária do campo das ilusões quase perdidas.

Nessa altura mais proveitoso para uma correção de rotas seria se acertar internamente para conseguir responder à velha pergunta comum à esquerda do século passado: qual é o rumo? Só então se chega ao prumo.

Amor e ódio em Chico Buarque

Alvaro Costa e Silva

Em 1973, os censores da ditadura escandalizaram-se com a letra de "Flor da Idade", em que Chico Buarque arma uma ciranda amorosa —Dora amava Lia que amava Léa que amava Paulo que amava Juca— inspirada no poema "Quadrilha", de Drummond, àquela altura já clássico.

O regime preparava a "distensão lenta e gradual", mas nada mudara entre Chico e a censura. O jogo de gato e rato se estendeu ao longo de três décadas, com episódios de repressão artística explícita e outros de ridículo universal —a proibição de a escola de samba Canarinhos da Engenhoca exibir um enredo em homenagem ao compositor, em 1974.

Impedido de cantar "Flor da Idade", o autor preparou a própria defesa, citando o dicionário Caldas Aulete: "O verbete amar não faz qualquer alusão a sexo. Vemos amar como sentir amor ou ternura, ter afeição, dedicação, devoção ou querer bem. Amar os filhos, amar a pátria, amar a Deus". A canção acabou liberada, mas Chico não comemorou: "Enquanto persistir a mentalidade segundo a qual arte e cultura são coisas de pederastas, drogados e vagabundos, não haverá jeito", disse em entrevista ao Jornal do Brasil.

A censura foi banida na Constituição de 1988, embora seu espectro continue assombrando o país ao retirar livros das escolas. Após um período envergonhados, a mentalidade a que se refere Chico e o ridículo estão de volta: a Câmara aprovou uma moção de repúdio contra as cantoras Madonna, Anitta e Pabllo Vittar.

Dois livros recém-publicados —"Trocando em Miúdos", de Tom Cardoso, e "O Que Não Tem Censura Nem Nunca Terá", de Márcio Pinheiro– retratam Chico Buarque nos seus 80 anos e revelam que a frase de Millôr, de que ele era a única unanimidade nacional, no fundo era irônica. Hoje Chico é uma das vítimas preferidas do ódio bolsonarista, uma Geni nas redes. Mas felizmente uma infinidade de brasileiros ainda conhece o significado do verbo amar.

Farmácia Viva Shanenawa

Txai Suruí

Coordenadora da Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé e do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia

A Farmácia Viva, um espaço de saúde da floresta na aldeia Morada Nova do povo Shanenawa no Acre, com mais de 180 espécies de plantas medicinais, foi criada há dois anos pelas mulheres Shanenawa.

Uma das idealizadoras, Andressa Runi Shanenawa conta que, quando começou a fazer faculdade de enfermagem em Rio Branco, deparou-se com a frase "Antigamente os indígenas se curavam com a medicina tradicional, mas hoje não", proferida por uma professora.

A estudante confrontou a situação e explicou que medicina indígena segue viva dentro das comunidades. Inspirada e guiada por sua avó, que é pajé, ela cresceu vendo e sendo curada pelas plantas e ervas cultivadas pela anciã em seu pequeno viveiro ao lado de sua casa. Ela conta que sua avó tinha cura para tudo, dá cólica menstrual à medicina para cantar e se curou sozinha de um câncer com as plantas da floresta e o conhecimento medicinal Shanenawa passados por seus ancestrais.

A etnia Shanenawa foi impedida de praticar sua cultura e escravizada no atual local da aldeia, trabalhando em um seringal. Conseguiu o direito ao seu território com o passar dos anos, mas hoje enfrenta a falta de saneamento básico nas aldeias, a falta de acesso à água potável devido à poluição do rio Envira pela cidade de Feijó, próxima à aldeia, e aos empreendimentos que afetam diretamente seu território, feitos sem o consentimento livre, prévio, informado e de boa-fé, além da seca dos rios e de outros efeitos das mudanças climáticas. E ainda luta pelo fortalecimento de sua cultura.

As jovens mulheres indígenas da aldeia, como Andressa, preocupadas em manter seus conhecimentos ancestrais guardados por anciões que estão envelhecendo e morrendo, reconhecidos como verdadeiras bibliotecas vivas, unem a medicina ocidental com a medicina indígena através da Farmácia Viva, e buscam acesso a uma saúde de qualidade para a comunidade.

A farmácia fica no meio da aldeia, estrategicamente, para em caso de emergência as pessoas serem atendidas rapidamente. Devido às mudanças climáticas, algumas plantas medicinais se tornaram mais difíceis de serem encontradas. A farmácia é para guardar e proteger que essas plantas não se percam.

A ideia é que seja construído espaço para receber pacientes indígenas e não indígenas, funcionando 24 h e trabalhando com manipulados. A iniciativa busca apoiadores e financiadores para a construir a estrutura, e mais informações podem ser encontradas no instagram @povoshanenawa.oficial.

Andressa conta que, após a criação da Farmácia Viva, a medicina tradicional passou a ser mais valorizada, fortalecendo a cultura atacada durante a colonização e mostrando a importância da vasta, poderosa e profunda cura da floresta.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

As bulas impressas dos medicamentos devem ser substituídas por digitais?

Não *Imprescindíveis no Brasil de hoje*

Nem mesmo profissionais da saúde têm acesso pleno a sistemas eletrônicos

Irene Satiko Kikuchi
Professora doutora do Laboratório de Controle Biológico de Qualidade de Medicamentos e Cosméticos da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP

Conforme o site da Anvisa, bula é "um documento legal sanitário que serve para obter informações e orientações sobre medicamentos necessárias para o uso seguro e tratamento eficaz". São dois tipos de bulas: uma para o paciente, com linguagem acessível, e outra para profissionais da saúde, com informações e termos técnicos. Todos, porém, podem acessar as duas versões pelo bulário eletrônico na mesma página.

As atividades da Agência Nacional de Vigilância Sanitária podem ser acompanhadas pelo site de forma transparente e com muita seriedade. Infelizmente, nem todos têm oportunidade e condições para acessarem essas informações, seja por sistemas eletrônicos não eficientes, dificuldades na compreensão dos temas técnicos ou outros motivos. Assim, resumo alguns pontos sobre a questão da proposta em discussão na Anvisa sobre a adoção de bulas digitais para medicamentos.

Foi criado um grupo de trabalho (GT) específico para esse caso e, após análise, aprovada a abertura da consulta pública (CP) 1.224/2023, por 90 dias, para que a sociedade em geral pudesse opinar e enviar suas contribuições. Essa consulta teve propostas para melhorias ao acesso às bulas, mas também a possibilidade em abrir caminho para a dispensa de vias impressas nas embalagens de certos medicamentos. Finalizado o período, foi liberado o relatório com todas as manifestações enviadas.

Verificando os resultados, a maioria não foi favorável à proposta da retirada das bulas impressas, sejam pessoas físicas ou mesmo jurídicas —incluindo o público em geral, mas também profissionais da área de saúde, entidades de classes, setor regulado etc.

Fontes referenciadas nos relatórios do GT e da diretoria da Anvisa apresentam informações que são compilações de dados de órgãos regulatórios internacionais e, até agora, nenhum país dispensou bulas impressas nas embalagens. O que se tem em alguns poucos é um teste piloto, mas carecendo de mais estudos. A proposta da consulta pública é entrarmos nesse seleto grupo.

O Brasil tem um território de grandeza continental (8.515.770 km^2; mais de 210 milhões de habitantes) e diferenças internas na mesma proporção. Não é possível comparar com países como Singapura (719 km^2; menos de 6 milhões de habitantes) e Japão (377.975 km^2; cerca de 125 milhões de habitantes) que apresentam condições de renda, saúde e conectividade muitas vezes melhores que as brasileiras.

Assim, não é motivo de orgulho dizer que se classifica no mesmo nível desses dois países e, no futuro, considerar apenas as bulas digitais. Não é orgulho ter profissionais de saúde sem conectividade aos sistemas digitais. O mesmo relatório da Anvisa demonstra diferenças nos times informatizados por regiões brasileiras —então, o que dirão as pesquisas com os usuários finais dos medicamentos?

Bulas que acompanham as embalagens são muito importantes, como descrito no início do artigo, e o bulário eletrônico é eficaz para atualizações nas informações do conteúdo das mesmas. A implementação das bulas digitais, de forma concomitante com as impressas hoje obrigatórias nas embalagens, foi relevante —inclusive os modelos especiais em braile, com fonte ampliada ou com a opção de áudio.

Concluindo, o sistema brasileiro atual para as bulas é bom e deve ser mantido. Os outros países que realizem o teste piloto e demonstrem suas vantagens. Nossa realidade, porém, é outra e deve-se priorizar capacitação e oferta de sistemas adequados aos usuários e, principalmente, aos profissionais da saúde para assistência aos pacientes.

Sonho maior é ter os pacientes acessando todo tipo de bula e capacitados na sua interpretação.

[...]

Os outros países que realizem o teste piloto e demonstrem suas vantagens. Nossa realidade, porém, é outra e deve-se priorizar capacitação e oferta de sistemas adequados aos usuários (...). Sonho maior é ter os pacientes acessando todo tipo de bula e capacitados na sua interpretação

Sim *Mais precisas e atualizadas*

QR Code na embalagem pode gerar revolução na transmissão de informações

Nelson Mussolini
Presidente-executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma) e membro titular do Conselho Nacional de Saúde (CNS)

A adoção das bulas digitais nos medicamentos deve ser decidida em breve pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), após a análise das contribuições à consulta pública 1.224/2023.

Esse debate está comprometido pelo clima de "torcida" instaurado na internet, em que leigos exprimem suas preferências, desconsiderando aspectos técnicos e racionais. Eis alguns fatos.

A indústria farmacêutica considera positiva a adoção da bula digital de medicamentos no país, tendo em vista as vantagens que oferece tanto para usuários, órgãos sanitários e setor farmacêutico em termos de qualidade da informação, rapidez de divulgação e simplificação de processos.

Hoje, o Brasil possui mais de dois dispositivos digitais por habitante (mais de 460 milhões de aparelhos nos ambientes corporativo e doméstico), sendo que a quantidade de dispositivos digitais portáteis (smartphones, notebooks e tablets) equivalia, no ano passado, a 1,7 aparelho por habitante —ou cerca de 370 milhões de dispositivos portáteis, dos quais 250 milhões eram celulares inteligentes, de acordo com estudo da FGV. A conectividade digital do brasileiro é uma realidade que já facilita a vida da população em esferas diversas —vide o rápido e extraordinário avanço do Pix, o meio de pagamento instantâneo do Banco Central.

A próxima grande frente de inclusão digital bem pode ser a dos medicamentos. A bula digital acessível por um QR Code impresso nas embalagens dos medicamentos pode gerar uma revolução na forma de transmissão das informações sobre o produto prescrito para o paciente.

A bula digital contribuirá para o aumento da adesão dos pacientes aos tratamentos ao permitir a atualização imediata e contínua das orientações apresentadas com o auxílio de inovadores recursos multimídia —didáticos, interativos e mais eficazes—, como áudios, vídeos, infográficos e a palavra de especialistas.

Há que se considerar também os ganhos de produtividade da escolha. Além de prover mais qualidade e rapidez de informação para os pacientes, a bula digital pode contribuir para a racionalização de processos no sistema de saúde público e privado, com redução de desperdícios e custos das empresas.

De fato, os medicamentos de uso hospitalar, como os oncológicos, não precisam de bulas impressas. Nos ambulatórios, quartos e UTIs, os produtos são ministrados por profissionais de saúde.

Numa situação semelhante, os produtos disponíveis nos postos de saúde são geralmente entregues em "blisters", sem a embalagem secundária na qual a bula impressa está inserida. Nesses casos, ela é inútil.

Amostras grátis também podem prescindir de bulas impressas, porque o médico dá diretamente o medicamento para seu paciente e o orienta sobre o uso correto.

A bula digital também contribui para a preservação do meio ambiente e o enfrentamento das mudanças climáticas na medida em que reduz o consumo de papel, tinta etc.

Na prática, a adoção da bula digital poderia ser gradual, nos casos em que a impressa não cumpre sua finalidade e a bula digital é mais eficaz, como os descritos aqui.

O grande magistrado desta questão tem que ser a Anvisa, e não o palanque desinformado e radicalizado da internet. Temos certeza de que a Anvisa, reconhecida como uma das melhores agências sanitárias do mundo, tomará a decisão mais acertada, considerando a conveniência, o acesso à informação e, principalmente, a segurança dos usuários de medicamentos.

[...]

A bula digital contribuirá para o aumento da adesão dos pacientes aos tratamentos ao permitir atualização imediata e contínua das orientações apresentadas com o auxílio de recursos multimídia —didáticos, interativos e mais eficazes—, como áudios, vídeos, infográficos e a palavra de especialistas

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço


סיבת מעצר:
[redacted]

Jornal Haaretz censurado pelo governo de Israel, com texto que trata da prisão arbitrária de palestinos na Cisjordânia
29.mai.24 - Yanis Varoufakis no X

Trump condenado

Pena que segue candidato, o que é um pesar ("Trump se torna 1º ex-presidente condenado em ação criminal na história dos EUA", Mundo, 31/5).
Luciani Aubin Kehl (Porto Alegre, RS)

*

O que mais me causa admiração nessa história é a seriedade e imparcialidade dos jurados. Certamente entre eles há eleitores do Trump. Exemplo para pseudojuízes.
Enir Antonio Carradore (Criciúma, SC)

Marcha para Jesus e política

A extrema direita se apropriou das religiões neopetencostais, e as usa para manobrar o povo a lutar por causas que prejudicam o próprio povo. Essas "religiões" são alimentadas pela miséria que semeiam. ("Fiéis lotam região central de SP e apóstolo pede oração para Ricardo Nunes em Marcha para Jesus", Cotidiano, 30/5)
Dionisio DeBarros (São Paulo, SP)

*

Leonel Brizola alertou sobre o risco da associação entre a política e a religião ("Líder da Marcha para Jesus diz que recepção a Lula poderia ser hostil e aponta desgaste de Bolsonaro", Cotidiano, 30/5).
Beatriz Alves dos Santos Silva (Foz do Iguaçu, PR)

Zelenski e diplomacia brasileira

O Zelenski deveria aprender um dito popular brasileiro: "Esqueceu-se de combinar com os russos" ("Não entendo por que Brasil está do lado do agressor, diz Zelenski", Mundo, 31/5). A posição do Brasil é clara: não há negociação de paz sem os russos. O que Zelenski propõe nessa conferencia na Suíça, país tradicionalmente estruturado na lavagem de dinheiro sujo, é apoio, e não paz.
Ricardo Vieiralves (Rio de Janeiro, RJ)

*

Tenha paciência, Zelenski! Só mais dois anos e meio e você poderá ter o governante brasileiro dos seus sonhos, e os brasileiros também, a vida caminha em ciclos maus e bons.
Giselda Araujo (Brasília, DF)

Crime com brigadeiro

É uma história sombria, a maldade misturada com a ideia absurda de impunidade ("Mulher suspeita de matar namorado com brigadeirão misturado a morfina é procurada no RJ", Cotidiano, 31/5).
Adalto Fonseca Júnior (Vitória, ES)

Censura em Israel

Isso é gravíssimo, o governo censurar jornal por criticar detenções ilegais de palestinos ("Jornal israelense Haaretz é censurado pelo governo e publica texto com tarjas", Mundo, 31/5)! O Haaretz é um dos maiores jornais do país. Aonde chegamos!
Eliaquim Almeida (Rio de Janeiro, RJ)

Deputados e as fake news

A extrema direita faz barba e cabelo ("Mais de 90 deputados mudam voto sobre fake news: em 2021 eram pró-criminalização, agora são contra", Painel, 31/5). Mesmo não ganhando o Executivo federal está na maioria dos Executivos estaduais, municipais e em todos os níveis do Legislativo. É o que basta para tornar o país mais atrasado. Para a elite e a classe média não muda nada, têm dinheiro. Quanto ao pobre só resta crer na teologia da prosperidade.
João Melo (São Paulo, SP)

*

O recado do Congresso é: monta sempre e tire todas as vantagens.
Valdicilia C. Tozzi de Lucena (São Paulo, SP)

IDH do Brasil

De novo ("Brasil tem menor IDH entre os 30 países com maior carga tributária", Mercado, 31/5)! O país precisa urgente melhorar a qualidade de suas politicas publicas.
Lucia de Fátima de Queiroz (Brasília, DF)

*

Por que será que de todos os países listados o Brasil é o único que não taxa lucros e dividendos? Conheço partidos e políticos que aceitam taxar anteontem, como também conheço partidos e político(a)s camisas amarelas que não aceitam taxar!
José Antônio (Niterói, RJ)

Reajuste para servidores

Enquanto isso a educação é deixada de lado ("Plenário do Senado aprova projeto que reajusta salários de parte dos servidores públicos", Mercado, 30/5). A área mais importante para o crescimento do país é tratada com descaso. Nós, professores das instituições federais, merecemos mais respeito. O que recebemos? 0% de atenção. Que descaso.
André Perticarrari (Santos, SP)

Potássio amazônico

Só não entendi uma coisa: como vai ser vantajoso para o Brasil se ele vai continuar comprando o minério de uma companhia estrangeira ("Potássio na amazônia gera 5 vezes mais rejeitos que Brumadinho e pilhas da altura de prédio de 8 andares", Ambiente, 31/5)?
Rodrigo de Sousa (Rio de Janeiro, RJ)

Colunista

"O que você compraria se o mundo estivesse acabando?" (Joanna Moura, Folha Corrida, 31/5). Eu compraria muitas garrafas de Dom Perignon, algumas garrafas de vinho tinto Petrus e todos os pratos possíveis de frutos do mar. Adeus mundo.
Maria Antonia Di Felippo (São Caetano do Sul, SP)

Vacina

Não é o Brasil que está na contramão do mundo, é a deputada e parte significativa do Congresso que estão na contramão da ciência ("Projeto que desobriga crianças a tomarem vacina contra Covid ganha sobrevida na Câmara", Painel, 31/5).
Estela Najberg (Goiânia, GO)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 24 a 31.mai - Total de comentários: **17.159**



Depenar Israel é parte do jogo de muitos órgãos multilaterais hoje (**Luiz Felipe Pondé**, 26.mai)



Não entendo por que Brasil está do lado do agressor, diz Zelenski (**Mundo**, 31.mai)

291
Olavo tinha mesmo razão sobre as universidades? (**Joel Pinheiro da Fonseca**, 27.mai)

política

PAINEL | Guilherme Seto (interino)

painel@grupofolha.com.br

Ele não

Aliados do prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), tentam eliminar a possibilidade de que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) desista de sua tendência atual de apoiar a reeleição do emedebista e decida virar cabo eleitoral de Pablo Marçal (PRTB). Eles já fizeram chegar ao ex-presidente um vídeo de sexta-feira (24) em que o coach elogia enfaticamente Kim Kataguiri (União-SP), desafeto de Bolsonaro, e diz que pretende ajudá-lo em sua pré-candidatura. O envio de material deve continuar.

ALTO E BOM SOM Bolsonaristas, por sua vez, cobram de Nunes gestos públicos mais enfáticos de ligação com o ex-presidente. Diante da alta taxa de rejeição de Bolsonaro, Nunes tem adotado uma parceria cautelosa, com avanços e recuos.

DO JOGO As críticas do presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, ao Brasil por defender a participação da Rússia nas negociações sobre o conflito com a Ucrânia não atrapalham, afirma o assessor especial para assuntos internacionais da Presidência, Celso Amorim.

LEGÍTIMO "Zelenski considera que seu país foi agredido e quer uma reparação total. A Rússia percebe na ampliação da Otan uma ameaça direta à sua integridade", diz Amorim. "As duas posições têm algum fundamento."

MANUAL O Ministério das Mulheres enviou ao governo do RS um documento com diretrizes para serem aplicadas em emergências climáticas para proteção de mulheres e meninas afetadas nessas situações.

BÁSICO Uma das recomendações, por exemplo, envolve a atuação em casos de violência sexual. A pasta indica que elas devem ter acesso garantido a medidas de prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis e pílula do dia seguinte, como previsto em lei.

IN LOCO O MBL (Movimento Brasil Livre) acompanhará neste sábado (1º) a cerimônia de posse de Nayib Bukele para seu novo mandato como presidente de El Salvador. Renato Battista, um dos líderes do grupo e pré-candidato a vereador em São Paulo, foi enviado.

CANTINHO DO... O PSOL enviou ação direta de inconstitucionalidade ao STF em que pede a suspensão da lei sancionada pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) que instituiu as escolas cívico-militares em São Paulo.

...PENSAMENTO Segundo o PSOL, a lei cria novo modelo educacional ao encarregar os policiais da reserva de atividades extracurriculares, o que seria de competência exclusiva da União. A iniciativa da ação foi dos parlamentares Celso Giannazi, Carlos Giannazi e Luciene Cavalcante.

ESTRATÉGIA O governador Tarcísio vai lançar na quarta-feira (5), Dia do Meio Ambiente, o programa Integra Resíduos, com o objetivo de melhorar a gestão de resíduos sólidos por meio do incentivo a parcerias público-privadas e da regionalização, por exemplo, via consórcios intermunicipais.

APOIO A gestão estadual pretende oferecer aos municípios estudos de viabilidade técnica, financeira e ambiental e mapeamento de potenciais investidores. Segundo o governo, 185 cidades percorrem mais de 50 km para destinar resíduos em um dos 334 aterros de SP. Destes, 170 têm vida útil menor que cinco anos.

ATRAVESSOU Seis blocos de Carnaval marcaram para domingo (2) um ato contra a privatização da Sabesp, que também vai incluir campanha de doação de água potável para o Rio Grande do Sul. "Jegue elétrico" e outros conjuntos farão ensaio aberto e protestos das 15h às 19h na Praça Rio dos Campos, na Vila Anglo, zona oeste da capital.

Com Danielle Brant

Cláudio



GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90	R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
794.866 exemplares (março de 2024)



O líder do governo no Congresso, senador Randolfe Rodrigues (dir.), ao lado do presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco, durante sessão para análise de vetos presidenciais Pedro Ladeira - 28.mai.24/Folhapress

PT cobra ministros de Lula, que afirmam não ter sido chamados a conter derrota

Apesar de dissidências de petistas, Gleisi pede responsabilidade de integrantes do governo federal com pautas importantes

Catia Seabra, Thaísa Oliveira e Victoria Azevedo

BRASÍLIA A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, cobrou responsabilidade dos ministros de outros partidos após as derrotas em série do governo Lula nesta semana do Congresso —com votos contrários ao Executivo até mesmo de dois parlamentares petistas.

Segundo Gleisi, esses aliados têm que ser chamados a atuar junto a suas bancadas nessas situações. "Os partidos que compõem a base têm que ter mais responsabilidade com pautas que são importantes para o governo, como fake news, saidinha e armas."

Procurados pela **Folha**, ministros desses partidos afirmam, porém, que não foram acionados pelo Palácio do Planalto para ajudar a convencer as bancadas a evitar a derrota do governo nesses temas.

A reportagem conversou com cinco ministros de partidos da centro-direita —e todos afirmaram não ter recebido nenhum pedido da articulação política do governo.

Compõem a base governista e têm ministérios a União Brasil, o PSD, o MDB, o PP e o Republicanos, que, juntos, estão no comando de 11 pastas do governo Lula.

Na terça-feira (28), o petista sofreu derrotas na sessão do Congresso destinada a analisar vetos presidenciais e na sessão da Câmara —o que contou com a participação maciça desses partidos.

O veto de Lula que mantinha o direito às saidinhas a parte dos presos foi derrubado na Câmara por 314 votos a 126 e no Senado por 52 votos a 11.

A derrota contou com o apoio de dois parlamentares do PT, a deputada federal Maria do Rosário (RS) e o senador Fabiano Contarato (ES), mas o presidente da República contou o apoio inusual do deputado Aécio Neves (PSDB-MG).

O senador Contarato já havia anunciado publicamente que iria votar contra o veto de Lula por considerá-lo errado. Entre outros argumentos, ele chamava a atenção para o fato de o projeto ter sido aprovado por ampla maioria no Senado.

Maria do Rosário, que é pré-candidata do PT à Prefeitura de Porto Alegre, foi procurada, mas não se manifestou.

Próximo de Lula e filiado ao PT, o advogado Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do grupo Prerrogativas, afirmou à coluna Mônica Bergamo, da **Folha**, ser "constrangedor ter que reconhecer e aplaudir o voto corajoso do deputado federal Aécio Neves e ter que explicar e justificar os votos equivocados da deputada Maria do Rosário e do senador Contarato".

Já o veto que Jair Bolsonaro (PL) havia feito contra a criminalização de fake news foi mantido pelos deputados com placar parecido, de 317 a 139 —com isso, não foi necessária votação no Senado.

Horas após essas votações, a Câmara dos Deputados aprovou de forma simbólica, sem a contagem de votos, um projeto de decreto legislativo que reverte parte das mudanças feitas no ano passado pelo Ministério da Justiça para o controle de armas.

Após as sessões da terça, parlamentares de esquerda avaliavam que os ministros indicados por Lula para melhorar a interlocução com o Congresso não conseguem controlar as bancadas.

Reservadamente, deputados e senadores petistas dizem ainda que o centrão tem tentado se colar ao bolsonarismo nas chamadas pautas de costumes para conseguir algum ganho político nas eleições municipais, em outubro.

Segundo esse raciocínio, o governo sabe que não tem como sair vitorioso em votações como essa, já que o Congresso é formado majoritariamente por parlamentares conservadores, com protagonismo de bancadas como a da bala, do agronegócio e religiosa.

Eles afirmam, por outro lado, considerar que essa aliança entre bolsonarismo e centrão não é "incondicional" e que o governo tem conseguido os votos necessários em matérias que são consideradas prioritárias, como as da pauta econômica.

> **"Os partidos que compõem a base têm que ter mais responsabilidade com pautas que são importantes para o governo, como fake news, saidinha e armas**
>
> **Gleisi Hoffmann**
> deputada federal e presidente do PT

Nesses casos, porém, o Planalto tem sido obrigado a ceder em vários pontos de suas propostas originais.

A esquerda tem tamanho minoritário na Câmara e no Senado. Por isso, buscou formar sua base de apoio distribuindo ministérios a partidos de centro e de direita, em um primeiro momento para União Brasil, PSD e MDB —cada uma das legendas têm três representantes na Esplanada.

No ano passado, o petista fez uma reforma ministerial, abrindo espaço no primeiro escalão para o PP e o Republicanos, numa tentativa de consolidar sua base na Câmara.

Isso lhe deu uma confortável base no papel, mas, na prática, como foi visto na última terça, o Palácio do Planalto tem sofrido seguidas derrotas no Congresso Nacional.

Lula reuniu na quarta seus articuladores e decidiu comandar reuniões semanais, toda segunda, mas descartou por ora mudanças na equipe.

Essa atitude se assemelha a outros momentos de crise em que, quase sempre, auxiliares palacianos afirmam que haverá uma participação mais direta de Lula na relação com deputados e senadores.

Compõem a articulação política de Lula praticamente só integrantes do PT.

O chefe é o ministro Alexandre Padilha (Secretaria de Relações Institucionais), que não tem interlocução com o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), por decisão do segundo.

O líder no Congresso é o senador Randolfe Rodrigues (sem partido-AP, mas que deve se filiar ao PT), apontado como um dos responsáveis pelo fiasco da terça-feira.

O líder da Câmara é José Guimarães (PT-CE), que nesta semana cobrou publicamente renovação na Esplanada dos Ministérios. O líder no Senado é Jaques Wagner (PT-BA).



O líder da União Brasil, Elmar Nascimento, discursa na Câmara Bruno Spada - 31.mai.23/Divulgação Câmara

Elmar se reúne com Bolsonaro por apoio para sucessão de Lira

Deputados que estão na disputa querem suporte do PL, que tem a maior bancada da Câmara, e de ex-presidente

Victoria Azevedo

BRASÍLIA O deputado federal Elmar Nascimento (União Brasil-BA) se reuniu na semana passada em Brasília com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) em busca de apoio na sucessão de Arthur Lira (PP-AL) na presidência da Câmara dos Deputados.

Segundo relatos de interlocutores dos dois políticos, não foi firmado um acordo sobre eventual apoio, mas o encontro é uma sinalização de que isso pode ser construído até a eleição da Mesa Diretora, que ocorrerá em fevereiro de 2025.

Essa reunião ocorre em um momento em que o presidente Lula (PT) tem enfrentado desgaste de popularidade e sofrido derrotas no Congresso, com protagonismo de parlamentares da direita.

Nesta semana os parlamentares derrubaram o veto do petista a trecho da lei que acaba com as saídas temporárias de presos e mantiveram veto de Bolsonaro, barrando a tipificação do crime de "comunicação enganosa em massa".

Além disso, a oposição conseguiu apoio da maior parte dos partidos de centro e de direita para manter na LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) diretrizes que fazem parte da agenda de costumes do bolsonarismo.

Deputados que se apresentam como pré-candidatos cortejam apoio do PL, já que o partido tem a maior bancada da Câmara, com 95 cadeiras.

Além disso, uma sinalização de Bolsonaro também poderia agregar apoio de parlamentares bolsonaristas de outras bancadas da direita e da centro-direita na Casa.

Aliados do ex-presidente dizem que esse processo terá protagonismo do próprio Lira, e que tanto Bolsonaro quanto o PL deverão apoiar o nome que o alagoano indicar, caso o partido não apresente um candidato próprio.

Lira afirmou publicamente que gostaria de contar com o apoio tanto do PL quanto do PT em torno do deputado que escolher e que deverá tomar uma decisão em agosto. Como a **Folha** revelou, em busca do apoio do governo federal, ofereceu a Lula o poder de veto a candidatos.

Além de Elmar, que é líder da União Brasil na Câmara, também se colocam na disputa o presidente do Republicanos, Marcos Pereira (SP), e os líderes do PSD, Antonio Brito (BA), e do MDB, Isnaldo Bulhões Jr. (AL).

Desses, Elmar é considerado o aliado mais próximo de Lira. Mas, segundo relatos de interlocutores do alagoano, o próprio presidente da Câmara tem dúvidas sobre a viabilidade da candidatura.

Na avaliação de aliados de Bolsonaro, ainda é cedo para um apoio explícito a algum deputado. Apesar disso, pelos nomes que se apresentam hoje, Elmar é visto como o que poderá receber esse endosso futuramente.

Eles afirmam que Elmar, caso seja eleito, deve manter à frente da Câmara a mesma postura de Lira, com acenos a pautas da direita. O alagoano esteve no palanque de Bolsonaro em 2022.

Um possível apoio do PL, porém, poderá ser um obstáculo a mais a eventual endosso do governo ao nome do deputado da União Brasil. Ele é rival do PT na Bahia e, por esse motivo, teve inclusive seu nome vetado para ocupar um ministério no governo Lula.

Marcos Pereira enfrenta resistência de deputados bolsonaristas. Recentemente, foi atacado por esses parlamentares por defender o andamento de matérias relacionadas ao combate às fake news e à regulação da inteligência artificial (IA) —pautas que mobilizam a base bolsonarista, contrária a essas matérias.

Há quem defenda que Bolsonaro vete o nome de Pereira, mas isso ainda não é consenso na bancada. Em maio, o deputado se reuniu com o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, que o chamou de "grande amigo" em publicação nas redes sociais.

Já Antonio Brito é considerado alinhado ao governo Lula, apesar de ter a simpatia do próprio Bolsonaro. O deputado tem ainda um bom trânsito com parlamentares e líderes da direita, assim como entre diferentes bancadas da Casa.

No fim de abril, ele esteve com Valdemar. O dirigente partidário publicou imagem de um encontro com Brito em suas redes sociais e, naquele momento, afirmou à **Folha** que o deputado é um "bom candidato" e que membros do PL respeitam o parlamentar.

Apesar disso, pesa contra Brito o fato de ele ser próximo do presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, que é desafeto de Bolsonaro. Há uma avaliação de que, caso Brito seja eleito, Kassab ganharia poder excessivo na Câmara dos Deputados.

Isnaldo Bulhões Jr., por sua vez, não tem contato com Bolsonaro. Apesar disso, é considerado um parlamentar que circula entre as diferentes bancadas. Ele enfrenta um obstáculo, no entanto, por ser do grupo político do senador Renan Calheiros (MDB-AL), adversário de Lira.

Pré-candidatos para a sucessão de Lira na presidência da Câmara

Elmar Nascimento (União Brasil-BA)
É considerado o mais próximo de Lira, mas há dúvidas sobre a viabilidade da candidatura

Marcos Pereira (Republicanos-SP)
Possui boas relações com membros do governo e com a oposição, mas enfrentou críticas de bolsonaristas

Antonio Brito (PSD-BA)
Líder do PSD, é apontado como o mais alinhado ao governo Lula até agora, mas há receio de poder excessivo de Kassab

Isnaldo Bulhões Jr. (MDB-AL)
Líder do MDB, tem agido nos bastidores da Casa; pode ser o candidato "anti-Lira"

Um vazio no meio do mapa

Jalapão não merece seguir como autódromo de 4x4 e mero cenário instagramável

Demétrio Magnoli

Sociólogo, autor de "Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial". É doutor em geografia humana pela USP

O Jalapão, que visitei há pouco, é uma região de bruta beleza cênica — e também um retrato da cisão entre nossos padrões de turismo e a educação ambiental da sociedade. Tal como configurado pelo sistema turístico vigente, o Jalapão não passa de um parque de diversões destinado a gerar imagens para o Instagram.

A região estende-se por 34 mil km². O Parque Estadual do Jalapão, com 1.589 km², no vale do rio Novo, ocupa a área central, que é emoldurada por uma APA. A espinha dorsal do sistema de turismo é formada por cerca de cem agências que transportam os visitantes entre os núcleos de Ponte Alta, Mateiros e São Félix em veículos 4x4 com suspensão modificada. São raros os que, como eu, aventuram-se por conta própria nas estradas estaduais de lama ou areião, a depender da estação do ano.

As estradas formam um anel periférico no Jalapão. É ao longo delas, em propriedades particulares, que se situam quase todos os pontos de visitação habituais. São os "atrativos", na reveladora linguagem do sistema turístico, especialmente dezenas de lindos fervedouros (nascentes de águas subterrâneas submetidas à intervenção paisagística dos proprietários).

No mapa turístico do Jalapão, um vazio ocupa o espaço central. Nele, situa-se o parque, onde destaca-se apenas um "atrativo" de visitação frequente: as célebres dunas. O parque carece de guardas-parque, monitores ambientais, centro de visitação e trilhas para caminhadas. É, basicamente, uma ficção cartográfica.

As agências moldam a experiência dos turistas, conduzindo-os de um "atrativo" a outro. Os guias-motoristas não conhecem a geomorfologia ou a ecologia do Jalapão. São, com honrosas exceções locais, pilotos encarregados de depositar, na hora certa, suas cargas humanas nos "atrativos", restaurantes e pousadas selecionados.

O roteiro-padrão praticamente ignora o parque. Não há tempo, interesse ou estrutura para caminhadas ou, de modo geral, para uma imersão nas feições naturais da região. Deseducação ambiental: a vegetação de cerrados, as veredas úmidas onde brota o capim dourado e a morfologia dos tabuleiros formam cenários fugazes vislumbrados pelas janelas escurecidas dos potentes veículos.

Mais que a experiência turística, o sistema de agências esculpe fisicamente o próprio Jalapão, perenizando o vazio no centro do mapa. A dificuldade de deslocamento é o pilar que sustenta o modelo turístico hegemônico. Por isso, o lobby articulado por tal modelo de negócios impede a pavimentação das vias de tráfego, uma óbvia aspiração da população local. A palavra "preservação" surge, aí, como cínico pretexto para conservar o isolamento e a inacessibilidade. A soja avança pelo entorno do Jalapão, destruindo a vegetação nativa, assoreando leitos fluviais e contaminando os cursos d'água.

O Jalapão é o faroeste, mas não no sentido empregado pela publicidade. Tudo se concentra nas áreas privadas; o parque público é terra abandonada. Há alternativas, que exigem ação estatal. A pavimentação das estradas deveria ser acompanhada pela expansão, em mosaico, das áreas protegidas, evitando a urbanização linear ao redor das vias de tráfego. Por meio da federalização, o parque precisaria escapar à esfera ficcional, ganhando infraestruturas e pessoal técnico especializado. No lugar de saltos entre "atrativos", isso propiciaria uma experiência ambiental mais profunda.

Sob o impacto da urbanização descontrolada, o Brasil já conseguiu degradar vastas faixas litorâneas — e, agora, ensaiamos privatizar praias, mangues, restingas e dunas. Transformamos o santuário ecológico de Fernando de Noronha numa fútil "Ilha de Caras" voltada para folguedos de celebridades. Distraídos, assistimos à devastação extensiva do Pantanal. Os cerrados do Jalapão não merecem seguir como autódromo de veículos 4x4 e mero cenário de fotos instagramáveis.

| **DOM.** Elio Gaspari, **Celso Rocha de Barros** | **SEG.** Deborah Bizarria, Camila Rocha | **TER.** Joel Pinheiro da Fonseca | **QUA.** Elio Gaspari | **QUI.** Conrado H. Mendes | **SEX.** Marcos Augusto Gonçalves | **SÁB.** Demétrio Magnoli

Boulos e Nunes têm entraves para herdar votos, aponta Datafolha

Entre os eleitores de Bolsonaro, 39% escolhem prefeito, e 44% dos que votam em Lula optam pelo deputado

Matheus Tupina e Carolina Linhares

SÃO PAULO Empatados tecnicamente na pesquisa Datafolha divulgada nesta quarta (29), Guilherme Boulos (PSOL) e Ricardo Nunes (MDB) têm dificuldade para herdar os votos que seus padrinhos tiveram na eleição de 2022.

No principal cenário pesquisado, o deputado federal do PSOL aparece com 24% das intenções de voto, e o prefeito com 23%.

Com o presidente Lula (PT) e o ministro Fernando Haddad (PT) no palanque de Boulos e com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) sendo cabos eleitorais de Nunes, a corrida pela Prefeitura de São Paulo reflete a polarização nacional — mas o levantamento mostra que a transferência de eleitores não é automática.

Menos da metade dos eleitores dos quatro padrinhos afirma que votará no respectivo afilhado. Nesse quesito, Boulos leva certa vantagem. Entre os eleitores de Lula em 2022, 44% afirmam que devem votar no deputado do PSOL. E 47% dos eleitores de Haddad indicam voto em Boulos.

No caso de Nunes, que não tem colocado os bolsonaristas como ponto central de sua pré-campanha, 39% dos eleitores de Bolsonaro e 37% dos eleitores de Tarcísio afirmam que devem votar no prefeito.

Mas, como mostrou a **Folha**, Nunes consegue escapar mais da polarização do que Boulos, o que o permite sair na frente quando a questão é atrair eleitores de fora da bolha. O emedebista alcança 17% tanto entre eleitores de Lula como entre eleitores de Haddad. Já Boulos angaria 3% entre quem votou em Bolsonaro e 6% entre quem votou em Tarcísio.

Uma parcela de 9% dos votos de ambos os petistas migra ainda para Tabata Amaral (PSB). E Nunes, por sua vez, terá que lidar com o fato de que 14% dos eleitores de Bolsonaro e 12% dos eleitores de Tarcísio escolhem Pablo Marçal (PRTB) em vez do prefeito.

O apresentador José Luiz Datena (PSDB) recebe 8% entre os apoiadores de Bolsonaro, e 7% dos que votaram em Tarcísio. Ele tem ainda 7% dos eleitores do atual presidente e 8% dos do atual ministro da Fazenda.

Kim Kataguiri (União Brasil) obtém 8% de votos tanto entre eleitores do governador de São Paulo quanto de Bolsonaro. Já Marina Helena (Novo), de sigla opositora ao governo petista, consegue 4% das intenções de voto tanto entre apoiadores de Lula quanto entre os de Haddad.

Para conseguir ampliar a transferência de votos, Boulos e Nunes têm que superar um entrave apontado pelo Datafolha — fazer com que a população saiba quem são seus padrinhos.

Apenas 26% respondem que o pré-candidato de Bolsonaro é Nunes, enquanto 33% o associam a Tarcísio. No caso de Boulos, 47% afirmam que ele é apoiado por Lula. Em relação a Tabata, 9% acertam que seu padrinho é Geraldo Alckmin (PSB), mas há 23% que ligam o vice-presidente a Boulos.

O número de eleitores que dizem não saber quem essas autoridades apoiarão é relevante: 41% não sabem dizer quem Bolsonaro e Alckmin endossarão cada um, 39% que não sabem dizer para quem irá o apoio de Tarcísio e 29% quem Lula apoiará.

Marçal, inclusive, surfa diante desse impasse: 10% citam o coach como a candidatura endossada por Bolsonaro.

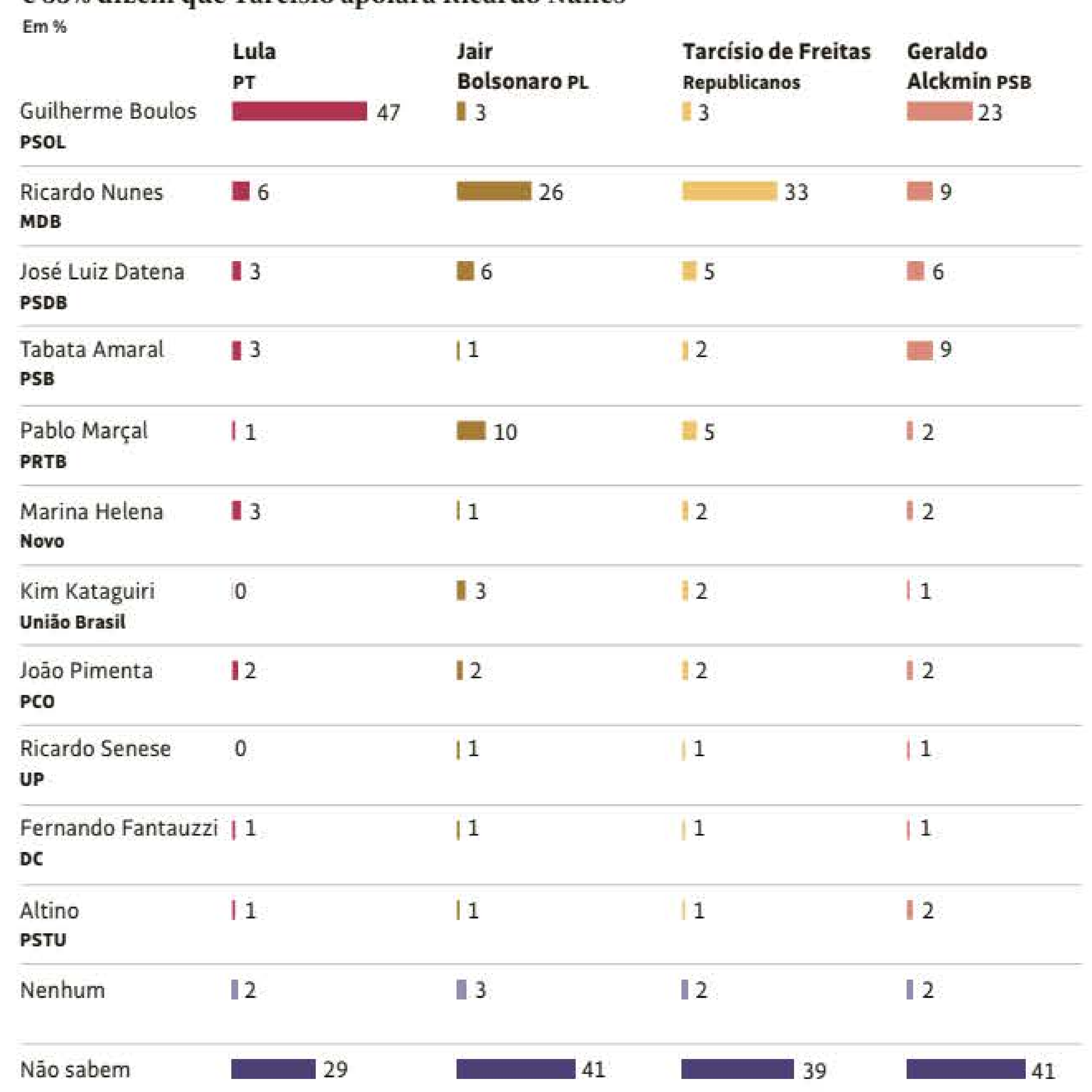
Os números também refletem as diferentes estratégias que Boulos e Nunes têm adotado. Enquanto Lula e Boulos fazem eventos juntos e firmam uma aliança desde o fim do ano passado, Bolsonaro e seu entorno criticam a demora de Nunes em indicar um vice de seu agrado, reclamando ainda de um afastamento do prefeito do radicalismo do ex-mandatário.

Opinião pública sobre o apadrinhamento de candidatos em 2024

39% entre eleitores de Bolsonaro, e 37% entre os de Tarcísio votarão em Nunes; Boulos possui 44% dos eleitores de Lula e 47% dos de Haddad

Intenção de voto no cenário 2, com todos os candidatos, em %

	Lula PT	Jair Bolsonaro PL	Tarcísio de Freitas Republicanos	Geraldo Alckmin PSB
Guilherme Boulos PSOL	44	3	6	47
Ricardo Nunes MDB	17	39	37	17
José Luiz Datena PSDB	7	8	7	8
Tabata Amaral PSB	9	4	7	9
Pablo Marçal PRTB	1	14	12	1
Marina Helena Novo	4	2	2	4
Kim Kataguiri União Brasil	1	8	8	1
João Pimenta PCO	2	1	1	1
Ricardo Senese UP	1	1	1	0
Fernando Fantazuzzi DC	1	1	1	0
Altino PSTU	1	0	1	0
Em branco/nulo/nenhum	8	13	11	7
Não sabem	4	6	5	5



47% acreditam que Lula apoiará Guilherme Boulos, e 33% dizem que Tarcísio apoiará Ricardo Nunes

Em %

	Lula PT	Jair Bolsonaro PL	Tarcísio de Freitas Republicanos	Geraldo Alckmin PSB
Guilherme Boulos PSOL	47	3	3	23
Ricardo Nunes MDB	6	26	33	9
José Luiz Datena PSDB	3	6	5	6
Tabata Amaral PSB	3	1	2	9
Pablo Marçal PRTB	1	10	5	2
Marina Helena Novo	3	1	2	2
Kim Kataguiri União Brasil	0	3	2	1
João Pimenta PCO	2	2	2	2
Ricardo Senese UP	0	1	1	1
Fernando Fantazuzzi DC	1	1	1	1
Altino PSTU	1	1	1	2
Nenhum	2	3	2	2
Não sabem	29	41	39	41

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 27 e 28 de maio; margem de erro de 3 p.p., para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo TRE-SP 08145/2024

Prefeito diz que não irá à Parada LGBT+ por causa de consulta

SÃO PAULO O prefeito Ricardo Nunes (MDB) disse que não vai à 28ª Parada do Orgulho LGBT+, no domingo (2), na avenida Paulista, porque tem uma consulta médica de retorno de dois exames realizados nos últimos dias, uma endoscopia e uma colonoscopia.

Seus adversários na corrida municipal, os deputados federais Guilherme Boulos (PSOL) e Tabata Amaral (PSB), que têm mais adeptos progressistas, confirmaram presença no evento.

Nunes e outros políticos do campo da direita, como o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), estiveram, por sua vez, na Marcha para Jesus, principal evento evangélico na capital, nesta quinta (30).

Ele afirmou que não poderia ir à parada por causa da consulta, mas que enviaria representantes e que realizou uma série de políticas para o público LGBT+.

"Eu não vou poder ir à parada, eu vou fazer o retorno de um exame de endoscopia e colonoscopia que eu fiz. [...] Eu vou estar representado lá. [Eu] iria, zero problema, tenho uma boa relação com essa comunidade, mas eu realmente preciso fazer meu retorno, só vou ter domingo", disse.

À **Folha** o prefeito reafirmou que só tem o domingo livre para as consultas e exames, e encaminhou um ecocardiograma e um ultrassom realizados no último dia 19, um domingo, devido a uma dor abdominal.

As representantes da prefeitura no evento serão a coordenadora de políticas de diversidade, Leo Áquila, e a secretária de Direitos Humanos, Soninha Francine.

Entre as medidas que listou, Nunes disse que forneceu toda a estrutura para a Parada LGBT+, inaugurou o primeiro centro de acompanhamento médico para pessoas trans, além de aumentar de 100 para 800 as vagas do programa Transcidadania e de 1 para 32 os centros de tratamento das pessoas trans na cidade.

Em 2022 e 2023, quando já era prefeito, o emedebista tampouco foi à parada, mas enviou representantes. A postura difere do seu antecessor, Bruno Covas (PSDB), que foi ao evento em edições anteriores. **CL**

PF prende dois suspeitos de ameaçar Moraes

O próprio ministro autorizou a prisão a pedido da PGR, que citou indícios de 'monitoramento da rotina das vítimas'

Marianna Holanda

BRASÍLIA A Polícia Federal prendeu nesta sexta (31) dois suspeitos de envolvimento em ameaças contra o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), e seus familiares.

Um dos presos é o fuzileiro naval Raul Fonseca de Oliveira, sargento lotado no Comando da Marinha, segundo o Portal Transparência do governo federal. O outro é Olverino de Oliveira Júnior.

As prisões foram realizadas por ordem de Moraes em São Paulo e no Rio de Janeiro. Também foram cumpridos cinco mandados de busca e apreensão nas duas cidades.

Em nota, Moraes reproduziu trecho de pedido da PGR (Procuradoria-Geral da República), que cita "a gravidade das ameaças veiculadas, sua natureza violenta e os indícios de que há monitoramento da rotina das vítimas evidenciam [...] o perigo concreto de que a permanência dos investigados em liberdade põe em risco a garantia da ordem pública". "A medida é, assim, proporcional, ante o risco concreto à integridade física e emocional das vítimas", completa.

As medidas foram solicitadas pelo titular da PGR, Paulo Gonet, e determinadas pelo próprio Moraes.

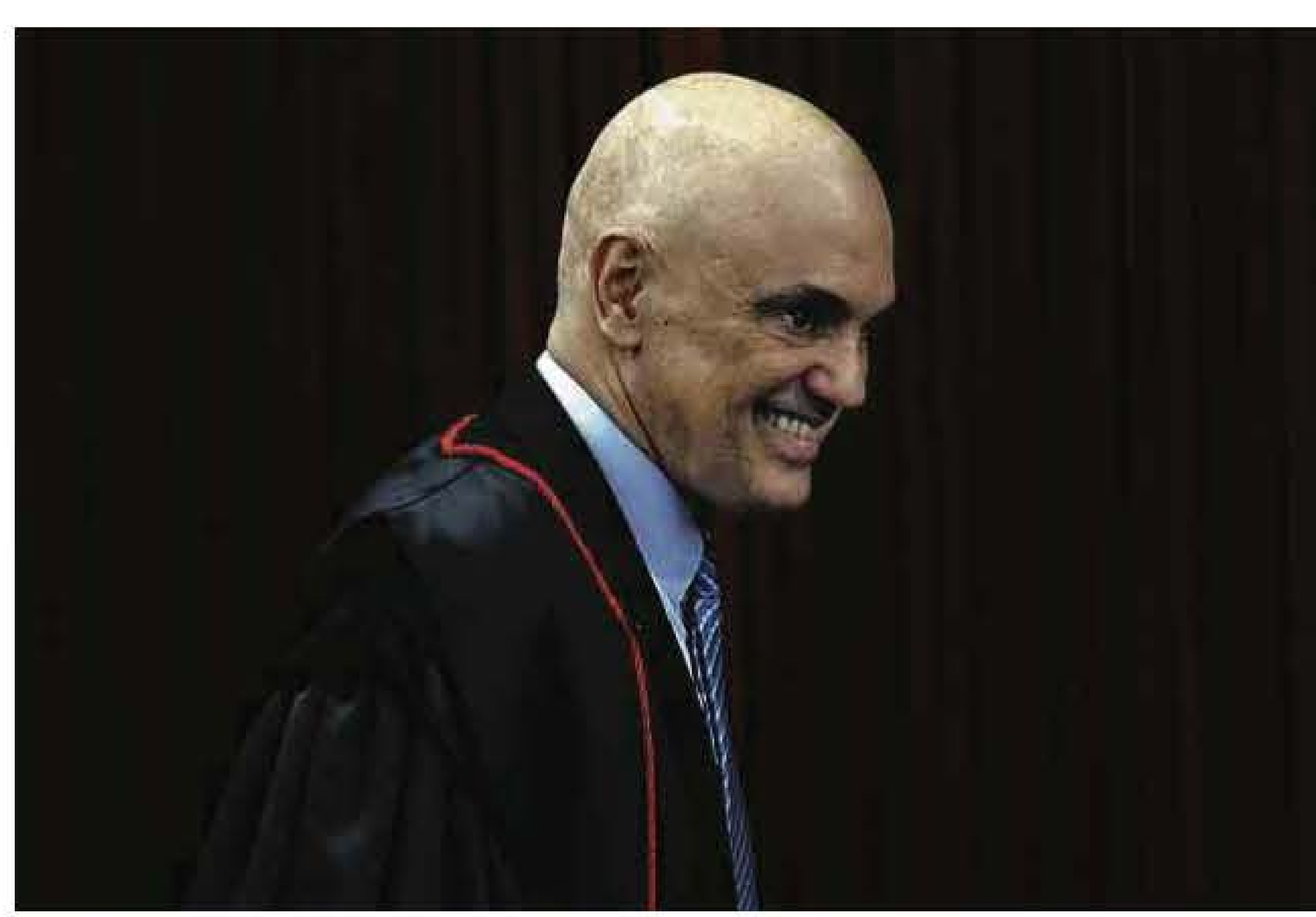
Segundo nota do ministro, o pedido da PGR diz que "o conteúdo das mensagens, com referências a 'comunismo' e 'antipatriotismo', evidencia com clareza o intuito de, por meio das graves ameaças a familiares do ministro Alexandre de Moraes, restringir o livre exercício da função judiciária pelo magistrado do Supremo Tribunal Federal à frente das investigações relativas aos atos que culminaram na tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito".

Segundo o órgão, foram apontadas "provas suficientes da existência do crime e indícios razoáveis de autoria".

A Marinha, em nota, afirmou que "não se manifesta sobre processos investigatórios em curso" e que permanece à disposição da Justiça "para prestar as informações, no que lhe couber, necessárias ao andamento das investigações". A reportagem não conseguiu contato com as defesas dos suspeitos até a conclusão desta edição.

A PF disse que a ação visa "complementar as evidências em torno de violentas ameaças" pelo ministro do STF e ressaltou que as medidas foram solicitadas pela PGR.

Professor de direito da PUC-SP, o advogado Ricardo Sayeg afirma que a prisão autorizada por Moraes é "absolutamente ilegal" por se tratar de uma decisão emitida em um caso em que o magistrado está diretamente interessado.



Alexandre de Moraes em sua última sessão como presidente do TSE Pedro Ladeira - 29.mai.24/Folhapress

> É muito grave ameaçar um ministro do Poder Judiciário e a família dele. Essa gravidade é proporcional ao impedimento dele de ser o magistrado da causa
>
> **Ricardo Sayeg**
> professor de direito da PUC-SP

"É muito grave ameaçar um ministro do Poder Judiciário e a família dele. Essa gravidade é proporcional ao impedimento dele de ser o magistrado da causa", afirma.

Ele cita como base para justificar o impedimento de Moraes o Artigo 252 do Código de Processo Penal, que afirma que o juiz não pode exercer jurisdição no processo em que "ele próprio ou seu cônjuge ou parente, consanguíneo ou afim em linha reta ou colateral até o terceiro grau, inclusive, for parte ou diretamente interessado no feito". Para Sayeg, cabe recurso à Corte Interamericana de Direitos Humanos contra a prisão.

Presidente do IBCCrim (Instituto Brasileiro de Ciências Criminais), o advogado Renato Stanziola Vieira concordou que, de forma geral, um ministro não deve julgar um caso em que ele seja parte interessada. Afirmou ainda que o Supremo só deve avaliar questões relacionadas ao próprio tribunal, não aos ministros.

"Se não for uma questão do Supremo, e for de um dos seus integrantes pessoalmente, tem de ser avaliado em primeiro grau. E a vítima não pode ser quem vá determinar uma decisão judicial", disse.

O presidente do instituto ainda afirmou que prisões preventivas não podem ser decretada por conta do tipo penal, mas em casos em que há risco ao processo se o suspeito permanecer solto. "Ameaça é um tipo penal, por isso, sem outro contexto de perigo ao processo, ninguém pode ser preso preventivamente. Prisão preventiva supõe risco de algo, não apenas o cometimento de um crime, seja ele pouco ou muito grave."

Ele ponderou, no entanto, que não é possível avaliar o caso de forma aprofundada, pois a decisão está sob sigilo.

Moraes é o relator no STF dos inquéritos que miram o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e aliados próximos.

Em entrevista ao jornal O Globo em janeiro, Moraes disse que as investigações dos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023 revelaram três planos para matá-lo.

"O primeiro previa que as Forças Especiais do Exército me prenderiam em um domingo e me levariam para Goiânia. No segundo, se livrariam do corpo no meio do caminho para Goiânia. Aí, não seria propriamente uma prisão, mas um homicídio", disse o ministro, à época.

"E o terceiro, de uns mais exaltados, defendia que, após o golpe, eu deveria ser preso e enforcado na Praça dos Três Poderes", completou.

O ministro está de saída da presidência do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), que será assumido por Cármen Lúcia na segunda-feira (3). Sob sua gestão, a corte eleitoral teve como principais bandeiras o combate à desinformação e disseminação de fake news, em especial contra a confiabilidade do sistema eleitoral.

Nos dois tribunais o ministro atuou em julgamentos e relatou investigações que desagradaram os bolsonaristas.



Manifestantes anti-Trump seguram cartazes com o escrito 'culpado' em frente à Trump Tower, em NY Andrew Kelly/Reuters

Se fazem isso comigo, podem fazer com todos, diz Trump

No dia seguinte à condenação, republicano reage e afirma que vai recorrer

Fernanda Perrin

NOVA YORK Um dia depois de se tornar o primeiro ex-presidente americano condenado em uma ação criminal na história dos Estados Unidos, Donald Trump fez um longo e tortuoso discurso em que afirmou ser alvo de perseguição política pelo presidente Joe Biden, repetiu inúmeras afirmações infundadas sobre imigrantes e criminalidade nos EUA e acusou o juiz Juan Merchan de corrupto.

"Se eles podem fazer isso comigo, podem fazer isso com qualquer um", declarou o republicano em um pronunciamento de 33 minutos à imprensa no salão de entrada da Trump Tower, em Nova York. Ele disse que vai recorrer.

Como esperado, Trump, 77, negou ter cometido qualquer crime e afirmou que o processo foi politicamente motivado. "São pessoas ruins. Em muitos casos, eu acredito, são pessoas doentes", disse ele sobre os responsáveis pelo caso.

Pré-candidato à Presidência pelo Partido Republicano, ele busca politizar o episódio para energizar sua base e convencer indecisos de que está sendo perseguido. Segundo sua campanha, após a divulgação do veredicto, ele arrecadou US$ 34,8 milhões — recorde para um único dia, e dez vezes o que arrecadou no dia que foi fichado e fotografado.

Nesta quinta-feira (30), um júri formado por 12 pessoas na Corte Criminal de Manhattan, em Nova York, considerou o empresário culpado das 34 acusações de falsificação de registros empresariais para encobrir pagamentos à atriz pornô Stormy Daniels e, assim, evitar que ela divulgasse as supostas relações sexuais que teve com Trump às vésperas da eleição de 2016.

A sentença será anunciada pelo juiz Merchan no dia 11 de julho.

"Isso tudo foi feito por [Joe] Biden e seu grupo", afirmou Trump, sem provas. "Eu sou o presidenciável líder [nas pesquisas] e estou sob uma ordem de silêncio dada por um homem que não consegue juntar duas frases."

O republicano se referia a uma decisão de Merchan que impôs uma ordem de silêncio, sob pena de multa, para evitar que o ex-presidente criticasse envolvidos no julgamento. Durante o processo, Trump chamou seu ex-advogado Michael Cohen de "mentiroso em série" e acusou o tribunal de selecionar para o júri "ativistas progressistas infiltrados que mentem".

Cohen foi a principal testemunha da acusação. No depoimento que deu à corte, o advogado disse que seguiu ordens diretas de Trump ao pagar pelo silêncio de Daniels.

Trump afirmou ainda que queria testemunhar em sua própria defesa, mas que acabou optando por não fazê-lo depois de concluir que teria enfrentado muitas perguntas para pegá-lo em uma mentira. "Eu gostaria de ter testemunhado, mas diria algo como, 'era um dia bonito e ensolarado,' quando, na verdade, estava chovendo", afirmou.

O republicano alegou também que as despesas pagas por ele eram legais. "Esse foi o crime que eu cometi", afirmou. "Quando há crimes violentos em toda a cidade em níveis nunca vistos antes", afirmou, em uma das várias declarações falsas que deu ao longo do pronunciamento.

Em seu depoimento, Cohen afirmou que Trump autorizou pessoalmente o pagamento de US$ 130 mil a Daniels e foi reembolsado posteriormente. Falsificar documentos comerciais é considerado um delito leve em Nova York, mas os promotores de Manhattan elevaram o caso para um crime grave sob a alegação de que Trump orquestrou essa conspiração para manipular a eleição.

Do lado de fora da Trump Tower, uma aglomeração de apoiadores, carregando bandeiras e cartazes, turistas curiosos e jornalistas aguardava uma aparição do ex-presidente. Um número menor de críticos se concentrou na esquina de um quarteirão ao lado da torre, sob orientação da polícia, para evitar conflitos com os trumpistas.

Enquanto ele falava de dentro da torre, uma caixa de som reproduzia o discurso. Um homem vendia bonés com a frase "Make America Great Again" (torne a América ótima de novo) a US$ 40 (R$ 200).

Os eleitores do republicano ecoam a narrativa de que ele é alvo de perseguição política. Juliet Germanotta, 42, disse que os processos criminais são uma tentativa de impedir Trump de voltar à Casa Branca porque, pelas urnas, os democratas saberiam que a derrota é impossível.

Ela disse ainda que, se Trump não voltar à Presidência, haverá uma "guerra civil" nos EUA e que os apoiadores do republicano pegarão em armas e promoverão uma insurreição que deixará o 6 de Janeiro parecendo um programa infantil.

Biden criticou o pronunciamento nesta sexta. "É imprudente, perigoso e irresponsável alguém dizer que um caso foi manipulado só porque não gostou do veredicto", disse ele. "Donald Trump teve todas as oportunidades para se defender", continuou, ao afirmar que o veredicto foi entregue por "um júri de 12 cidadãos, 12 americanos, 12 pessoas como você".

No discurso de Trump, as críticas ao julgamento foram intercaladas com sua conhecida retórica anti-imigração e com falas sem nenhuma comprovação. O ex-presidente chegou a afirmar que as crianças americanas não podem mais jogar beisebol porque há acampamentos de migrantes nos campos.

Várias emissoras interromperam a transmissão quando Trump começou a dar declarações falsas. Embora tenha anunciado uma entrevista coletiva, Trump fez um pronunciamento, sem dar espaço para perguntas dos jornalistas. Ele sugeriu que o único julgamento que importava para ele era o das urnas. "Lembre-se, 5 de novembro é o dia mais importante na história de nosso país."

Com Reuters e New York Times

Os caminhos de Trump

Entenda o que pode ocorrer após a condenação do ex-presidente



Caso Stormy Daniels — **Trump condenado**

Trump pode ser preso?
Sim, pode ser condenado a até 4 anos, mas tendência é de pena branda por ser réu primário

E se for preso, pode disputar a eleição?
Constituição não proíbe que um condenado, mesmo preso, concorra à eleição

E se estiver preso e for eleito?
A lei americana não prevê essa situação, o que poderia abrir uma crise jurídica. Trump poderia pedir à Justiça sua soltura para cumprir seus deveres constitucionais na Presidência

Se eleito, Trump pode conceder indulto a si mesmo?
Não, porque esse processo corre na Justiça estadual de Nova York, e não na esfera federal

Posse ilegal de documentos sigilosos — Sem data para julgamento

Em que pé está este processo?
O julgamento chegou a ser marcado para começar em 20 de maio, mas foi adiado indefinidamente

Trump pode ser preso?
Sim. São 40 acusações: 32 preveem reclusão de até 10 anos cada, 6 de até 20 anos, e 2 de até 5 anos

E se ele for eleito antes de ser julgado?
Como o processo é federal, o Departamento de Justiça deve arquivar as acusações

E se ele for condenado e depois eleito?
Trump poderia usar o indulto presidencial para um autoperdão inédito, embora pudesse haver contestação judicial

Tentativa de reverter a derrota na eleição de 2020 — Sem data para julgamento

Em que pé está este processo?
O julgamento chegou a ser marcado para começar em 4 de março, mas foi suspenso enquanto a Suprema Corte decide se Trump possui imunidade presidencial por crimes supostamente cometidos enquanto estava no cargo

E se a Suprema Corte considerá-lo imune?
O processo é arquivado

Se o processo continuar, Trump pode ser preso?
Sim. São 4 acusações: 2 preveem pena de até 20 anos cada, uma de 10 anos e outra de 5 anos

E se ele for eleito antes de ser julgado?
Como o processo é federal, o Departamento de Justiça deve arquivar as acusações

E se ele for condenado e depois eleito?
Trump poderia usar o indulto presidencial para um autoperdão inédito, embora pudesse haver contestação judicial

Interferência eleitoral na Geórgia em 2020 — Sem data para julgamento

Em que pé está este processo?
Não há previsão de início do julgamento. A defesa de Trump entrou com um recurso processual, ainda não analisado

Trump pode ser preso?
Sim. São 10 acusações, que juntam somam 76 anos e meio de prisão

E se ele for eleito antes de ser julgado?
Como o caso tramita na Justiça estadual da Geórgia, Trump poderia argumentar que um presidente só pode ser julgado em um tribunal federal

E se ele for condenado e preso e depois eleito?
Como no caso Stormy Daniels, Trump não poderia conceder indulto a si mesmo, mas poderia pedir à Justiça sua soltura para cumprir seus deveres constitucionais na Presidência

Foto Caitlin Ochs/Reuters

Há chance de eleitores trumpistas se motivarem mais para votar

ANÁLISE

Carlos Eduardo Lins da Silva
Ex-ombudsman e ex-correspondente da Folha em Washington

No complexo sistema da eleição presidencial americana, um dos fatores decisivos para o sucesso de um candidato é o grau de entusiasmo de seus potenciais eleitores.

Como o voto não é obrigatório nos EUA, e os índices de abstenção têm sido altos (33,9% em 2020, 40,8% em 2016), a motivação para o cidadão ir às urnas é fundamental para o resultado. Em especial, como é o caso neste ano, em pleitos em que os oponentes estão praticamente empatados nas intenções de voto.

Donald Trump pode até se beneficiar da condenação a que foi submetido, caso ela energize ainda mais os seus apoiadores, como tem acontecido desde que se iniciaram os quatro processos penais a que está respondendo.

Desde que essas ações começaram, os resultados das pesquisas eleitorais o têm mantido ligeiramente à frente do presidente Joe Biden, e a arrecadação de contribuições financeiras para sua campanha tem aumentado bastante.

Seu problema é que os trumpistas de raiz, que formam o movimento chamado MAGA (Make America Great Again, seu principal slogan), são cerca de um terço do eleitorado. Com eles, Trump pode contar sempre, como já ficou provado. Mas eles talvez sejam insuficientes para levá-lo à vitória em 5 de novembro.

Trump vinha fazendo incursões mais ou menos bem-sucedidas em grupos demográficos tradicionalmente simpáticos ao Partido Democrata, como jovens, latinos e negros, muitos dos quais se sentem desanimados ou frustrados com Biden e sua administração.

Esses grupos podem voltar a se distanciar de Trump, agora que ele se tornou um candidato condenado por crimes comuns. Ao contrário dos MAGAs, eles podem não aceitar a tese de que o ex-presidente é vítima de perseguição política, de uma conspiração liderada por Biden.

Sua sorte é que o atual presidente não se tem mostrado capaz de mobilizar os setores que naturalmente o apoiariam: ou porque Biden é desprovido de carisma ou porque muitas de suas ações na Presidência (como o apoio irrestrito que tem dado a Israel em Gaza e a timidez nos temas ambientais) os afastam dele.

A maioria do eleitorado preferiria não ter de escolher entre Trump e Biden, mas as máquinas dos partidos Republicano e Democrata não deixaram brecha para o surgimento de alternativas internas; candidatos independentes ou de partidos menores não têm condições de competitividade efetiva.

Sairá vencedor em novembro o candidato que conseguir convencer maior número de pessoas a se darem o trabalho de votar. Nesse quesito, os adeptos de Trump parecem muito mais aguerridos do que os de Biden, o que pode lhe dar uma vantagem.

O resultado final tende a ser muito apertado. Em 2000, George W. Bush venceu Al Gore por 537 votos no estado da Flórida, e por causa desses votos ganhou a eleição. Neste ano, coisa parecida pode ocorrer nos estados em que nenhum dos dois candidatos tem maioria folgada de preferências.

Eles são: Wisconsin, Michigan, Pensilvânia, Carolina do Norte, Geórgia, Arizona e Nevada. Nesses estados é que a eleição vai ser resolvida, seguramente por margem reduzida de votos.

Trump e Biden são velhos conhecidos dos eleitores, que devem ter opiniões muito fortes e cristalizadas sobre ambos. Dificilmente o veredito em Nova York nesta semana fará com que muitas dessas opiniões se alterem.

Mas ele poderá aumentar ou diminuir o ímpeto de algumas pessoas para votar. Nesse sentido, sua influência será decisiva.

Biden pede que Hamas aceite novo cessar-fogo

'Guerra tem que acabar', diz americano ao apoiar novo plano; Tel Aviv conclui ações no norte de Gaza e avança em Rafah

SÃO PAULO O presidente dos EUA, Joe Biden, anunciou em discurso nesta sexta (31) que vai apoiar uma nova proposta de cessar-fogo no conflito entre Israel e o Hamas na Faixa de Gaza apresentada por Tel Aviv. A oferta envolve a interrupção dos ataques em troca da libertação dos reféns ainda em poder do Hamas. Biden instou o grupo terrorista a aceitar a proposta, dizendo que "é hora de a guerra acabar e o dia seguinte começar".

Até aqui, negociações entre as partes em guerra mediadas por Egito, Qatar e EUA não prosperaram, com exceção do cessar-fogo de uma semana entre novembro e dezembro de 2023. Tanto Israel quanto o Hamas acusam um ao outro de intransigência e de exigências implausíveis. O governo do premiê Binyamin Netanyahu não se manifestou sobre a fala de Biden.


Palestinos caminham em área destruída do campo de refugiados de Jabalia, que foi alvo de ataque de Israel Mahmoud Zaki/Xinhua

A nova proposta de trégua consiste de três fases. Na primeira, haveria cessar-fogo completo por seis semanas, Israel retiraria todas as tropas das áreas habitadas de Gaza, e reféns sequestrados pelo Hamas nos ataques de 7 de outubro seriam libertados em troca da soltura de centenas de prisioneiros palestinos. Ao mesmo tempo, passaria a haver fluxo de 600 caminhões de ajuda humanitária entrando em Gaza por dia, de acordo com Biden.

Na segunda fase, Hamas e Israel negociariam fim permanente para a guerra, e o cessar-fogo continuaria em vigor durante essas tratativas. Esse ponto contraria aquele que tem sido o principal mantra de Netanyahu e da cúpula do gabinete de guerra israelense desde o início do conflito — de que a guerra só terminaria com a destruição completa do Hamas e a erradicação de seu controle sobre a Faixa de Gaza.

A terceira fase consistiria na reconstrução do território palestino. A proposta já foi entregue ao Hamas pelo Qatar, disse a Casa Branca. Em comunicado, a facção afirmou que vê o plano de forma positiva.

Biden também se dirigiu à liderança israelense. "Eu sei que alguns em Israel não concordam com esse plano e querem que a guerra continue sem data para acabar. Algumas dessas pessoas estão no governo. Elas deixaram claro que querem ocupar Gaza, que querem continuar guerreando por anos e que os reféns não são prioridade", afirmou Biden. "Eu insto líderes em Israel a apoiar esse acordo, não importa a pressão."

A fala do presidente americano foi interpretada pela imprensa israelense como um comunicado direto à população do país. Foi a primeira vez que detalhes da oferta de cessar-fogo foram publicados pela mídia de Israel, uma vez que o governo tinha censurado a discussão do plano por jornais e emissoras de rádio e TV.

Depois dos ataques terroristas do Hamas em 7 de outubro, que deixaram 1.200 israelenses mortos, bombardeios de Tel Aviv em Gaza já mataram mais de 36 mil palestinos. Na sexta, as forças israelenses afirmam que concluíram suas operações na área de Jabalia, no norte de Gaza. Agora, as tropas estão avançando para Rafah, no sul, com o objetivo de atacar o que consideram ser o último reduto significativo dos batalhões do Hamas.

Israel alegou ter achado esconderijos com lançadores de foguetes, outras armas e túneis do grupo terrorista no centro de Rafah, pressionando ofensiva para desmantelar unidades de combate que, dizem eles, estão entrincheiradas na cidade na fronteira com o Egito.

Em comunicado sobre mais de duas semanas de combates em Jabalia, o Exército israelense disse que as tropas concluíram sua ação e se retiraram para se preparar para outras operações em Gaza. Grande parte do território está em ruínas.

O Hamas disse um dia antes que está pronto para um acordo, incluindo a troca de reféns por prisioneiros palestinos detidos em Israel, desde que os israelenses parassem a guerra.

Em Jabalia, um distrito urbano lotado de refugiados e seus descendentes desde a guerra de fundação de Israel em 1948, o Hamas transformou a "área civil em um reduto de combate fortificado", disse o comunicado militar israelense.

Jabalia foi devastada, mas destacou a dificuldade de Israel em destruir as unidades do Hamas. Houve semanas de intensos combates na região nas fases iniciais da campanha israelense e, em janeiro, o Exército disse ter matado todos os comandantes do grupo terrorista e eliminado as formações de combate do grupo governante de Gaza na área.

À medida que a guerra se arrasta e a infraestrutura de Gaza é destruída, a desnutrição faz parte da vida de 2,3 milhões de habitantes, e as entregas de ajuda diminuíram —a ONU alertou sobre fome iminente.

A Jordânia sediará uma conferência internacional de emergência em 11 de junho para trabalhar na resposta humanitária à guerra, em coordenação com o Egito e a ONU.

O Hamas publicou nesta sexta (31) imagens de ataques contra o Exército israelense em Rafah, em Gaza, perto da fronteira com o Egito. O Hamas mostrou força contínua em Rafah na semana passada, lançando mísseis no centro comercial de Israel, Tel Aviv, pela primeira vez em meses, no domingo.

No mesmo dia, ataque aéreo de Israel que visava dois comandantes do Hamas causou incêndio que matou 45 pessoas que se abrigavam ao lado do complexo atingido pelos jatos.

Com Reuters

México sofre com alta violência de gênero prestes a ter 1ª líder

Com eleição amanhã, país vive debate para descriminalizar aborto em nível nacional, mas candidatas não empolgam

ELEIÇÕES NO MÉXICO

Mayara Paixão

CIDADE DO MÉXICO O México deve eleger a sua primeira presidente neste domingo (2). Não são todas as mexicanas, porém, que se sentem exatamente animadas unicamente pelo fato de que as duas líderes nas pesquisas de intenção de voto são mulheres.

Em um país hostil a elas, com altas taxas de violência de gênero e de violência política, as organizações sociais cobram Claudia Sheinbaum, candidata governista, e Xóchitl Gálvez, nome da oposição, sobre quais políticas elas colocarão em prática para reverter esse cenário desigual.

As respostas de ambas, surpreendentemente similares, vêm sendo descritas como comedidas e insuficientes. É uma ideia generalizada de que a representatividade de gênero, por si só, não é o suficiente.

A cada dia do primeiro trimestre deste ano duas mexicanas, em média, foram assassinadas por fatores ligados a seu gênero, o chamado crime de feminicídio; 177 mulheres denunciaram alguma agressão física; e ao menos quatro casos de abuso sexual contra meninas chegaram ao conhecimento da polícia, segundo dados oficiais do Estado.

Em alguns desses indicadores, houve ligeira queda no ano passado, fator celebrado pelo governo de Andrés Manuel López Obrador, prestes a se despedir do cargo após seis anos. Organizações feministas dizem que essa realidade ainda não apareceu no dia a dia.

A Rede Nacional de Refúgios, que há 20 anos atua no atendimento a mulheres e crianças vítimas de violência doméstica, diz ter registrado aumento de 27% em seus atendimentos no primeiro quadrimestre. Em abril, o número cresceu 39% em relação ao mesmo mês de 2023. Muitas mulheres chegam após não conseguir acessar a ajuda estatal.

"As propostas das candidatas carecem de uma compreensão do território nacional", diz Wendy Figueroa, psicóloga que coordena a rede. "São propostas feitas em escritório."

Entre outras coisas, Claudia Sheinbaum, a candidata de López Obrador, defende que o combate à violência doméstica seja feito com a retirada do agressor da casa da família e que haja um apoio financeiro mensal para mulheres de 60 a 64 anos, idade anterior à aposentadoria.

Já Xóchitl, mulher indígena e que relata ter sido vítima de violência doméstica no passado, pleiteia políticas públicas como a criação de um cartão com 5.000 pesos mensais (R$ 1.500) para que mulheres vítimas de violência possam arcar com seus gastos.

Sobre a primeira ideia de Sheinbaum, Figueroa avalia que o plano é insuficiente. Em contrapartida, a ativista defende que também sejam fortalecidas as redes de abrigo para mulheres e menores vítimas de agressão, um tema pouco falado na campanha.

Talvez uma das maiores frustrações de setores feministas tenha sido as declarações comedidas das duas em relação ao direito ao aborto, em um país com presença ainda robusta da Igreja Católica.

No ano passado, a Suprema Corte exigiu que o Congresso alterasse o Código Penal para retirar artigos que tornam a interrupção da gravidez um crime. Mas Câmara e Senado ainda não legislaram sobre o tema. Sheinbaum e Xóchitl dizem apenas que a decisão deve ser respeitada.

As duas também pleiteiam políticas de apoio às mulheres grávidas e à primeira infância. O diagnóstico, afirma um membro da cúpula da campanha de oposição, é de que muitas mulheres se vêm forçadas ao aborto por falta de apoio e porque se sentem sozinhas. Não há pesquisas que indiquem esse fator, que fica a cargo da subjetividade.

Ninde Molina, da ONG Abortistas MX, diz que seria importante uma voz presidencial em defesa do direito de escolha.

"Poderíamos conseguir mudanças culturais mais rapidamente com esse incentivo e exemplo", diz ela, que tampouco está animada com o pleito.

"Infelizmente, com López Obrador aprendemos a amarga lição de que defender direitos das mulheres na campanha não necessariamente significa operar por isso."

O líder mexicano se gaba de ter ampliado de maneira expressiva a verba destinada ao chamado Anexo 13, parte do orçamento nacional voltada para o combate a desigualdades. De fato, o fez: de 2018, quando assumiu, a este 2024, a verba com esse destino cresceu mais de 500%.

Há seis anos, o anexo recebia um montante correspondente a 0,2% do PIB (Produto Interno Bruto) mexicano. No ano passado, eram 1,2%.

Mas estudiosos do tema dizem que o Anexo 13 tem poucas políticas comprovadamente voltadas para o combate à violência de gênero, por exemplo. Estudo da ONG Fundar aponta que 89% do total é enviado para programas sem distinção entre homens e mulheres, como um programa de pensões para maiores de 65 anos que vem sendo descrito como o principal programa social de López Obrador.

"O governo, que prometeu transversalizar as políticas de combate à desigualdade, não faz isso", diz a pesquisadora Andrea Larios. "A verba vai majoritariamente para programas que não estão construídos com base em perspectiva de gênero e que não se justificam sob esse aspecto, ainda que sejam importantes. Tampouco se pode medir como esses programas avançam em igualdade de gênero."

Sheinbaum, que capitaneia todas as pesquisas à frente de Xóchitl, promete criar o que personifica como "uma República de mulheres", uma realidade da qual o país obviamente está muito distante.

Ao menos simbolicamente, a chegada da primeira mulher à chefia do Executivo nacional vai coroar um índice do qual o México tem êxito: o de participação política. Em ranking das Nações Unidas, a nação aparece em quarto lugar, atrás de Ruanda, Cuba e Nicarágua, como aquela com mais paridade de gênero nas vagas do Congresso (50%).

Mas também aí um outro desafio vem recordar os dilemas da República hostil às mexicanas: o México tem altíssimos números de violência política de gênero. Em 2022, foi considerado o líder global nesses ataques, com 537, seguido pelo Brasil (327), de acordo com ranking da Universidade de Georgetown.

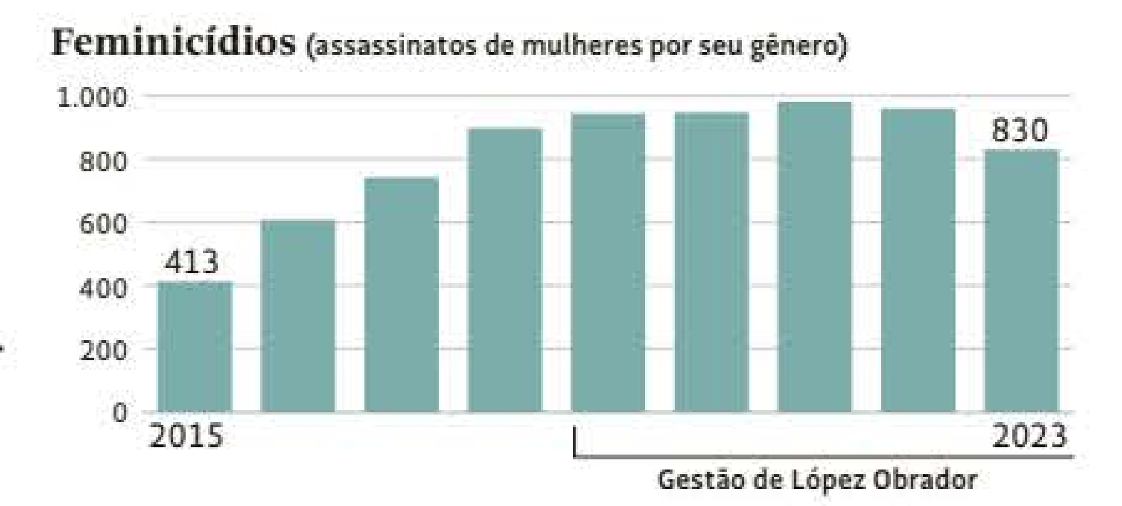
> "As propostas das candidatas [sobre violência de gênero] carecem de uma compreensão do território nacional. [...] São propostas feitas em escritório
>
> **Wendy Figueroa**
> psicóloga que coordena a Rede Nacional de Refúgios

> "O governo, que prometeu transversalizar as políticas de combate à desigualdade, não faz isso. [...] A verba vai majoritariamente para programas que não estão construídos com base em perspectiva de gênero
>
> **Andrea Larios**
> pesquisadora

México, um país bem distante da 'República das mulheres'

Números de violência de gênero são preocupantes, ainda que alguns indicadores tenham diminuído ligeiramente

Feminicídios (assassinatos de mulheres por seu gênero)



184 foi o número de feminicídios de jan. a mar.2024*

Feminicídios a cada 100 mil mulheres

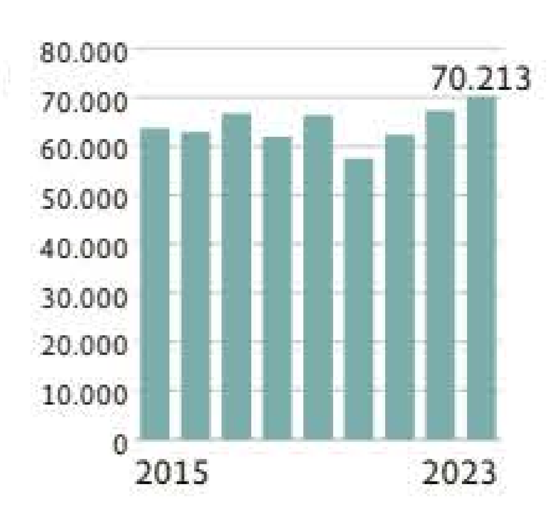
No México	1,27
No Brasil	1,4

Mulheres vítimas de homicídios dolosos
Crimes com intenção de matar, mesmo que não apenas relacionados a gênero

3.000 / 2.500 / 2.000 / 1.500 / 1.000 / 500 / 0 — 2.580 — 2015 — 2023

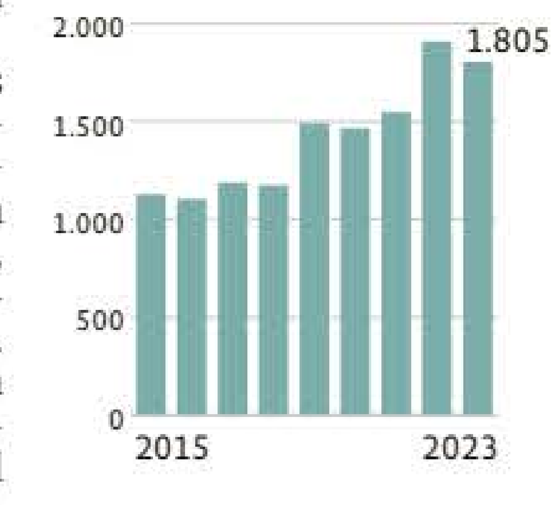
621 foram as mulheres vítimas de homicídios dolosos de jan. a mar.2024*

Mulheres vítimas de agressão física



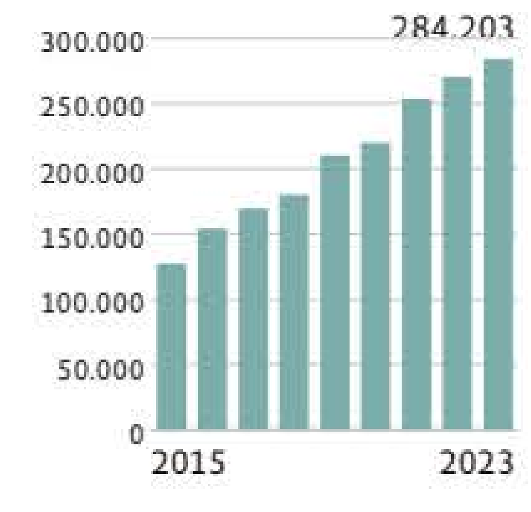
16.109 foi o número de mulheres vítimas de agressão física de jan. a mar.2024*

Meninas menores de idade abusadas sexualmente



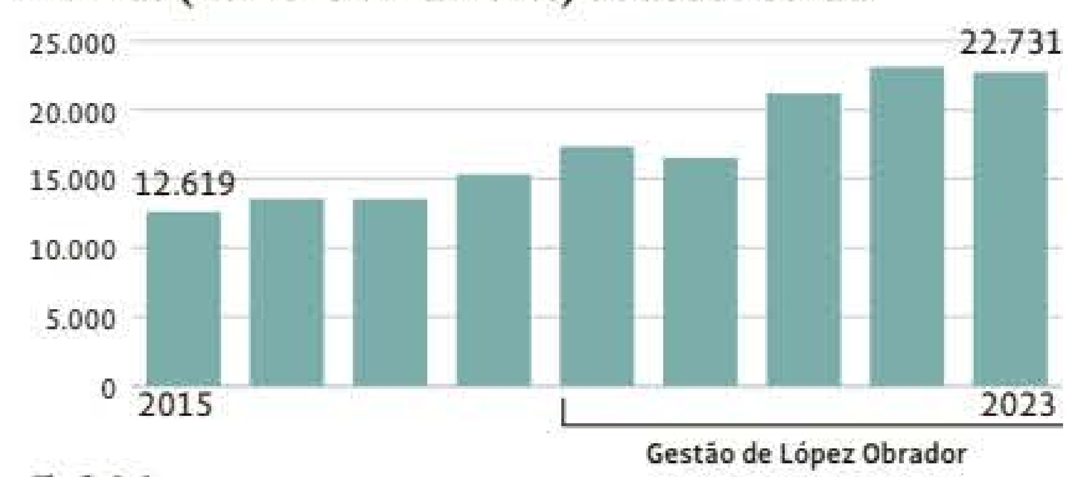
447 foram as meninas menores de idade abusadas sexualmente de jan. a mar.2024*

Casos de violência doméstica



66.359 foram os casos de violência doméstica de jan. a mar.2024*

Vítimas (homens e mulheres) de abuso sexual



5.011 foram as vítimas (homens e mulheres) de abuso sexual de jan. a mar.2024*

* Últimos dados oficiais disponíveis
Fonte: Sistema Nacional de Segurança Pública do México

Com 90% dos votos apurados, partido de Mandela amarga 1º revés em 30 anos

Fábio Zanini

JOANESBURGO O CNA (Congresso Nacional Africano), histórico partido de Nelson Mandela, é o mais votado nas eleições ocorridas na quarta-feira (29) na África do Sul, mas pela primeira vez terá de formar aliança com alguma outra sigla para se manter no poder, como ocorre desde o fim do apartheid, em 1994.

Até as 20h20 desta sexta-feira (31), no horário de Brasília, a apuração já havia contabilizado 93,7% dos votos. O CNA tinha 40,82%, o que elimina matematicamente a possibilidade que ultrapasse os 50% necessários para governar sem precisar de coalizões. No pleito anterior, em 2019, obteve 57,5%.

Na África do Sul, os eleitores votam no partido, e a agremiação que obtém mais da metade dos votos válidos fica com o controle do Parlamento e indica o presidente da República. Nos últimos 30 anos, o chefe do Executivo sempre foi do CNA.

Em segundo lugar na disputa aparece a AD (Aliança Democrática), partido de centro-direita, com 21,60%, patamar ligeiramente superior ao que indicavam as pesquisas. Em 2019, a AD conseguiu 20,77%.

Na sequência vêm duas siglas populistas de esquerda que surgiram a partir de dissidências do CNA: o MK, do ex-presidente Jacob Zuma (2009-2018), com 14%, e o Combatentes da Liberdade Econômica (CLE), com 9,4%.

Com esse resultado, o CNA terá de escolher um caminho para continuar governando: uma aliança com a AD, o que daria uma feição moderada e pró-mercado ao governo, ou fazer o movimento oposto, coligando-se com um dos partidos populistas de esquerda, o que deve desacreditar o país, visto que tanto o MK quanto o CLE defendem a estatização de boa parte dos serviços e do setor de mineração, importante para a economia.

Qualquer um desses cenários terá o efeito de terremoto político, com repercussões em toda a África. Não é comum, afinal, um partido de libertação nacional, como é o CNA, ser rechaçado dessa forma pelos eleitores no continente.

Ainda existe a possibilidade de que o presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, permaneça no poder, mas o resultado eleitoral decepcionante pode forçar o líder a renunciar —uma possibilidade que a vice secretária-geral do CNA descartou em entrevista coletiva na noite de sexta-feira (31).

"Ninguém vai renunciar. Todos nós estamos seguros de que [Ramaphosa] precisa seguir no cargo de presidente do CNA", disse Nomvula Mokonyane. "A liderança do partido vai se reunir, vamos consultar as bases. Por enquanto, essas conversas não começaram".

O líder da AD, John Steenhuisen, por sua vez, disse que vai se encontrar com membros da aliança de oposição da qual faz parte, e não descartou uma coalizão com o CNA, apesar dos ataques feitos no período eleitoral. "A eleição aconteceu, agora vamos jogar com as cartas que os eleitores nos deram, e vamos analisar as opções", afirmou à agência de notícias Reuters.

Apesar do discurso do CNA, o impacto da derrota ainda pode custar o cargo para Ramaphosa, bastando para isso uma decisão do partido.Nesse caso, o mais cotado para assumir o comando da legenda, e do país, seria seu vice, Paul Mashatile.

O CNA lida com um histórico de acusações por corrupção e incompetência na gestão do país. A África do Sul tem níveis recordes de desemprego e criminalidade, além de sérios problemas de infraestrutura, com sucessivos apagões, por exemplo.

Os resultados finais devem ser divulgados pela comissão eleitoral neste domingo (2).

A votação na quarta-feira (29) teve filas longas e diversos problemas de organização, o que fez o horário nas zonas eleitorais ser estendido para além do previsto, de 21h.

O comparecimento deve ficar em 58%, um pouco abaixo das projeções iniciais, de que poderia passar de 60%.

Isso pode ser atribuído em parte ao fato de que muitos desistiram de ir às urnas em razão do caos observado nos centros de votação.

Raio-X



Área: 1,22 milhão de km² (equivalente ao estado do Pará)

População: 61 milhões (Brasil tem 217,6 milhões)

PIB: US$ 405,3 bilhões (Brasil - US$ 1,92 tri)*

PIB per capita: US$ 15,9 mil (Brasil - US$ 17,8 mil)**

IDH: 0,717 (110º lugar, Brasil é o 89º)

* Dados de 2022
** Com paridade de poder de compra
Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial, UNFPA e ONU

Ataque a faca fere ativistas anti-Islã na Alemanha

BERLIM | REUTERS E AFP Um homem armado com faca atacou manifestação de ultradireita na cidade de Mannheim, no sudoeste da Alemanha, e feriu ao menos duas pessoas antes de ser baleado por um policial, nesta sexta (31). A agência de notícias AFP fala em seis feridos.

Segundo o premiê Olaf Scholz, várias pessoas ficaram "gravemente feridas". "Meus pensamentos estão com as vítimas", disse ele na rede social X. Imagens que circulam nas redes sociais mostram homem atacando ativistas na praça central da cidade, a Marktplatz. Os presentes tentam contê-lo no chão, sem sucesso.

Segundo a imprensa, o alvo do ataque era Michael Stürzenberger, ativista anti-islamismo que falaria no encontro do Movimento Cidadão Pax Europa (BPE). A revista Der Spiegel disse que o suspeito nasceu em Herat (Afeganistão) e tem 25 anos. A ministra do Interior, Nancy Fraeser, crê que o crime teve motivação religiosa.

INÊS 249

Tchernóbil ainda lida com efeitos de ocupação na guerra

Palco do maior desastre nuclear da história passou cerca de 1 mês sob controle russo

Clara Balbi

TCHERNÓBIL (UCRÂNIA) A explosão de um reator na usina atômica de Tchernóbil, na atual Ucrânia, em 1986, entrou para a história como o maior acidente nuclear do mundo —estima-se que a radiação liberada na atmosfera naquele 26 de abril tenha sido 400 vezes superior à emitida pela bomba atômica de Hiroshima.

Em 24 de fevereiro de 2022, quando teve início a invasão em larga escala da Ucrânia pela Rússia, o local voltou a servir de cenário para um pesadelo nuclear. A partir de Belarus, os russos adentraram a chamada zona de exclusão de Tchernóbil, uma área de 2.600 km² caracterizada por altos níveis de contaminação radioativa em cujo centro está a usina. Veículos militares, incluindo um tanque, chegaram ao edifício da administração principal da usina por volta das 14h da tarde. Às 17h, ela tinha sido tomada.

A ocupação durou pouco mais de um mês. Ao longo desse período, os cerca de 200 funcionários que trabalhavam no local durante a invasão russa continuaram lá em vez de pegarem o trem de volta para a cidade de Slavutitch, onde moram, após seus turnos de 12 horas.

Além deles, quatro mochileiros ucranianos que tinham planejado passar a noite em Pripiat, um vilarejo construído para servir de dormitório para os trabalhadores da planta nos anos 1970 e abandonado depois da explosão, procuraram abrigo na sede administrativa e lá permaneceram até 20 de março.

E 169 dos integrantes da Guarda Nacional da Ucrânia que defendiam o local foram capturados pelos russos. Destes, 103 continuavam presos até esta sexta-feira (31), quando 14 deles foram liberados, reduzindo o número para 89.

Foi nesta data que a **Folha**, em conjunto com um grupo de jornalistas da América Latina, visitou a planta, localizada a cerca de duas horas de carro da capital, Kiev.

Quando se entra na zona de exclusão, é preciso apresentar passaportes e autorizações de imprensa. Não por causa dos perigos da exposição à radiação, segundo afirmam os administradores, mas em razão da proximidade com Belarus, país aliado de Vladimir Putin cuja fronteira fica a menos de 50 km dali.

Depois, ao sair —um processo que inclui medir o próprio nível de energia radioativa em uma espécie de balança que remete aos tempos soviéticos—, é necessário submeter as fotografias tiradas na zona a oficiais ucranianos para que eles se certifiquem de que nenhuma delas revela locais militares estratégicos.

Liubov Zavodenko, 52, foi uma das civis presas na zona de exclusão depois do cerco de Moscou. Ela conta que morava com o marido perto de um dos locais onde os russos estabeleceram um posto militar. A cada uma das três trocas de turno diárias, diz, os soldados vinham até a sua casa, colocavam o casal de joelhos e vasculham todo o imóvel em busca de nacionalistas ucranianos.

A maior preocupação de todos era, no entanto, com a própria planta nuclear. Zavodenko, que nasceu perto de Tchernóbil e era criança na época da explosão do reator, afirma que se revezava com um colega de trabalho para checar o estado do laboratório por cuja limpeza é responsável nos primeiros dias da ocupação, antes que impedissem a entrada no local.

"Foi muito estressante", diz Oleksii Chelestii, supervisor do departamento elétrico de Tchernóbil. Ele tinha acabado de encerrar o turno quando os russos tomaram a planta. Em vez de ir para a casa, seguiu na usina por mais 25 dias.

Mesmo assim, afirma que teve sorte em comparação com alguns de seus colegas. "Quase não via os russos, só uma vez por dia, quando ia ao refeitório", diz, acrescentando que conversou por telefone com representantes da agência nuclear russa algumas vezes, mas o deixaram em paz após ele se negar a colaborar.

As tropas começaram a se retirar em março —mas não sem consequências. Embora os reatores da usina não gerem eletricidade há décadas e a planta hoje seja utilizada para armazenar resíduos nucleares, Chelestii diz que, além de destruir instalações e roubar equipamentos, os russos não cumpriam os protocolos sanitários durante a ocupação.

Isso obrigava os trabalhadores locais a redobrar seus esforços para retirar eventuais resíduos das zonas ditas limpas. O funcionário afirma que os danos são estimados em US$ 40 milhões, ou R$ 210 milhões.

Além disso, os integrantes do Exército russo ignoravam as chamadas "zonas vermelhas", e ao circularem nelas com veículos pesados, levantavam muita poeira radioativa. Alguns dos sensores da zona de exclusão registraram entre duas e oito vezes mais radioatividade ao longo do período da ocupação.

A maior preocupação nuclear da Ucrânia hoje não é com Tchernóbil, no entanto, mas com a usina de Zaporíjia —localizada no sul do território, a maior planta atômica europeia é controlada pelos russos desde o início do conflito, mais de dois anos atrás.

Chelestii diz que a planta funciona um terço do número dos funcionários ideal, e reparos têm sido ignorados porque não pessoal para realizá-los. "Os empregados estão sob grande tensão e isso é muito perigoso, porque aumenta a chance de erros humanos."

A jornalista viajou a convite do Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia





*Proibido acesso de civis
Fonte: Dados cartográficos ©Google

Ruínas de um centro de lazer do vilarejo de Pripiat, construído para abrigar os funcionários de Tchernóbil e abandonado após o desastre Clara Balbi/Folhapress

EUA e aliados desafiam Putin e liberam uso de armas contra Rússia

Igor Gielow

SÃO PAULO Os Estados Unidos e seus principais aliados na Otan decidiram desafiar as ameaças nucleares de Vladimir Putin de forma aberta pela primeira vez desde que o presidente russo determinou a invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022.

Após uma sequência de anúncios de membros da aliança militar ocidental permitindo o emprego de armas doadas a Kiev contra alvos no território russo, o que havia levado Putin a alertar contra o risco de guerra global, Washington e Berlim cederam e acompanharam os aliados.

A principal decisão, a americana, foi vazada na quinta (30) ao site Politico e depois ao jornal The New York Times e outros meios, mas com um detalhe que lhe dá caráter de teste de estresse: as armas dos EUA só poderão ser usadas contra alvos militares usados na ofensiva contra Kharkiv.

Nesta sexta (31), em reunião de chanceleres da Otan em Praga, o secretário de Estado, Antony Blinken, confirmou, sem detalhar, a liberação de uso em áreas fronteiriças daquela região.

No dia 10 passado, Putin abriu uma nova frente naquela área, no norte e nordeste ucranianos, e a velocidade de seus ganhos, além do impacto nas defesas gerais de Kiev, assustaram o Ocidente com o risco de um colapso nas defesas de Volodimir Zelenski.

Também nesta sexta, os alemães anunciaram em Berlim a mesma medida, além de pacote adicional de ajuda militar a Kiev. Mas os mísseis de cruzeiro Taurus, demanda de Zelenski, não serão fornecidos.

Até aqui, a Alemanha seguia a diretriz de Joe Biden de proibir o emprego de armas doadas aos ucranianos contra a Rússia.

A ideia de envio de tropas segue vetada pelos EUA —a França e países do Leste Europeu têm sugerido isso.

O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse que não tinha detalhes acerca da decisão de Biden.

Juntem-se à Suíça em busca da paz na Ucrânia

OPINIÃO

Ignazio Cassis
Ministro de Assuntos Exteriores da Suíça

A guerra está em curso na Ucrânia há quase 28 meses. Por cerca de 840 dias, milhares de pessoas morreram, famílias inteiras foram forçadas a deixar suas casas e seu país. Desde 24 de fevereiro de 2022, com a guerra da Rússia contra a Ucrânia, os princípios fundamentais da Carta das Nações Unidas foram desrespeitados.

O conflito ucraniano não se restringe apenas à Rússia e à Ucrânia. Ele se espalhou para muito além do continente europeu, acendendo um pavio diante de um barril de pólvora capaz de impactar o mundo inteiro. Seja um ataque à soberania territorial, uma ameaça nuclear, uma escassez de alimentos, um impedimento à liberdade de navegação ou uma violação do direito humanitário internacional: os perigos são os mesmos em qualquer lugar do planeta. Como "povo das Nações Unidas", não podemos ficar de braços cruzados.

Mas como proceder, quando os conflitos culturais e os bloqueios nas instituições internacionais proporcionam um espetáculo preocupante? Estou convencido de que, juntos, além de nossas diferenças, podemos encontrar a vontade política necessária, aproveitando o alicerce da humanidade comum que compartilhamos.

A cultura da Suíça é a do diálogo. Para aqueles que nos chamarão de ingênuos, gostaria de lembrar que meu país é formado por quatro culturas e quatro idiomas oficiais, e que nossa capacidade de falar juntos é a base de nossa unidade na diversidade. Sem diálogo, a Suíça não existiria. Mesmo quando as vozes são silenciadas e as armas tomam seu lugar, acreditamos que o diálogo tem seu lugar.

Em um momento em que os princípios sobre os quais construímos nossa ordem internacional —como a Carta das Nações Unidas e as Convenções de Genebra— estão sendo desrespeitados, como ministro das Relações Exteriores da Suíça, estou convencido de que devemos colocar essa arte do diálogo a serviço da paz mundial. É por isso que meu país, a pedido do presidente Volodimir Zelenski, assumiu suas responsabilidades e organizará a primeira Conferência de Alto Nível para a Paz na Ucrânia nos dias 15 e 16 de junho.

Embora seja muito cedo para estabelecer a paz, já é hora de se preparar para ela. Esta conferência, portanto, tem como objetivo estabelecer um quadro comum e medidas concretas para um futuro processo de paz. Em termos concretos, estamos prontos para conduzir um diálogo corajoso e necessário, para analisar todos os pontos de vista sobre o conflito ucraniano, tendo como quadro comum o respeito ao direito internacional.

Em primeiro lugar, queremos estabelecer um entendimento mútuo entre o maior número possível de Estados sobre uma paz global, justa e sustentável na Ucrânia. As discussões se concentrarão especialmente nos vários planos de paz já propostos.

> [...]
> Como um Estado neutro com uma tradição humanitária e diplomática, a Suíça sempre foi capaz de ouvir e entender os diferentes interesses em questão. Por isso aceitamos sediar esta conferência, a pedido do presidente Volodimir Zelenski

Em segundo lugar, essa plataforma de intercâmbio se concentrará em assuntos de interesse global (mencionados acima), como segurança nuclear, segurança alimentar e liberdade de navegação, além de aspectos humanitários, incluindo trocas de prisioneiros.

Por fim, essa iniciativa para encerrar a guerra na Ucrânia só poderá ser seguida de ações concretas e eficazes se houver uma discussão no mais alto nível político sobre como a Rússia pode se engajar nesse processo.

Como um Estado neutro com uma tradição humanitária e diplomática, a Suíça sempre foi capaz de ouvir e entender os diferentes interesses em questão. Na estrada para a paz, não podemos chegar a lugar algum sozinhos. Juntos, por outro lado, podemos percorrer um longo caminho, mas temos que seguir na mesma direção. Para isso, precisamos reunir nossos pontos fortes, nossas ideias e nossas visões de mundo, por mais diferentes que sejam.

O Brasil, que em 2024 preside o G20 e o Brics no ano que vem, desempenha um papel global relevante, inclusive em relação à paz e à segurança. Em uma situação mundial fragmentada e nessa fase de preparação de futuros diálogos de paz, a capacidade do Brasil de construir pontes entre diferentes atores é um elemento particularmente apreciado. Além das históricas relações de amizade, nossos países têm forte tradição de cooperação no campo multilateral e humanitário, na promoção da paz e na proteção dos mais vulneráveis. A Conferência de Alto Nível para a Paz na Ucrânia e a busca de soluções e diálogo no conflito na Ucrânia representam uma oportunidade para reforçar ainda mais nosso engajamento comum em prol da paz.

Essas não são apenas palavras bonitas: são palavras que acreditamos serem justas para iniciar este diálogo essencial no meio das montanhas, na ocasião da Conferência para a Paz na Ucrânia. É preciso energia e convicção para transcender nossas divisões e traçar um caminho em direção à paz. Mas isso também exige um certo esforço, principalmente o de escalar uma montanha suíça para se sentar à mesma mesa.

Conto com sua participação. Join us at the table!

Brasil precisa ter China como parceiro

Visita de Geraldo Alckmin a Pequim é chance de avançar em temas caros aos países

Igor Patrick

Jornalista, mestre em Estudos da China pela Academia Yenching (Universidade de Pequim) e em Assuntos Globais pela Universidade Tsinghua

Geraldo Alckmin desembarca em Pequim amanhã, acompanhado de uma significativa comitiva que participa com ele da sétima reunião da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban). Desconhecida pela maioria dos brasileiros, a estrutura é única no relacionamento do país com qualquer outro parceiro global e inaugura os trabalhos neste mandado de Lula em busca de uma função além da cerimonial.

Criada em 2004, a Cosban é o espaço para que os vice-presidentes de ambos os países se encontrem e promovam o aprofundamento dos laços diplomáticos. São 12 subcomissões e oito grupos de trabalho que ao longo da próxima semana discutirão temas tão distintos quanto propriedade intelectual, biotecnologia e esportes. Além de oferecer uma oportunidade para que projetos bilaterais alcancem capilaridade em nível ministerial, trata-se de uma rara chance para que homólogos brasileiros e chineses se sentem à mesa para entender como cada parte enxerga sua função.

Contudo um descompasso entre o que espera o Brasil e o que a China está disposta a fazer relegaram a comissão a um papel quase figurativo e isso talvez não mude no encontro deste ano. Quando surgiu, o órgão tinha missões ambiciosas, como promover um entendimento acerca do protagonismo brasileiro em instituições multilaterais (mirando numa possível vaga no Conselho de Segurança da ONU) e em formas de agir para compor com Pequim uma agenda Sul-Sul de relevância.

É notável o quanto a diplomacia e credibilidade brasileira no exterior decaíram desde então. A despeito de alguns avanços de relevância como a criação do Novo Banco de Desenvolvimento, Dilma deu pouca atenção às pautas internacionais mais ambiciosas —no segundo mandato, então, às voltas com o processo de impeachment, relegou política externa ao fim da lista de prioridades. Seguiu-se o governo esmagadoramente impopular de Michel Temer e os quatro anos de Bolsonaro, talvez a maior crise de credibilidade externa do Brasil nas últimas décadas. No meio do caminho, a Cosban ficou esquecida e suas principais pautas, sequestradas pela agenda do dia da China.

Nas irregulares ocasiões em que se reuniu, a comissão tratou muito de assuntos comezinhos como certificação de frigoríficos ou unificação de marcos sanitários. Não há dúvidas de que são temas a serem endereçados, mas para fazer valer a pena o tempo de dois vice-presidentes e vários ministros, o encontro deveria servir para mais. É isso que busca Alckmin agora, na primeira vez que a Cosban se reúne presencialmente em cinco anos.

O governo brasileiro pretende aproveitar o encontro para captar investimentos. Quer dinheiro para investir em infraestrutura para transição e resiliência climática, encontrar sinergias para que as indústrias brasileiras caminhem juntas. Se calhar, até um apoio ainda que verbal ao ambicioso plano de integração sul-americana avançado por Simone Tebet no Ministério do Planejamento. Mas argumento que a Cosban precisa servir como algo além de apenas um roadshow de oportunidades a investidores estatais e privados.

Nesta semana que passou falei sobre o assunto com pessoas-chave a estudar o papel, relevância e impacto da comissão nas relações sino-brasileiras, como Larissa Wachholz (Cebri), Michelle Ratton (FGV) e Giorgio Shutte (UFABC). Todos são unânimes na avaliação de que deveríamos acionar mais e melhor as estruturas da Cosban.

É preciso enxergar o mecanismo como um fórum para aparar arestas, discutir temas sensíveis da relação e alinhar expectativas. O Brasil aplicou medidas compensatórias severas ao aço chinês no mês passado, após anos de reclamação da siderurgia quanto à prática de dumping. O mesmo vem acontecendo em outros setores como o de fibra óptica, têxteis e calçados. Não seria o caso de encontrar caminhos para a cooperação que não impliquem na morte da frágil indústria brasileira? E os setores críticos à segurança nacional? Que tal debater formas de regular a presença chinesa em áreas vitais como telecomunicações, geração e distribuição de energia elétrica e serviços financeiros?

Para o bem e a longevidade dos laços com a China, o Brasil precisará enxergar o país de fato como parceiro também nas questões difíceis —e não apenas como fonte inesgotável de dinheiro para projetos há anos no papel.

DOM. Sylvia Colombo | **TER.** Mundo Leu | **QUI.** Lúcia Guimarães | **SÁB.** Igor Patrick

Premiê Modi não é de extrema direita, diz ministro indiano

Aliado poderoso, Hardeep Puri aposta em vitória governista nas eleições

ENTREVISTA
HARDEEP SINGH PURI

Patrícia Campos Mello

NOVA DÉLI Na véspera da última fase de votação na Índia, o ministro Hardeep Puri, um dos mais poderosos do gabinete do primeiro-ministro Narendra Modi, mostra-se confiante: ele aposta que seu partido, o BJP, vai conquistar pelo menos 10% mais assentos do que no último pleito.

Foram 303 em 2019, e ele acredita que os resultados de 4 de junho revelarão a conquista de 333. Ele rejeita as previsões de que o desemprego em alta possa encolher a margem do partido no Parlamento, e rechaça acusações de que Modi seja de extrema direita e tenha adotado medidas autoritárias.

"Modi fez o desenvolvimento chegar aos mais pobres. Ele é um dos caras mais 'socialistas' com quem já cruzei. Ele assumiu em 2014 e, em 2015, já implementou inúmeros programas sociais. E essa é a marca de seu governo, isso não é uma agenda de direita", diz Puri, que acumula duas pastas, Habitação e Assuntos Urbanos e Petróleo e Gás Natural, que concentram alguns programas sociais responsáveis pela alta popularidade do premiê indiano, que governa o país desde 2014.

O ministro recebeu a reportagem da **Folha** em seu gabinete na Akbar Road —antes de se juntar ao governo Modi em 2014, foi diplomata por mais de três décadas e serviu como embaixador no Brasil.

*

O que espera da eleição? Conquistamos 303 assentos da última vez [2019], agora teremos 10% mais, cerca de 333 [de um total de 543, sendo necessários 272 para garantir a maioria]. Não acredito em todas essas bobagens [que a oposição, o partido Congresso] fala. Eles já previram que Modi ia perder em 2014, em 2019, então agora é o fim da linha para eles.

A que se deve a popularidade de Modi? Os benefícios do desenvolvimento chegam até a ponta. Quando viajamos pela Índia, vemos. Havia 74 aeroportos no país, agora há 150, estradas, eletricidade. Em 2019, havia 220 milhões de indianos em programas sociais. Agora, são mais de 330 milhões.

Analistas temem que, caso o BJP conquiste maioria muito ampla, será carta branca para Modi adotar medidas autoritárias e mudar a Constituição. Sim, essa narrativa de que, com 340, ele vai se tornar um ditador. Olha, precisamos de maioria confortável, não importa se vão ser 293 ou 330 assentos, já será suficiente para não gerar preocupações.

Mas margem muito grande não pode enfraquecer limites para o poder do primeiro-ministro? A democracia está arraigada na Índia. Os indianos nunca aceitarão imposições. A única vez em que a democracia esteve ameaçada na Índia foi quando a primeira-ministra Indira Gandhi [do partido Congresso, hoje oposição] impôs o período de emergência em 1975, que restringiu as liberdades civis. Hoje, temos um primeiro-ministro eleito democraticamente, e ficam lançando ataques contra ele.

Modi não é extremista de direita? Não! Quais são as marcas da extrema direita? Modi fez o desenvolvimento chegar aos mais pobres. Ele é um dos caras mais "socialistas" com quem já cruzei. Ele assumiu em 2014 e, em 2015, já implementou inúmeros programas sociais. E essa é a marca de seu governo, isso não é uma agenda de direita. Também dizem que ele é focado em promover a agenda do hinduísmo...



Hardeep Singh Puri, 72
É ministro da Habitação e Assuntos Urbanos e do Petróleo e Gás Natural. Antes, foi ministro da Aviação Civil e do Comércio e Indústria. Também é membro da Câmara Alta da Índia, a Rajya Sabha, eleito em 2020. Antes de entrar para a política, foi diplomata por 40 anos, e serviu como embaixador no Brasil e representante permanente da Índia junto à ONU. Ele fez mestrado em História na Universidade de Déli

Não é? O hinduísmo é mais modo de vida do que religião no sentido de querer converter os outros. Mas os hindus se sentiam como minoria perseguida em seu próprio país [são 80% da população]. Uma das grandes qualidades de Modi é que ele crê em recuperar uma grande civilização, isso traz confiança para lidar com o presente. Modi é pragmático.

Dos 283 membros do parlamento (Lok Sabha) do BJP, um é muçulmano? Nossos membros do parlamento não são escolhidos dessa maneira. Eu sou o único Sikh do gabinete [membro da religião Sikh]. Tivemos um muçulmano [Mukhtar Abbas Naqvi] que foi ministro dos Assuntos das Minorias por muito tempo [cinco anos]. Grande parte dos porta-vozes do governo são muçulmanos.

E a retirada da autonomia da Caxemira, o único estado de maioria muçulmana [em 2019]? O estado está bombando, a economia está indo muito bem, e os muçulmanos de lá apoiam Modi. Aliás, há muitas mulheres muçulmanas que votarão no BJP, afinal, Modi acabou com o triplo talaq [lei religiosa que permitia ao muçulmano se divorciar da mulher dizendo três vezes talaq].

A proposta de reforma do Código Civil é criticada por muçulmanos. Você consegue imaginar algo assim no Brasil? Se você é muçulmano, pode ter quantas esposas quiser, se não é, não pode... a lei deve ser aplicada a todo mundo... e essa decisão está vindo dos estados, não do governo central.

Se a oposição estiver correta e o BJP tiver resultado pior que em 2019? Isso não vai acontecer. As pesquisas de boca de urna [das seis fases anteriores de votações] não podem ser divulgadas, mas eles apontam para situação confortável.

A Índia foi criticada por aumentar importações de petróleo da Rússia, diante de pressões de EUA e UE para sanções contra [Vladimir] Putin. Quem disse que não podemos comprar da Rússia? Não tem sanção [multilateral] contra a Rússia. Eles ofereceram os melhores preços. O primeiro-ministro deve satisfações aos eleitores. E não deixamos que houvesse falta de combustível e mantivemos os preços.

O Brics se tornou foro dominado pela China? Tenho uma sensação de que teremos de lidar com muitos desses desafios que estão surgindo.

Analistas dizem que o Brasil deveria emular a Índia, porque a melhor posição em meio à guerra fria entre China e EUA é a do país. É difícil julgar. Quando servi no Brasil, dizia que muitas preocupações mais urgentes de um país são ditadas por seus vizinhos. Os vizinhos da Índia são China e Paquistão. Os do Brasil são Argentina, Paraguai. Temos disputas territoriais e um vizinho, o Paquistão, usa terrorismo como política de Estado.

Onda de calor extremo mata ao menos 50 pessoas na Índia

NOVA DÉLI A onda de calor extremo que levou os termômetros a ultrapassarem os 50° C no norte da Índia já provocou ao menos 50 mortes nesta semana, incluindo a de oito funcionários públicos que trabalhavam nas eleições.

Em Nova Déli, a temperatura chegou a 52,3° C na última quarta (29). O governo registrou a morte de um operário de 40 anos por causa do calor.

Na capital da Índia, a sensação era de uma permanente sauna ao ar livre. Andar apenas alguns quarteirões sob o calor de 50° C leva as pessoas a sofrerem queda de pressão, tontura e sudorese intensa. Nas ruas, muitos se protegem do sol com guarda-chuvas e usam panos na cabeça.

Os indianos têm se virado como podem.

O estudante de medicina Muhammad Tabrez, que tem 24 anos, tentava seguir as recomendações de sua mãe: tomar bastante caldo de cana e aamras (bebida indiana que é feita de polpa de manga) para se hidratar e não sair na rua entre as 13h e as 15h. Ele é do estado de Uttar Pradesh, mas encontra-se de férias na casa de amigos em Nova Déli. "Ainda bem que lá tem ar condicionado", afirmou o estudante.

Já o funcionário de um hotel, Sanjay Sharma, não consegue se dar ao luxo de ficar no ar condicionado. "Minha casa se encontra a 30 quilômetros daqui e eu venho de moto, no trânsito, é muito quente", disse Sharma. "Além disso, tenho que buscar coisas na rua o tempo todo. Ainda bem que esse forno só dura alguns meses", afirmou, resignado.



Paciente com insolação é atendido em Varanasi Niharika Kulkarni/AFP

O governo indiano recomendou à população medidas de prevenção, como áreas de sombra e suprimento de água em construções, além de folga remunerada entre o meio-dia e as 15h para operários.

Autoridades também irão espirrar água nas ruas, para ajudar a baixar a sensação térmica e a temperatura. Essas medidas, porém, enfrentam um problema, porque a cidade já vive uma crise de abastecimento de água.

Na Índia, 80% da mão de obra é informal, e muitos atuam como vendedores ambulantes, operários e trabalhadores manuais.

No estado de Bihar, um dos mais pobres da Índia, 18 pessoas morreram por causa dos efeitos do calor no período de apenas 48 horas —sendo que oito eram funcionários do governo indiano trabalhando nas eleições, que terão o último dia de votação neste sábado (1º de junho), e os resultados serão divulgados na próxima terça-feira (4).

Cidades e estados são obrigados a formular "Planos de Ação para o Calor".

Nova Déli lançou seu plano em abril deste ano. No planejamento, a capital prevê a disponibilidade de sombra, de água potável e de kits de reidratação oral em pontos de ônibus, proteção contra o sol para guardas de trânsito, e mudança de horário para trabalhadores ao ar livre.

Entretanto, como em muitas cidades, o plano ainda não foi implementado e também não tem força de lei. **PCM**

Ansiedade entre crianças e jovens supera a de adultos pela 1ª vez no país

Piora em indicadores de saúde mental reflete cenário constatado por best-seller, que culpa celular

FOLHATEEN
DELTAFOLHA



Paciente no CAPS Bem-me-Quer, unidade de acolhimento em Aparecida de Goiânia (GO) Zanone Fraissat/Folhapress

SÃO PAULO Pela primeira vez na história, os registros de ansiedade entre crianças e jovens superam os de adultos, mostra análise da **Folha** a partir da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do SUS de 2013 a 2023, período com dados disponíveis.

Com um crescimento expressivo nos últimos anos, a taxa de pacientes de 10 a 14 anos atendidos pelo transtorno é de 125,8 a cada 100 mil, e a de adolescentes, de 157 a cada 100 mil. Já entre pessoas com mais de 20 anos a taxa é de 112,5 a cada 100 mil, considerando dados de 2023. A situação dos mais jovens passou a ficar mais crítica do que a dos adultos em 2022.

Não há apenas uma causa que motive esse aumento, mas alguns apontamentos são comuns para especialistas e citados em diferentes estudos: crises econômicas e climáticas, autodiagnósticos simplistas e uso excessivo de celulares e jogos.

"Estudos diversos e rigorosos mostram uma piora na depressão e na ansiedade, e a pandemia se mostrou muito pior do que os estudos previam", avalia Guilherme Polanczyk, psiquiatra da infância e adolescência e professor da Faculdade de Medicina da USP. "Mudanças culturais e sociais fortes aconteceram na última década, e muitas associadas às redes sociais, embora seja perigoso atribuir o problema só a elas."

Além da popularização dos transtornos e do maior acesso às informações, Polanczyk afirma que há também o aumento de distorções sobre esses transtornos. "Influenciadores têm simplificado esses transtornos cada vez mais nas redes sociais. Ansiedade é uma emoção que faz parte do repertório humano, todos nós sentiremos em algum nível, assim como a tristeza, que não significa depressão."

De modo geral, dados mostram que a piora em índices de saúde mental se acentua a partir da segunda década dos anos 2000. Além do maior acesso à informação pela internet, o período é marcado pela popularização do smartphone, com as câmeras frontais para selfies, das redes sociais e dos jogos online.

Há anos, estudiosos se debruçam sobre a relação entre a tecnologia e o comportamento humano, em especial entre crianças e adolescentes, que ainda não desenvolveram todo o sistema de autocontrole. Já se sabe, por exemplo, como as redes sociais têm mecanismos designados a viciar, e não à toa já existe lei para proibir o uso dessas plataformas antes dos 14 anos, caso da Flórida, nos Estados Unidos. Em São Paulo, deputados estaduais passaram a discutir a proibição de celulares nas escolas.

Um dos autores com este foco é o psicólogo americano Jonathan Haidt, que escreveu "A Geração Ansiosa: Como a Infância Hiperconectada Está Causando uma Epidemia de Transtornos Mentais" (Companhia das Letras, 440 págs., R$ 74,90). O livro chega ao Brasil neste mês e há semanas é um dos mais vendidos nos EUA. Na obra, Haidt propõe que a superproteção dos pais no meio offline, aliada à liberdade no mundo online, estaria ajudando a formar uma geração ansiosa e com padrões de comportamento muito diferentes dos estabelecidos por centenas de anos no convívio em sociedade.

Para comprovar sua tese principal, de que o celular é parte essencial da crise global de saúde mental entre menores, Haidt apresenta índices de transtornos psíquicos em diversos países —estes revelam uma piora significativa em casos de suicídio, ansiedade, depressão e nas emoções de forma geral. A partir dessa constatação, ele investiga as causas do fenômeno e as atribui ao uso de celulares.

O livro traz índices para Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e países nórdicos. Não há dados para o Brasil; então, a **Folha** adaptou alguns levantamentos para a realidade local.

A incidência de transtornos e indicadores relativos à saúde mental foi investigada a partir de três bases de dados. A notícia não é boa: o Brasil segue a mesma tendência de piora para casos de suicídio, lesões autoinfligidas, ansiedade, depressão e sentimentos negativos de adolescentes no convívio escolar.

No caso do suicídio, problema historicamente mais masculino, um dado chama a atenção. Há uma evolução do problema entre meninas de 10 a 14 anos, com alta de 221%, de 2000 a 2021, contra aumento de 170% dos meninos.

Outra conclusão preocupante é uma queda no chamado senso de pertencimento escolar. No Brasil, 91,4% das crianças diziam fazer amigos com facilidade na escola no início do século, número que caiu para 86,3% em 2012 e despencou para 69,6% em 2022. A informação vem do Pisa, programa internacional de avaliação de estudantes coordenado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

A sensação de solidão também cresceu. Em 2000, 8,5% dos alunos afirmavam que se sentiam sozinhos. O número saltou para 26,6% em 2022. Além disso, no começo do século, só 1 em cada 20 estudantes se sentia estranho ou excluído. Em 2022, esse sentimento foi relatado por 2 em cada 10 alunos.

A Pesquisa Nacional de Saúde feita pelo IBGE mostra que a incidência de depressão cresceu em todas as faixas etárias entre 2013 e 2019, anos com dados disponíveis. Entre pessoas de 18 a 21 anos, a taxa de depressão passou de 2,47% para 6,23% (alta de 152,5%).

Para os indivíduos com 22 anos ou mais, a taxa aumentou de 8,12% para 10,57%, crescimento de 30,2%. Embora a depressão ainda seja menos comum entre os jovens do que nos adultos, essa aceleração está diminuindo a diferença.

O aumento de transtornos e do sentimento de solidão pode indicar dois caminhos: ou os jovens estão falando mais de suas emoções e procurando mais ajuda do que no passado, ou estão fazendo e recebendo diagnósticos errados.

"Embora o estigma sobre falar de saúde mental tenha diminuído, temos um novo risco, o do superdiagnóstico em um sistema de saúde que tem muitas fragilidades, como tempo escasso dos profissionais e uma simplificação excessiva. O risco é de um aumento expressivo, mas isso não significa que temos esse aumento tão grande de transtornos", diz Polanczyk, da USP.

É preciso ponderar que, mesmo que haja um excesso de diagnóstico, os índices mais graves, como de lesões físicas cometidas pela própria vítima e suicídio, também aumentaram mais entre os jovens do que entre os adultos.

Segundo o SUS, houve uma alta maior entre meninas de 10 a 14 anos em casos de suicídio e em internações de lesões do tipo, cujas notificações passaram a ser obrigatórias em 2011. Além disso, atendimentos de depressão tiveram alta de 663% nessa faixa etária contra alta de 301% para os meninos da mesma faixa etária. Em relação a ansiedade, o aumento foi de 398% para meninas dessa faixa, ante 251% dos meninos. Já no grupo de 15 a 19 anos, somente em casos de suicídio homens tiveram um aumento maior.

"Sabemos que meninas vão sofrer um efeito maior, especialmente se estiverem consumindo conteúdos que vão mexer com a autoestima delas, com a questão corporal, ou se elas passam por violências dentro das redes sociais", afirma a psicóloga Karen Scavacini, fundadora do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio e mestre em saúde pública na área de saúde mental pelo Karolinska Institutet, na Suécia.

"A relação desse jovem com a tecnologia é diferente da nossa. Eles precisam dessa sociabilização, e essa sociabilização tem acontecido muito pelas redes. Mas, infelizmente, eles ainda não sabem lidar com o que acontece lá dentro."

Para ela, o uso de mídias sociais sem orientação ou conscientização, combinado ao tempo de exposição às telas, pode ser relacionado a comportamentos de autoagressão, sintomas depressivos e de ansiedade, estresse, baixa satisfação com a vida e baixa autoestima. Crianças também se espelham nos pais, que precisam se educar sobre o tempo de tela na frente dos filhos.

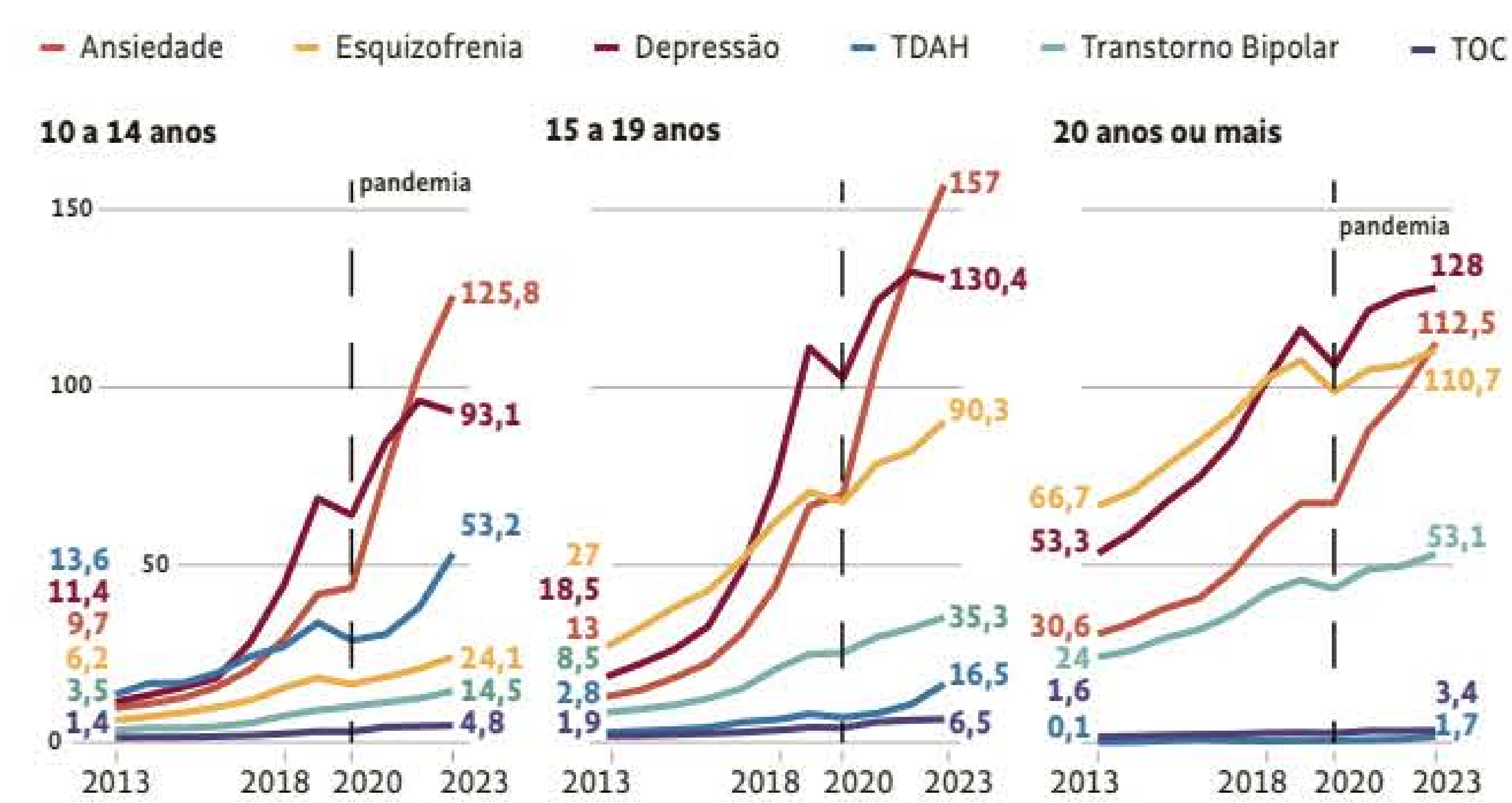
Candice L. Odgers, professora de psicologia da UC Irvine, na Califórnia, discorda do papel central da tecnologia na piora da saúde mental e afirma que Haidt distorce estudos para adequá-los à sua tese, segundo publicação de sua autoria na revista Nature. Ela sugere outros fatores, como discriminação estrutural, dificuldades econômicas e a epidemia de opioides, no caso dos EUA, como verdadeiras causas.

O autor contra-argumenta. Diz que as explicações de Odgers não se ajustam aos dados tão bem quanto a popularização dos smartphones e das redes sociais, que coincidem com a piora expressiva da saúde mental dos jovens em vários países.

"O ceticismo dos céticos seria mais convincente se tivessem uma explicação alternativa para o declínio global na saúde mental que ocorreu no início da década de 2010, mas eles não têm", disse. **Daniel Mariani, Paula Soprana, Nicholas Pretto e Marcella Franco**

Incidência de ansiedade no SUS entre crianças superou a dos adultos

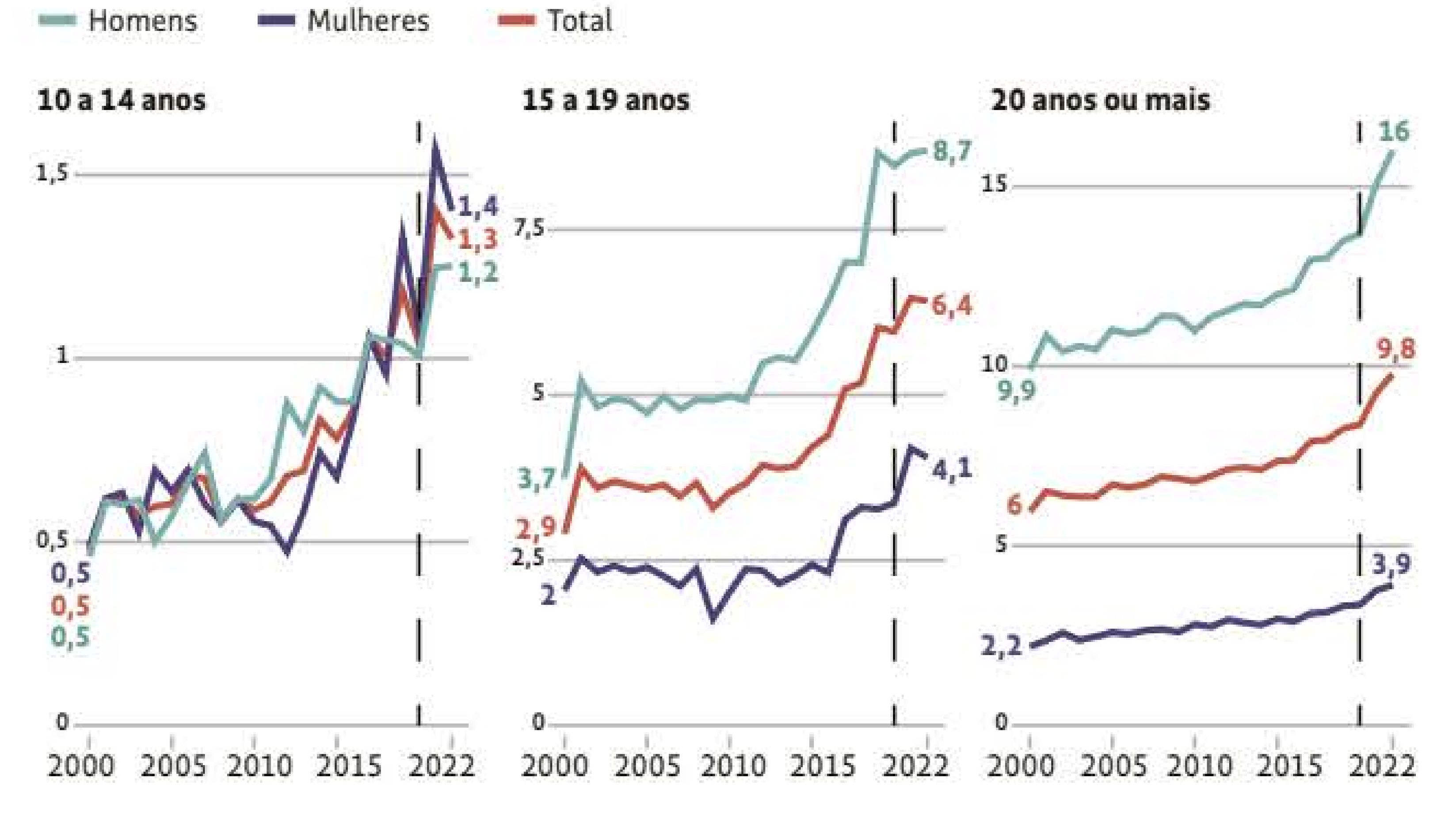
Pacientes atendidos pelo SUS, para transtornos selecionados
Taxa por 100 mil pessoas daquela faixa etária



Pessoas mais velhas sofrem mais com suicídio...
Taxa de suicídio por 100 mil pessoas, por faixa etária



...mas o crescimento foi maior entre os mais jovens
Taxa de suicídio por 100 mil pessoas, por faixa etária e gênero



Fontes: RAPS (Rede de Atenção Psicossocial) via Sistema de Informações Ambulatoriais e SIM (Sistema de Informação de Mortalidade)/SUS

‘Indústria do autismo’ induz políticas públicas, diz relatório

Pesquisadores alertam para criação de clínicas exclusivas para TEA no SUS

SAÚDE PÚBLICA

Cláudia Collucci

SÃO PAULO Relatório produzido por pesquisadores da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e da Rede de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes aponta para a existência de um complexo industrial do autismo atuante no país que influencia políticas públicas e se expande no mercado de bens e consumo.

O termo, inspirado na obra “The Autism Industrial Complex: How Branding, Marketing, and Capital Investment Turned Autism Into Big Business” (O Complexo Industrial do Autismo: como marcas, marketing e investimento de capital transformaram o autismo em um grande negócio, em uma tradução livre), da autora Alicia Broderick, define esse complexo como um sistema que trabalha para fabricar o autismo como mercadoria, transformando-o em matéria-prima para extração de lucro.

No campo da saúde pública, o documento sugere que tem havido um direcionamento financeiro e político de recursos para a criação de clínicas exclusivas para pessoas com TEA (transtorno do espectro autista), modelo que contrapõe a política de saúde mental do SUS, que defende um cuidado com base comunitária e intersetorial. O modelo, porém, é rebatido por especialistas e ativistas da causa.

Na saúde suplementar, o relatório chama atenção para a expansão das clínicas com destinação específica ao diagnóstico de autismo, a oferta de atendimento ultraespecializado e o impacto nos planos de saúde. Segundo dados do setor, os gastos com autismo, muitos amparados por decisões judiciais, já superaram os dos tratamentos de câncer.

Nos últimos meses, muitos contratos de autistas foram rescindidos, gerando queixas, investigações, ações judiciais e até proposta de criação de CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito). Nesta semana, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), anunciou um acordo com as operadoras que suspende essas rescisões.

No mercado de produtos e bens de consumo, o relatório aponta uma lista extensa, que passa por polivitamínicos específicos para autistas (sem nenhuma evidência científica para tal), acessórios, eletrônicos, brinquedos e mobiliário. Muitos são produtos comuns, que poderiam ser utilizados por qualquer criança, mas quando associados ao TEA passam a ter outro valor de mercado.

De acordo com o relatório, o autismo também se tornou uma estratégia de marketing, onde empresas hoteleiras, atrações turísticas, prefeituras, times de futebol, entre outros, usam a condição e seus símbolos para se promoverem sob discurso da inclusão.

Segundo Maria Cristina Ventura Couto, do Instituto de Psiquiatria da UFRJ e uma das autoras do documento, a proposta é despertar uma reflexão crítica sobre esse fenômeno, que envolve diferentes dimensões, mas que estão interconectadas.

“Todos esses elementos não têm garantido um cuidado qualificado e de ampliação de acesso, não conversam com a política pública baseada na defesa de direitos, na inclusão social, no pertencimento comunitário das pessoas e na responsabilidade do Estado.”

No SUS, os serviços referenciados para o tratamento do autismo são os Capsij (Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis) e os CERs (Centros Especializados em Reabilitação), que atendem todas as demandas de saúde mental e das deficiências, respectivamente.

Da parte de ativistas e especialistas em TEA, há muitas críticas sobre o cuidado oferecido na rede pública, como dificuldade de diagnóstico, falta de capacitação dos profissionais e uma lacuna de métodos terapêuticos específicos para o autismo.

“Temos hoje um SUS desnutrido, muitas vezes sem o devido preparo para atender pessoas autistas em serviços como Caps e CERs, e com filas que podem chegar a quatro ou oito anos por um neuropediatra”, diz a deputada estadual e ativista da causa Andréa Werner (PSB-SP).

Segundo ela, essas lacunas ajudaram a criar um gargalo que leva as pessoas a buscarem qualidade de vida com um plano de saúde. “Se o SUS tivesse sido devidamente alimentado nessas décadas com as melhores práticas baseadas em ciência, talvez muitas dessas famílias não tivessem também alimentado a ‘indústria’ da saúde suplementar.”

A deputada discorda de que exista uma indústria do autismo. “Existe o capitalismo, ainda mais quando se trata de uma deficiência que atinge ao menos 1 em 36 pessoas, e, portanto, falamos de muita gente que tem necessidades específicas que não estão sendo endereçadas pelo Estado.”

Por outro lado, o relatório aponta que o TEA vem sendo mais beneficiado do que outros transtornos ou deficiências. Por exemplo, em 2023, o Ministério da Saúde destinou R$ 540 milhões em recursos para criação de 120 núcleos especializados em autismo vinculados aos CERs. No mesmo ano, os 2.700 Caps (Centros de Atenção Psicossocial) de todos os tipos receberam R$ 344 milhões.

“Há uma demanda emergente e urgente para oficinas de órteses nos CERs, para que a pessoa com deficiência possa estar incluída na sociedade, mas isso foi retirado de cena porque optou-se, por exemplo, por uma zona sensorial para atender autistas”, diz Amanda Dourado, pesquisadora, professora de terapia ocupacional na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e que também assina o relatório.

Em nota, o Ministério da Saúde diz que a destinação desses recursos foi pactuada com estados e municípios e que os valores foram estimados de acordo com serviços já existentes e não se referem ao financiamento de novos centros. Diz ainda que, além dos 360 serviços habilitados para atender pessoas com deficiência, foram direcionados recursos para a construção de 29 novos CERs com intuito de ampliar o acesso aos serviços de reabilitação pelas pessoas com deficiência, incluindo aquelas com TEA.

No Legislativo, há uma proliferação de projetos de lei voltados para a temática do autismo. Na Câmara dos Deputados, por exemplo, existem mais de 300 propostas em tramitação. Só em 2023 foram 118, muitas dissociadas das políticas de saúde mental e que não conversam entre si.

> “
> **Pensar em serviço exclusivo para autista pode parecer uma boa ideia, mas, do ponto de vista do orçamento público, é uma catástrofe**
>
> **Amanda Dourado**
> pesquisadora

“Há muita coisa que atende a demandas imediatistas. Em ano de eleições municipais, a questão do autismo tem se tornado uma espécie de capital político”, diz a pesquisadora Bárbara Costa Andrada, outra autora do relatório.

De acordo com Amanda Dourado, embora o autismo seja um campo complexo, ele deve ser tratado dentro de uma política maior de saúde mental. “Pensar em serviço exclusivo para autista pode parecer uma boa ideia, mas, do ponto de vista do orçamento público, é uma catástrofe. Esse recurso vai sair da política da infância, da atenção básica, da saúde mental, da deficiência. A arquitetura tem que ser condizente com a arquitetura do SUS.”

Para a pesquisadora Ilana Katz, que integra a rede de pesquisas em saúde mental, a capilarização dos poucos recursos da saúde mental para políticas idealizadas de atenção total só ao autismo, em uma única instituição, destitui a possibilidade de se implementar as políticas públicas já desenhadas para esse fim e que envolvem outros atores, como as escolas.

“Faz entender que o cuidado do autismo é uma questão exclusiva do campo da saúde. O cuidado precisa ser necessariamente intersetorial, o que só é feito por política pública.”

A psicóloga Cristina Dacal, gestora do Capsij na Capela Socorro, zona sul de São Paulo, também defende que é preciso pensar no paciente com TEA para além das instituições de saúde. “A pessoa com TEA precisa que a sociedade esteja junto.”

Em 2022, o município de São Paulo adotou uma linha de cuidados para o autismo que prevê atendimentos na atenção primária à saúde, nos AMEs (Ambulatórios Médicos de Especialidades), nos CERs e nos Caps, dependendo do nível de suporte que a pessoa precisa. “A UBS é a porta de entrada, vai articular com todos os serviços”, diz Nathalia Monteiro, assessora técnica da área da saúde da pessoa com deficiência da Secretaria Municipal de Saúde.

Adriana de Oliveira, da divisão de saúde mental da pasta, afirma que as intervenções acontecem a partir das demandas e das barreiras enfrentadas pelas pessoas com TEA. Por exemplo, se a dificuldade é de se alimentar e tomar banho sozinho, o CER vai trabalhar essas habilidades.

Já os Caps atuam dentro das dificuldades com habilidades sociais e laços familiares, diz Cristina Dacal. Para ela, é importante que o trabalho terapêutico no SUS seja pensado em conjunto com serviços e cuidados que existem naquela região e dentro do que é possível para a família.

“Isso também está ligado a como essas pessoas moram, como vivem, quais os recursos e como vão alcançar o serviço de saúde”, afirma Dacal.





Criança com TEA (transtorno do espectro autista) faz acompanhamento na AME Dr. Milton Aldred, no Grajaú, em São Paulo Danilo Verpa/Folhapress

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Tocou na banda Nenhum de Nós e cultuou a família

JOÃO VICENTE VIEIRA DOS SANTOS (1965 - 2024)

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO Ainda criança, João Vicente teve contato com a música por incentivo do pai, o gaiteiro e folclorista Lídio Vieira dos Santos. Aos sete anos, passou a frequentar aulas de piano em um CTG (Centro de Tradições Gaúchas).

Em 1983, conheceu Veco Marques, guitarrista da banda Nenhum de Nós, em um festival de música nativista —ambos receberam troféus de melhores instrumentistas. O tempo passou e, sete anos mais tarde, surgiu a oportunidade de se apresentar com os roqueiros, naquela altura já famosos pelos hits “Camila, Camila” (1987) e “Astronauta de Mármore” (1989).

Com o lançamento do disco “Extraño” (1990), passou a fazer participações especiais em shows. Pouco depois, os músicos resolveram incorporar o acordeão na banda. Foi quando Veco Marques indicou o gaiteiro cabeludo que havia conhecido em um festival.

João Vicenti nasceu João Vicente Vieira dos Santos, em São Gabriel (RS). Seu nome foi homenagem dos pais aos avós (João e Vicenti). Foi daí que o músico aderiu ao nome artístico grafado com a letra “i”.

Entre as primeiras apresentações com o Nenhum de Nós está o Rock in Rio de 1991, no estádio do Maracanã. Ele foi oficializado como membro da equipe no lançamento do disco “Mundo Diablo” (1996).

“Trocamos figurinhas sonoras, eu passando uma visão mais roqueira, ele, uma visão mais tango e folclore, ancorado no seu ídolo maior: Astor Piazzolla”, diz Veco Marques.

João Vicenti também era um homem dedicado à família. Em 1992, ele conheceu Carla Beatriz Scherer Monteiro, com quem iniciou um namoro. O casal passou um tempo separado, mas voltou a se reencontrar em 2009, quando o matrimônio foi oficializado.

Da relação nasceu João Vicente, 10. Após o filho ser diagnosticado com autismo, Carla conta que seu marido passou a levantar a bandeira sobre a condição. “Era o grande amor da minha vida. Ele era uma pessoazinha de luz, todo mundo adorava ele. A gente não saía muito depois do diagnóstico do Joãozinho, não viajava mais, mas a nossa casa estava sempre cheia de alegria, de gente, a gente festejava sempre a vida. Esse era o João… Não tinha uma pessoa que não o amasse”, disse.

João Vicenti também se dedicava às artes marciais —kendo-kenjutsu, combate com espadas, e iaijutsu, arte samurai do saque de espada. E era faixa preta de judô.

O gaiteiro morreu aos 58 anos no dia 26 de março. Estava internado em Porto Alegre para o tratamento de um câncer de rim. Deixa também os filhos João Pedro, Bibiana, Vicente e Raphael, de relacionamentos anteriores.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Orçamento estadual ignora o ensino infantil

Levantamento aponta que governos de 12 estados não descrevem verbas específicas para creches e pré-escolas

Mariana Brasil e Paulo Saldaña

BRASÍLIA Doze governos estaduais não mencionam termos ligados à educação infantil em suas leis orçamentárias. Creches e pré-escolas são de responsabilidade de municípios, mas a legislação prevê aos estados suporte financeiro às prefeituras —sobretudo diante da realidade de dificuldades financeiras e técnicas da maioria dos municípios.

Sete dos 12 estados são das regiões Norte e Nordeste, com maiores desafios. Apenas 2 estados, Mato Grosso e Piauí, preveem recursos para etapa em todas as fases dos orçamentos, o que indica preocupação orçamentária a curto e longo prazo. As informações estão em levantamento do Instituto Articule, obtido pela **Folha**, em que se analisa as três fases do orçamento: LDO (Leis de Diretrizes Orçamentárias), LOA (Lei Orçamentária Anual), ambas de 2024, e PPA (Plano Plurianual).

A LDO aponta quais são as prioridades para o ano seguinte, enquanto a LOA é a que estabelece valores de despesas e receitas. Já o PPA define metas e previsão de recursos para um período de quatro anos —foram analisados os planos com vigência de 2024 a 2027.

O Articule analisou a menção a termos como creche, pré-escola, educação infantil e primeira infância nos documentos orçamentários feitos pelas gestões. Nenhuma dessas expressões é citada nas três leis dos seguintes estados: Acre, Amapá, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.

A falta de vagas em creche é um dos principais gargalos da educação brasileira. O país tem 2,3 milhões de crianças de até 3 anos fora das escolas por alguma dificuldade de acesso ao serviço, segundo levantamento de 2023 do Movimento do Todos pela Educação.

Os maiores índices de exclusão de crianças de creches estão nas regiões Norte e Nordeste. Um dos exemplos é o Acre (48%), que não prevê a educação infantil em seus orçamentos. Além dele, índices altos são vistos em Roraima (38%), Pará (35%) e Piauí (33%).

São dez os estados que mencionam os termos da educação infantil na LOA 2024. No PPA, de 2024 a 2027, o número cai para 9, e na LDO, para 4. No estado de São Paulo, por exemplo, o tema aparece na LOA, mas é ignorado no PPA.

"Temos no país um percentual de crianças, sobretudo aquelas que mais precisam, sem acesso à creche. E os municípios têm muitas dificuldades financeiras para dar vazão sozinhos a essa missão, a esse direito", diz a advogada Alessandra Gotti, presidente executiva do Instituto Articule.

"Há uma divisão de tarefas previstas, mas é fato também que a nossa Constituição prevê que as crianças têm prioridade absoluta na garantia dos seus direitos, dentre esses, à educação", afirma.

O levantamento foi feito diretamente nos textos disponibilizados pelas Assembleias Legislativas e Diários Oficiais.

O professor Rubens Barbosa, da Associação Nacional de Pesquisadores em Financiamento da Educação, diz que é preciso mudar a cultura política para que os estados cumpram com a sua colaboração.

Os governos estaduais só foram obrigados a contribuir com os municípios na educação a partir de uma emenda constitucional de 1996, que previu a redistribuição dos recursos fiscais dos estados e municípios destinados ao ensino fundamental.

"Os estados têm que fazer leis sobre como distribuir o ICMS [Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços] obrigatoriamente para a melhoria de índices educacionais. Como a maior parte dos municípios cuida da educação infantil, a maior parte vai para a educação infantil", diz Barbosa.

Questionado, o Consed (conselho que representa as secretarias de educação estaduais) diz estimular que as gestões apliquem a legislação e afirma que entende que a alfabetização das crianças requer um esforço conjunto.

"Isso facilita a condição de conhecimento e aprendizagem que os alunos chegam no ensino fundamental e no ensino médio", diz Roberta Barreto, do Conselho.

A presidente do Articule ressalva que os investimentos para a educação infantil podem, em alguns casos, estar incluídos e misturados em outros orçamentos. Para ela, isso não é adequado. "Se é para construção de creche, precisa estar na rubrica da educação, porque é a primeira etapa da educação básica", diz Gotti.

"Creche é um serviço a ser prestado para as crianças na garantia do direito à educação, não como uma assistência social", complementa ele.

Procurado, o MEC (Ministério da Educação) diz que os estados estão inclusos no pacto federativo, que prevê a oferta pública de educação infantil como responsabilidade dos municípios em parceria com os estados e com a União.

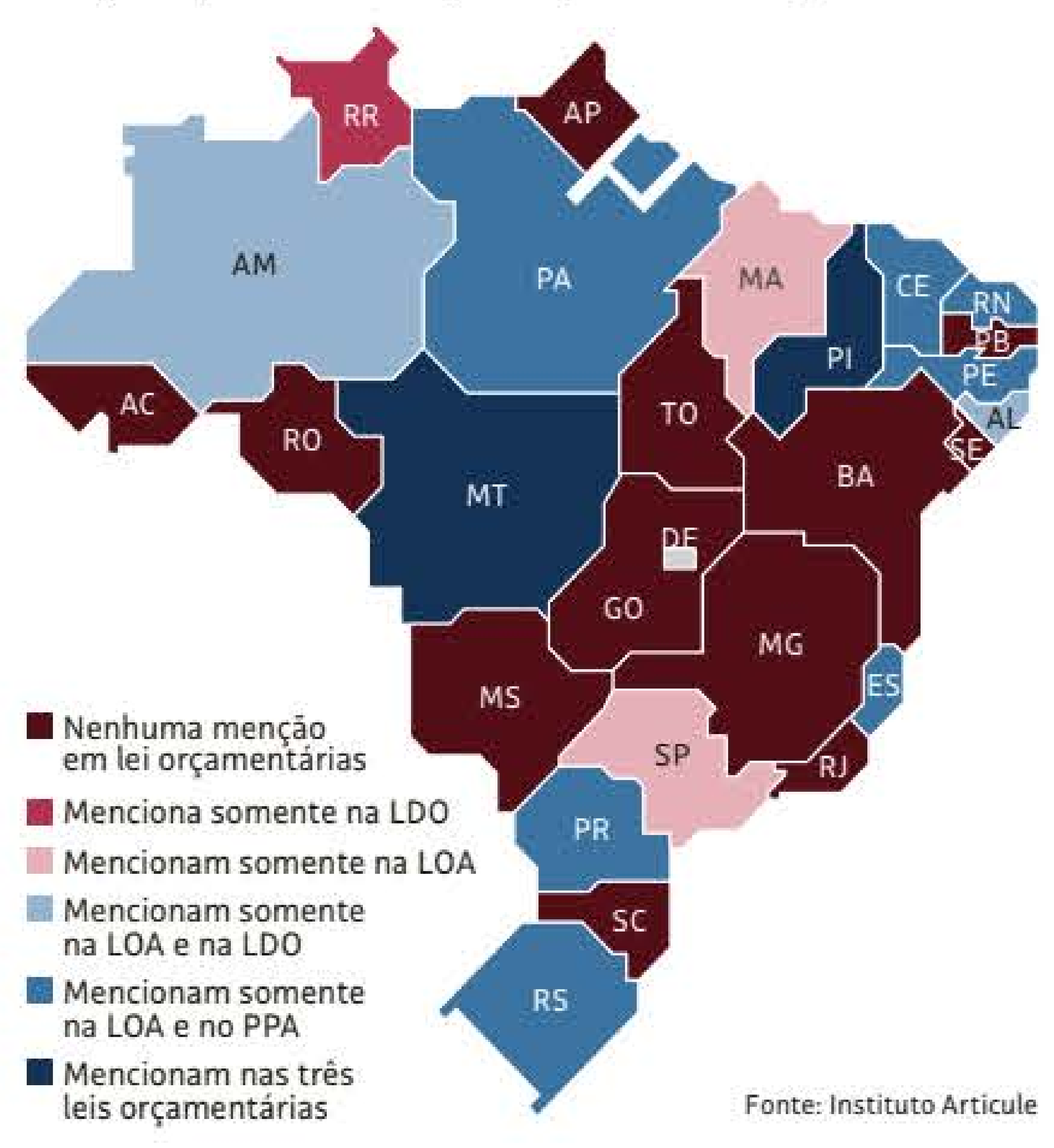
Da mesma forma, o ministério também é obrigado a colaborar no processo. O governo Lula (PT) prometeu ano passado destravar obras de educação paradas, mas até agora nenhuma foi retomada, como a **Folha** revelou. São 1.317 obras de creches e pré-escolas paradas (35% do total).



Crianças em escola municipal de ensino infantil de São Paulo Jardiel Carvalho - 31.ago.23/Folhapres

Doze estados brasileiros não citam educação infantil em seus orçamentos

Estudo analisa menções sobre creches, pré-escola, educação infantil e primeira infância na LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias), LOA (Lei Orçamentária Anual) e PPA (Plano Plurianual)



Fonte: Instituto Articule

Dos estados que não declararam a educação infantil em nenhuma das três leis, o Rio de Janeiro informou dar apoio financeiro à educação dos municípios em casos de necessidades específicas. A Bahia disse ter elaborado, no Plano Plurianual 2024-2027, programa de apoio às redes municipais com assessoramento técnico-pedagógico e financeiro.

O Tocantins disse firmar parcerias para o desenvolvimento da educação infantil. Minas Gerais informou que a colaboração com os municípios está detalhada nos textos de programas e projetos previstos na Lei Orçamentária Anual de 2024.

Acre, Amazonas e Paraná alegaram apenas que a responsabilidade da educação básica cabe aos municípios e que, por isso, termos vinculados à área não foram encontrados em seus orçamentos.

São Paulo informou trabalhar em cooperação com os municípios e firmou programa de alfabetização junto a esferas municipais com foco em crianças até 7 anos. No programa, o estado arca com material didático e formação de professores.

Pará, Rio Grande do Sul e Maranhão informaram que as prioridades e destinações à educação infantil constam no PPA. Nele, estão apoios a construções de creches, programas de alfabetização, capacitação de professores e gestores, entre outros.

O Ceará disse investir na área por meio de um programa dos ensinos infantil e fundamental, que inclui desde concessão de bolsas até aquisição de equipamentos de centros de educação infantil.

A Secretaria de Educação do Espírito Santo disse que conta com "o Fundo Estadual de Apoio à Ampliação e Melhoria das Condições de Oferta da Educação Infantil (Funpaes)".

A Secretaria de Sergipe disse que lançou um programa de apoio aos municípios para "construção e garantia de funcionamento de 75 creches-escolas" nos próximos anos.

Todos os estados foram procurados. Alagoas, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima e Santa Catarina não responderam.

Via Dutra terá interdições na serra das Araras para explosões em obras

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Iniciadas em abril, as obras para ampliação da serra das Araras, no trecho da rodovia Presidente Dutra (BR-116) entre Piraí e Paracambi, no Rio de Janeiro, entram em uma nova fase na próxima quarta-feira (5). As pistas de subida e descida terão interdições programadas para a detonação de rochas e a ampliação de faixas para veículos.

Atualmente, as duas vias dividem o tráfego por oito quilômetros na serra —do km 233 ao km 225— entre a subida, no sentido São Paulo, e a descida para o Rio de Janeiro.

A ampliação vai contar com 24 novos viadutos para suavizar curvas, rampas de escape na descida para caminhões, passarelas e pontos de ônibus na ligação entre as duas maiores cidades do país.

O prazo estimado para a conclusão das obras é 2029, nas quais será investido R$ 1,5 bilhão, parte dos cerca de R$ 15 bilhões previstos em investimentos na Dutra ao longo dos 30 anos de concessão. O objetivo é que tanto subida quanto descida sejam feitas pela atual pista de subida no sentido São Paulo.

Ao fim da intervenção, a pista usada hoje para descida será mantida para uso dos moradores da região e para operações de emergência.

A detonação de rochas começa no km 230, pista de subida, na altura de Paracambi, a 86 km da capital fluminense. Segundo a CCR RioSP, concessionária que opera a via Dutra, as interdições foram programadas para o período de 11h30 às 13h30, de segunda a quinta-feira.

Já a pista de descida deve ser interditada por menos tempo, entre 12h15 e 12h45. Isso porque ela só deve ser fechada para que as equipes possam monitorar os primeiros procedimentos de implosão. O período foi escolhido por ser a hora de almoço, de acordo com a empresa, e registrar menos movimento. A concessionária registra um fluxo diário de 14 mil veículos —9.000 leves e 5.000 pesados.

Para o gerente de engenharia e obras da CCR RioSP Virgilius Morais, as intervenções vão resolver um problema de segurança que foi agravado pela defasagem da via ao longo dos anos.

"É um trecho crítico numa parte da Dutra que liga Rio de Janeiro e São Paulo, com oito quilômetros e 380 metros de altura. Construída na década de 1920, essa pista de descida não atende mais as condições de logística e de trânsito a passeio."

De acordo com o engenheiro, responsável pelas obras na serra das Araras, a via registra uma média anual de 200 ocorrências, entre acidentes e reparos em veículos. Com a ampliação das faixas, caminhões de cargas especiais, como os muito grandes, não vão mais precisar descer pela pista de subida durante a noite, o que dificulta a logística e causa transtorno a motoristas que trafegam para São Paulo.

O projeto foi licenciado pelo Inea (Instituto Estadual do Ambiente) e pela ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres). Em comunicado, a agência reforçou a orientação para que moradores, comerciantes da região e motoristas em geral programem viagens para evitar os horários de suspensão do tráfego nas vias, e pediu que todos se atentem às sinalizações no trajeto.

Nas duas últimas semanas do mês, a frequência deve ser de dois dias. No pico, a obra terá 34 pontos de trabalho.



Djidja Cardoso foi do Boi Garantido @djidjacardoso no Instagram

Ex-sinhazinha do Boi Garantido é encontrada morta

João Pedro Pitombo

SALVADOR A Polícia Civil do Amazonas prendeu nesta quinta (30) quatro suspeitos de participarem de uma seita religiosa que seria responsável por distribuir e incentivar o uso ilegal da ketamina, droga sintética veterinária.

Entre os presos estão Cleusimar Cardoso Rodrigues, 53, e Ademar Farias Cardoso Neto, 29, mãe e irmão de Dilemar Cardoso, 32, a Djidja Cardoso.

"Vamos pedir fazer o incidente de insanidade mental, considerando que a mãe acredita ser Maria, e o filho acredita ser Jesus. É uma situação muito complicada e triste", afirmou o advogado dos dois, Vilson Benayon.

Djidja foi encontrada morta em casa na última terça-feira (28). Ela atuou entre 2016 e 2020 como a personagem sinhazinha do Boi Garantido no Festival Folclórico de Parintins.

A polícia suspeita que a morte tenha sido por overdose de ketamina. Contudo, ainda não é possível afirmar se há correlação entre a atuação da seita e a morte da empresária.

A Polícia Civil investigava havia cerca de 40 dias a existência da seita.

INÊS 249

Desenraizamento institucional

Nesta semana assistimos a um festival de deslealdades com o Estado de Direito

Oscar Vilhena Vieira

Professor da FGV Direito SP, mestre em direito pela Universidade Columbia (EUA) e doutor em ciência política pela USP. Autor de 'Constituição e sua Reserva de Justiça'

O ambiente institucional brasileiro vem passando por um preocupante processo de degradação na última década, que se reflete numa dificuldade cada vez maior de a lei servir como instrumento de determinação de condutas e estabilização de expectativas. E onde a lei não impera, prevalecem o arbítrio, a violência, o oportunismo, o mandonismo e uma perversa forma de extrativismo institucional.

A fragilidade do direito brutaliza a vida das pessoas, especialmente daquelas que estão mais vulneráveis ao crime, ao arbítrio e à negligencia do Estado ou mesmo à ação predatória de algumas poderosas corporações. A fragilidade da lei deteriora a eficácia das políticas públicas, das instituições democráticas e, por consequência, a confiança na democracia. A fragilidade da lei, por fim, reduz a eficiência dos mecanismos de mercado, inibe investimentos e emperra processos de desenvolvimento econômico e social mais sustentáveis e equitativos.

É fato que a lei jamais foi levada muito a sério entre nós. A indecente e persistente desigualdade, a perversa "cordialidade", o patrimonialismo têm conspirado incessantemente contra um enraizamento mais profundo do império da lei nessas paragens. O pacto constitucional de 1988, no entanto, favoreceu algum avanço no fortalecimento de nossas instituições. Esse processo positivo, ainda que ambíguo, começou a descarrilhar a partir de 2013, desaguando na tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito, em 8 de janeiro de 2023. Se é verdade que sobrevivemos, ainda que por um triz, o processo de degradação do Estado de Direito não foi interrompido.

Importa lembrar que direito não tem força própria. Sua efetividade depende, primariamente, dum delicado equilíbrio entre aqueles que têm poder na sociedade. Sem que os poderosos se convençam de que é mais vantajoso resolver suas disputas e conflitos por intermédio das regras do jogo, o Estado de Direito não para de pé. Quando esse equilíbrio político não é alcançado ou se rompe, a vida social, política e econômica se degradam.

A efetividade do governo das leis também depende da disposição daqueles que habitam as suas instituições em cumprir com suas responsabilidades de elaborar, implementar e aplicar as leis de maneira correta e consistente. Quando as instituições responsáveis pela produção e aplicação do direito não cumprem com suas atribuições, o direito deixa de ser um instrumento crível para contribuir com a coordenação pacífica da sociedade. Sem que os detentores do poder vejam vantagem em resolver seus conflitos de acordo com as regras do jogo, o Estado de Direito não sobrevive.

Nesta semana assistimos a mais um festival de deslealdades com o nosso combalido Estado de Direito patrocinadas por maiorias parlamentares, governadores de estado e até ministro do Supremo. A resistência às câmeras policiais, a implosão de acordos de delação, o jogo perverso de vetos são apenas exemplos dessa insurgência contra o direito, por parte de quem jurou defender e garantir a Constituição e as leis.

Essa completa falta de cerimônia, manipulação ostensiva e desrespeito à legalidade têm aprofundado uma perigosa sensação de anomia —de ausência de regras—, gerando um ambiente em que prevalecem apenas as lógicas da dominação, do arbítrio e do ardil. Romper esse círculo vicioso de degradação da legalidade é hoje nosso maior desafio. Sem o enraizamento do império da lei, dificilmente alcançaremos soluções para os outros enormes desafios que temos pela frente.

DOM. **Antonio Prata** | SEG. Marcia Castro, Giovana Madalosso | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Moradores de Canoas voltam para casa e calculam prejuízos

Nível do rio dos Sinos baixa, e estragos ficam aparentes na cidade gaúcha

Felipe Prestes



Sandro Duarte em seu pet shop no bairro Mathias Velho, em Canoas Carlos Macedo/Folhapress

CANOAS (RS) Com a diminuição do nível do rio dos Sinos, em Canoas (RS), grande parte do bairro Mathias Velho já está seca e, em frente às casas, onde antes havia muita água, agora há pilhas de móveis, colchões, brinquedos, livros e outros objetos.

Em um mercado, o cheiro forte de carne estragada sendo retirada de caminhão é sentido a metros de distância. Guinchos recolhem carros danificados pelas águas. Entre os cerca de 50 mil habitantes que vivem no maior bairro de Canoas, o sentimento é de tristeza com a tragédia, mas também de determinação para reconstruir a vida.

"Temos familiares no interior querendo nos levar para lá, mas a nossa ideia é ficar aqui, tentar reconstruir. É um bairro muito populoso, tinha uma boa infraestrutura, tinha tudo que a gente precisava aqui", disse Sandro Duarte.

Proprietário de um pet shop, onde perdeu quase tudo, ele agora distribui currículo para empresas da região em busca de emprego. "Tem que engolir o choro e olhar para a frente porque, além da tristeza, a gente não sabe qual a perspectiva dos próximos dias. Quando abri meu comércio eu estava no zero, agora estou no negativo."

A avó de Sandro chegou ao Mathias Velho há décadas e hoje a numerosa família da matriarca tem 16 casas no bairro. No terreno em que Sandro tem o pet shop e vive com a esposa e duas filhas, moram ainda seus pais, sua irmã e a sobrinha, a pequena Heloísa, que usava mini luvas e botas. "Não encosta em nada", orientou o avô, Sérgio, na última quarta-feira (29), enquanto a família se mobilizava na limpeza dos imóveis tomados pelo barro.

A Prefeitura de Canoas começou na terça (28) a limpeza nos bairros Mathias Velho e Centro. Antes, esse trabalho já havia sido iniciado nos bairros São Luís, Mato Grande e Fátima.

A movimentação era grande na casa de Adriana Gabriella da Silva, empresária e consultora financeira. Colegas de uma empresa para a qual ela presta consultoria se deslocaram de Porto Alegre para ajudar na limpeza. Também se somaram parentes e vizinhos. "A gente fez um mutirão porque não dá conta de limpar sozinho", disse.

Amigos entravam na casa e saíam com peças de madeira, que jogavam em uma enorme pilha na calçada.

"Os móveis planejados estavam grudados na parede, a gente precisa de muita força para tirar", disse Adriana. Para a empresária, os bens perdidos não são meros objetos. "Não são só bens materiais, é toda a história da tua família. Eu perdi minha irmã há alguns anos, ela conviveu comigo dentro desta casa. Esses móveis me trazem lembranças de uma família reunida, numa mesa que foi destruída, num sofá que foi destruído."

Um dos vizinhos que ajudava no mutirão era o motorista Luciano Chaves Macedo. Morador de uma casa de um piso, conta que só salvou geladeira, máquina de lavar e fogão porque colocou esses eletrodomésticos no segundo andar da casa de uma vizinha. "Muito triste, nossa casa está puro lixo. Entrou um turbilhão para dentro de casa, ficou tudo revirado."

Mesmo com essa situação, Luciano e a esposa, Cristiane Denicoll, já voltaram a dormir em casa, deitados no chão —o antigo colchão do casal agora está na calçada, esperando o caminhão do lixo. Além do temor de possíveis saques, pesou o constrangimento de estar na casa da filha de Cristiane por tanto tempo, com cinco gatos e um cachorro. "A gente fica tirando a privacidade dos outros", disse Luciano.

Demitido em plena tragédia climática, o motorista afirmou que tem contado com a distribuição de cestas básicas para sobreviver e que não vai deixar o bairro, onde mora desde que nasceu. "Vou ficar, não temos para onde ir."

Em uma região em que tantos precisarão reconstruir suas casas e o que havia nelas, centenas de móveis foram perdidos por Alessandra Anderle, proprietária de uma loja no Mathias Velho desde 2005. Ela não sabe precisar quantos móveis foram perdidos. "Eu tinha arrumado tudo para o Dia das Mães, mandei vir mercadorias novas, coisas diferentes de cozinha, armários diferentes. Perdi tudo da loja e do depósito", lamenta.

Alessandra diz que vendia móveis "do barato ao caro", mas pretende recomeçar de forma diferente. "Só vou vender coisas mais baratas, porque o povo está todo sem dinheiro, não adianta eu botar móveis caros", afirma.

Com ajuda da filha, do genro e de um amigo, ela limpava a loja mantendo o bom humor.

"Eu já entrei aqui na loja para dar jeito na vida. Chorei tudo o que tinha para chorar na casa do tio do meu marido, onde ficamos durante a enchente, e agora é bola pra frente. No dia do meu aniversário eu nasci de novo, quando fui resgatada de barco pelos bombeiros. Agora vamos começar de novo, não temos outra coisa para fazer."

Água baixa, mas aeroporto da capital ainda tem inundação

Leonardo Vieceli

PORTO ALEGRE O nível da água baixou no Aeroporto Internacional Salgado Filho, na zona norte de Porto Alegre, mas áreas externas e de acesso ao terminal ainda apresentam pontos de alagamentos.

Vias da região como a avenida dos Estados seguiam com trechos inundados na manhã desta sexta-feira (31). O mesmo quadro era registrado no pátio do aeroporto. Esse cenário podia ser visto a partir de uma passarela que fica do lado de fora do Salgado Filho.

Com a redução do nível da enchente, também era possível observar que carros de locadoras próximas ao empreendimento foram atingidos pela água barrenta.

A concessionária Fraport, responsável pelo Salgado Filho, diz que conseguiu acessar a pista do aeroporto recentemente, mas diz que "muitas áreas" seguem alagadas. "Nossa expectativa é que na próxima semana consigamos iniciar os testes técnicos e de solo para avaliar o impacto na pista", disse a empresa, que não autorizou a entrada da reportagem no aeroporto.

A companhia afirma que a água já deixou a parte interna do terminal e que está iniciando o trabalho de avaliação dos impactos no local. "A equipe da Fraport está permanentemente dentro do terminal zelando pelo espaço e tomando as primeiras medidas de limpeza", diz.

O Salgado Filho paralisou pousos e decolagens na noite do dia 3 de maio devido à tragédia climática no Rio Grande do Sul. O fechamento trouxe uma série de dificuldades para o transporte de pessoas e de mercadorias no estado.

Em uma tentativa de atenuar o quadro, arrozeiros cederam bombas para auxiliar na drenagem da água acumulada em regiões como a do aeroporto.

Os equipamentos entraram em operação no local no último sábado (25), de acordo com a Federarroz (Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul). "O setor arrozeiro, através da experiência e dos equipamentos que possui, se prontificou a contribuir com a sociedade gaúcha na drenagem das águas", disse o presidente da entidade, Alexandre Velho, em nota.

O Salgado Filho deve continuar interditado pelo menos até o dia 10 de agosto, segundo informação que consta em um Notam (aviso ao aviador, em tradução livre), documento emitido pelo Decea (Departamento de Controle do Espaço Aéreo), órgão ligado à FAB (Força Aérea Brasileira).

Enquanto a reabertura não ocorre, a Fraport atua na operação de voos comerciais na base aérea de Canoas. A ação, que começou na segunda (27), tenta gerar algum alívio para o caos logístico criado pelas cheias.

Cerrado já está mais quente e seco em consequência do desmatamento

Cenário deve piorar com aquecimento global; faltam medidas contra a destruição, dizem cientistas

Jéssica Maes e Lalo de Almeida

GILBUÉS (PI) E CORRENTINA (BA) Mesmo durante a temporada de chuvas no cerrado, a vegetação é esparsa no maior núcleo de desertificação do país, em Gilbués, no extremo sul do Piauí. Reina o silêncio. O canto de alguns pássaros que se abrigam nas poucas árvores é quase encoberto pelo assobio do vento, que traz nuvens cinzentas.

"Aqui na seca fica tudo vermelho, tudo vermelho. Caem as folhas das árvores e fica tudo muito seco. Mas não desanima a gente, não", diz Celi Aguiar, 63, professora da rede municipal de ensino da cidade, que fica a 766 km da capital, Teresina.

Os meses chuvosos, que normalmente vão de outubro a março, são considerados o "inverno" do bioma e ajudam a aplacar as altas temperaturas. "O calor aumentou muito, muito, muito. Especialmente do ano passado para cá", conta ela, que mora em Gilbués desde a infância.

"Antigamente o inverno era mais intenso e mais extenso. Mas este ano, por exemplo, nós passamos um aperto grande achando que não ia chover quase nada. Aí, de repente, teve uns 20 dias de chuva e foi bom, mas agora nós já estávamos com seca de novo – até que voltou a chover na semana passada", diz.

A reportagem visitou a região no final de março, sob chuva. A água que desaba do céu transforma em lama a terra vermelha, que gruda na sola dos sapatos e faz deslizar até mesmo carros tracionados.

Concentrada, a chuva também leva parte do solo da região, carregando nutrientes e formando imensas voçorocas.

"Essas voçorocas dão muito prejuízo ao rio Parnaíba, porque os pequenos riachos levam as águas [cheias de barro] para o rio Gurgueia e o Gurgueia leva para o Parnaíba", explica Aguiar. O Gurgueia é um dos principais afluentes do Parnaíba.

Chamadas de "malhadas", as voçorocas marcam a paisagem do município. É no meio delas que a professora e o marido, Ubiratan Lemos, 64, têm um pequeno sítio, onde criam galinhas e cabeças de gado.

Pequenas propriedades, como a deles, pipocam aqui e ali no meio das malhadas, cultivando milho e capim de corte, para servir de alimento para os animais. Nas chapadas que rodeiam o município, no entanto, são as grandes fazendas de grãos.

A chuva também pode ser enganosa, disfarçando o avanço do clima árido — caracterizado pelo aumento do calor e da secura— no município.

Segundo dados do Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais), no período de 1960 a 1990, o índice de aridez no município era de 0,66, equivalente ao clima sub úmido seco. Já entre 2010 e 2020, havia caído para 0,52, mais próximo do semiárido —quanto menor o indicador, mais seco e quente é o clima.

"O índice de aridez ao longo dessas décadas tem indicado que [o clima em Gilbués] está se tornando um clima mais seco. Com um clima mais quente e seco, o processo de desertificação pode ser acelerado", explica a física Ana Paula Cunha, do Cemaden.

Cunha foi uma das pesquisadoras responsáveis por análise feita em 2023, em parceria com o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), que constatou o avanço das condições áridas pelo país. Uma parcela importante desse aumento se deu no cerrado.

A diminuição das chuvas na região anda de mãos dadas com o desmatamento. A remoção da vegetação nativa, além de prejudicar a recarga dos aquíferos no subsolo (de cima para baixo), reduz a quantidade de umidade que as plantas jogam na atmosfera (de baixo para cima). E o cerrado já perdeu 46% de sua cobertura original.

"Só essa mudança de uso da terra, com a conversão de campos, savanas e florestas [para pastagens e lavouras], já contribuiu para reduzir a evapotranspiração —ou seja, diminuiu a transferência de vapor de água da vegetação para a atmosfera, tornando a atmosfera mais seca— e já aumentou a temperatura superficial no cerrado em 0,9°C, quase 1°C", explica Mercedes Bustamante, professora da UnB (Universidade de Brasília).

"Isso significa que, sem contar o aquecimento global, só as mudanças de uso da terra já tornaram o cerrado mais quente e mais seco", diz a especialista, que integra o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), vinculado à ONU e maior referência científica em clima.

Ela se refere a um estudo de 2022, orientado por ela, que analisou o período de 2006 a 2019 e também apontou que a evapotranspiração anual no bioma teve redução de 10%. Mas isso é uma média.

Analisando isoladamente diferentes tipos de vegetação do cerrado, os números são ainda maiores. O desmate em regiões florestais para substituição por cultivos já levou a um aumento de 3,5°C e reduziu a evapotranspiração em cerca de 44%, enquanto a conversão de savanas em lavouras elevou a temperatura em 1,9°C e diminuiu a evapotranspiração em 27%.

A professora, destaca que o cenário é mais crítico no Matopiba, região onde se encontram os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Simultaneamente, a área abriga as maiores porções de cerrado conservado e é considerada a mais recente fronteira do agronegócio, concentrando 72% dos 11 mil km² derrubados no bioma em 2023.

É no centro do Matopiba que fica Gilbués, assim como o município baiano de Correntina, onde os relatos de aumento do calor e da falta de chuva se repetem.

"A gente já viveu aqui 40 dias e 40 noites de chuva. Você não conseguia secar uma roupa. Hoje em dia, não. Chuva é passageira. O que prevalece aqui para nós é o sol, sempre sol", afirma Aliene Barbosa e Silva, 43.

Ela é filha de agricultores, mas teve que abandonar o cultivo devido à imprevisibilidade do clima e à diminuição da vazão dos rios que passam pela propriedade.

"Fica difícil ter produção, mesmo plantando aqui no alto, com água encanada. Devido ao calor, ao sol ser muito quente, não há uma produção 100%."

O mais recente relatório do IPCC, publicado em 2021, aponta que as temperaturas médias aumentaram em toda a América do Sul e prevê que seguirão esquentando a taxas maiores do que a média global.

O documento também projeta que as temporadas de chuvas na região serão atrasadas ao longo do século 21 e, em cenários de aquecimento global igual ou maior do que 2°C, as secas e o clima propício para incêndios florestais devem aumentar. No patamar atual de emissões de gases de efeito estufa, o mundo está na rota para aquecer de 2,4°C a 2,6°C.

Caso o desmatamento continue avançando sobre o cerrado, as condições climáticas devem piorar —e muito. É o que apontam as projeções para o meio do século do estudo de Bustamante.

As pesquisadoras analisaram três cenários distintos para 2050: de colapso do cerrado, com aceleração do desmatamento legal e ilegal; do cerrado sob dificuldades, com o desmate de toda a área permitida por lei; e de recuperação do cerrado, com desmatamento zero, somado à ações de restauração da vegetação.

"Nesse primeiro cenário, em que se acelera o desmatamento legal e ilegal, tende a acentuar esse aumento de temperatura e redução da evapotranspiração. O Matopiba vai se tornar inviável para produção de grãos", afirma.

Mesmo o segundo cenário, que considera apenas o desmate do cerrado permitido pelo Código Florestal, indica redução da evapotranspiração e, sobretudo, aumento da temperatura. "É por isso que na discussão sobre o cerrado a gente não deve adjetivar o desmatamento legal ou ilegal. Não importa. É preciso parar o desmatamento."

Já o terceiro cenário, que soma o fim do desmatamento à restauração do cerrado, é o único que apresenta melhora.

"Você consegue reverter pelo menos a perda de umidade, e então voltar a ter áreas mais úmidas e de temperaturas um pouco mais baixas", diz Bustamante. "O futuro da conservação de cerrado vai depender exatamente de você conseguir zerar o desmatamento."



Ubiratan Lemos, 64, toca o gado em região repleta de voçorocas em Gilbués (PI) Fotos Lalo de Almeida/Folhapress



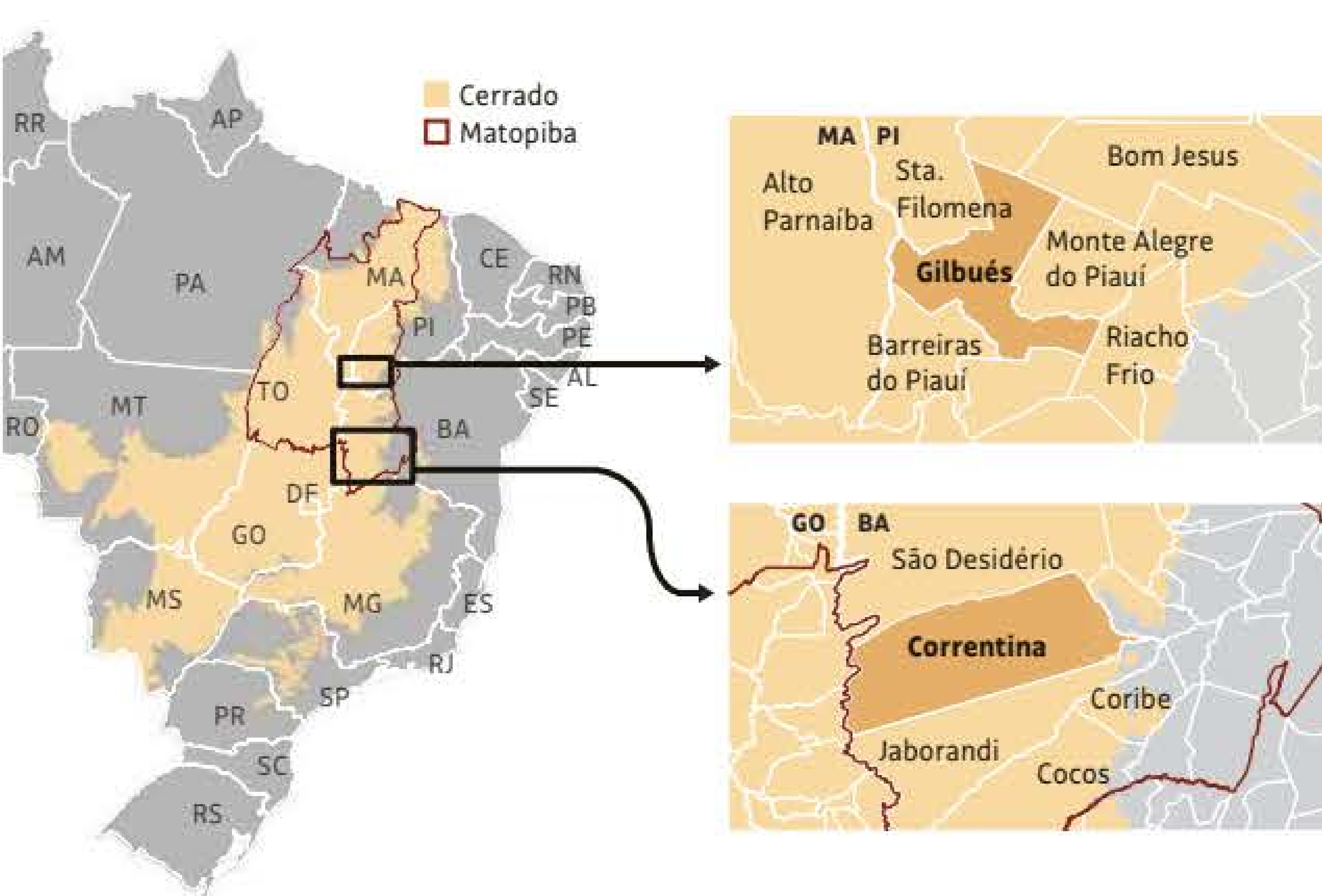


Irrigação em lavoura de soja em Luís Eduardo Magalhães (BA)

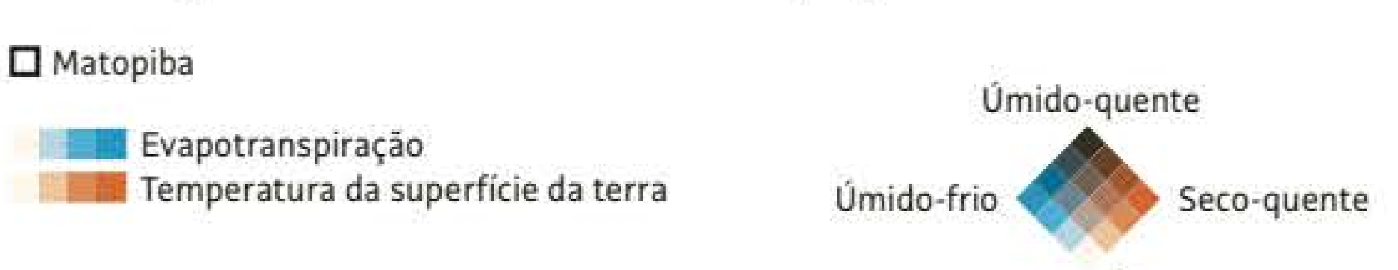


Voçorocas no sítio de Celi Aguiar e Ubiratan Lemos em Gilbués

Onde ficam Gilbués (PI) e Correntina (BA)



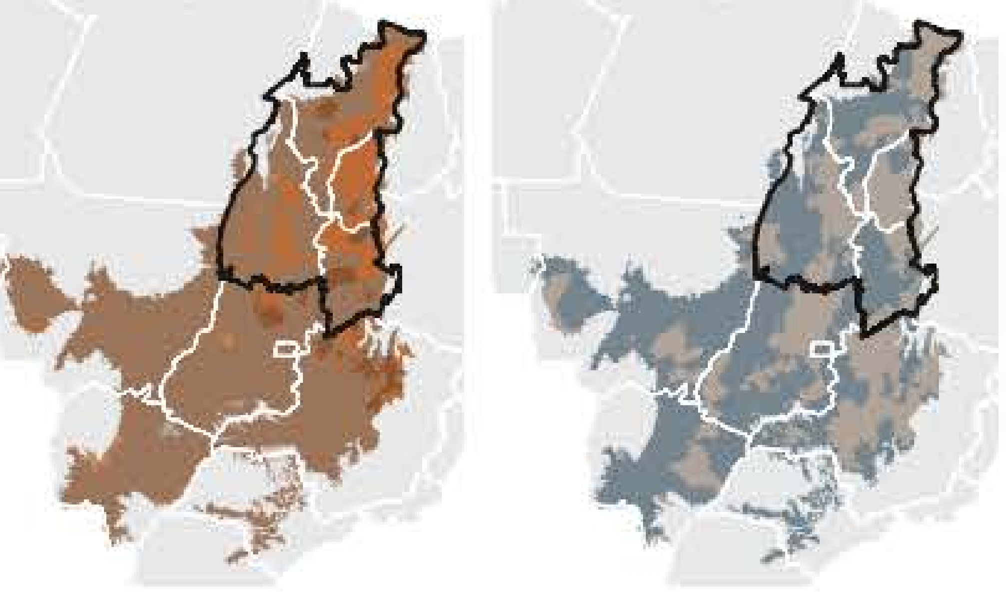
Cenários para o clima do cerrado em 2050, segundo diferentes usos da terra



Cenário 1: colapso
Pressupõe a ausência de políticas de controle do desmatamento, resultando em 636 mil km² de desmatamento adicional, legal e ilegal

Cenário 2: sob dificuldades
Pressupõe o desmatamento dos 284 mil km² de vegetação nativa ainda permitidos pelo Código Florestal

Cenário 3: recuperação
Pressupõe desmatamento zero, assim como a restauração de 52 mil km² de vegetação desmatada ilegalmente Áreas de Proteção Permanente e Reservas Legais



Fonte: "Cerrado deforestation threatens regional climate and water availability for agriculture and ecosystems" (Rodrigues et al, 2022)

Série percorre quase 3.000 km no coração do cerrado

A série "Cerrado Loteado" explica como o avanço do agronegócio sobre a vegetação nativa encurrala comunidades, influencia o clima e ameaça a segurança hídrica. A repórter Jéssica Maes e o repórter fotográfico Lalo de Almeida rodaram 2.850 km no bioma.

Sob seca severa, México expõe crise climática

Falta de água em meio às eleições traz à tona ausência de planejamento enquanto governo usa verba em trem turístico

ELEIÇÕES NO MÉXICO

Mayara Paixão

CIDADE DO MÉXICO Não foi surpresa para quase nenhum mexicano, e nem por isso deixou de assustá-los. Sob a terceira onda de calor neste ano, a Cidade do México vive um prenúncio do que a junção de uma frágil infraestrutura e a emergência climática podem relegar à população.

As sucessivas temperaturas recordes vieram acompanhadas de uma das piores secas dos últimos 30 anos e de uma crise hídrica. O sistema de abastecimento da capital superpopulosa —são 9 milhões de pessoas, 3 milhões a menos que na capital paulista— não dá conta de atender a todos, e cortes no abastecimento viraram o cotidiano.

Em redes sociais, especialmente no TikTok, começou-se a alardear a chegada do "dia zero", a data em que a metrópole não poderá mais suprir a demanda de água. O governo e cientistas desmentiram a iminência desse dia. Mas como mitigar a preocupação de uma sociedade que se depara com esse panorama?

A administração de Andrés Manuel López Obrador, ou AMLO, que em breve se despede da Presidência após mandato de seis anos, anunciou recentemente que 48 pessoas morreram no país neste ano por fatores ligados ao calor extremo. Antes disso, cenas de mais de 160 macacos mortos por desidratação também semearam tristeza e alarde.

Com termos menos teatrais e mais científicos, a cientista Graciela de Raga, do Instituto de Ciências da Atmosfera e Mudança Climática da Unam (Universidade Nacional Autônoma do México), diz que o atual cenário era uma tragédia anunciada.

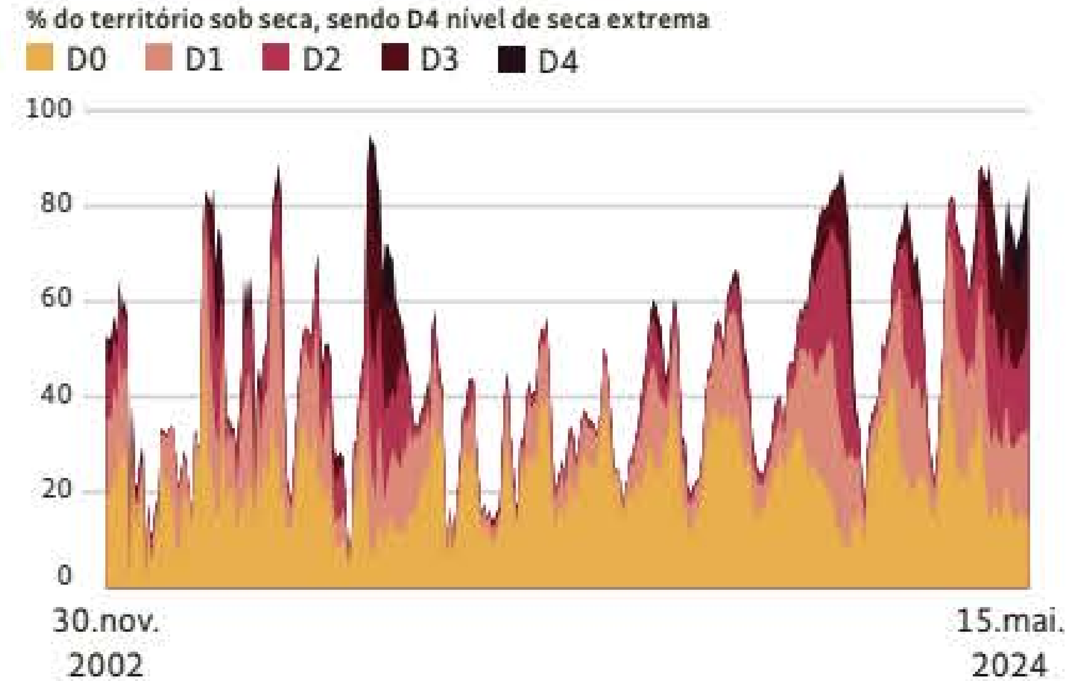
O primeiro semestre do ano tradicionalmente é uma temporada sem chuvas nesta parte do México, e a passagem do El Niño potencializa isso. As ondas de calor, por sua vez, estão inquestionavelmente mais frequentes devido à ação humana. Mas não houve preparo do Estado.


Pescador em área que até há pouco tempo servia como reserva no sistema Cutzamala, na Cidade do México Cesar Rodriguez - 12.abr.2024/The New York Times

Caos climático no México

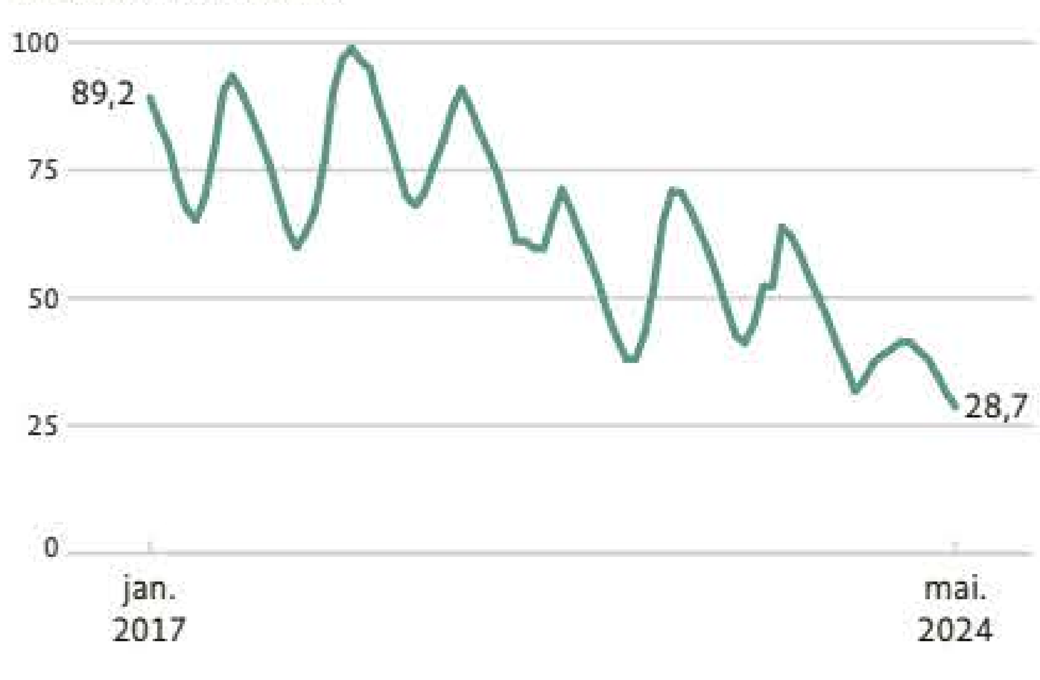
País vive uma seca crônica que afeta todos os estados

% do território sob seca, sendo D4 nível de seca extrema



Principal sistema hídrico, de Cutzamala, está no menor nível histórico

% de água nos reservatórios



Fontes: Comissão Nacional de Água e Monitor da Seca

"A falta de água é fruto da falta de previsão. Não encheram os tanques quando poderiam e deveriam ter feito isso", diz a cientista.

"O país já conhece suas previsões. Claramente não houve investimento em infraestrutura. Da nossa parte, dos cientistas, também pode ser que tenhamos sido pouco eficientes em comunicar o tamanho do problema, mas a verdade é que enfrentamos lobbies muito fortes."

Em uma região na qual já há problemas crônicos de água poluída, esse recurso foi, literalmente, esgotando-se.

Responsável por abastecer ao menos 20% da capital e da região metropolitana, o sistema Cutzamala de represas está com nível inferior a 30% da capacidade, menor número da história. A maior parte do abastecimento da região vem da água bombeada de aquíferos, onde residem outros problemas: sua poluição e a baixa estrutura para retirá-la.

A cientista atmosférica Graciela de Raga menciona ainda que um cenário como o atual contribui para a concentração dos poluentes na atmosfera, outro desafio para a saúde dos mexicanos.

O que vem sendo chamado de excesso de ozônio no céu da região metropolitana fez autoridades imporem rodízio de carros e recomendarem cancelamento de eventos ao ar livre das 13h às 19h.

O cenário preocupante se desenrola em meio às eleições deste domingo (2), as maiores da história do país.

O país possui uma verba anual reservada para mitigar os efeitos da mudança climática. Para 2024, foram destinados 233 bilhões de pesos mexicanos (R$ 71 bi) para esse fim. É um aumento substancial, de mais de 180% em relação ao montante que foi destacado em 2018, ano no qual López Obrador assumiu o poder.

Mas quem estuda com lupa esse orçamento observa que a maior parte do dinheiro vai para fins bem diferentes do que seriam justificativas reais para desacelerar a mudança climática, diz Iván Benumea, coordenador do programa de justiça fiscal da organização Fundar.

Mais de 53% do dinheiro etiquetado no orçamento para mitigar a emergência climática vão para as mãos dos militares que operam a obra faraônica do chamado trem Maya, a menina dos olhos do governo de AMLO. O projeto atravessa a península de Yucatán, passando por Cancún.

A justificativa do governo para incluí-lo no orçamento é o fato de se tratar de um transporte coletivo, que diminui a circulação de carros e, assim, a poluição. Ocorre que a própria construção do trem Maya foi marcada por denúncias de violações de regras ambientais e de territórios de populações tradicionais.

"Apresenta-se a ideia de que o México gasta muito para combater um dos maiores problemas da humanidade, mas a verdade é que não", diz Iván Benumea.

As duas candidatas preferidas nas eleições presidenciais dizem que vão trabalhar contra a crise do clima. Mas, com propostas genéricas, não detalham o que farão nem de onde vão tirar orçamento.

Com doutorado em engenharia ambiental, a governista Claudia Sheinbaum promete investir em energia verde, ainda que seu padrinho político, López Obrador, insista em uma reforma no setor elétrico que priorizaria produtores que pouco investem em energia renovável.

Já a oposicionista Xóchitl Gálvez, mulher indígena, diz somente que assumirá compromisso com a agenda e ajudará agricultores a sentirem menos os efeitos climáticos.

Termo 'refugiado climático' não é reconhecido pela ONU, explica agência de migrações

Giuliana Miranda

LISBOA Cada vez mais usada por ambientalistas, a designação de refugiado climático não é apoiada pela ONU (Organização das Nações Unidas) e suas agências, uma vez que os motivos ambientais não constam como justificativa válida no principal instrumento legal sobre o tema, a Convenção dos Refugiados.

O documento considera como refugiados apenas as pessoas que fogem de guerra, violência, conflito ou perseguição e cruzaram uma fronteira internacional em busca de segurança.

"O termo refugiado climático não tem embasamento no direito internacional nem no direito doméstico dos países. O refugiado é uma categoria normativa muito importante, que surge com a convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951", disse à **Folha** Débora Castiglione, coordenadora da unidade de Mobilidade, Meio Ambiente e Mudança do Clima da OIM (Organização Internacional para as Migrações), que faz parte do sistema das Nações Unidas.

Castiglione destaca que fala apenas em nome da OIM, mas a mesma justificativa é adotada amplamente em outras entidades lidadas à ONU, como o Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados).

"A categoria normativa de refugiado permitiu proteger milhões de pessoas que estavam em situação de ter o fundamentado temor de retornar aos seus países de origem por um desses cinco motivos de perseguição [raça, nacionalidade, opiniões políticas, pertença a um grupo social e religião]", afirma Castiglione. "Então, o refugiado climático não existe, não há base jurídica para isso".

Publicada em 1951, a Convenção dos Refugiados nasceu no rescaldo da Segunda Guerra e trazia limitações temporais e geográficas bastante específicas: só estavam enquadrados acontecimentos ocorridos na Europa e anteriores a 1º de janeiro daquele ano. Em 1967, uma alteração atualizou o documento e retirou as condicionantes temporais, além de expandir a validade para outras partes do globo.

Diante das previsões de aumento de eventos climáticos extremos por conta do aquecimento global, não seria a ocasião para realizar uma nova mudança no texto, incluindo agora as pessoas afetadas por essas situações?

A representante da OIM afirma que "as questões de atualização das convenções do direito internacional são para serem tratadas no âmbito dos países".

Débora Castiglione destaca ainda que um documento mais recente, o Pacto Global sobre os Refugiados –aprovado pela Assembleia-Geral da ONU em dezembro de 2018, após dois anos de intensas negociações– explicita que os motivos ambientais não são motivos para refúgio, embora possam interagir com outros fatores que o sejam.

O texto do pacto afirma que "embora não sejam por si só causas dos movimentos de refugiados, o clima, a degradação ambiental e os desastres naturais interagem cada vez mais com os motores dos movimentos de refugiados".

A visão das Nações Unidas sobre a não inclusão das questões ligadas ao clima entre as razões para concessão de refúgio é criticada por ambientalistas em setores da academia.

INÊS 249

esporte

ESPORTE AO VIVO | **16h** B. Dortmund x R. Madrid — Champions, SBT, TNT E MAX | **17h** Brasil x Jamaica — Amistoso, GOAT E SPORTV | **21h** Corinthians x Botafogo — Brasileiro, SPORTV E PREMIERE

Dortmund tenta acabar com série do Brasil na Champions

Sem nenhum brasileiro no elenco, time alemão desafia o Real Madrid na final

REAL MADRID X BORUSSIA DORTMUND

Paulo Vinicius Coelho

Real Madrid x Borussia Dortmund



Borussia Dortmund
Kobel
Hummels
Schlotterbeck
Ryerson
Maatsen
Emre Cam
Sancho
Brandt
Sabitzer
Adeyemi
Füllkrug

SÃO PAULO O Real Madrid é o Brasil na final da Champions League, neste sábado (1), às 16h, em Wembley: Vinicius Junior, Rodrygo, Militão.

O século 21 revela uma surpreendente supremacia brasileira na Liga dos Campeões. Apesar de não estar localizado na Europa, o Brasil é o único país com jogadores presentes em todas as finais desde o ano 2000. Não Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália, Portugal, França ou Holanda. Todos os campeões de 2006 para cá tiveram em campo na final ao menos um brasileiro.

O Dortmund é o menos brasileiro da Europa. Não tem nenhum jogador nascido no Brasil desde Reinier, em 2022. Se não tem a torcida de 207 milhões de habitantes do outro lado do Atlântico, tem a torcida mais presente do planeta.

A "Gelbe Wand", como se escreve "Muralha Amarela" em alemão, põe em média 81 mil pessoas por partida nas arquibancadas do Signal Iduna Park. Até dois anos atrás, a Uefa (União das Associações Europeias de Futebol) proibia os lugares em pé. Isso diminuía em 15 mil a capacidade do estádio. Hoje, são 81 mil em todos os jogos do Campeonato Alemão e da Champions.

O Real é favorito para ganhar a final contra o Dortmund, mas preste atenção a detalhes do time alemão. O primeiro deles, a defesa. Guardiola chegou duas vezes à decisão pelo City. Em ambas, tinha a defesa menos vazada entre os semifinalistas.

O Dortmund tem o menor número de gols sofridos, em média, nesta edição. O Real, o segundo melhor ataque.

O favoritismo de quem faz mais gols pode levar Vinicius Junior ao prêmio de melhor jogador do mundo, dependendo do que acontecer também na Eurocopa. Só que o futebol recente, de pressão e posse de bola, esconde o fato de que, muitas vezes, a marcação no campo de ataque e a circulação incessante do balão podem ser estratégias defensivas.

Se meu time tem a bola, o adversário não faz gol.

Não é o estilo do Real Madrid, cujo atual técnico foi o responsável pelo primeiro ataque acima dos cem gols na história do Campeonato Inglês. Só o Manchester City, 106 marcados em 2017/18, superou o Chelsea de Carlo Ancelotti, campeão com 103 bolas na rede em 2009/10.

O técnico italiano, maior vencedor da Liga dos Campeões, com quatro troféus, dois pelo Real Madrid e dois pelo Milan, é também o recordista de finais. Está na sexta, só perdeu uma e admite ter algumas superstições: "Não as ter dá azar".

Ele revigorou o sistema de sua primeira conquista de Champions, há 21 anos. Jogava com 4-4-2 "in rombo", como se diz na Itália, losango, no Brasil. Tinha quase desaparecido esse tipo de formação inicial, especialmente com a modernização do WM de Guardiola. Agora Carlo escala Kroos, Valverde e Tchouaméni no meio, com Bellingham na ligação com o ataque, formado por Vini Junior e Rodrygo.

Ancelotti chegou ao Real depois da eliminação do time nas semifinais da Champions para o Dortmund, em 2013, decisiva para a queda do então comandante branco, José Mourinho. Aquele Dortmund tinha Klopp como treinador e Eden Terzic como espião.

Terzic observava potenciais reforços. Começou em 2010, justamente o ano em que Lewandowski chegou ao Signal Iduna Park. Em 2013, Real Madrid e Dortmund disputaram a semifinal da Liga dos Campeões, com quatro gols decisivos do polonês Lewa no jogo de ida: Borussia 4 a 1! A vitória do Real em Madri não evitou a classificação alemã para a final em Wembley.

O Borussia foi vice.

Faz 30 anos que a Liga dos Campeões é a competição de clubes mais vista do planeta, um torneio que começou a rivalizar em importância até com a Copa do Mundo.

Neste período, tornou-se o mais espetacular campeonato de futebol do mundo e, ao mesmo tempo, o mais previsível. Depois do Milan de Kaká, treinado por Ancelotti, vencedor em 2007, sabe-se quase sempre quem será o campeão: Bayern, Barcelona, Real Madrid ou um inglês.

A exceção foi a Internazionale, dirigida por Mourinho, e sem nenhum italiano, em 2010. O Dortmund tenta quebrar essa lógica.

Jude Bellingham é o mais caro já contratado pelo Real Madrid. Por ele, o time espanhol pagou 103 milhões de euros (R$ 578 milhões, na cotação atual) ao seu rival deste sábado (2), o Dortmund. Uma cláusula diz que o Borussia receberá mais 25 milhões de euros (R$ 140,4 milhões) em caso de conquista da Liga dos Campeões pelo clube espanhol.

Com ele, o Real pensa vencer sua 15ª Liga dos Campeões.

O Borussia já ganhou.

Ou o título, ou o dinheiro.

ENCHENTES NO SUL DEIXAM ESTRAGOS EM ESTÁDIOS DE PORTO ALEGRE

A Arena do Grêmio e o Beira-Rio passam por processos de limpeza e recuperação após os estragos causados pelas enchentes. A inundação danificou os gramados, além de outras estruturas internas, nos estádios da dupla Gre-Nal *Emanuel Prestes/Arena do Grêmio*

Paquetá lamenta acusação e se diz pronto para defender o Brasil

SÃO PAULO O meia Lucas Paquetá afirmou nesta sexta-feira (31) que, apesar das acusações da FA (Football Association, a federação inglesa de futebol) de um suposto envolvimento seu com o mercado de apostas esportivas, se sente bem e preparado para defender a seleção brasileira.

"Sigo preparado para estar [na seleção] nesse momento. Acho que fiz uma temporada muito especial, muito boa para mim e nas últimas duas convocações comprovei isso mais uma vez. Estou pronto, queria muito estar aqui, estou feliz de estar aqui e vou estar disposto para fazer o meu melhor para ajudar a seleção brasileira", afirmou Paquetá durante conversa com jornalistas em Orlando, nos Estados Unidos, base da seleção brasileira para a disputa da Copa América.

O jogador disse que, por orientação dos advogados, não poderia falar a respeito das acusações da FA. No dia 23 de maio, a federação inglesa acusou o meia pela suspeita de tentar influenciar o mercado de apostas.

"O que posso falar é que continuo fazendo o possível, cooperando e meus advogados vão trabalhar em minha defesa e a gente vai fazer o máximo para que tudo seja esclarecido no final disso tudo."

Os jogos em que o atleta teria forçado o cartão foram contra Leicester (12 de novembro de 2022), Aston Villa (12 de março de 2023), Leeds (21 de maio de 2023) e Bournemouth (12 de agosto de 2023).

Paquetá negou qualquer irregularidade nos jogos citados. "Nego as acusações na íntegra e lutarei com todas as minhas forças para limpar meu nome", disse.

Qual foi a última vez que você desistiu cedo demais?

Como a resiliência e a determinação dos atletas servem de exemplo para nós, mortais

Marina Izidro

É jornalista e vive em Londres. Cobriu seis Olimpíadas, Copa e Champions. Mestre e professora de jornalismo esportivo na St Mary's University

"A vitória pertence ao mais obstinado." A frase decora a arquibancada da quadra central do complexo de Roland Garros. No tênis, ela combina perfeitamente com o atleta que se tornou o rei deste torneio. Rafael Nadal já ganhou Roland Garros 14 vezes. Tem até uma estátua do espanhol por lá. A citação também me lembra de experiências que vivi em eventos esportivos em que a obstinação fez toda a diferença.

Nos Jogos Pan-americanos de Toronto, em 2015, um dos esportes que cobri e o que mais me marcou foi o Pentatlo Moderno. A brasileira Yane Marques, ouro no Pan em 2007, prata em 2011 e bronze nos Jogos Olímpicos de 2012, era uma das favoritas. Começou na frente na esgrima, na natação, perdeu vantagem no hipismo e, na última prova, um combinado de tiro e corrida, venceu por um segundo de vantagem para a rival mexicana. As duas desabaram ao cruzar a linha de chegada em um final emocionante. Quando entrevistei Yane e perguntei o que foi decisivo para o ouro, ela me falou algo que nunca esqueci: "venci porque eu quis mais."

Em 2018, nos Jogos Olímpicos de Inverno de PyeongChang, um dos personagens mais carismáticos era o Pita Taufatofua. Nas Olimpíadas do Rio, em 2016, ele ficou conhecido por desfilar na cerimônia de abertura sem camisa e cheio de óleo no corpo. O atleta de Tonga mudou de esporte, do taekwondo para o esqui cross-country. Na neve, foi aplaudidíssimo só por terminar a prova dos 15 km na posição 115 entre 119 competidores. Para ele, estar ali era uma vitória. "Minha mensagem é: não desista. As pessoas desistem na hora errada, chegam perto dos seus objetivos e param. Quando tudo está dando errado, significa que está perto de dar certo," me disse.

A resiliência dos judocas também me impressiona. Em um esporte em que todas as lutas de uma categoria são disputadas no mesmo dia, quem perde na semifinal volta ao tatame minutos depois para lutar pelo bronze. Acho incrível como conseguem esquecer uma derrota sofrida e recuperam o mindset vencedor para tentar uma medalha.

Esta edição de Roland Garros termina dia 9 de julho. Nadal deu, mais uma vez, uma aula de obstinação. O espanhol tem sofrido com lesões nos últimos anos e deve se aposentar em 2024, e na primeira rodada já enfrentou Alexander Zverev, número 4 do mundo. Lutou por cada ponto e parecia querer mais do que o alemão, mas, desta vez, o corpo não deixou. Foi eliminado de cara no torneio que sempre dominou. Após a derrota, disse o quanto era especial sentir o amor do público no lugar onde mais ama e que não sabe do futuro, mas pelo menos está feliz de voltar ao saibro francês nos Jogos Olímpicos de Paris, em dois meses.

Conquista é algo relativo. Pode ser um game em uma partida de tênis, a medalha de ouro, a vaga entre os competidores de uma prova.

Episódios como esses me lembram o quanto aprendemos com o esporte e como podemos usar essas lições. Obstinação, resiliência, disciplina importam, e às vezes deixamos de lado uma meta pessoal ou profissional antes da hora.

Além da frase em Roland Garros, gosto de outra, também no tênis, dita pela lenda Billie Jean King: "a pressão é um privilégio." Ou seja, significa que algo relevante está em jogo, fruto do nosso esforço. É sobre como transformar a pressão em um sentimento positivo e combustível quando buscamos uma conquista. Vale para o esporte e para a vida. E você, qual foi a última vez que desistiu de uma meta importante cedo demais?

INÊS 249

MATERNAR | folha.com/maternar

No Rio Grande do Sul, bebê nasce com o DNA dos dois pais no dia do combate à homofobia

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Antonella nasceu em uma data simbólica e de resistência, 17 de maio, quando é celebrado o Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia. Com 13 dias de vida, a recém-nascida já fez história ao ser o primeiro bebê do Rio Grande do Sul a ter o DNA de seus dois papais, Jarbas e Mikael, após tratamento via fertilização in vitro que contou com uma rede de apoio para acontecer.

Quem alega o pioneirismo no estado é o gerente comercial Jarbas de Bitencourt, 48. Ele conta que o desejo da paternidade biológica surgiu após uma adoção frustrada. Ao ver o casal homoafetivo sofrer por não conseguir seu bebê do coração, a amiga Jéssica Konig, 31, decidiu ajudar e falou sobre a barriga solidária, possibilidade do qual ambos nunca ouviram falar até então.



Jarbas, 48, e Mikael de Bitencourt, 35, olham a filha Antonella logo após o nascimento, em 17 de maio Instagram/@historiasdonascer

Jarbas e o fotógrafo Mikael de Bitencourt, 35, começaram a pesquisar tudo a respeito. "Foi quando vimos que era possível termos um filho biológico. Aí começamos a correr atrás de tudo o que a clínica solicitava. Mas quando chegou na parte dos óvulos, nos perguntaram se tínhamos algum, e respondemos que não."

Foi quando Mikael decidiu consultar suas irmãs, e uma delas, a estudante Marrienara Bortolanza, 22, logo se prontificou a ser a doadora de óvulos. Jarbas doou o sêmen e, após a formação do embrião, Jéssica topou engravidar do filho dos amigos.

Então, Antonella tem o DNA de seus dois pais: Jarbas, que forneceu seu próprio material, e Mikael, por meio de sua irmã. "Nesse momento começamos a gerar uma linda história e sabíamos que a nossa filha teria o nosso DNA. Isso foi emocionante, embora a carga genética nunca tenha sido uma demanda que buscássemos, porque até então nós estávamos fazendo o processo de adoção. Ter uma filha com o DNA de nós dois foi um bônus maravilhoso", afirma Jarbas.

Mikael e Jarbas estão juntos há 15 anos. Enquanto o primeiro era louco para ser pai, o segundo queria esperar a estabilidade financeira chegar. "Meu marido sempre teve a questão da paternidade à flor da pele", afirma Jarbas.

Ele conta que Mikael teve um relacionamento difícil com seu próprio pai, que não aceitava sua orientação sexual, e isso despertou nele uma vontade ainda maior pela paternidade. "Ele tem um carisma enorme, é um pai surreal."

Jarbas só teve esse desejo lá pelo oitavo ou nono ano de casamento. "Ali eu comecei a entender que nós seríamos pais. A gente aflorou isso. Casamos, fizemos uma grande festa, tentamos adotar e depois viramos pais da Antonella."

A rotina dos dois pais tem sido tranquila, segundo Jarbas. Troca de fraldas e de roupinhas, banho e alimentação com fórmula na mamadeira são o paraíso. Ele diz que Antonella é calma (espere até ela começar a andar!), mama, fica quietinha e não tem cólica.

"Ela está se apresentando muito calminha, isso nos deixa felizes, porque somos pais de primeira viagem. Ainda não vivemos aquele perrenge de passar noites em claro, mas ela já tem enfrentado o frio do Sul. Temos uma rede de apoio enorme também, com apoio dos pais, sogra, cunhadas e irmãs, estão todos envolvidos nos cuidados da Antonella."

Para Jarbas, o aniversário da filha sempre será um marco especial. "Para nós, um casal homoafetivo, é emocionante que Antonella veio ao mundo justamente no dia do combate ao preconceito. Vamos comemorar o aniversário dela com uma causa extremamente linda, que combate tudo o que há de errado e afeta o segmento LGBTQIA+, comunidade que a sociedade ainda tem muita dificuldade até hoje em aceitar."



NAS FILIPINAS, JOVEM SE PREPARA PARA DESFILAR EM PROCISSÃO QUE CELEBRA A SANTA CRUZ
A tradicional festa católica acontece anualmente e reúne centenas de fiéis em Manila, capital do país asiático Eloisa Lopez/Reuters

ACERVO FOLHA
Há 50 anos
1º.jun.1974

Síria e Israel assinam acordo para separar tropas em Golã

Síria e Israel assinaram em uma atmosfera de tensão e desconfiança, nesta sexta-feira (31), o acordo para separação de suas tropas que estão nas colinas de Golã.

Os combates na região só pararam cerca de 30 minutos depois da formalização do pacto. Enquanto o acordo era firmado em Genebra, na Suíça, violentos confrontos continuavam em Golã pelo 81º dia seguido e aviões israelenses atacavam acampamentos palestinos no sul do Líbano.

O pacto entre Síria e Israel representou uma vitória para o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger. Em Washington, ele foi saudado por jornalistas como autor de um "milagre diplomático".



FOLHA DE S. PAULO

Mais fetos, nada mudou no "Amparo"

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

COZINHA BRUTA | *Marcos Nogueira* newsletter.folha.com/cozinhabruta

Castanha de caju dá uma surra no pistache

SÃO PAULO O cheiro de caju enchia a atmosfera em alguns pontos do labirinto de caminhos de chão entre a lagoa de Jijoca e a vila de Jericoacoara, no Ceará.

Visitei muito a região quando ela ainda não havia se tornado pico de subcelebridades, influencers e pragas afins. No segundo semestre, os cajueiros ficam repletos.

O que dá dinheiro é a castanha. Para produzi-la em quantidade rentável, obtém-se muito mais polpa de caju do que aquilo que se consegue vender ou consumir.

Parte é aproveitada em doces, sucos e cajuína, mas um volume enorme fica largado aos passarinhos do cajual.

No Ceará, caju dá feito capim; no resto do país, apesar do preço da castanha, também o tratamos como se fosse mato.

O título desta coluna é uma evidente provocação: é bobagem proclamar a superioridade de um alimento sobre outro (embora eu realmente prefira castanha de caju a pistache).

Quis chamar atenção para o desdém do Brasil com o caju, prata da casa, enquanto os foodies deslumbrados piram o cabeção com doces à base de pistache.

Apesar de o cajueiro ser nativo do Brasil, o país ocupava o oitavo lugar na lista global de produtores em 2022, segundo dados da FAO (sigla em inglês para Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).

> [...]
> Quis chamar atenção para o desdém do Brasil com o caju, prata da casa, enquanto os foodies deslumbrados piram o cabeção com doces à base de pistache

A Costa do Marfim, líder do ranking, produziu 5,5 vezes mais castanha de caju do que o Brasil. Todos os outros países nas dez primeiras posições são africanos ou asiáticos.

Devido ao desequilíbrio entre produção e demanda no Brasil, a castanha de caju é só um pouco menos cara do que o pistache —muito pouco, se levarmos em conta que vão comprar o pistache do Irã ou da Turquia.

Apesar do preço, empregamos as castanhas assaz preguiçosamente. Comemo-las de aperitivo, com cerveja ou uisquinho. Na indústria, usam-na para fazer simulacros de leite e queijos para veganos.

E na gastronomia? E na confeitaria?

Nos países em que o pistache é cultivado, ele é protagonista na doçaria. Pegue a baclava, massa folhada recheada da Turquia e Oriente Médio. Os cannoli sicilianos.

Na Sicília, aliás, pistache vira até molho pesto para macarrão.

"Ain, na Bahia fazem moqueca com maturi." Sim, usa-se a castanha na culinária tradicional (maturi é a castanha de caju verde), mas não é das tiazinhas dos rincões que eu falo.

Refiro-me aos chefs e pâtissiers deitados em berço esplêndido, esperando uma tendência internacional da gastronomia lhes cair no colo.

Trabalhar o potencial de ingredientes nativos pouquíssima gente quer. Aí chegam os gringos, se encantam com a coisa e faturam alto —enquanto nós vamos reclamar para o bispo.

Falando nisso, semana que vem estarei em Manaus para um evento espetacular: o LAC Flavors, do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Será uma feira gigante para fomentar a produção e o comércio internacional de alimentos amazônicos —de todos os oito países da Amazônia.

Há décadas espero que a cozinha amazônica se torne algo grande no Brasil. Quem sabe a gringaiada faça o que a gente não teve competência para fazer.



FOLHA DE S.PAULO ★★★
SÁBADO, 1º DE JUNHO DE 2024 C1

ilustrada

O dançarino Izaque Monteiro
Jardiel Carvalho/Folhapress

Aquarela do Brasil

Depois que Madonna e Pabllo Vittar levaram a bandeira do país ao palco, população LGBT tira o verde e amarelo do armário e assume as cores em sinal de resistência ao bolsonarismo

Matheus Rocha

SÃO PAULO Em 1992, Marcio Rolim era um dos milhares de jovens que foram às ruas com o rosto pintado de verde e amarelo em protesto contra o então presidente Fernando Collor de Mello. Quase três décadas depois, as cores que representaram esperança viraram motivo de medo para ele.

"Não queria sair na rua com qualquer coisa que representasse a bandeira por receio de acharem que eu apoiava Bolsonaro", afirma o criador de conteúdo. "Tentei ao máximo me afastar das cores da bandeira", ele acrescenta.

Há um mês, porém, essa distância começou a diminuir. Foi quando a cantora Madonna brandiu a bandeira do Brasil junto com Pabllo Vittar no show da americana na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Nesse momento, Rolim e outros membros da comunidade LGBTQIA+ perceberam que era hora de tirar o verde e amarelo do armário.

Agora, eles querem que a bandeira deixe de ser o símbolo do bolsonarismo e volte a ser o emblema de todos os brasileiros. "É sobre resgatar esse símbolo de cidadania", diz ele. "Por isso, vamos botar glitter na cara, nos pintar inteiro, vestir um shortinho e ir para a Parada do Orgulho com a bandeira do Brasil."

Depois da apresentação de Madonna e Pabllo, as redes sociais fervilharam com mensagens pedindo que o evento deste domingo resgatasse as cores pátrias. Os organizadores atenderam o pedido e decidiram convocar o público a ocupar a avenida Paulista com o verde e amarelo. A Marcha do Orgulho Trans, nesta sexta em São Paulo, sugeriu o mesmo "dress code" nas redes sociais.

Às vésperas da Parada, sites vendem camisas estilizadas, nas quais o emblema nacional divide espaço com as cores do arco-íris —união pouco provável há alguns meses.

Até mesmo saunas gays se juntaram à campanha, dando descontos aos frequentadores que estejam vestindo a camisa da seleção brasileira.

> Vamos botar glitter na cara, nos pintar inteiro, vestir um shortinho e ir para a Parada do Orgulho com a bandeira do Brasil
>
> **Marcio Rolim**
> criador de conteúdo

"A bandeira do Brasil também é minha. Mesmo que tenha sido usada de forma errada, estamos recuperando ela", afirma a cantora Pabllo Vittar, em entrevista. Antes do show da drag com Madonna, outros artistas progressistas já haviam subido ao palco com as cores nacionais, como foi o caso das cantoras Anitta e Daniela Mercury.

Continua na pág. C6

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

PEDIDO NEGADO

A Polícia Civil de São Paulo afirmou à USP que não vai investigar a denúncia de agressão a estudantes registrada pela instituição contra a Polícia Militar de São Paulo. E afirmou que os fatos devem ser relatados à corregedoria da própria PM.

INVESTIGAÇÃO A direção da Faculdade de Direito registrou um boletim de ocorrência nesta semana pedindo a apuração dos fatos

RESPOSTA "Registro Indeferido", respondeu a Polícia Civil. "Por ora", seguiu, "constata-se que o caso tem como suposto autor Policial Militar do Estado de São Paulo. Assim, o agente público competente para a apreciação dos fatos narrados é o Oficial Encarregado da Corregedoria da Polícia Militar".

REAÇÃO A direção da Faculdade de Direito estuda que medidas tomar diante da resposta. Considera que, ao receber a denúncia de um crime, a Polícia Civil tem, sim, a obrigação de apurar os fatos.

CONFLITO Na semana passada, policiais militares e estudantes da Faculdade de Direito da USP entraram em confronto no interior do prédio da instituição.

CONFLITO 2 Os alunos protestavam contra o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), que tinha ido à faculdade prestigiar a posse do novo procurador-geral de Justiça de SP, Paulo Sérgio de Oliveira e Costa.

CONFLITO 3 O governador foi recebido aos gritos de "fora, Tarcísio" e "recua, fascista". A PM tentou controlar o protesto empurrando estudantes com violência. Vídeos mostram, por exemplo, um dos agentes empurrando a cabeça de uma pessoa. O diretor da Faculdade, Celso Campilongo, diz que foram distribuídos empurrões e cacetadas.

APURAÇÃO A SSP (Secretaria da Segurança Pública) disse à **Folha** que a própria Polícia Militar analisa as imagens da ação. E indica que uma outra investigação foi aberta, em que a PM aparece como vítima.

APURAÇÃO 2 "O caso foi registrado pelo 1º DP (Sé), que apura o ocorrido no local na última sexta-feira (24) e uma tentativa de furto da arma de um PM. Não houve feridos", diz a nota.

PRÊMIO O Troféu Audálio Dantas vai homenagear neste ano o jornalista Ricardo Kotscho. A cerimônia de entrega da honraria será realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no próximo dia 7 de junho, quando é celebrado o Dia Nacional da Liberdade de Imprensa.

HISTÓRIA O prêmio é destinado a jornalistas que atuam em defesa da democracia, da justiça, do direito à informação e liberdade de expressão. Audálio Dantas foi o primeiro a receber a honraria, que passou a levar o seu nome após a sua morte, em 2018.

FICHA Kotscho é colunista do Canal MyNews e do UOL. Ele trabalhou em veículos como **Folha**, O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil. Também foi secretário de Imprensa no início do primeiro governo Lula.

PIPOCA



1

Fotos Ronny Santos/Folhapress



2



3

O diretor João Wainer **1** recebeu convidados no lançamento do filme "Bandida: A Número Um" na noite de terça-feira (28). A atriz Alessandra Negrini **2** prestigiou o evento, realizado no Cine Marquise, em São Paulo. Protagonista do longa, a atriz Maria Bomani **3** também esteve presente

OITO DÉCADAS O MIS (Museu da Imagem e do Som), em São Paulo, realizará ao longo deste mês uma programação especial em homenagem ao cantor e compositor Chico Buarque, que completa 80 anos no próximo dia 19.

OBRAS Intitulado "Chico 80", o museu exibirá filmes como "Ópera do Malandro" (1985), musical dirigido por Ruy Guerra baseado no espetáculo homônimo escrito por Chico, e "Uma Noite em 67" (2010), longa de Renato Terra e Ricardo Calil sobre o 3º Festival de Música Popular Brasileira, realizado em outubro de 1967.

SHOW A cantora Claudette Soares também fará um show no MIS para marcar o lançamento do seu álbum "Claudette Canta Chico".

TELAS O Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, receberá a exposição "Calder + Miró", que celebra a amizade entre os artistas, promovendo diálogos entre as pinturas do espanhol Joan Miró e os móbiles do americano Alexander Calder.

TELAS 2 A mostra é a mesma que esteve em cartaz na Casa Roberto Marinho, no Rio de Janeiro, em 2022, mas com algumas novidades. Além do conjunto originalmente exibido na capital fluminense, uma obra de grande dimensão de Calder será incluída na exposição.

ITENS Organizada por Max Perlingeiro, a mostra reunirá cerca de 150 peças, entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas e móbiles.

SOM A artista Cris Barulins apresenta o show "Pandeirodê" neste sábado (1º) e domingo (2) no Sesc Casa Verde, em São Paulo. Na performance, ela resgata músicas da cultura popular brasileira e exibe também canções autorais.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

PAINEL DAS LETRAS

Walter Porto
walter.porto@grupofolha.com.br



PRIMAVERA NOS DENTES
Detalhe da capa de 'Macho Não Ganha Flor', de Dalton Trevisan, da editora Record Divulgação

Dalton Trevisan é celebrado com livros e eventos antes de centenário

As editoras não pretendem esperar o centenário de Dalton Trevisan, comemorado no próximo ano, para celebrar a obra do paranaense. Uma série de eventos e lançamentos estão sendo preparados para a época do seu aniversário de 99 anos, no próximo dia 14.

Nada disso quer dizer que um dos escritores mais anedoticamente reclusos da literatura brasileira vá sair da toca.

Mas a Record, casa que tem cuidado bem do catálogo do autor, prepara edições caprichadas de "Cemitério de Elefantes", obra que fez o contista despontar há 60 anos, com paratextos do brasileiro Marçal Aquino e do argentino César Aira; e de "Macho Não Ganha Flor", um livro de maturidade, de 2006, com textos dos pesquisadores Augusto Massi e Caetano W. Galindo.

Também sai em junho uma seleta de contos eróticos com orelha de Fernanda Torres e tirinha inédita de Laerte. Em setembro, haverá dois infantis no selo Reco-Reco, adaptações inéditas de contos de Trevisan com ilustrações de Elo-ar Guazzelli e Odilon Moraes.

Já a Tinta-da-China vai circular um ebook gratuito em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. A coletânea de ensaios organizada pelos professores Fernando Paixão e Hélio de Seixas Guimarães terá textos de Eliane Robert Moraes, Alcides Villaça e do americano Michael Wood, da Universidade Princeton, entre vários outros.

Tudo culminará num evento na USP no próximo dia 12 de junho com escritores fazendo leituras e dando depoimentos sobre a obra do Vampiro de Curitiba —para quem quiser passar o Dia dos Namorados de um jeito diferente.

TETRIS... O grupo Alta Books, que tem feito aquisições relevantes no mercado, acaba de incorporar mais uma editora, a Almedina Brasil, que se destaca por publicações jurídicas e de negócios. Segundo o presidente da empresa, Gorki Starlin, é a compra de "maior relevância editorial" do grupo até hoje, trazendo "quase 2.000 títulos e mais de mil autores brasileiros".

...EDITORIAL Só nos últimos dois anos, o grupo adquiriu o selo Alaúde, de gastronomia, e as editoras Tordesilhas e Faria e Silva, com bom trabalho de garimpo literário.

BERLINER A Companhia das Letras já tem no bolso a vencedora do Booker Internacional deste ano, a alemã Jenny Erpenbeck, premiada na semana passada. O romance "Kairos" já está sendo traduzido por Sergio Tellaroli mirando uma publicação no ano que vem. Antes disso, em junho, a obra da autora chega ao Brasil com "Eu Vou, Tu Vais, Ele Vai", uma ficção sobre a crise de refugiados na Europa.

ESCREVIVÊNCIA O rapper Rico Dalasam amplia uma obra musical de forte verve literária com o podcast "Último Dia no Orfanato Tia Guga", chamado de ensaio confessional em áudio. A partir do dia 5, serão cinco episódios com histórias em primeira pessoa do músico e sua mãe, desdobramento do álbum "Escuro Brilhante", que teve até leituras na Biblioteca Mário de Andrade.

'Bruxas' narra cultura feminina do México, que pode eleger mulher

Ao recontar a morte de uma curandeira, romance aborda com simplicidade grande constelação de temáticas atuais

LIVROS
Bruxas
★★★★☆
Autora: Brenda Lozano. Trad.: Silvia Massimini Felix. Ed.: Companhia das Letras. R$ 79,90 (224 págs.); R$ 39,90 (ebook)

Ana Luiza Rigueto

Pela primeira vez na sua história, o México deve eleger uma presidente mulher. Para as eleições deste ano, agora em junho, duas candidatas estão no topo das intenções de votos, a ex-prefeita da Cidade do México, Claudia Sheinbaum, e a ex-senadora Xóchitl Gálvez.

Um marco histórico, principalmente diante dos altos índices da violência de gênero no país. Ou para atitudes como a do atual presidente, Andrés Manuel López Obrador, que já apoiou a candidatura de um governador acusado de estupro. Por outro lado, o México foi o mais recente país da América Latina a descriminalizar o aborto.

É com esse contexto de disparidades políticas e sociais que chega ao Brasil o romance "Bruxas", da jovem escritora mexicana Brenda Lozano, seu primeiro livro por aqui.

O ponto de partida do romance é o feminicídio de Paloma, que pertence a uma família de homens curandeiros e nasceu Gaspar. Paloma era "muxe", pessoa sem gênero definido na cultura zapoteca do sul do México. Nem femininas, nem masculinas, essas pessoas acabam identificadas como homens ao nascer e depois podem mudar.

Se o crime é ponto de partida, nem de longe é o tema principal de "Bruxas". Ao saber da morte de Paloma, Zoé, uma jornalista que vive na metrópole, decide escrever um artigo a respeito. Viaja até o pequeno povoado de San Felipe para entrevistar Feliciana, uma renomada curandeira amiga da morta. O que seria uma entrevista vira uma jornada de cura que aproxima tradição e atualidade nas figuras de Feliciana e Zoé.

Feliciana, aliás, é inspirada em uma pessoa real, María Sabina Magdalena García, curandeira mazateca que viveu em Oaxaca e ganhou fama entre artistas e políticos.

A cada capítulo do romance, Feliciana e Zoé se intercalam dando depoimentos. A dicção contínua e oralizada de Feliciana é seguida pela voz objetiva e sóbria de Zoé. Em paralelo, as duas vidas são narradas até que se cruzam.

A questão de gênero, em todo caso, atravessa o romance inteiro. Amor, violência, sexualidade, aborto, relacionamentos, maternidade, carreira, luto, doenças, ancestralidade —os temas são tratados com uma afetividade precisa e simples por Lozano, o que comove e gera identificação.

Por trás dessa simplicidade, há uma constelação de debates contemporâneos. Tantos que o romance poderia soar inflacionado pela urgência de dar conta de tudo o que precisa ser visto e revisto, mas se sustenta justamente pela habilidade em contar histórias.

"Bruxas" não é um romance de tipo panfletário nem trata com decoro ou estereótipos. No entanto, a autora mantém posicionamentos claros —quem protagoniza, quais características diferenciam as personagens, suas falas, tudo no romance tem função.

O livro parece seguir um dos conselhos de Paloma —"nós temos que trazer flores para as guerras em que estivemos".

INÊS 249


Bruna Barros

A esperança é um erro

Já se foi a mágica, e 'Furiosa' fica muito aquém de 'Estrada da Fúria'

Mario Sergio Conti

Jornalista, é autor de 'Notícias do Planalto'

O melhor de "Furiosa" surge no fim. No início dos créditos intermináveis, aparecem cenas de "Estrada da Fúria", o episódio anterior da franquia "Mad Max". Uns poucos instantes do filme de 2015 são muito melhores que as duas horas e 20 minutos do que se acabou de ver.

Foi-se a mágica. "Estrada da Fúria" foi considerado o melhor filme das duas primeiras décadas do século 21. Seu único concorrente era "A Origem", de Christopher Nolan, que veio a dirigir o abominável "Oppenheimer", um elogio ao massacre nuclear americano de Hiroshima e Nagasaki.

Não que "Estrada da Fúria" fosse profundo, alargasse a compreensão humana ou revolucionasse a estética do cinema. Longe disso. Como os outros produtos da série "Mad Max", o filme era mais raso que um pires.

O "Mad Max" original, de 1979, era uma fantasia revanchista. A mulher e a filhinha de um patrulheiro rodoviário foram assassinadas por uma gangue de punks motociclistas. Atormentado pelo remorso, o patrulheiro os trucidava numa orgia de trombadas, explosões e sadismo.

Foi um filme barato, de uma cinematografia marginal, a da Austrália, que fez sucesso na Europa e revelou duas estrelas, o ator Mel Gibson e o diretor George Miller, ambos de lá. O empoeirado deserto australiano servia de cenário para perseguições filmadas com fluência líquida.

Os dois episódios seguintes se passam num mundo pós-apocalíptico. Houve guerras nucleares por combustível, Estados ruíram e os desertos são disputados por hordas horripilantes. O núcleo dramático permanece o mesmo: a violência cega e primária da vingança.

O esquema dramatúrgico, condimentado pela ênfase adolescente em veículos turbinados que colidem em alta velocidade, muda em "Estrada da Fúria". Não só porque o careteiro Mel Gibson foi trocado por um britânico taciturno, Tom Hardy, e o deserto australiano pelo da Namíbia.

Mad Max deixa de ser o protagonista forçudo e machão. A franquia se torna um manifesto feminista, encarnado por uma paladina silenciosa, de cabeça raspada e sem o braço esquerdo, Furiosa, a motorista de caminhão interpretada pela sul-africana Charlize Theron.

Furiosa não é niilista como Mad Max, para quem "a esperança é um erro". É uma heroína civilizadora. Quer voltar ao matriarcado onde nasceu, mas vence de roldão o patriarcado de estupradores, e dá origem a uma linhagem em que as mulheres lideram a sociedade. Mad Max sai de cena.

O bonito ideário estava afeito ao feminismo que ganhara espaço no Ocidente nas décadas anteriores. Mas não foram as belas ideias que deram o tom a "Estrada da Fúria".

Sua força estava na técnica que embasava o enredo. Como "E o Vento Levou", ou a corrida de bigas em "Ben-Hur", o terceiro "Mad Max" coroou o desenvolvimento tecnológico do cinema.

Nunca se vira antes o balé de dezenas de câmeras operando simultaneamente, os detalhes significativos de um imenso deserto, uma paleta de cores de nuances infinitas. A trilha sonora era menos música e mais sonoplastia. O enredo ficava em segundo plano. O que saltava aos olhos era a plasticidade das imagens, que se engatavam sem sobressaltos.

"Estrada da Fúria" não teve roteiro. Foi filmado a partir dos desenhos do "storyboard" e orientações sumárias ao elenco. Como o cinema é uma arte eminentemente visual, o filme agradou resenhistas, cineastas e o grande público. É essa mágica, a combinação de artesanato com a última palavra da indústria, que desapareceu de "Furiosa".

O que predomina nele é a repetição conformista do já visto, o afã em levar a cabo um blockbuster corriqueiro, em detrimento da audácia artística de arriscar. Em termos sociológicos: as relações de produção domesticaram as forças produtivas disruptivas.

"A Estrada da Fúria" se passava em pouco mais de dois dias, era essencialmente uma caçada que terminava pela libertação inesperada das mulheres perseguidas. Já "Furiosa" se arrasta por 16 anos, nos quais a protagonista é escravizada e sofre em silêncio.

Enquanto o primeiro filme terminava com a vitória das mulheres, o segundo acaba com a reiteração da opressão delas. É um final absolutamente previsível porque, no universo da saga "Mad Max", "Furiosa" antecede cronologicamente "Estrada da Fúria".

Sem inventividade, e repetindo mecanicamente truques tecnológicos, "Furiosa" poderia ter sido dirigido por Steven Spielberg, de tão grandiloquente e chocho que é. Por vias tortas, agora a razão está com o Mad Max machista, aquele que dissera que a esperança é um erro.

SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER.** João Pereira Coutinho | **QUA.** Wilson Gomes | **QUI.** Drauzio Varella, Fernanda Torres | **SEX.** Djamila Ribeiro | **SÁB.** Mario Sergio Conti

Best-seller Muriel Barbery diz que todo escritor é mentiroso

Autora de 'A Elegância do Ouriço' estará no Brasil para o Fronteiras do Pensamento


Detalhe da capa do livro 'Uma Hora de Fervor', da autora Muriel Barbery Divulgação

Walter Porto

SÃO PAULO A escritora Muriel Barbery é francesa e não tem filhos. Haru, protagonista de seu último romance é um pai japonês enraizado em Kyoto, onde a autora passou dois anos há mais de uma década.

A separação flagrante entre autora e personagem não é problema para Barbery, mesmo em tempos de tanta literatura fincada na própria identidade. Muito pelo contrário.

"Quanto mais distantes os personagens estiverem de você, melhor", diz ela. "Escrever assim é perseguir uma compreensão do que é o outro. É isso que quero fazer quando leio, ser outra pessoa, entrar em outras peles."

A francesa de 55 anos pondera que tomou cuidado para fugir de exotismos baratos sobre o Japão e ficou apreensiva com a recepção de seus amigos nipônicos à maneira como a cultura deles é retratada por ela em seu romance.

"Mas não acho que escrever um romance demanda expertise. Não mesmo", afirma.

"Eu gosto muito de ler autoficção, mas quando você escreve ficção, qualquer coisa é possível, e essa é a beleza da coisa. Nós precisamos disso. Se não, como podemos nos identificar com os outros? Na vida real, eu não posso me tornar você. Mas a literatura nos permite extrapolar as nossas próprias fronteiras."

A escritora vai extrapolar alguns limites geográficos na próxima semana, quando sai de seu vilarejo escondido na França rural para vir ao Brasil fazer duas palestras no ciclo Fronteiras do Pensamento, em São Paulo na segunda-feira e em Porto Alegre na quarta —mantida mesmo com os desastres que se abateram sobre o Rio Grande do Sul.

As conferências servirão para divulgar o lançamento de "Uma Hora de Fervor", segunda parte de um díptico que começou com "Uma Rosa Só", publicado aqui há dois anos.

Aquele livro traz Rose, jovem francesa que viajava a Kyoto para abrir o testamento de um pai que nunca conheceu —e a nova obra é centrada nele, um homem que se vê num turbilhão de emoções ao descobrir que tem uma filha e ser impedido de a conhecer.

Barbery não fazia ideia de que queria tanto explorar o outro lado da história, mas se viu despreparada para abandonar os personagens do romance anterior. Não foi a primeira vez que algo assim aconteceu, diz a autora, numa carreira que foi coroada por "A Elegância do Ouriço", um dos maiores best-sellers da França.

No lançamento, em 2006, o livro que intercalava a história de uma zeladora pobre que amava livros e de uma menina superdotada com planos de suicídio acabou virando o maior sucesso da editora Gallimard.

Hoje se estima que tenha vendido mais de 12 milhões de cópias, o que dá nó na cabeça de quem acha que ficções densas, carregadas de filosofia —área de formação de Barbery—, estão fadadas a encalhar.

É nesse aspecto metafísico que surge o Japão, que já aparecia como um interesse lateral em "A Elegância do Ouriço". Barbery diz sempre ter admirado a cultura do país por sua beleza estética e por sua perspectiva sobre a morte.

"Acredito que vivemos na presença de nossos mortos, e lá sentia isso de forma muito vívida", afirma a escritora, que gostava de passear pelos cemitérios quando morou no Japão com o ex-marido.

É uma boa demonstração do talento que a capacita como artista. "Sabe, romancistas são mentirosos", diz ela, divertida. "Nós concluímos ou inferimos coisas a partir de muito pouca experiência. É esse o trabalho dos escritores, ter intuições a partir de fragmentos da realidade."

Uma Hora de Fervor

Autora: Muriel Barbery. Trad.: Rosa Freire d'Aguiar. Ed.: Companhia das Letras. R$ 64,90 (224 págs.)

Fronteiras do Pensamento

Até 30 de outubro, fronteiras.com. Assinante **Folha** tem 45% de desconto

INÊS 249

Corpus Alegres! Parada Gay!

Efeito Pabllo Vittar no show da Madonna! Resgatamos o verde e amarelo!

José Simão
Jornalista, precursor do humor jornalístico.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Frase do dia: "Na física, Lei de Newton! Na lógica, Lei de Murphy! E na Parada Gay, Lady Gaga!".

Parada Gay amanhã, domingo! Depois de Corpus Christi, Corpus Alegres! E um amigo já fez a faixa: "Menos Nunes! Mais Beyoncé!". E sabe como é a Parada Gay em Portugal? Portugays! Rarará!

E estou adorando os pré-candidatos! Tem a Marta Rocha, quando aperta, afrocha! E para prefeito de Foz: Paulo McDonald! Com o slogan: "Dois hambúrgueres, alface, queijo, molho especial, cebola, picles, num pão com gergelim!".

E a vice do Boulos é a Marta! A Marta é a cereja do Boulos! Rarará!

E o Nunes tem cara de figurante de filme do Zé do Caixão. Com aquela cara de cera e barba preta! Medo! Eu acho que ele come barata! Rarará!

E atenção: "Parada Gay pede que o público vá de verde amarelo". Efeito Pablo Vittar e Madonna no show da Madonna! Pegamos de volta. Resgatamos o verde amarelo! O gado está nu! Aí um minion sai de camiseta verde amarelo e as pessoas "você é fã da Pabllo Vittar?". Rarará!

E atrás do Masp tem uma rua muito boa para estacionar para a Parada Gay: rua Professor Picarolo! Rarará!

E essa semana fiz o Imposto de Renda. E adorei os quesitos! "Situação em 31 de dezembro de 2023": Bêbado. Como todo brasileiro no Réveillon!

E o quesito sexo: não lembro! Rarará! E um amigo preencheu assim o quesito sexo: ENORME! Rarará! Vai cair na malha grossa! E outra amiga preencheu assim o quesito estado civil: à espera de um milagre! Rarará!

E mais essa: "O Masp terá a bandeira LGBTQIA+ em sua fachada durante a Parada do Orgulho Gay pela primeira vez". O Masp saiu do armário! Finalmente! Rarará!

Piada pronta: "O cantor e empresário Mateus Vargas Júnior conhecido como McRoba Cena foi preso por furto". De energia. Ele fazia uns gatos para iluminar o seu restaurante!

Nóis sofre, mas nóis goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!.


Fê

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Documentário sobre queda de voo da Air France está no streaming

Rio-Paris: A Tragédia do Voo 447
Globoplay, 12 anos
A série documental mostra o que mudou na segurança da aviação depois da queda do voo 447 da Air France que matou 228 pessoas há exatos 15 anos. Com depoimentos de técnicos, jornalistas e parentes das vítimas, além de pesquisas minuciosas de áudio e vídeo, a produção revisita o dia do acidente, os processos na Justiça francesa e como todos vivem atualmente.

O Jogo da Pirâmide
Paramount+, 16 anos
Série sul-coreana de suspense protagonizada por uma jovem, Su-ji, que tem de enfrentar o cotidiano da escola como um jogo de sobrevivência. Quando ela conhece o sistema de classificação que determina posições em cada classe, lidera uma revolta.

Dançando para o Diabo
Netflix, 16 anos
Documentário sobre um grupo de dançarinos no TikTok que se envolve em uma seita disfarçada de agência de gestão de carreiras chamada 7M. Enquanto os pais da jovem Miranda tentam resgatar a filha, os que escaparam expõem as táticas usadas para controlar as pessoas.

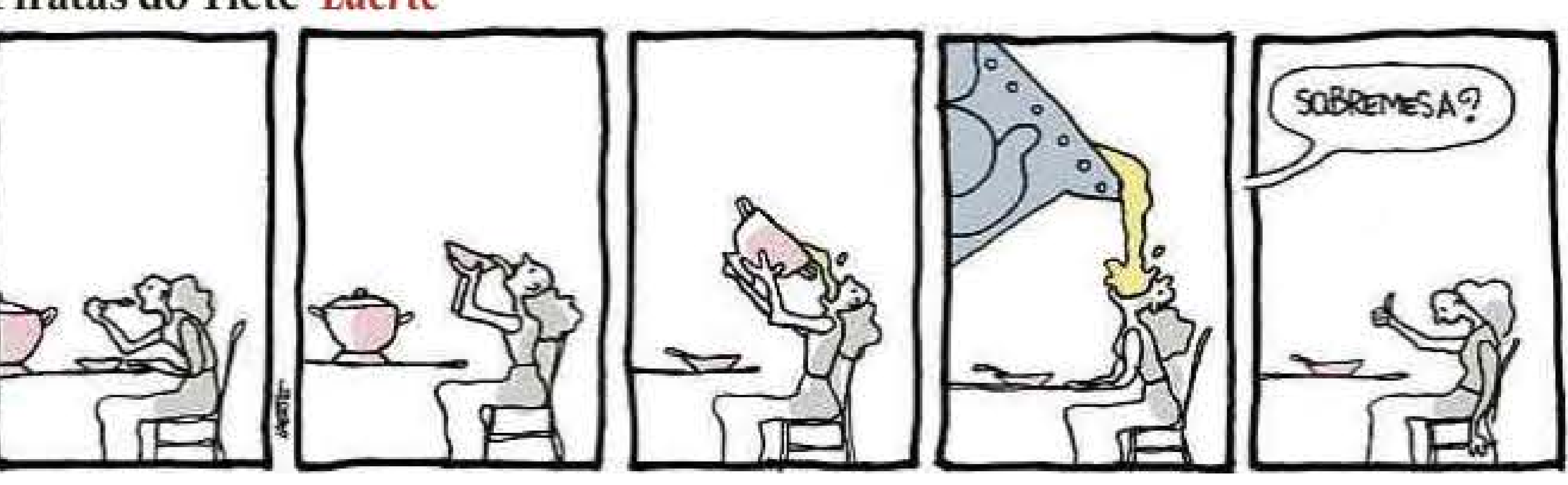
Entrevista com o Vampiro de Anne Rice
Prime Video, 18 anos
Em entrevista ao jornalista Daniel Molloy nos dias de hoje, Louis de Pointe du Lac conta sua história desde os dias em que sucumbiu à oferta do carismático vampiro Lestat para se tornar seu companheiro em 1910. Série baseada no romance de Anne Rice.

Boa Sorte, Leo Grande
Telecine Touch, 20h15, 16 anos
Nancy, papel de Emma Thompson, é uma professora aposentada que nunca teve um orgasmo. Decidida a mudar isso, ela contrata um garoto de programa, Leo Grande, mas o que seria apenas uma noite de sexo traz uma conexão verdadeira entre os dois.

Noite
Canal Brasil, 22h, 18 anos
Baseado na obra homônima de Erico Verissimo, o filme é sobre um homem que perdeu a memória e perambula pela noite de Porto Alegre até ser parado pela polícia, que o questiona sobre o bárbaro assassinato de uma mulher.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*



Bicudinho *Caco Galhardo*



Níquel Náusea *Fernando Gonsales*



Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*



Viver Dói *Fabiane Langona*



Péssimas Influências *Estela May*



Vida Besta *Galvão Bertazzi*



SUDOKU

texto.art.br/fsp

MÉDIO

5				7		1	2	
1	7				3		5	
8	3				4			2
		9	8		6	7		
6			2				3	8
	2		3				6	1
	5	4		2				3

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com novе lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

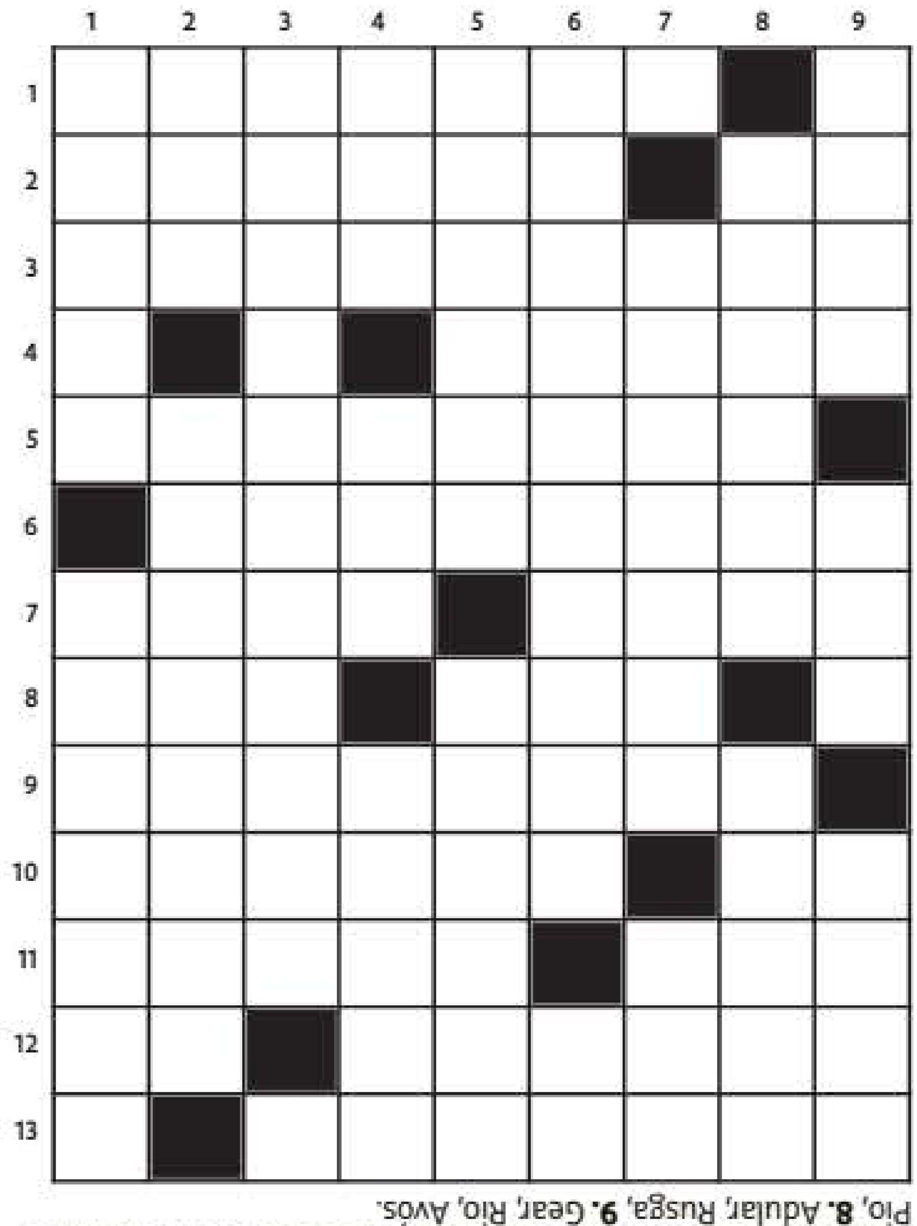
SOLUÇÃO

5	9	3	4	7	8	1	2	6
4	8	6	1	5	2	3	7	9
1	7	2	9	6	3	8	5	4
8	3	5	7	1	4	6	9	2
2	4	9	8	3	6	7	1	5
6	1	7	2	9	5	4	3	8
9	2	8	3	4	7	5	6	1
3	6	1	5	8	9	2	4	7
7	5	4	6	2	1	9	8	3

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Um personagem da história de Chapeuzinho Vermelho **2.** Procurar não encontrar / Antecedem I, O e U **3.** Colocada por baixo do solo **4.** O osso da coxa **5.** Que se pode ajustar ao padrão **6.** Citar diversas coisas uma após outra **7.** Suntuosa / Crustáceo marinho, possui o último par de pernas em forma de remo, adaptado para nadar **8.** Sufixo diminutivo / Marca chinesa fabricante de carros **9.** Quarto de vestir **10.** Saída de gases estomacais pela boca / A sigla de Unidade Astronômica, distância média entre a Terra e o Sol **11.** Medida para líquidos / Clube holandês de futebol **12.** Hectare (10.000 m²) / Refúgio **13.** O segundo menor estado brasileiro.

VERTICAIS
1. (Pop.) Pessoa lenta na maneira de pensar e agir / Pedaço, fragmento **2.** Na Espanha é huevo / Cargo de administrador de bens alheios **3.** O compositor carioca Sérgio (1941-1979), de "Naquela Mesa", filho de Jacob do Bandolim **4.** Suf.: pequeno / A Augusta é uma das mais famosas da cidade de São Paulo / Que tem cor avermelhada ou rubra **5.** As presas dos elefantes / Árvore de cujo tronco se extrai uma resina usada como tônico e estimulante **6.** Que não é direito / Radamés Gnatalli (1906-1988), músico **7.** O navegador italiano Vespúcio (1454-1512), que emprestou o nome ao novo mundo descoberto por Colombo / Voz dos passarinhos **8.** Lisonjear alguém de modo exagerado / Pequena briga ou desentendimento **9.** Congelar-se (o orvalho) / Uma formação como o Nilo / País da mãe.



HORIZONTAIS: 1. Lobo Mau, **2.** Evitar, AE, **3.** Soterrada, **4.** Fêmur, **5.** Aferível, **6.** Enumerar, **7.** Rica, Siri, **8.** Eto, JAC, **9.** Toucador, **10.** Arroto, UA, **11.** Litro, PSV, **12.** Ha, Abrigo, **13.** Alagoas.

VERTICAIS: 1. Lesma, Retalho, **2.** Ovo, Feitoria, **3.** Bittencourt, **4.** Ote, Rua, Coral, **5.** Marfim, Jatobá, **6.** Arrevesado, RG, **7.** Américo, Pio, **8.** Adular, Rusga, **9.** Gear, Rio, Avós.

INÊS 249

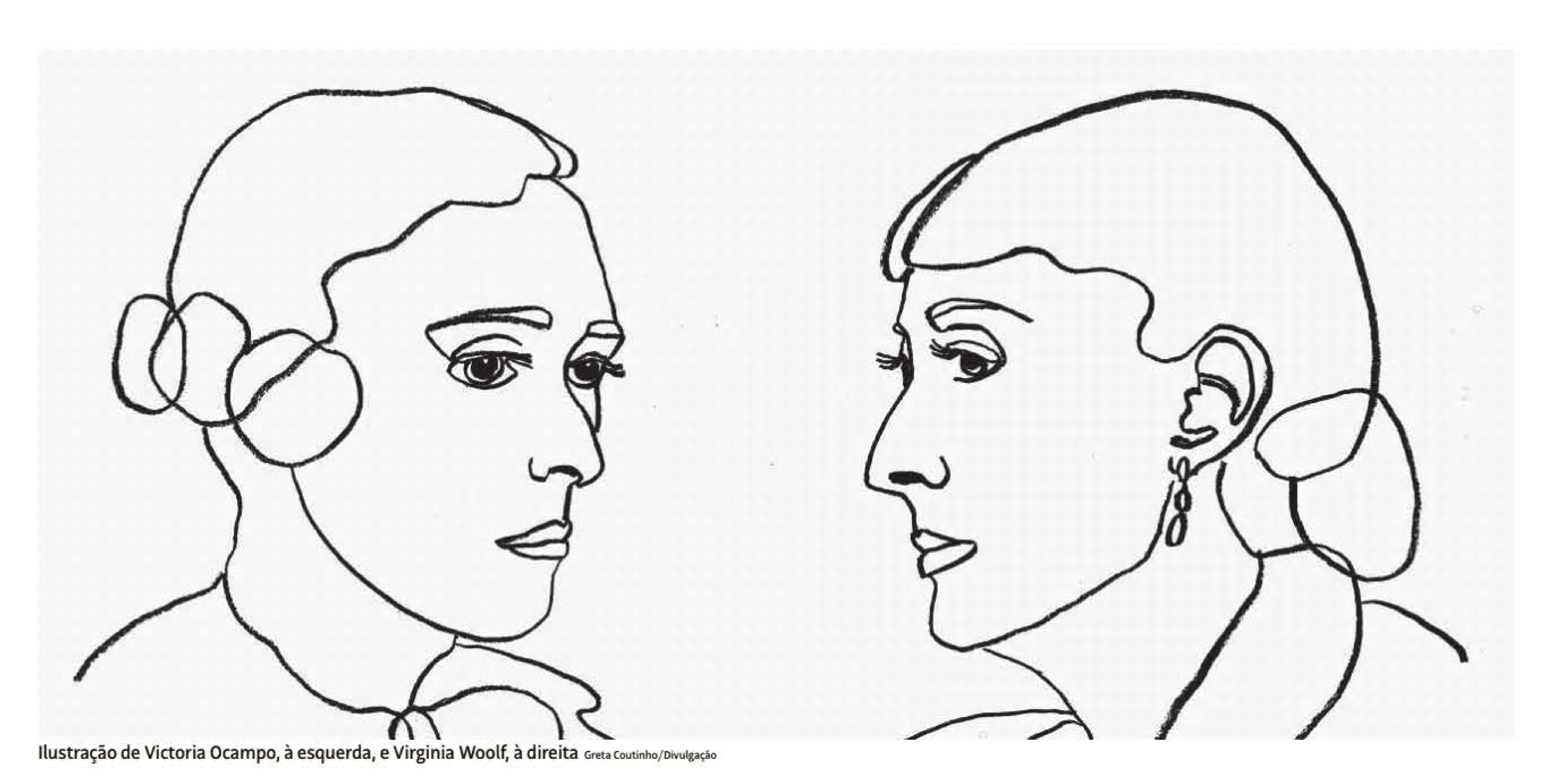


Ilustração de Victoria Ocampo, à esquerda, e Virginia Woolf, à direita Greta Coutinho/Divulgação

Woolf e Ocampo inventam uma a outra em cartas

Livro inédito reúne a correspondência que foi trocada entre a britânica e a argentina ao longo de toda a década de 1930

LIVROS

Victoria Ocampo e Virginia Woolf - Correspondência

★★★★☆

Autoras: Victoria Ocampo e Virginia Woolf. Trad.: Emanuela Siqueira, Nylcéa Pedra e Rosalia Pirolli. Ed.: Bazar do Tempo. R$ 76 (208 págs.)

Lívia Prado

Há 90 anos, durante uma exposição em Londres do fotógrafo Man Ray, que ela visitava na insólita companhia de Aldous Huxley, Victoria Ocampo conheceu Virginia Woolf.

A intelectual argentina sabia muito bem quem era a escritora britânica, que então já publicara obras como "Mrs. Dalloway". Do encontro nasceria uma amizade que duraria até a morte de Woolf, em 1941.

Essencialmente epistolar, essa amizade pode ser desbravada em "Victoria Ocampo e Virginia Woolf – Correspondência". O volume reúne cartas trocadas de 1934 a 1940, algumas inéditas até a edição argentina, que serve de base para esta.

Buscando ser um tributo às mulheres dedicadas ao ofício das palavras, a versão brasileira soma os próprios paratextos aos argentinos. Esse palimpsesto vertiginoso de notas poderá cansar o "leitor comum" elogiado por Woolf e deleitar o leitor acadêmico.

O livro recolhe o lugar-comum que classifica a relação entre as duas escritoras como assimétrica. Assim a definia a própria Ocampo, que situava no encontro com Woolf o ponto de partida de sua consolidação como agente cultural.

O ensaio "Um Teto Todo Seu" ajudara a argentina a entender suas circunstâncias de mulher dentro da patriarcal intelectualidade de seu país. Segundo Ocampo, Woolf ficara curiosa por sua origem exótica. Já ela teria buscado, a amizade, a "chave do tesouro".

Há um desequilíbrio inevitável. Enquanto se preservaram 23 das 25 missivas de Woolf, apenas três das cartas destinadas à britânica sobreviveram ao fogo da própria autora. Daí a necessidade de ler as perguntas e respostas de Woolf imaginando as de Ocampo.

Essa lacuna é em parte compensada pela inclusão do ensaio "Virginia Woolf em Seu Diário", em que conhecemos a capacidade crítica "afiada tal como uma faca" que Woolf supunha em Ocampo.

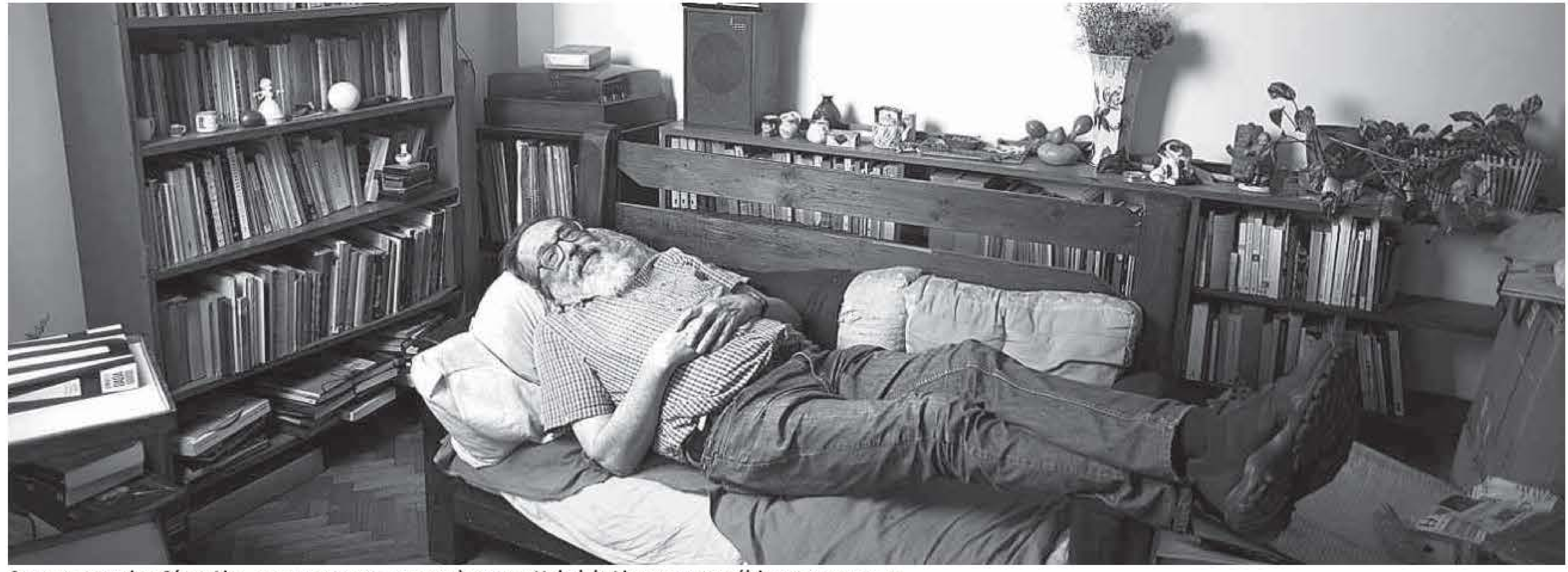
Woolf também parecia se divertir vendo em Ocampo uma metonímia das "terras infinitas" da América do Sul, que ela imaginava sobrevoada por grandes borboletas.

É significativo que o cenário de seu primeiro romance, "A Viagem", de 1915, seja esse elusivo continente que ela nunca conheceu. Numa de suas cartas a Ocampo, o Uruguai —mencionado no conto "Kew Gardens"— aparece grafado como "Uraguay", numa referência, aliás, à Argentina.

Ocampo, pelo contrário, ia bastante à Europa. E não era só na geografia que Ocampo se deslocava até Woolf. Enquanto esta escrevia em sua língua materna, aquela se movia entre o inglês e o francês.

Ainda assim, "Correspondência" desmente a assimetria da relação. Ocampo cobria a distância entre elas com um acúmulo de capital cultural, posição social e trânsito entre personalidades da época. Se é verdade que se vinculou a Woolf por uma admiração genuína, também o fez como parte de seu projeto autoral.

A dimensão transacional da relação fica evidente. Além de discutirem o elevado e o mundano, as duas fazem negócios nas cartas. Graças a elas, a editora Sur, de Ocampo, publica obras como "Um Teto Todo Seu" e "Orlando", levadas ao espanhol por Jorge Luis Borges. De Woolf, precisava não da chave, mas da confirmação de que o tesouro existia.



O autor argentino César Aira, que teve seu nome cotado para o Nobel de Literatura nos últimos anos Divulgação

Cotado para o Nobel, César Aira traz 'novelitas' únicas ao Brasil

ANÁLISE

Fernanda Lobo

Editora e tradutora, é mestre em literatura e doutoranda pela Universidade Federal de Minas Gerais

Não é de hoje, dois procedimentos muito criticados na literatura são a repetição de fórmulas e o "bom mocismo". Contrária a esses caminhos mais fáceis e, portanto, comuns, a literatura de César Aira não obedece a fórmulas, tampouco discute explicitamente a política por um viés pedagógico.

Talvez por isso quem lê César Aira há mais tempo tenha se impressionado com a onda de reconhecimento institucional de sua obra, que foi considerada, por muito tempo, destinada a um nicho de leitores cult. A coisa tem descambado até a cotação de seu nome para o Nobel de Literatura nos últimos anos.

A surpresa vem do fato de que Aira escreve como quem rejeita até a ideia de "boa literatura". Não apenas no sentido de ser um escritor marginal, mas como quem "troca os sinais" das hierarquias literárias, dando, ao mesmo tempo, muitas provas de conhecer bem todos esses sinais.

Em um bom momento para o autor, chegam ao Brasil quatro de suas "novelitas" que, completamente diferentes entre si, apresentam Aira como é —inapreensível.

"A Prova", "Atos de Caridade", "O Congresso de Literatura" e "O Vestido Rosa" nem parecem saídos da mesma caneta à primeira vista, mas compartilham uma transgressão sofisticada e bem humorada. São quatro narrativas curtas, que variam, sem muita cerimônia, entre filosofia densa e nonsense deliberado, de modo que o próprio leitor se pergunta se o autor está falando sério ou se está de brincadeira.

Perspicaz, Aira não quer ensinar nada, a não ser a diversão de imaginar em linguagem literária. Não existem saltos evolutivos ou arcos de aprendizagem, apenas devaneios que vão longe demais. E, embora não se dirija explicitamente à política, fica claro que não se trata de nenhum desavisado formalista.

Em "A Prova", uma narrativa "cyberpunk" em que duas garotas tentam convencer uma terceira que passa pela rua a transar com elas, o leitor pode enxergar uma alegoria irônica —até porque uma das meninas se chama Lênin e a outra, Mao.

Depois de um diálogo longo e cheio de momentos filosóficos num restaurante de fast food, as garotas cansadas partem para dar uma prova de amor à terceira. E o fazem em um supermercado de outra rede argentina famosa. A contemporaneidade mais chã se mistura com reflexões eruditas.

"Atos de Caridade" narra os dilemas de um sacerdote católico em torno da caridade, em que fica claro que seu interesse está em viver uma vida luxuosa, embora muitas cambalhotas discursivas tentem justificar essa escolha.

O padre opta por construir uma casa tão portentosa que não obrigaria a nenhum ato de prescindência, pois, na dúvida se construiria uma biblioteca pequena ou uma grande, por exemplo, o protagonista mandava fazer as duas. A atitude rende crise de consciência, "pois Satanás opera justo com essas armas: com a irrupção sorrateira das possibilidades na realidade". Mas rende uma "novelita" prazerosa.

"O Congresso de Literatura", um de seus textos mais famosos, é narrado pelo próprio autor, que vai a um encontro na Venezuela e, com um desenrolar meio de ficção científica, tenta produzir um exército de clones do escritor Carlos Fuentes, cuja obra é um dos pilares do "boom" latino-americano, para dominar o mundo.

"O Vestido Rosa" é inspirado em um conto de Guimarães Rosa, "O Recado do Morro". Aira é um grande entusiasta da literatura brasileira, que considera melhor do que a argentina.

É a história de um vestidinho que seria dado de presente a uma recém-nascida. O encarregado de levar a peça é um bobo chamado Asís. O pacote é roubado no caminho e o vestido rosa passa pelas mãos de "índios", soldados do general Roca, gaúchos, vaqueiros.

Talvez o sucesso recente de Aira se deva a um esgotamento da obsessão dos leitores pela experiência individual, já que, aqui, a imaginação vem antes da representação.



Heitoa e Yasmin Rodrigues no Cabaret da Cecília, casa noturna no centro de São Paulo Jardiel Carvalho/Folhapress

Aquarela do Brasil

Continuação da pag. C1

No entanto, foi só com a apresentação da rainha do pop que o resgate tomou fôlego. "Erguer a bandeira do meu país e ter dividido esse momento com a Madonna me enche de orgulho", diz Pabllo Vittar. "É como mais um respiro e um passo à frente em relação a tudo o que passamos no nosso país anos atrás."

Quando chegou ao poder, Bolsonaro se apropriou de símbolos nacionais para mobilizar seus apoiadores e estimular ataques à democracia. Inclusive, proferiu falas de teor homofóbico em diversos momomentos. "Infelizmente, o verde e amarelo se tornou símbolo de algo que diz o contrário do que eu e grande parte do país acreditamos", diz a cantora. "Virou símbolo de tristeza acompanhado de discursos de ódio."

Opinião parecida tem Nelson Matias Pereira, presidente da Parada do Orgulho. "Usaram esse símbolo como se só eles fossem patriotas e todos nós fôssemos a escória do país. Agora é o momento oportuno para fazer esse resgate."

Ele diz que tentou fazer isso em outras edições da Parada, mas a ideia não prosperou porque as pessoas não queriam ser confundidas com bolsonaristas. A proposta, ele diz, só se concretizou por influência do show de Pabllo e Madonna.

"Esse resgate é importante para que a gente diga de forma definitiva que a bandeira não é de alguns, e sim de todos. A gente só vai resgatar aquilo que também nos pertence."

Especialista em moda, Maira Zimmermann diz que Madonna e Pabllo subverteram o verde e amarelo, quase como num ato de deboche e rebeldia contra o conservadorismo. Foi parecido com o que a banda Sex Pistols fez quando se apropriou da bandeira britânica.

"De uma certa forma, elas ironizaram a autoridade. O bolsonarismo pega a bandeira como uma coisa séria, ligada à ordem. Elas foram lá, questionaram e desconstruíram isso", diz a especialista, chefe do departamento de moda da Fundação Armando Álvares Penteado. "Com o show, a comunidade viu que poderia usar as cores de novo", acrescenta.

O empresário Tiago Santos foi uma dessas pessoas que se sentiram livres para usar a bandeira novamente. Por isso, decidiu promover a festa Pride nas Alturas, um camarote com temática verde e amarela durante a Parada.

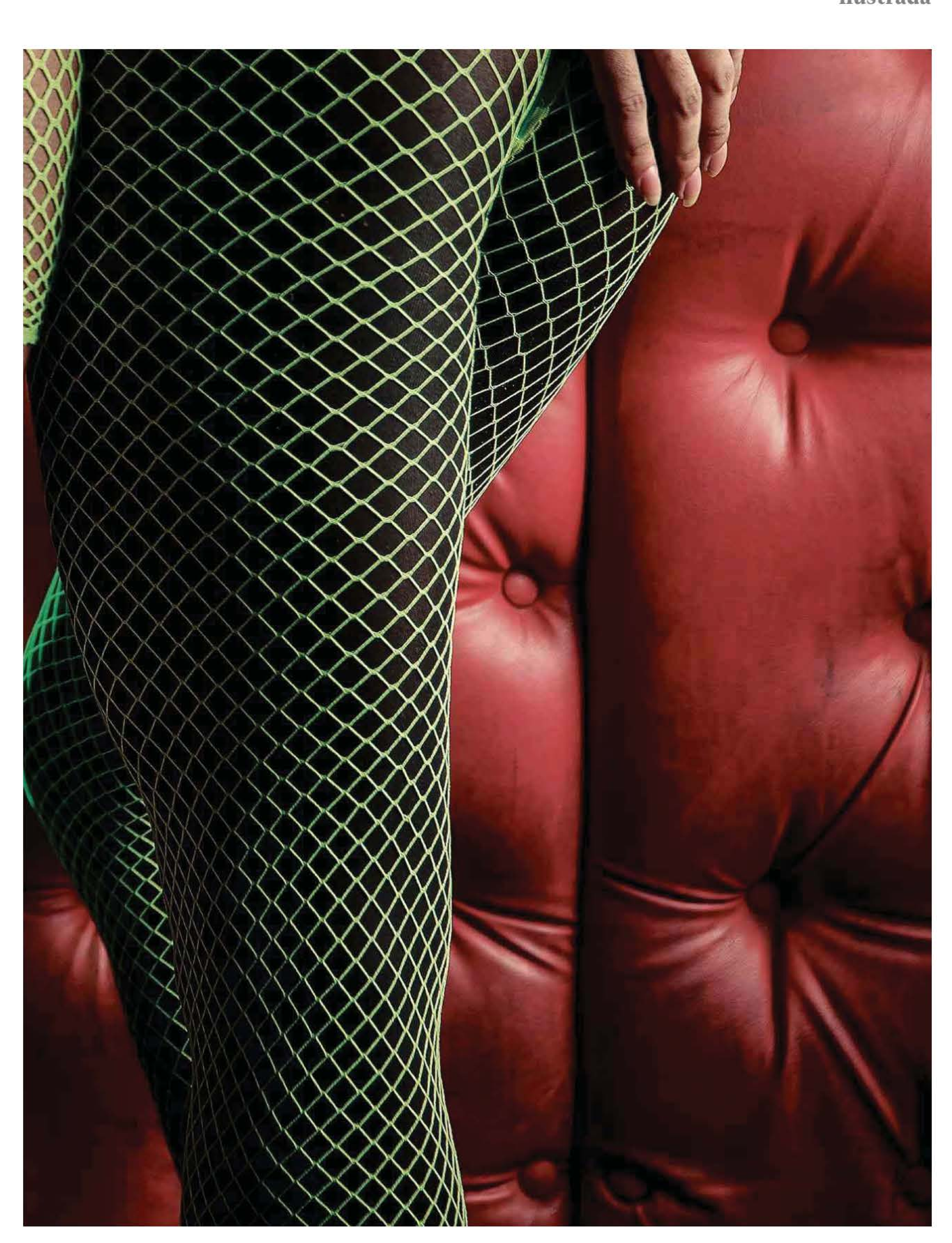
Ele diz ter visto muitos amigos jogarem a camisa da seleção no lixo durante o governo Bolsonaro por medo de serem associados à extrema direita. "A sensação era a de que a gente estava sendo proibido de usar a bandeira." Agora, Santos observa outro cenário.

> "Erguer a bandeira do meu país com a Madonna me enche de orgulho. É como mais um respiro e um passo à frente. O verde e amarelo tinha virado um símbolo de tristeza e discursos de ódio
>
> **Pabllo Vittar**
> cantora

Ele também é dono do Cabaret da Cecília, boate de São Paulo onde diz ter visto o número de frequentadores de verde e amarelo aumentar nas últimas semanas. "Agora, o verde e o amarelo simbolizam a resistência e a esperança."

Essas cores, no entanto, ainda provocam apreensão em algumas pessoas. Artista não binário, Julha Franz diz ter sentimentos ambivalentes. Por um lado, considera importante ressignificar o símbolo, por outro diz que essas cores ainda remetem a traumas.

Continua na pág. C7



Continuação da pág. C6

"Ainda é uma coisa que me causa muita dor. Carrego essa memória traumática", afirma Franz. Apesar disso, pretende ir de verde e amarelo à Parada como uma forma de subverter o imaginário que se construiu sobre a bandeira ao longo dos últimos anos. "Depois que passou a pior fase do bolsonarismo, vejo que é o momento de retomar a nossa bandeira", acrescenta Franz.

O antropólogo Edilson Márcio Almeida da Silva diz que esse movimento de fato é um resgate. "E só é um resgate porque houve um sequestro", afirma ele, que é professor do departamento de antropologia da Universidade Federal Fluminense e estuda o tema.

De acordo com o especialista, esse sequestro começou em junho de 2013. À época, milhares de pessoas tomaram as ruas de cidades do Brasil com reivindicações difusas, mas que tinham como elemento em comum a insatisfação com o poder público.

Na esteira dos protestos, grupos conservadores decidiram assumir o protagonismo dos atos, momento no qual se associaram ao verde e amarelo, diz Silva. Por meio de elementos estéticos, fizeram uma contraposição entre eles, que seriam os verdadeiros patriotas, e todo o resto —gays, lésbicas, pessoas trans, ou seja, todos os corpos considerados desviantes. "O principal problema disso é a negação da alteridade. A existência do outro é desautorizada e minimizada", afirma o pesquisador. "Esse é um processo de viés extremamente autoritário."

O sequestro de símbolos pátrios costuma ser frequente em momentos de ataque à democracia. A ditadura militar, por exemplo, apostava no verde e amarelo como uma forma de afastar o chamado perigo vermelho, isto é, a influência do comunismo no país.

Nesse período, o regime fez uso do nacionalismo para sufocar críticas e promover coesão social. Antes disso, a ditadura de Getúlio Vargas havia lançado mão dessa mesma estratégia nacionalista.

"Havia essa confusão proposital entre Estado e governo", diz Mateus Gamba Torres, professor do departamento de história da Universidade de Brasília. "Se você critica o governo é porque você é comunista ou está contra o Brasil. E essa é justamente a retórica do Bolsonaro", diz ele.

Não à toa, o ex-presidente repetia à exaustão o lema "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Dizia ainda que as minorias deviam se curvar e se adequar à maioria.

Aqueles que não se enquadram na ideia de brasilidade forjada por governos autoritários são relegados à marginalidade. "Quando um grupo se diz mais brasileiro que os outros, ele vai querer impor a sua vontade e a sua ideologia. Dirá que tudo o que é contrário a ele é contrário ao Brasil."

Por esse motivo, ele considera a retomada da bandeira uma forma de confrontar a exclusão social da comunidade LGBTQIA+. "É uma maneira de mostrar que eles não são cidadãos de segunda classe e que não vão se esconder", diz o especialista. "Eles não ficarão mais no armário. Nem no armário da orientação sexual nem no da política nacional."

> "Quando um grupo se diz mais brasileiro que os outros, ele vai querer impor a sua vontade. Dirá que tudo o que é contrário a ele é também contrário ao Brasil. É justamente a retórica usada por Bolsonaro
>
> **Mateus Gamba Torres**
> pesquisador



Festa junina no Centro de Tradições Nordestinas, na região norte de São Paulo Mathilde Missioneiro/Folhapress

Programe-se para a temporada de festas juninas em São Paulo

Calendário de arraiais inclui quermesses de bairro e eventos com grandes shows

Isabela Bernardes e Isabela Faggiani

SÃO PAULO Chega o mês de junho e a programação da capital paulista ferve com incontáveis festas juninas. Há opções com entrada gratuita, com pagamento simbólico ou festivais com grandes shows —mas todas, em geral, oferecem quitutes típicos da época.

Veja uma seleção de festas juninas e julinas que São Paulo recebe neste ano e programe-se para curtir. Fique de olho nos perfis no Instagram dos eventos para atualizações.

*



Público na Quermesse do Calvário, na zona oeste Alberto Rocha- 20.jun.2016/Folhapress

CENTRO

Arraial da Central

A banda de forró Xaxado Novo anima a festa, que também é aberta aos pets.

Central - praça da Bandeira, 137, centro. Dom. (9), das 10h às 20h. Grátis. @central_1926

Arraiá d'Achiropita

É um esquenta para a festa de Nossa Senhora Achiropita, mas em clima junino.

Sábado e domingo (8 e 9/6), a partir das 11h.Paróquia N. Sra. Achiropita - r. Treze de Maio, 478, Bela Vista. Grátis. @achiropitaoficial

Festa Junina da Consolação

A festa agita o entorno da pça Roosevelt, na região central. Tem comidas e bebidas típicas.

Sábado e domingo (15, 16, 22 e 23/6), em horário a definir. Paróquia Nossa Senhora da Consolação - r. da Consolação, 585, Consolação. Grátis. @igrejadaconsolacao

São João Paulo

Neste sábado (1º), se apresentam Ferrugem e Léo Santana, e no domingo (2), Felipe Araújo, João Gomes e Péricles.

Centro Esportivo Tietê - av. Santos Dumont, 843, Luz. Sáb. e dom., das 10h às 22h. Entrada gratuita mediante retirada de ingresso em festasaojoaopaulo.com.br, e sujeita à lotação.

Festa de Santo Antônio do Pari

Quermesse é dedicada ao santo com fama de casamenteiro.

Sábados e domingos a partir das 17h. Até 30/6. Paróquia Santo Antônio, Praça Padre Bento, 13, Pari. Grátis. @santoantoniodopari

Festival Junino Anhangabaú

No sábado, o rolê será animado pela festa Calefação Tropicaos; no domingo,há Adriano Salhab, do forró Xique Xique.

Sáb. e dom. (22 e 23/6), das 11h às 19h. Vale do Anhangabaú, centro. Grátis. @ novoanhangabau

Festa de São Vito

Neste ano, a tradicional festa comemora os 150 anos da imigração italiana no Brasil.

Sábados e domingos, a partir das 19h. Até 14/7. Associação Ben. São Vito Mártir - r. Fernandes Silva, 96, Brás. R$ 10 na porta ou a partir de R$65 (com pratos inclusos) em ticket360.com.br. @festadesaovito

ZONA NORTE

São João de Nóis Tudim

A festa do Centro de Tradições Nordestinas chega à 8ª edição com 120 atrações, incluindo shows ao vivo, quadrilhas, brincadeiras e missa.

Centro de Tradições Nordestinas - Rua Jacofer, 615, Limão. Sextas das 15h às 23h, Sábados das 11h às 4h e domingos das 11h às 22h. Até 28/7. @saojoaodenoistudim_ctn

Paróquia Santa Terezinha

Quadrilhas (às 12h30 ou às 17h30) são alguns dos principais destaques da quermesse.

Sábados e domingos, a partir das 18h. Até 30/6. Av. Guapira, 2.055, Jaçanã. @santaterezinhadojacana

Arraiá da Livração

Tem atrações como bingo, música e dança típicas, além de venda de quitutes juninos.

Sáb. e dom., a partir das 18h. Até 23/6. Paróquia Nossa Senhora da Livração - avenida Ramiz Galvão, 638, Jardim Brasil. Grátis. @arraiadalivracao

ZONA LESTE

Paróquia N. S. da Conceição

Com clima bem família, a festa acontece nas imediações da paróquia do Tatuapé.

Sábados e domingos, das 17h às 23h, até 7/7. Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Praça Silvio Romero, Tatuapé. Grátis. @pnsconceicao.tatuape

Igreja São Pedro Apóstolo de Vila Oratório

No fim de semana, se torna o maior reduto junino da Mooca.

Sáb. e dom., a partir das 18h. Até 30/6. Rua Ibitinga, 838, Alto da Mooca. Grátis. @saopedromooca

Festa da Vila Maria Zélia

Quermesse tem clima mais família e reúne o pessoal do bairro de origem operária.

Sáb. das 19h às 23h e dom. das 18h às 22h. Até 30/6. R. dos Prazeres, 362, Belenzinho. Grátis. @savilamariazelia

Catedral de S. Miguel Arcanjo

Conta com atrações como bingo, comidas típicas, shows e também correio elegante

De 8/6 a 14/7. Sábados e domingos, a partir das 18h. Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, 11, São Miguel. Grátis. @catedral_sm

Paróquia São Pio 10 e Sta Luzia

Uma das tradicionais da região leste, abriga barracas de comidas típicas e bingo.

Sáb, da. 18h às 23h e dom. das 18h às 22h. Até 30/6. Av. Sapopemba, 1.500, Água Rasa. Grátis. @pstaluziaspiox

ZONA OESTE

Memorial da América Latina

A programação no museu da Barra Funda conta não só com atividades juninas, mas com o festival de sopas da Ceagesp.

Sáb. e dom. (15 e 16/6), das 11h às 21h. Av. Mário de Andrade, 664, Barra Funda. Grátis. @ memorialdaamericalatina

Arraial no Pq. da Água Branca

Acontece junto com os festivais do Morango e do Torresmo.

Dias 15, 16, 22 e 23/6, das 10h às 19h. Av. Francisco Matarazzo, 455, Água Branca. Grátis. @feiras_ eventos_nos_parques_sp

Paróquia Vila Madalena

Tem música ao vivo além de tradicionais brincadeiras juninas, bingo e quitutes da época.

Sáb. e dom., das 18h às 22h. Até 30/6. Rua Girassol, 795, Vila Madalena. Grátis. @paroquiavilamadalena

Quermesse do Calvário

Uma das mais famosas festas juninas da região oeste, ocupa o pátio da igreja no entorno da praça Benedito Calixto.

Sáb. das 17h30 às 23h30 e dom. das 17h30 às 22h30. Até 7/7. Rua Cardeal Arcoverde, 950, Pinheiros. Ingressos a R$ 30 na porta. @quermessedocalvario

Festa Junina Vegana

Oferece quitutes típicos, só que veganos nas tardes de domingo.

Dom., das 12h às 20h. Até 30/6. Área Verde da Faculdade Oswaldo Cruz - rua Brigadeiro Galvão, 535, Barra Funda. Grátis. @vegniceoficial

São João de São Paulo

Ocupa o parque Villa-Lobos no fim de semana com shows, comidas típicas e quadrilha.

De sex. (31) a dom. (2/6), das 10h às 21h. Av. Queiroz Filho, 1.205, Vila Hamburguesa. Entrada gratuita mediante retirada de ingressos via Sympla. @saojoaodesp

Bar da Adelaide

Inaugurado recentemente por um ex-gerente da Cia. Tradicional (dona de botecos como o Pirajá e o Original), o bar promoverá uma festa junina com show de forró músicas típicas.

Sáb. (13/7) das 12h às 19h - Rua Carlos Weber, 1.750, Vila Leopoldina. Grátis. @bardaadelaide

Paróquia Santo Antônio da Barra Funda

No dia de Santo Antônio (13) e na sexta seguinte (14) haverá festa das 18h às 22h em homenagem ao santo casamenteiro.

Sáb. das 18h às 23h e dom. das 18h às 22h. Até 30/6. Rua Cônego Vicente Miguel Marino, 421, Barra Funda. Grátis. @santoantonio.barrafunda.sp

ZONA SUL

Paróquia N. S. da Saúde

Tradicional no bairro da Vila Mariana, ocupa o estacionamento da paróquia com barraquinhas e quadrilha.

Sex. das 19h às 22h; sáb. das 17h às 22h e dom. das 11h às 22h. Até 9/6. Rua Domingos de Morais, 2.387, Vila Mariana. Grátis. @senhoradasaudesp

Arraiá da Vila

A festa do Instituto Biológico reúne comidas típicas, feira criativa e apresentações de quadrilha e de forró pé de serra em trio elétrico.

Dias 29 e 30/6 (sábado e domingo), das 11h às 21h.Instituto Biológico - av. Cons. Rodrigues Alves, 1252, Vila Mariana. Grátis. @arraiadavilamariana

Arraial Estrelado

Festa com shows de grandes nomes como Zezé Di Camargo & Luciano, Zé Neto & Cristiano, Bruno & Marrone, Elba Ramalho, Jorge & Mateus e mais.

Dias 8, 9, 15 e 16/6 (sáb. e dom.) a partir das 13h. Pq. do Ibirapuera - av. Pedro Álvares Cabral, portão 10, Vila Mariana. Ingressos a partir de R$ 410 via Ingresse. @arraialestrelado

Arraiá da Padroeira

Quermesse do Ipiranga conta com comidas típicas, mas também com churrasco, batata frita e linguiça na chapa.

Sáb. e dom., de 8 a 30/6, a partir das 17h. Rua Labatut, 781, Ipiranga. Grátis. @santuario_aparecidaipiranga

Arraiá do Burle Marx

As bandeirinhas juninas ocupam o parque da zona sul, e as atrações rolam em meio à vegetação de mata atlântica.

Dias 17 e 18/6 (sábado e domingo), das 10h às 19h. Pq. Burle Marx - av. Dona Helena Pereira de Moraes, 200, Vila Andrade. Grátis. @parque_burlemarx

Arraiá de Moema

Por ser organizado por um grupo de empresários do bairro, o arraial de rua conta com estandes de comerciantes locais além das atrações juninas.

Sáb. (22), das 10h às 22h, e dom. (23/6) das 10h às 20h. Pça. N. S. Aparecida, s/n. Moema. Grátis. @moemafesta

Paróquia Santíssimo Sacramento no Paraíso

Costuma contar não só com quitutes típicos, mas com yakissoba e bolinho de bacalhau.

Sáb. das 16h às 23h, e dom. das 13h às 22h. De 8 a 30/6. Rua Tutoia, 1.125, Paraíso. Grátis. @osantissimoparoquia

Paróquia Imaculado Coração de Maria

Quermesse tradicional do bairro de Santo Amaro, ocupa a rua com barracas e música.

Sáb. das 16h às 22h, e dom. das 12h às 21h. Até 30/6. Av. Prof. Alceu Maynard Araújo, s/n, Santo Amaro. Grátis. @paroquiadocoracao

Culinária judaica e promoção de vinhos embalam o segundo fim de semana do Taste

Laura Lewer

SÃO PAULO O segundo fim de semana do Taste São Paulo Festival, evento gastronômico que acontece em São Paulo até 9 de junho, começou nesta sexta-feira (31) para um público que chegou logo para a abertura do evento, no Villa-Lobos, às 17h, quando o pôr do sol iluminava o parque.

Agasalhadas, pessoas circulavam por barracas dos restaurantes que participam desta edição do evento, que convidou 31 casas.

A intenção do Taste é oferecer os carros-chefes dos participantes em porções menores, para que o todos possam provar diferentes opções. Assim, cada lugar serve três petiscos do cardápio fixo e um outro preparado exclusivamente para o Taste. Os preços vão de R$ 20 a R$ 55.

A **Folha** é parceira do evento e assinantes têm 20% de desconto no ingresso. O jornal também conta com um estande de atividades e brindes no Taste.

Na sexta, as pessoas batiam perna decidindo o que comer e encarando como opções pratos quentinhos, que também podiam ser combinados com bebidas para esquentar o corpo. Quem foi no fim da tarde pôde aproveitar promoções como as das taças de vinho Grand Cru (a partir de R$ 21), que eram vendidas em esquema pague um, leve dois.

A música também foi aliada, embalando a noite com shows como o do Bruno Santanna Trio. Além dos quitutes, o festival turbina a programação com workshops de chefs —inclusive ao redor de fogos de chão.

À noite, Guidara e Ligia Karazawa falaram sobre a carne wagyu, e Pedro Mirabile, José Roberto Villa Nova e Luis Fernando Palomares ensinaram a fazer um bao de cupim temperado com molho oriental.

Alguns estandes também entraram no festival só a partir deste fim de semana, como o judaico Nosh e o taiwanês Mapu Baos. E foi a última oportunidade para provar os comes do Fasano, que servia um dos itens mais vendidos do festival no Brasil, o tiramissu, a R$ 35.

A programação ainda continua ao longo do fim de semana. Sábado (1º), por exemplo, é dia em que Dona Carmem Virginia, do restaurante Altar, com unidades no Recife e em São Paulo, cozinha arroz de polvo na brasa, às 13h30.

No dia seguinte, às 13h, há aulas do chef Luiz Filipe Souza, do Evvai. Premiado com duas estrelas Michelin, ele prepara um espaguete al sugo, enquanto Rodrigo Oliveira, do Mocotó, ensina tapioca, cocada e calda de quentão, às 14h30.

Outro destaque fica por conta de Mike Johnson, do restaurante americano Sugarfire Smoke House, que prepara hambúrguer ao lado de Paulo Yoller, do Meats, no domingo, às 13h30.

O Taste ainda acontece no próximo fim de semana. É quando o chef Claude Troisgros, que lançou recentemente o reality gastronômico Geladeiras em Ação, também no GNT, ensina uma receita de penne com camarão e pistache.

Taste Festival

Parque Villa-Lobos - av. Prof. Fonseca Rodrigues, 2.001, região oeste. De sex. a dom. Até 9/6. Ingressos a partir de R$ 65 no site (assinantes **Folha** têm 20% de desconto)

‘Tem uns que me marcam’, diz Paula Stephânia

Carioca fala do carinho por seus seguidores, os arteiros, que somam 4,5 milhões de inscritos em seu canal do YouTube

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO

Marcella Franco

SÃO PAULO Imagine descobrir o número de telefone ou o endereço de email da youtuber Paula Stephânia. Pois tem gente que dá essa sorte, e lota as caixas de mensagens dela com recados de todos os tipos, mas principalmente falando sobre desenho. Quando Paula anda na rua, acontece algo parecido: muitos arteiros, como ela chama seus fãs, se aproximam para dar oi.

"A maioria deles fica muito tímida. De vez em quando são os pais dos arteiros que me abordam e a criança mal consegue falar. Elas ficam muito tímidas, e eu entendo, porque eu também era uma criança tímida. E, quando a gente está cara a cara assim com o nosso ídolo, é difícil expressar todas as emoções", afirma Paula, em entrevista à Folhinha.

"Mas aí eu chamo, dou um abraço, pergunto se o arteiro quer uma foto. A gente faz foto, a gente conversa um pouquinho, e é sempre muito bom receber esse carinho e ver quem é o público que está assistindo [aos vídeos do YouTube]. É muito especial."

Um dia, uma menina de 6 anos se aproximou de Paula com um pedacinho de papel vermelho nas mãos. "Era um retângulo bem pequeninho que ela pintou à mão e me entregou. Ela era tímida, chegou bem devagarinho, entregou esse papelzinho e me falou que ela estava me dando um pedacinho do coração dela", lembra.

"Sabe quando você sente que tudo que você tem feito vale a pena, todo o seu esforço? Eu nunca vou esquecer essa criança que me deu uma coisa tão simples, mas com um significado tão profundo. Tem uns arteiros que me marcam."







Um dos vídeos mais assistidos da youtuber (topo); Paula em outros tutoriais postados em seu canal Reprodução/YouTube/Instagram

A facilidade para a arte e o artesanato, Paula conta, vem da sua mãe e da sua avó, que fazia as roupas dos próprios filhos. O desenho, no entanto, não era tão fácil assim.

Os arteiros fãs de Paula já a ouviram falar sobre isso em alguns vídeos: antigamente, tudo que ela sabia desenhar eram os "bonequinhos de palitinho". Aos poucos, Paula foi aprendendo as técnicas e ficando boa no negócio.

Outra coisa que mudou na última década é o nervosismo na frente da câmera. Nos primeiros vídeos, Paula preferia não aparecer por vergonha. "No começo eu era bem durinha, bem travada, parecia uma jornalista falando!", compara. "Hoje, a câmera é minha melhor amiga. Qualquer coisa que a gente quer fazer nessa vida tem que fazer muitas vezes até ficar muito bom."

Paula conta que gosta de se arrumar para os vídeos. Nos cabelos, faz penteados variados ou deixa os cachos bem definidos e soltos. Nas unhas, bastante cor e sempre combinando com o tema do tutorial. E as roupas precisam ser "diferentonas", do tipo que não se encontraria nas lojas.

A youtuber tem 32 anos e nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de Campo Grande. Tem oito irmãos, alguns por parte de mãe e outros por parte de pai. Hoje, mora com o marido, Nicolas, com a gatinha Goda e a cachorra Mona.

Ela conta que recebe cerca de mil comentários em cada vídeo que posta. Não consegue responder a todos, mas lê um por um. Às vezes, aparece alguém falando alguma coisa ruim, e ela fica chateada.

"É sempre desagradável, mas eu entendo, as pessoas são diferentes", diz. "Hoje, eu já não ligo para isso. Foco no que é positivo."

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO
Ofereça este texto para uma criança praticar a leitura autônoma

Satélites artificiais ajudaram a descobrir coisas sobre o espaço

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO

Salvador Nogueira

SÃO PAULO Todo e qualquer objeto que a humanidade envia ao espaço para permanecer em órbita é um satélite artificial. Mas aí vem outra pergunta: o que é estar em órbita?

Como dizia Woody ao questionar as capacidades de Buzz Lightyear em "Toy Story", estar em órbita é basicamente "cair com estilo". É ficar dando voltas o tempo todo ao redor de um planeta ou outro corpo celeste, em queda livre, sem retornar ao chão. Parece mágica, mas é só a combinação de alta velocidade com gravidade, a força que puxa todos os objetos para o chão.

Imagine atirar uma pedra pra frente. Ela sai da mão com uma velocidade que a leva até uma distância, mas, conforme avança, vai na direção do chão, puxada pela gravidade.

Agora imagine atirar de novo, com mais força. Ela vai ainda mais longe, mais alto, e acaba caindo mais adiante.

Agora imagine atirá-la com tanta força que ela, conforme for fazendo a curva para cair, faça essa curva acompanhando a curvatura da própria Terra. A pedra estaria o tempo todo caindo, mas jamais chegaria ao chão. Foi exatamente dessa maneira que Isaac Newton, o primeiro cientista a entender a gravidade, descreveu o que é estar em órbita, lá no século 17.

É o mesmo fenômeno que permite, por exemplo, que a Lua gire ao redor da Terra, ou a Terra, ao redor do Sol. Dizemos que a Lua é um satélite natural do nosso planeta. Nesses casos, a própria formação do Sistema Solar já colocou esses corpos na velocidade certa para estarem em órbita. Para os satélites artificiais, nós que temos de fazer isso na marra.

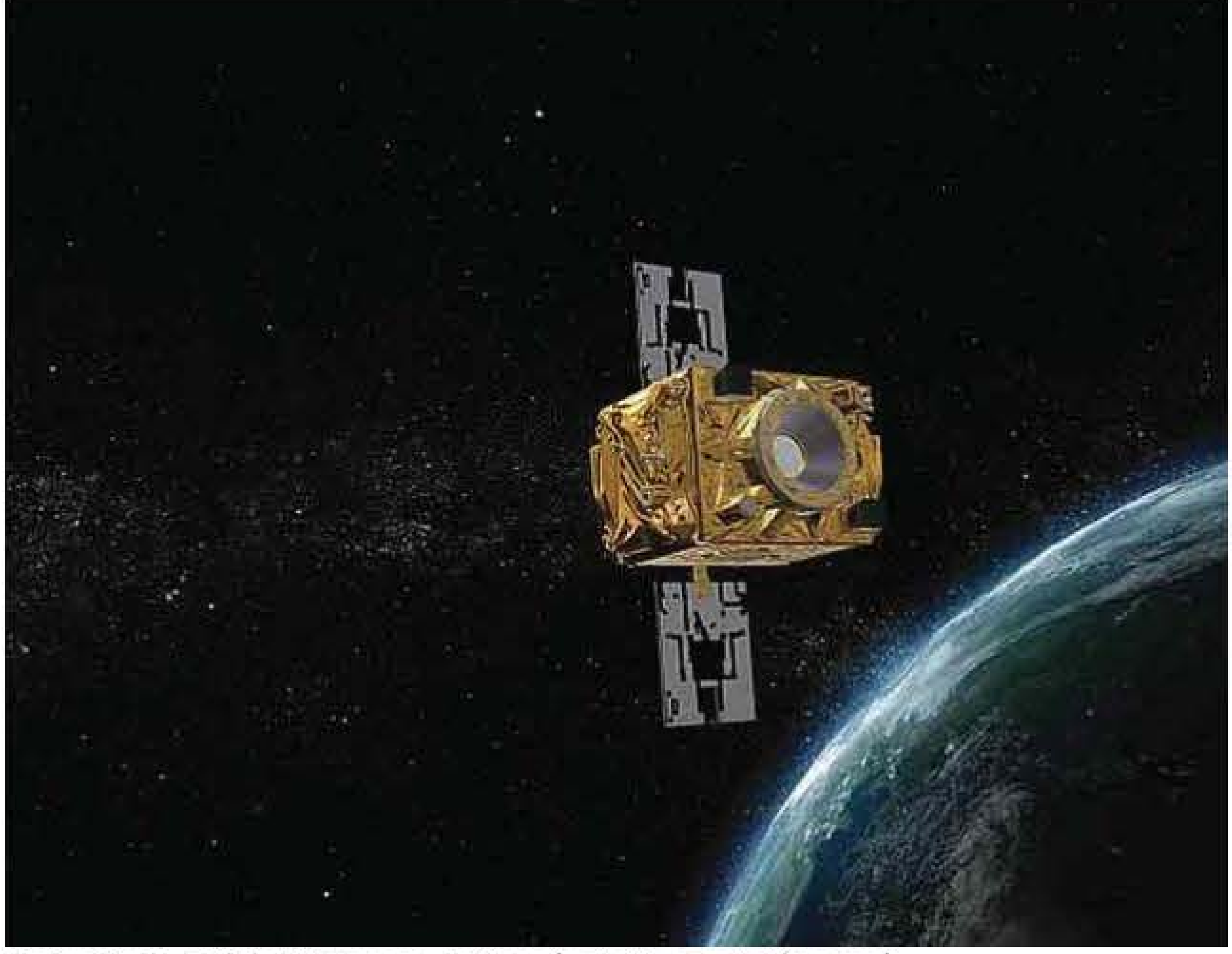


Ilustração do satélite Microscope, da Cnes (agência espacial francesa) Divulgação/Cnes

O grande desafio é dar ao objeto que queremos lançar uma baita velocidade: pouco mais de 27 mil km/h (umas cem vezes mais que a velocidade de um carro de corrida). Nós finalmente conseguimos atingi-la no século 20, com os foguetes. Eles impulsionam os satélites até atingirem a velocidade certa.

A humanidade tem lançado satélites à órbita desde 1957. Com eles, descobrimos muitas coisas sobre o espaço. E o que a gente mais estuda, claro, é a própria Terra. Muitos dos milhares de satélites que temos hoje em órbita servem para tirar fotos do nosso planeta e, por exemplo, ajudar a fazer a previsão do tempo.

Outros, a maioria, serve para telecomunicações. Eles recebem sinais de rádio da Terra e os transmitem de volta, permitindo que a gente acompanhe ao vivo eventos que acontecem em qualquer parte do mundo —ou acesse a internet de qualquer lugar.

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO
Ofereça este texto para uma criança praticar a leitura autônoma

Vida Bestinha *Galvão Bertazzi*









Coleção Folha apresenta bell hooks como fada madrinha

Terceiro volume da série apresenta a intelectual americana em livro que inclui versão digital bilíngue

TODO MUNDO LÊ JUNTO

Lia Bock

SÃO PAULO Muita gente adora fadas madrinhas e seus feitos extraordinários. Não é pra menos, elas têm sempre o poder de transformar pessoas ou coisas ordinárias em algo mega-ultra-especial.

Desse ponto de vista, não é exagero dizer que a escritora e professora bell hooks era uma dessas fadas. Sua varinha era sua voz, e falando o que sabia, ela transformou (e segue transformando) muita gente.

Mas não foi sempre assim. E o terceiro livro da Coleção Folha Pensadores para Crianças vem para mostrar isso. O exemplar que acaba de chegar às bancas conta a história dessa pensadora que quebrou barreiras e tocou corações.

Como a narração do livro é em primeira pessoa, temos a própria hooks, que escrevia seu nome usando só letras minúsculas, contando os desafios da sua infância. E não foram poucos.

"Nasci no dia 25 de setembro de 1952, nos Estados Unidos da América. Naquela época, as mulheres não tinham as mesmas chances que os homens para estudar ou trabalhar. Meu pai achava que eu devia só cuidar da casa e da família", conta a narradora.

Como era de uma família negra, hooks ainda enfrentava a realidade onde pessoas como ela não podiam estar nos mesmos lugares que pessoas brancas.

Ela conta: "Quando nasci existiam escolas, hospitais, ônibus e até lugares para se divertir que eram só para pessoas brancas ou só para pessoas negras. Era triste e injusto não poder entrar em alguns lugares só por causa da cor".

É nesse tom que as crianças vão entendendo como há pouco tempo o mundo era outro e por que essa professora teve um papel importante para que ele mudasse.

Mesclando a história de vida de bell hooks — como a relação com a avó e com a escola — com o conhecimento que ela deixou para o mundo, a personagem mostra para as crianças que, mesmo sentindo raiva e tristeza, é preciso ter paciência. "Mudanças grandes não acontecem do dia pra noite", diz no livro. E hooks viu muitas delas.

Quando ela partiu em 2021, o mundo já era outro. "A história de vida de bell hooks acaba revelando muitas das questões que atravessam a nossa história recente, e se ela encontra tantos leitores e leitoras interessados, isso se deve a sua sensibilidade, e ao fato de que ela soube verbalizar as grandes questões do nosso tempo", afirma Silvana de Souza Ramos, professora do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo que escreveu esse exemplar.

Um dos grandes atrativos dessa coleção é que ela conta com uma plataforma online em que os leitores podem navegar pelos livros em formato ebook bilíngues. Dá pra ler ou escutar as histórias de bell hooks em português e em inglês, a língua nativa dela.

Os dois principais temas que nortearam a vida dessa professora com ares de fada madrinha foram a educação e o amor, mas sempre com uma perspectiva de gênero e raça.

E, olha, isso mudou a vida de muita gente, porque pensar e propor saídas para problemas estruturais do mundo é, sim, um superpoder. Principalmente se estamos falando de uma menina que nasceu num tempo onde ser negra e mulher era sinal de inferioridade e, mesmo assim, se tornou uma das pensadoras mais influentes deste século.

Silvana, a autora do texto diz: "bell hooks renova a nossa compreensão do amor, dizendo que ele é uma ação, e não apenas um sentimento". É impossível ler essa história e não sonhar grande.

TODO MUNDO LÊ JUNTO
Texto com este selo é indicado para ser lido por responsáveis e educadores com a criança



Ilustração de volume da Coleção Folha Pensadores para Crianças sobre bell hooks Divulgação

COLEÇÃO COMPLETA

1. Platão 19 de maio
2. Friedrich Nietzsche 26 de maio
3. bell hooks 2 de junho
4. Sócrates 9 de junho
5. Sêneca 16 de junho
6.Confúcio 23 de junho
7. Sigmund Freud 30 de junho
8. Immanuel Kant 7 de julho
9.Nicolau Maquiavel 14 de julho
10. Conceição Evaristo 21 de julho
11. Michel Foucault 28 de julho
12. Luiz Gama 4 de agosto
13.Hannah Arendt 11 de agosto
14. Karl Marx 18 de agosto
15. Ailton Krenak 25 de agosto
16. Fernando Pessoa 1º de setembro
17. Mary Wollstonecraft 8 de setembro
18. Simone de Beauvoir e Jeanpaul Sartre 15 de setembro
19. Mário de Andrade 22 de setembro
20. Frantz Fanon 29 de setembro
21. Santo Agostinho 6 de outubro
22. Rui Barbosa 13 de outubro
23. Maria Montessori 20 de outubro
24. Pablo Neruda 27 de outubro
25. Adam Smith 3 de novembro

COMO COMPRAR

Site da coleção: pensadorespara criancas.folha.com.br

Telefone: (11) 3224-3090 (Grande São Paulo) e 0800 775 8080 (outras localidades)

Frete grátis: SP, RJ, MG e PR (na compra da coleção completa)

Nas bancas: R$ 24,90 cada volume
Coleção completa com caixa do colecionador: R$ 646,80
Lote avulso: R$ 119,76

Assinantes **Folha** e UOL têm 10% de desconto

1DESAFIOS DE MATEMÁTICA

Almoço em Família

Em comemoração ao Dia das Mães, os filhos de Dona Rita reuniram toda a família para um almoço em sua homenagem. Agora, eles precisam organizar as mesas de modo que todos fiquem acomodados. Para isso, eles dispõem de 11 mesas quadradas.



Ao redor de uma mesa cabem 4 cadeiras, como mostra a imagem acima.



Se eles unirem 2 mesas, caberão 6 cadeiras ao redor, como mostra a imagem ao acima.

Eles preferiram juntar as 11 mesas de acordo com a segunda figura, formando uma única mesa comprida.

Quantas cadeiras eles conseguiram colocar ao redor dessa mesa?

Veja a resposta no QR Code abaixo



Encontre este e outros quebra-cabeças no portal da Obmep (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas) realizada pelo Impa (Instituto de Matemática Pura e Aplicada). Este desafio foi elaborado por uma equipe da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Pedro Vinicio



Benefícios a pessoas com deficiência disparam e vão passar por revisão

Gasto real com BPC avança 17,6% até abril; técnicos da Previdência veem impacto de fraudes

Adriana Fernandes

BRASÍLIA O BPC (Benefício de Prestação Continuada) deve passar por atualização cadastral e revisão dos benefícios pagos para as pessoas com deficiência, afirmou à **Folha** o secretário de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas do Ministério do Planejamento e Orçamento, Sergio Firpo.

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) quer entender as razões que levaram ao aumento expressivo, nos últimos meses, dos gastos com o pagamento do BPC, que garante um salário mínimo por mês (R$ 1.412) ao idoso pobre com idade igual ou superior a 65 anos ou à pessoa com deficiência de qualquer idade, com baixa renda.

Em apenas dois meses (22 de março a 22 de maio), a previsão oficial de despesas com o BPC neste ano saltou R$ 1,73 bilhão, de acordo com o segundo relatório de avaliação de receitas e despesas do orçamento enviado ao Congresso. Para 2024, o governo projeta um gasto de R$ 105,1 bilhões com o benefício assistencial.

Em abril (dado mais recente disponível), o gasto com o benefício pago pelo INSS chegou a R$ 9,2 bilhões, alta real (acima da inflação) de 18,9% em relação ao mesmo mês do ano passado. De janeiro a abril, o crescimento real foi de 17,6%, com R$ 35,5 bilhões desembolsados. Um incremento de R$ 5,3 bilhões nos gastos em comparação ao mesmo período do ano passado. Os dados são do Tesouro Nacional.

Em 12 meses até março, o total de benefícios emitidos para pessoas com deficiência cresceu 14,15%.

Segundo Firpo, as duas frentes de trabalho estão sendo pactuadas com o MDS (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social), responsável pela gestão do BPC.

"Se for uma deficiência que gera uma incapacidade permanente laboral, é só uma questão de checar a permanência dessa incapacidade, que tem quer ser cumprida. Essa revisão tem que ser feita, de tempos em tempos", diz.

"É importante que sejam feitos batimentos de elegibilidade. E, ao mesmo tempo, garantir a periodicidade da revisão, para determinar, sobretudo no BPC ao deficiente, se de fato [a pessoa] tem uma deficiência permanente. Que seja checado."

O secretário da equipe da ministra Simone Tebet (Planejamento) pondera que é preciso ter cautela e muito cuidado no trabalho, porque essa é uma avaliação delicada, cujo público de beneficiários é muito vulnerável.

Além dos critérios de pobreza e idade ou deficiência, para ter direito ao benefício, é necessário ainda que a renda por pessoa do grupo familiar seja igual ou menor que 1/4 do salário mínimo.

Será necessária uma avaliação biopsicossocial, que verifica e avalia os direitos de pessoas com deficiência, de forma a identificar, individualmente, de que modo a restrição desabilita ou prejudica a autonomia plena na vida cotidiana e profissional.

Segundo o secretário, o detalhamento do mapeamento do BPC está sendo feito em conjunto com os secretários André Quintão (Secretário Nacional de Assistência Social) e Letícia Bartholo (Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único) do MDS. Procurado, o MDS não atendeu aos pedidos de informação.

Firpo não antecipa as hipóteses de sua equipe para a elevação dos requerimentos e concessões do BPC. Segundo ele, elas ainda necessitam de comprovação e, na sua avaliação, seria "leviano" tornar públicos os dados sem a conclusão dos trabalhos.

O secretário chama a atenção para o fato de o número de concessões do BPC para deficientes ter se elevado com a redução no tempo de análise do requerimento. Entre outubro de 2022 e março deste ano, esse tempo caiu de 190 dias para 110 dias. Para a concessão do BPC ao idoso, o prazo caiu de 60 dias para cerca de 30 dias.

"Que bom que está caindo o tempo de espera. O Estado passou a ser mais eficiente na gestão dessa política pública", diz. Segundo ele, é preciso trazer a cultura de uma gestão eficiente dos recursos públicos. Se o governo não estiver atingindo o público-alvo, pondera, é sinal de que tem de melhorar a gestão.

O secretário diz que há uma grande preocupação com o lado fiscal das contas públicas, mas, sobretudo, com o atendimento dos direitos do cidadão também.

A avaliação do BPC faz parte das ações do grupo de trabalho que o governo Lula criou para revisão dos benefícios que são pagos pelo INSS. O trabalho começou com os benefícios por incapacidade temporária (antigo auxílio-doença). O secretário diz que o trabalho com o BPC surgiu com a mesma lógica da revisão dos benefícios previdenciários de correção dos pagamentos.

Técnicos do Ministério da Previdência Social ouvidos pela **Folha**, na condição de anonimato, dizem que tem havido um aumento de fraudes cibernéticas, como aconteceu com o seguro-defeso, por meio da criação de pessoas fictícias requerendo o benefício e conseguindo a concessão.

Esses técnicos afirmam que não há razão para um crescimento tão forte de pessoas com deficiência de uma hora para outra no país que justifique o aumentos dos requerimentos e concessões. De acordo com eles, existe também uma indústria de fraudes na concessão do atestado médico que comprova a deficiência.

Por outro lado, especialistas da área social do governo afirmam que a fraude existe, mas não é a principal razão para o aumento. Estimativas citadas por esses especialistas sugerem um patamar em torno de 5% de fraude, nível semelhante ao do Bolsa Família.

O diagnóstico é que o aumento do BPC está muito mais relacionado ao fato de o Brasil ser um país envelhecido e com uma população pobre. Com a transição demográfica, tem havido o envelhecimento e o aumento da expectativa de vida num cenário em que a maior parte dos idosos não tem proteção social. A preocupação deles é com o processo em que pode se dar a revisão e citam como exemplo a dificuldade de transporte de uma pessoa com paralisia cerebral para uma pessoa de baixa renda.

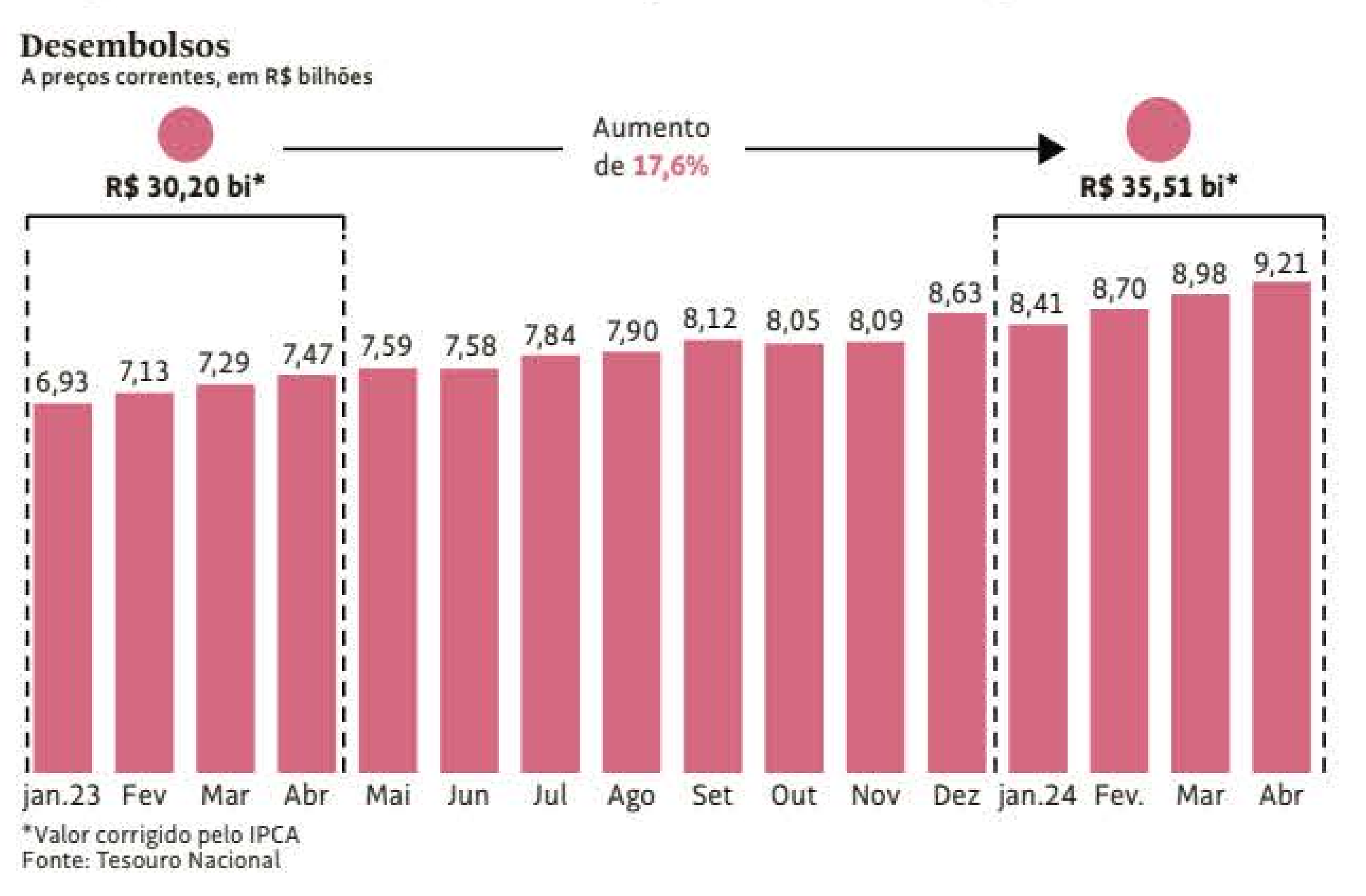
A assessoria do Ministério do Planejamento diz que a revisão do BPC não tem relação com a discussão sobre a desvinculação dos benefícios ao salário mínimo. Tebet puxou esse debate público para dar sobrevida ao novo arcabouço fiscal, mas a proposta enfrenta resistências no governo.

Gabriela Biló - 29.fev.24/Folhapress



Sergio Firpo, secretário de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas do Planejamento

Despesas com Benefício de Prestação Continuada disparam



Para especialista, BPC virou auxílio-doença dos informais

Estudioso do BPC (Benefício de Prestação Continuada) há 15 anos, o técnico de planejamento e pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômico e Aplicada) Rafael Osório defende que o debate sobre alterações nas regras do benefício seja destravado para melhorar o desenho do programa de assistência social, que garante proteção social a idosos e pessoas com deficiência.

Para o especialista, há uma barreira para discutir o BPC que precisa ser transposta. "Parece que a gente está discutindo política hoje em dia como se elas não tivessem objetivo. Temos que melhorar o nível desse debate", diz Osório.

"O BPC é o exemplo perfeito e acabado de todos os problemas que a gente tem na política pública no Brasil. Dos lobbies do bem a um Congresso que faz legislação sem levar em consideração nenhum tipo de responsabilidade, nem orçamentária, nem social. Não olha para o que está fazendo."

Na avaliação dele, essa política pública não pode ser discutida só quando vira um problema orçamentário, porque o BPC é fundamental para garantir o bem-estar.

O pesquisador recomenda a separação do programa em dois e uma discussão aprofundada sobre o conceito e gradação da deficiência.

Osório diz que tem havido uma flexibilização do conceito de deficiência de longo prazo, uma das razões para o crescimento do BPC. "Ao longo dos anos, a gente veio tendo uma flexibilização desse conceito. Eu não estou dizendo se isso é certo ou errado, só estou analisando o que aconteceu."

Segundo o pesquisador, uma mudança na lei orgânica da assistência social, em 2011, transformou o conceito de impedimento permanente para um impedimento que existe por ao menos dois anos. Na sua avaliação, essa regra acabou ampliando bastante o BPC, porque, na prática, há uma série de circunstâncias que causam impedimentos por ao menos dois anos.

"Ninguém sabe, por exemplo, qual é a distribuição pelas classificações internacionais de doenças, as CIDs, de quem está pedindo o BPC. Como isso muda ao longo do tempo?"

Para ele, o BPC, em alguma medida, está se transformando no auxílio-doença do informal — um problema que não tem tido muita visibilidade.

"O trabalhador informal não contribui, ele tem um impedimento que vai ficar por ao menos dois anos, aí ele pode pedir um BPC como deficiente. Como que isso está acontecendo, ninguém sabe muito bem."

Haddad dispara recado a Tarcísio

Para petistas e muitos aliados de Lula, seria alívio renegociação de divida não sair

Adriana Fernandes
Jornalista em Brasília, onde acompanha os principais acontecimentos econômicos e políticos há mais de 25 anos

Fernando Haddad disparou um recado para o governador Tarcísio de Freitas, após o plano de redução de gastos anunciado pelo estado de São Paulo virar ao longo da semana mote de comparação com o ajuste fiscal da equipe econômica do presidente Lula (PT).

Em entrevista ao jornal Valor Econômico, publicada nesta sexta-feira (31), Haddad deixou escapar propositadamente que o programa de ajuste do governador para aumentar investimentos no estado depende do Executivo federal.

Haddad até que disse que há boa vontade do governo Lula para fazer a negociação, mas logo depois foi cristalino ao dizer que o governador está colocando na conta da Fazenda Nacional parte do plano.

"O Tarcísio está muito inspirado na Fazenda porque 80% do plano é redução do gasto tributário e redução do juro da dívida de São Paulo, que é o trabalho que estamos fazendo. No nosso caso, o juro não é contratual, é a Selic, mas o dele é. Ele depende do Executivo federal para conseguir", avisou.

Tarcísio e seu secretário de Fazenda, Samuel Kinoshita, não escondem que querem renegociar a dívida de R$ 279 bilhões que têm com a União para ampliar o espaço para novos investimentos.

O governo paulista paga R$ 19 bilhões por ano ao Tesouro Nacional de juros e pegou carona com o Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais para buscar um alívio no custo das parcelas por meio de uma mudança na forma de correção da dívida. Os quatro estados são os mais endividados.

Como Tarcísio e Kinoshita gostam de repetir, São Paulo tem uma situação financeira confortável, apesar do alto endividamento com a União. A lógica do governador é reduzir a parcela da dívida para o governo paulista poder, principalmente, ampliar os empréstimos. Um comprometimento elevado com a dívida é um limitador para o crédito.

São Paulo tem tido dificuldades com os critérios de priorização da Cofiex (Comissão de Financiamento Externo) para a concessão de garantias. O colegiado, que está na estrutura do governo federal, é responsável por analisar e aprovar projetos e programas do setor público que contam com financiamento externo, por exemplo, de organismos multilaterais como o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

Cotado a candidato à Presidência da República nas eleições de 2026, Tarcísio tem planos para chegar ao final do segundo biênio do seu mandato como governador com uma carteira de grandes projetos, sobretudo de infraestrutura, que possam dar visibilidade ao seu governo.

Não foi por acaso que os secretários de Fazenda dos estados divulgaram, na semana passada, uma carta aberta em defesa da inclusão de um fundo de investimentos na proposta em negociação com o Ministério da Fazenda para auxílio da União aos governos estaduais. A decisão ocorreu depois de uma reunião em São Paulo.

Quando se reuniu com Tarcísio em março, Haddad antecipou que o governo iria aceitar uma nova renegociação da dívida da União com os estados. Os termos da renegociação chegaram a ser anunciados e incluíram um estímulo a investimentos na educação. O envio do projeto, porém, não foi formalizado ao Congresso.

*Agora, o próprio secretário do Tesouro, Rogério Ceron, admitiu em entrevista à **Folha** que, com a tragédia no Rio Grande do Sul, a proposta ficou para um segundo momento. As principais considerações nas negociações estavam relacionadas a eventuais flexibilizações no uso da economia com o pagamento de juros para outras aplicações. Em especial, em infraestrutura. Justamente uma demanda puxada por São Paulo.*

Na resposta que Haddad deu aos jornalistas do Valor à pergunta se haveria cobranças para o governo fazer o mesmo (cortar despesas), o menos importante é a fonte de inspiração que Haddad alega que Tarcísio seguiu.

Mas a percepção que o ministro passou é que a Fazenda pode deixar os planos de renegociação em banho-maria. Aliás, pessoas a par do tema no governo em conversa com a coluna têm a leitura de que isso já estaria acontecendo. Para petistas e muitos aliados do governo Lula, seria um alívio.

STF forma maioria contra União em caso sobre venda de árvores

Estimativa é que indenização sobre contrato de 1951 possa chegar a R$ 1 bi

BRASÍLIA O STF (Supremo Tribunal Federal) formou maioria nesta sexta-feira (31) contra recurso da União em julgamento de uma ação bilionária relacionada a contrato de compra e venda de pinheiros firmado em 1951.

Trata-se de licitação vencida pela Companhia de Madeiras do Alto Paraná S.A. para a compra de 300 mil pinheiros que faziam parte de bens de empresas incorporadas pela União em 1940. A empresa porém, não recebeu dois terços das árvores que constavam no contrato.

A União estima que possa ser forçada a pagar cerca de R$ 1 bilhão de indenização por não cumprir com o contrato. A Advocacia-Geral da União pede o prosseguimento do caso no STF para anular a sentença do TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região) que impôs o pagamento.

O ministro Kassio Nunes Marques pediu vista em 20 de fevereiro e interrompeu o julgamento, retomado nesta sexta no plenário virtual. Ele apresentou voto para acompanhar o relatório da ex-presidente do Supremo e ministra aposentada Rosa Weber.

A então ministra decidiu monocraticamente, em 2022, negar seguimento nos recursos interpostos pela União, argumentando que, para acatar os argumentos da defesa, seria necessário reexaminar os fatos e as provas dos autos sobre os valores cobrados, o que não é cabível em recurso.

"Tal o contexto, entendo correta a decisão agravada, proferida pela ministra Rosa Weber", afirmou Nunes Marques.

Agora, o placar para negar o recurso da União é de 6 a 5. Como a votação virtual se encerra em 10 de junho, os ministros ainda podem alterar o voto ou pedir vista e suspender novamente o julgamento.

O principal argumento da AGU é que o valor da indenização deveria ser discutido no STF, "já que o laudo técnico que fundamentou a decisão judicial inicial violou a regra constitucional de que todas as decisões devem ser legitimamente fundamentadas ao apontar um valor exorbitante para a indenização".

Para a União, o laudo considerou que todos os pinheiros da região vendidos à Companhia de Madeiras tinham o mesmo porte e largura, sendo de padrão máximo. Isso resultou em uma avaliação das árvores em valores superiores ao de mercado, diz o recurso.

A AGU afirma que a indenização "afronta aos princípios" da moralidade e da razoabilidade, "sendo desnecessária a análise de legislação infraconstitucional, diante da condenação da União ao pagamento de indenização no valor de quase R$ 1 bilhão (em valores atualizados), decorrente de laudo pericial viciado".

A Companhia de Madeiras do Alto Paraná tinha sede em Buenos Aires, na Argentina, mas era autorizada a funcionar no Brasil graças a um decreto de 1907. A empresa, porém, tinha prazo para permanecer no país, que era até 1956.

Em 1951, a companhia firmou contrato com a SEIPN para a compra de 300 mil pinheiros. O preço total de venda na época foi de Cr$ 24.000.000,00, ou Cr$ 80,00 cada unidade.

A empresa alega que recebeu apenas 43 mil pinheiros. Após recorrer na Justiça do Rio, contudo, chegou a ser favorecida com mais 57 mil árvores, completando, assim, 100 mil.

Com base em uma perícia feita sobre os valores da época e a correção monetária para a atualidade, o TRF-4, então, condenou a Fazenda Pública a pagar R$ 1 bilhão decorrente dos 200 mil pinheiros que faltaram ser entregues, em ação movida pelos herdeiros de um dos sócios da companhia, Alberto Dalcanale.

Ao longo do processo, a União chegou a questionar o valor dos pinheiros, mas sem êxito. A AGU (Advocacia-Geral da União) e o MPF (Ministério Público Federal) argumentam que já foram pagos dois precatórios, o primeiro em 24 de agosto de 1990, no montante de Cr$ 64.024.485,07, e o segundo em 19 de maio de 1992, no valor de Cr$ 8.186.991.889,14.

Além de questionarem o valor exorbitante que ainda falta para pagar, argumentando que a "decisão judicial definitiva se baseou em perícia com erros materiais 'crassos'", a AGU e o MPF chegaram a pedir a anulação da decisão do TRF-4 sustentando que não há relação jurídica entre os requerentes dos pinheiros.

Acontece que o contrato foi firmado entre a Companhia de Madeiras do Alto Paraná e a SEIPN, mas a empresa deixou de existir legalmente no Brasil em 1956, sendo liquidada naquele ano. No processo, consta que o conselho da dona da subsidiária brasileira, na Argentina, aprovou a prorrogação de sua permanência no Brasil, algo que, segundo a AGU e o MPF, não foi reconhecido pelas autoridades brasileiras.

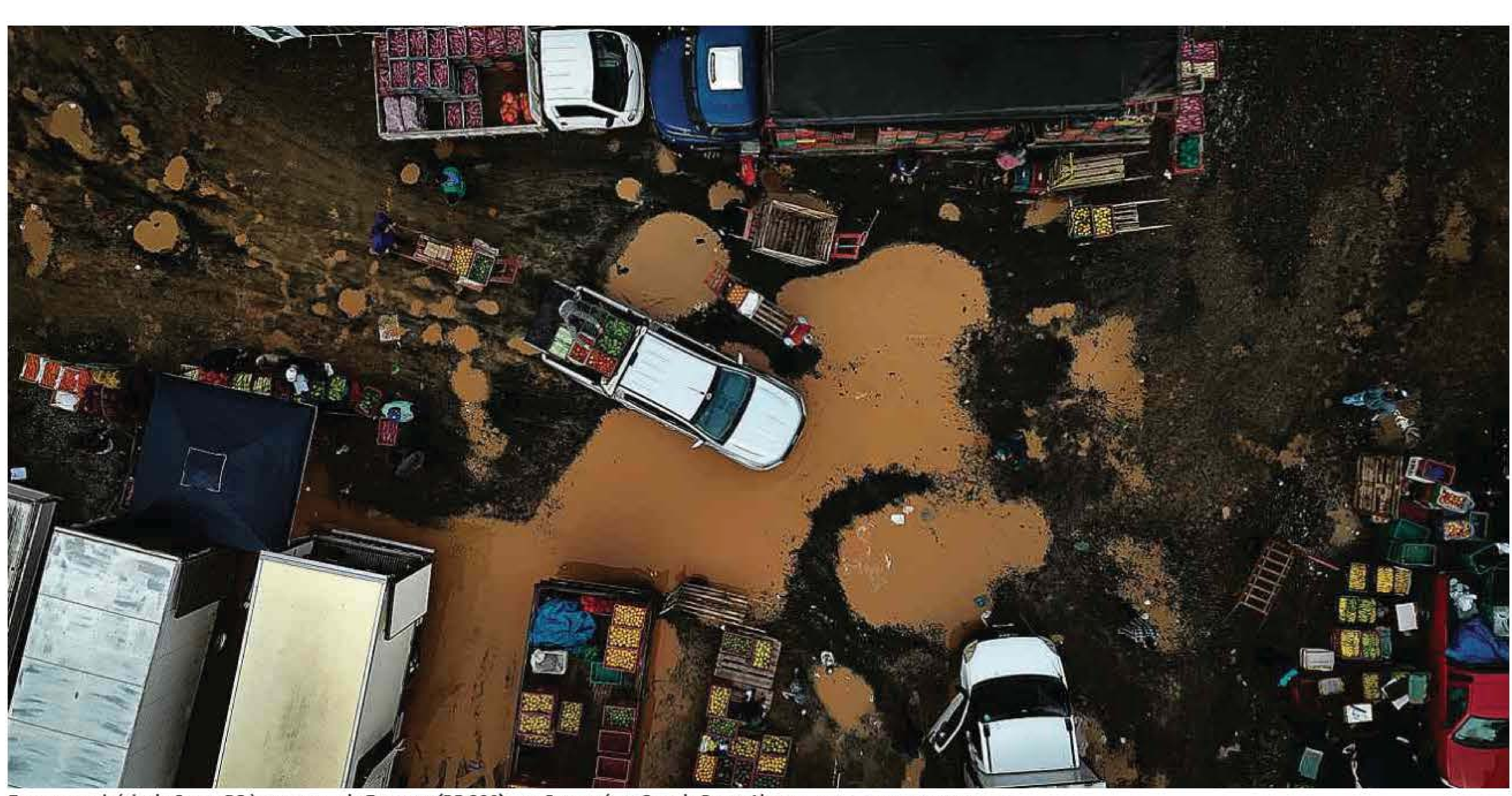
Mas em 1970 a companhia alegou que pagou ao Banco do Brasil NCR$ 19.621,67, referente a um empréstimo que o banco deveria receber no âmbito do contrato de venda dos pinheiros.

Em 1973, a dona da Companhia de Madeiras do Alto Paraná, na Argentina, declarou falência e foi liquidada, com a alegação de que a maior parte de seus bens estavam no Brasil, mas não conseguia regularizar a situação aqui por não ter recebido autorização para seguir com a atividade no país.

Nesse mesmo ano, a empresa entrou com uma ação contra a SEIPN para obter parte dos pinheiros. O presidente da comissão liquidadora, então, deu procuração para que Alberto Dalcanale, sócio no Brasil, recebesse o pagamento.

Após a morte de Dalcanale, seus herdeiros entraram na Justiça para receber o valor. Mas a AGU e o MPF alegaram que eles não têm legitimidade para receber o pagamento, questionando a procuração no nome de Dalcanale.

O caso foi parar no STJ (Superior Tribunal de Justiça). Após idas e vindas, o tribunal reconheceu que, mesmo sendo antigo, o assunto não deve ser ignorando e enviou ao STF a análise dos argumentos da defesa da União.



Espaço provisório da Ceasa-RS às margens da Freeway (BR-290), em Gravataí, na Grande Porto Alegre Carlos Macedo - 28.mai.24/Folhapress

Empresários do RS correm contra o tempo para salvar negócios após enchente baixar

Leonardo Vieceli

PORTO ALEGRE A hamburgueria do empresário Pedro Albeche, 30, tinha apenas um mês de operações quando a cheia do lago Guaíba engoliu, no início de maio, parte do centro de Porto Alegre. O Mercado Público, onde o restaurante foi montado, não escapou da enchente de proporções históricas.

Na manhã de quinta-feira (30), quase um mês após o início da tragédia climática, Albeche era um dos empresários que retornaram ao prédio histórico para limpar a sujeira.

Ele descartava alimentos e equipamentos da hamburgueria, cujo prejuízo é estimado em pelo menos R$ 300 mil. "É uma corrida contra o relógio agora", diz Albeche, que é pai de uma criança de três meses.

Após os estragos da enchente, empresários gaúchos que não perderam totalmente as suas empresas tentam retomar as atividades para atenuar os prejuízos e salvar os negócios.

Com as incertezas trazidas pela crise, eles pedem que medidas de auxílio já prometidas por governantes, como linhas de crédito com juros baixos, cheguem rapidamente à ponta. "Precisamos começar a reconstrução agora, não em um mês", afirma Albeche.

O empresário João Danilo Grechi, 66, também foi afetado pela enchente. Ele calcula em quase R$ 1 milhão o prejuízo em suas duas lojas que vendem roupas e itens de bazar com preço máximo de R$ 20 no centro de Porto Alegre.

Na quinta, ainda era possível ver a marca da água barrenta em parte da área interna e no lado de fora de uma das unidades. Para driblar a falta de luz e limpar os espaços, Grechi comprou um gerador de energia e organizou uma força-tarefa. "Cada um se vira como pode", diz. "Até 15 ou 20 de junho a gente tem de estar funcionando."

O empresário indica que, até o momento, não encontrou condições atrativas de crédito para retomar as atividades. "Um banco até ligou oferecendo, mas uma loja que vende produtos de no máximo R$ 20 não tem como pagar aquele juro", afirma.

O governo Lula (PT) anunciou na quarta (29) medidas financeiras para reconstrução do Rio Grande do Sul, incluindo R$ 15 bilhões em três linhas de crédito do BNDES.

Em seu discurso, o presidente disse que a determinação é para que não haja empecilhos burocráticos no auxílio.

"Temos consciência de que muitas vezes o governo anunciou medidas, foi cheio de boa vontade, depois passa um tempo, medidas não acontecem, dinheiro não chega, obras não acontecem. Nossa preocupação é fazer com que não haja empecilho burocrático que atrapalhe decisões do governo de acontecer na ponta", disse Lula.

Na avaliação do economista Ely José de Mattos, professor da Escola de Negócios da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), ações de socorro a empresas precisam ser implementadas "para ontem" devido à gravidade da situação.

Isso, porém, não pode pular processos, nem deixar de lado critérios bem definidos, diz o professor. Ele ressalta que o impacto das enchentes varia de empresa para empresa.

"A União é grande, mas não é infinita. Não tem como chegar aqui e dizer 'toma aqui R$ 2 trilhões'", afirma.

Ao longo dos últimos dias, donos de negócios fizeram mutirões de limpeza em regiões de Porto Alegre onde o nível da enchente diminuiu.

No centro, é constante o barulho de lava-jatos e motores de equipamentos usados para expulsar a água dos prédios. Ainda havia lama e trechos de alagamentos em parte das vias na quinta.

No Mercado Público, um dos principais pontos turísticos da cidade, era possível ver equipes limpando o barro e descartando produtos perdidos.

Inaugurado em 1869, o mercado conta com cerca de 120 bancas (operações) e gera de 1.400 a 1.500 empregos diretos e indiretos, conforme o secretário municipal de Administração e Patrimônio de Porto Alegre, André Barbosa.

Ele estima que, em um dia normal, o faturamento no local seja de R$ 500 mil a R$ 600 mil. Com o fechamento, o prejuízo projetado já fica na casa de R$ 15 milhões, diz.

Ainda de acordo com Barbosa, a prefeitura estuda medidas como isenções para ajudar comerciantes impactados pela catástrofe climática.

"A gente precisa preservar o pequeno e o médio empreendedor para que ele consiga se reerguer. O grande vai se reerguer de alguma forma, o pequeno e o médio precisam de ajuda", afirma.

INÊS 249

INÊS 249

mercado

Contribuinte pode enviar IR com atraso a partir de segunda

Fisco volta a receber declarações, inclusive as retificadoras, às 8h; veja como prestar contas e pagar a multa por atraso

IR 2024

Fernando Narazaki e Cristiane Gercina

SÃO PAULO O prazo para declarar o Imposto de Renda chegou ao final às 23h59 desta sexta-feira (31), e a Receita Federal interrompeu o recebimento dos documentos. O serviço só será retomado na segunda-feira (3), a partir das 8h. Quem não entregou o IR, mas estava obrigado, terá de pagar multa por atraso.

O valor é de 1% ao mês sobre o imposto devido no ano, mas o mínimo cobrado é de R$ 165,74 e pode chegar a 20% do IR. Até as 19h desta sexta, a Receita havia recebido 41,5 milhões de declarações. São esperados 43 milhões.

Nesse período de pausa, o fisco realizará o processamento das declarações já entregues e fará a manutenção dos servidores. Apenas nas cidades atingidas pelas chuvas no Rio Grande do Sul é que há prazo maior, até 30 de agosto.

A Receita também liberará na segunda-feira o envio da declaração retificadora, que ocorre quando o contribuinte quer corrigir informações. Não há limite para as correções e também não é cobrada multa. A diferença é que não será permitida a alteração do modelo tributário a partir de agora. Portanto, quem optou pela declaração simplificada não poderá mudar para deduções legais e vice-versa.

É possível declarar o IR baixando o programa no computador, no celular ou tablet, pelo aplicativo Meu Imposto de Renda, e no e-CAC (Centro Virtual de Atendimento). Para isso, é preciso ter conta Gov.br prata ou ouro.

O contribuinte terá de preencher todas as fichas da declaração com os dados solicitados, conforme seus rendimentos e suas despesas. A ficha de identificação do contribuinte é a mais importante, na qual há dados como nome completo, número de documentos, endereço e ocupação. Também é necessário declarar os rendimentos tributáveis recebidos e as despesas, além de bens, direitos e investimentos. Saldos de contas bancárias a partir de R$ 140 devem ser declarados.

Depois de preencher todo o IR, vá em "Verificar pendências", em "Fichas da Declaração", ou no símbolo de confere, em verde, acima. Pendências vermelhas impedem o envio e devem ser corrigidas. As amarelas, não.

É preciso escolher o modelo de tributação. O programa indica qual é o melhor. Depois, selecione "Entregar a Declaração" e informe os dados para recebimento da restituição ou emita o Darf (Documento de Arrecadação de Receitas Federais). Grave a declaração. O programa irá fechar o documento e, em seguida, clique sobre seu nome para transmitir, gerar o recibo e salvar a cópia do IR e do recibo. Se puder, imprima-o.

Segundo a Receita Federal, o contribuinte que entrega o IR atrasado recebe a notificação de lançamento da multa assim que envia a declaração.

A notificação e o Darf para pagar são emitidos junto do recibo de entrega.

Para as declarações com direito a restituir, a multa será descontada do valor da restituição. Quem atrasa o pagamento do Darf tem juros calculados com base na Selic.

A Receita indica ao contribuinte imprimir uma segunda via da notificação de multa no programa da declaração, nas opções "Declaração > Imprimir > Recibo", ou em "Salvar Imagem em PDF > Recibo". O mesmo pode ser feito no e-CAC ou no aplicativo Meu Imposto de Renda. No e-CAC, é possível baixar a notificação e o Darf pelo extrato de processamento.

O contribuinte tem 30 dias para pagar a multa. Após esse prazo, começam a correr juros com base na taxa Selic.

A dica de especialistas é usar a declaração pré-preenchida do IR, que já traz boa parte dos dados preenchidos previamente. Para isso, a Receita exige conta nível prata ou ouro no portal Gov.br. O recurso, porém, apresenta erros, e o contribuinte deve checar os dados que constam na declaração já que a obrigação pelas informações é do cidadão.

Quem é obrigado a declarar e não cumpre seu dever tem o nome incluído no Cadin (Cadastro Informativos de Créditos Não Quitados do Setor Público Federal) e fica com CPF pendente. A pessoa não poderá contratar com o poder público, obter financiamentos, prestar concurso, abrir conta e até casar.

LEIA MAIS SOBRE O IR 2024
folha.com/impostoderenda

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE APIAÍ/SP

EDITAL DE PREGÃO ELETRÔNICO Nº 23/2024 – A Prefeitura do Município de Apiaí/SP torna público aos interessados que se encontra aberta licitação Pregão Eletrônico nº 23/2024, objeto aquisição de brinquedos e jogos educativos, especificações e condições descritas no edital e seus anexos, que estará disponível a partir de 03/06, especificações e condições descritas no edital e seus anexos, no https://licitacao.apiai.sp.gov.br, terá recebimento das propostas até dia 18/06/2024 às 9h na plataforma bll.org.br, sessão de disputa no mesmo dia as 9h15min.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNÃO

AVISO DE LICITAÇÃO - RERRATIFICADO Processo Licitatório nº. 012/2024 **Concorrência Eletrônica nº. 003/2024** Objeto: Contratação de empresa, por empreitada por preço global, para substituição da iluminação pública, com tecnologia em LED. Torna público que em virtude da duplicidade dos anexos III e IV no edital, fica reagendada a Sessão Pública para o dia 19/06/2024 – às 08h30min, no Portal de Compras http://www.transparencia.fernao.sp.gov.br:8079/COMPRASEDITAL/. O Edital Rerratificado completo, bem como seus anexos, poderão ser adquirido na Prefeitura Municipal de Fernão/SP, das 8h00min às 11h30min ou das 13h00min às 16h30min de segunda à sexta-feira ou pelo site: www.fernao.sp.gov.br/transparencia e no Portal de Compras http://www.transparencia.fernao.sp.gov.br:8079/COMPRASEDITAL/. Quaisquer informações poderão ser obtidas pelos telefones (14) 3273 1016/3273 1038/99624 9011 e por via dos e-mail compras@fernao.sp.gov.br .

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PORTO FELIZ

Errata I – Publicado em 29/05/2024 – pág. 12

Onde se lê:
CONCORRÊNCIA ELETRÔNICA 5/2024
Processo 1.630/2024

Deve-se ler:
CONCORRÊNCIA ELETRÔNICA 1/2024
Processo 1.630/2024

Antônio Cássio Habice Prado
Prefeito Municipal



COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO AMBIENTE

A Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente convida o público interessado para participar da Audiência Pública Semipresencial / virtual para debater as seguintes matérias:

Projetos em 2ª Audiência Pública

1) **PL 307/2022** - Ver. DRA. SANDRA TADEU (PL), Ver. RODRIGO GOULART (PSD) - Autoriza a criação do Hospital Veterinário de Itaquera no âmbito do Município de São Paulo e dá outras providências.
2) **PL 526/2022** - Ver. RUTE COSTA (PL), Ver. RODRIGO GOULART (PSD) - Autoriza o poder executivo a criar o Parque Linear Conjunto Habitacional Instituto Adventista e dá outras providências.
3) **PL 614/2022** - Ver. RUTE COSTA (PL) - Dispõe sobre a criação do Parque Municipal Linear Abel Ferreira e dá outras providências.
4) **PL 261/2023** - Ver. RICARDO TEIXEIRA (UNIÃO), Ver. RODRIGO GOULART (PSD) - Autoriza o Centro de Zoonoses a receber e recolher os animais abandonados em áreas de desfazimento e desapropriações, e dá outras providências.
5) **PL 301/2023** - Ver. RODRIGO GOULART (PSD) - Cria a Área de Proteção Ambiental Municipal do Embura-Jaceguava, e dá outras providências.
6) **PL 309/2023** - Ver. RUTE COSTA (PL) - Dispõe sobre a criação do Parque Municipal Linear Pastor Cícero Canuto de Lima e dá outras providências.
7) **PL 403/2023** - Ver. CRIS MONTEIRO (NOVO), Ver. RUBINHO NUNES (UNIÃO), Ver. RODRIGO GOULART (PSD) - Altera a Lei nº 17.501, de 03 de novembro de 2020, para incluir disposições referentes à identificação de fios na cidade de São Paulo e dá outras providências.
8) **PL 439/2023** - Ver. THAMMY MIRANDA (PSD) - Dispõe sobre normas de manutenção de instalações de aquecimento de água em edificações, com o objetivo de prevenir acidentes que ponham em risco a saúde e a vida dos munícipes ou acarretem danos às suas propriedades e bens, e dá outras providências.

Projetos em 1ª Audiência Pública

9) **PL 522/2021** - Ver. SANSÃO PEREIRA (REPUBLICANOS) - Dispõe sobre Campanha de Incentivo e Conscientização sobre a Logística Reversa SP no âmbito da Cidade de São Paulo, e dá outras providências.
10) **PL 57/2023** - Ver. DRA. SANDRA TADEU (PL) - Dispõe sobre a criação de bebedouros e comedouros públicos para animais na cidade de São Paulo e dá outras providências.
11) **PL 259/2023** - Ver. RICARDO TEIXEIRA (UNIÃO) - Dispõe sobre a criação de espaços de playground nas praças e escolas para crianças com TEA maiores, e dá outras providências.
12) **PL 268/2023** - Ver. MARCELO MESSIAS (MDB) - Dispõe sobre a criação do Hospital Público Veterinário de M'Boi Mirim.
13) **PL 339/2023** - Ver. MARCELO MESSIAS (MDB) - Dispõe sobre a criação do Hospital Público Veterinário de Campo Limpo.
14) **PL 431/2023** - Ver. RICARDO TEIXEIRA (UNIÃO), Ver. THAMMY MIRANDA (PSD) - Dispõe sobre a implantação de microchip, gratuitamente, em animais domésticos, na cidade de São Paulo e dá outras providências.
15) **PL 442/2023** - Ver. RUBINHO NUNES (UNIÃO) - Dispõe sobre a remoção e compactação de veículos abandonados em vias públicas do município de São Paulo e dá outras providências.
16) **PL 470/2023** - Ver. ISAC FELIX (PL) - Dispõe sobre a poda de árvore pelas empresas concessionárias de energia elétrica, na forma que especifica e dá outras providências.
17) **PL 572/2023** - Ver. CORONEL SALLES (PSD) - Dispõe sobre controle de população e controle de zoonoses no Município de São Paulo, e dá outras providências.
18) **PL 642/2023** - Ver. ARMANDINHO FERREIRO (MDB) - Dispõe sobre a criação do Hospital Público Veterinário do Guaianases.
19) **PL 670/2023** - Ver. JANAÍNA LIMA (PP) - Altera o inciso IV do § 1º do art.2º da Lei nº 17.471 de 30 setembro de 2020, para prorrogar até 2027 o prazo para a implementação do percentual mínimo de logística reversa ali previsto.
20) **PL 690/2023** - Ver. ISAC FELIX (PL) - Dispõe sobre a disponibilização de Área Reservada para Famílias em ginásios, estádios e espaços públicos e privados, nas situações que especifica e dá outras providências.
21) **PL 707/2023** - Ver. DANILO DO POSTO DE SAÚDE (PODE) - Autoriza o Poder Executivo a permitir a utilização de animais em ambientes educacionais no município de São Paulo.
22) **PL 723/2023** - **Ver. ANDRÉ SANTOS (REPUBLICANOS)** - Determina a obrigatoriedade de sistema de aterramento nas novas edificações no Município de São Paulo.
23) **PL 744/2023** - Ver. MARCELO MESSIAS (MDB) - Altera a redação do Art. 22 da Lei Municipal nº 17.202 de 16 de outubro de 2019, com a redação dada pela Lei nº 17.346/2020 de 25 de junho de 2020 bem como a redação do art. 7º da Lei 16.886 e dá outras providências. [Prazo para a regularização de edificações]
24) **PL 773/2023** - Ver. CRIS MONTEIRO (NOVO) - Altera a Lei nº 16.402, de 22 de março de 2016, Lei nº 15.031, de 13 de novembro de 2009, e dá outras providências.
25) **PL 775/2023** - Ver. RUBINHO NUNES (UNIÃO) - Regulamenta a atuação da Guarda Civil Metropolitana na fiscalização e autuação de residências, estabelecimentos comerciais e veículos automotores que descumprirem os parâmetros de incomodidade no âmbito do Município de São Paulo, e dá outras providências.
26) **PL 787/2023** - Ver. GILBERTO NASCIMENTO (PL) - Estabelece a substituição de exemplares arbóreos em situação de risco, nos termos em que especifica e dá outras providências
27) **PL 62/2024** - Ver. JOÃO JORGE (MDB) - Altera a redação da Lei 13.369, de 03 de junho de 2002, no âmbito do Município de São Paulo, e dá outras providências.

Data: **05/06/2024** (quarta-feira)
Horário: **13 horas**
Local: **Auditório Prestes Maia** – 1º andar e Auditório Virtual
Câmara Municipal de São Paulo - Viaduto Jacareí, 100

Para assistir: O evento será transmitido ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, através dos Auditórios Online no seguinte endereço:
www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online, e pelo canal da Câmara Municipal no Youtube **www.youtube.com/camarasaopaulo**.
Para participar: Encaminhe sua manifestação por escrito ou inscreva-se para participar ao vivo por vídeo conferência através do Portal da CMSP na internet **http://www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual/inscricoes/**. Também serão permitidas inscrições para participação do público presente no auditório.
Caso não possa, por qualquer motivo, participar da videoconferência, não deixe de encaminhar sua MANIFESTAÇÃO POR ESCRITO, através do formulário disponível em **www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual/** ou pelo e-mail **urb@saopaulo.sp.leg.br**.

Para maiores informações: **urb@saopaulo.sp.leg.br**

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA DO MONTE ALEGRE

AVISO DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 06/2024

A Prefeitura Municipal de Campina do Monte Alegre – SP, através da Comissão de Avaliação e Seleção de Projetos da Lei Paulo Gustavo e Aldir Blank, torna público que está disponível o Edital do Chamamento Público nº 06/2024 - ACESSIBILIDADE cujo Objeto é a seleção de projetos culturais para receberem apoio financeiro nas categorias descritas no Anexo I, por meio da celebração de Termo de Execução Cultural, com o objetivo de incentivar as diversas formas de manifestações culturais do município. Período de Recebimento de Propostas: de 03 a 10 de junho de 2024. Data final para recebimento das propostas: 10/05/2024 às 09h:00min. Maiores Informações e Edital poderão ser obtidos no Departamento Municipal de Licitações pessoalmente na Prefeitura de Campina do Monte Alegre ou pelo e-mail: licitacoes@campinadomontealegre.sp.gov.br. Gabinete do Prefeito – Tiago Ricardo Ferreira – 28/05/2024.

AVISO DE CONCORRÊNCIA

CONCORRÊNCIA PRESENCIAL Nº 04/2024 – TIPO MENOR PREÇO GLOBAL: Objeto – Contratação de Empresa Especializada por Empreitada Global para Execução de Obras de Infraestrutura do tipo Pavimentação Asfáltica na Rua Moacir Ribeiro, incluindo o fornecimento de material, equipamentos e mão de obra. Convênio 100162/2024 – Valor Estimado: R$ 242.488,46 Data para recebimento dos envelopes da documentação e proposta: até as 09h:00min do dia 17/06/2024. A presente licitação será regida pela Lei Federal nº 14.133/21 e suas alterações e o Edital poderá ser solicitado pelo e-mail licitações@campinadomontealegre.sp.gov.br, retirado no site www.campinadomontealegre.sp.gov.br ou na Prefeitura Municipal mediante o recolhimento de taxa. Maiores informações: (15)3256-1330. Campina do Monte Alegre, 29/05/2024, Tiago Ricardo Ferreira - Prefeito Municipal.

ELEIÇÕES SINDICAIS - EDITAL DE REGISTRO DE CHAPA - Em cumprimento ao edital publicado no dia 24 de maio de 2024, faço saber que para as eleições a serem realizadas no SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO, EXTRAÇÃO, PROCESSAMENTO, FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO DE MADEIRA E DO MOBILIÁRIO DE CERQUEIRA CESAR, LINS E REGIÃO - SINTRACOMCER, CNPJ 11.484.497/0001-87, no dia 14 de junho de 2024, foi registrada uma única chapa denominada **" JUNTOS SOMOS MAIS FORTES"**, cuja composição é a seguinte: Presidente - Ronaldo Batista Dos Santos; Secretário Geral - André Luis De Oliveira; Tesoureiro - Jefferson Laurindo Silva. suplentes da direção: Jose Leovil De Souza Leão; Celio Luciano; Mauro Silva. Conselho Fiscal titula: Alcides Fernandes Da Silva; Jose Marinho Alves. Conselho Fiscal suplente: Marco Antônio Silva; Elaine De Souza. Delegados conselho Federação - Titulares: Ronaldo Batista Dos Santos; André Luis De Oliveira. - Suplentes: Jefferson Laurindo Silva; Jose Leovil De Souza Leão. Em cumprimento ao Estatuto Social, conforme dispõe o Artigo 12 § 1º, da Portaria Ministerial nº 3.150, de 30/04/86, O prazo para impugnação de candidaturas em conformidade com a norma legal acima, é de 05 (cinco) dias, a contar da publicação deste Edital. Elaine de Souza -Presidente, Lins, 01 de junho de 2024.

Assembleia Geral Extraordinária – O Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Rodoviários de Cargas de Campinas e Região - SINDCARGAS, CNPJ: 01.584.678/00001-21, vem por seu Presidente convocar todos os trabalhadores empregados nas empresas de transportes rodoviários de cargas secas, molhadas, líquidas e gasosas, vivas, próprias e trabalhadores motoristas e ajudantes nas empresas de materiais de construção, depósito de bebidas, supermercados, trabalhadores nas empresas coletoras de lixo e concretreiras, dos municípios de Águas de Lindóia, Amparo, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Indaiatuba, Jaguariúna, Lindóia, Paulínia, Pedreira, Santo Antônio de Posse, Serra Negra e Valinhos, todos do Estado de São Paulo, para a realização da Assembleia Geral Extraordinária a ser realizada no dia 04 de junho de 2024, na Avenida João Galvão Anderson, 977 – Nova Aparecida – Campinas SP, as 06hs00min em primeira convocação e as 06hs30min com qualquer número de presentes, para discussão dos seguintes pontos da ordem do dia: 1. Discutir, deliberar e aprovar a proposta patronal de fechamento da CCT 2024/2025, (data base 1º de maio) com as respectivas entidades sindicais patronais e ou empresas; 2. Poderes para o Sindicato aceitar ou apresentar contraproposta para a celebração da CCT 2024/2025; 3. Autorização para que a diretoria suscite medidas administrativas e ou judiciais (dissídio Coletivo e outros) e decretar greve, caso resultem infrutíferas as tentativas de negociação coletiva; 4. Autorização para que a Assessoria Jurídica do Sindicato tome todas as medidas cabíveis na esfera administrativa e judicial na defesa dos interesses da categoria profissional; 5. Aprovação do Custeio da entidade Sindical; 6. Discussão e deliberação sobre o prazo para o exercício do direito de oposição ao desconto das contribuições. Campinas, 31 de maio de 2024. **Paulo Vicente Ferreira** - Presidente

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

megaleilões

FERNANDO JOSE CERELLO G. PEREIRA, Leiloeiro(a) inscrito(a) na JUCESP sob o nº 844, com escritório à Alameda Santos, nº 787 – Conjunto 132, Bairro Jardim Paulista – São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº 10160500006, datado de 29/06/2021, no qual figura como fiduciante **Gilmar Batista de Araújo Júnior**, brasileiro, assessor política de saúde, solteiro, maior, portador do RG nº 298727687-SSP-SP, inscrito no CPF nº 262.221.648-38, residente e domiciliado na cidade de São Paulo - SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 10 de junho de 2024, às 15h00**, no endereço do leiloeiro, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 344.789,89 (Trezentos e quarenta e quatro mil, setecentos e oitenta e nove reais e oitenta e nove centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do Credor Fiduciário, constituído pelo Apartamento nº 172, localizado no 17º pavimento da Torre A (Sonho) do Condomínio "Barra Viva 3", situado na Rua Torres da Barra nº 347, do 14º Subdistrito, Lapa, Bairro Água Branca, na Cidade de São Paulo – SP, com a área privativa de 31,200 m², área comum de 20,410 m², e a área total de 51,610 m², correspondendo-lhe a fração ideal de 0,0034260 do terreno. **O imóvel encontra-se melhor descrito e caracterizado na matrícula nº 148.395 do 10º Oficial de Registro de Imóveis da Comarca da Capital – SP.** Obs.: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **20 de junho de 2024, às 15h00**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 331.117,90 (trezentos e trinta e um mil, cento e dezessete reais e noventa centavos).** Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro www.megaleiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.megaleiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.megaleiloes.com.br e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção **HABILITE-SE**, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.



Indaiatuba, 31 de Maio de 2024.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Na melhor forma de direito, ficam os senhores associados da **Associação de Proprietários de Lotes do Loteamento Fechado Jardim Vista Verde**, inscrita no CNPJ sob o nº. 11.348.185/0001-46, com sede na Alameda Ezequiel Mantoanelli, nº 220, Jardim Panorama, na cidade de Indaiatuba/SP, CEP 13340-350, convocados a participar da **Assembleia Geral Ordinária** que dar-se-á no próximo dia **01 de julho de 2024, às 18:00h**, em primeira convocação. Na eventualidade de em primeira convocação não constar a presença dos associados que representem pelo menos **metade mais um dos associados totais,** a referida assembleia será realizada no mesmo dia acima mencionados, às **19:00 horas**, em segunda convocação, com qualquer número de presentes, no salão de festas da associação.

Ordem do dia:

1) Eleição da diretoria executiva, sendo Diretor Presidente, Diretor Tesoureiro e Diretor secretário, para cumprir o mandato findo até a Assembleia Geral Ordinária de 2025.

Segue abaixo as regras para a eleição, conforme Artigo 21º do Estatuto Social, Parágrafo Único:

PARÁGRAFO ÚNICO

a) O edital de convocação para Assembleia de eleição de diretoria deve ser publicado com no mínimo 30 (trinta) dias de antecedência, devendo as chapas se inscreverem previamente na secretaria da Associação, no prazo máximo de: até as 16:00 horas do vigésimo dia que anteceder a data da assembleia de eleição de Diretoria.
b) Para participar de uma chapa e concorrer a cargo de diretoria, o candidato deve obrigatoriamente ser proprietário de uma unidade na Associação, bem como ser associado a mesma.
c) Os candidatos deverão apresentar no ato da inscrição: Chapa formada (3 membros, sendo eles: Diretor Presidente, Diretor Secretário e Diretor Tesoureiro); Cópia dos documentos pessoais dos membros da chapa; Preencher formulário próprio disponível na secretaria da Associação. Cumprindo os requisitos acima, a Associação fornecerá protocolo da inscrição da chapa.
d) Na Assembleia de eleição de diretoria, os votos serão mediante cédula de votação depositada em uma especifica para este fim.
e) No momento da assembleia, será eleito por cada chapa inscrita 01 (um) fiscal, que será responsável por acompanhar a contagem dos votos.
f) Serão considerados nulos os votos: Que contenham rasuras; Que estejam assinalados com mais de uma chapa.
g) Será considerada eleita a chapa que obtiver o maior número de votos;
h) Caso haja empate, será realizado nova votação, havendo novo empate, será convocada nova assembleia em data Mura.

Sendo assim, os candidatos deverão apresentar a chapa da Diretoria, através do formulário anexo, até o dia 11/06/2024 às 16:00h, pelo email jardimvistaverde@gmail.com anexando seus documentos pessoais.

Conforme Estatuto Social, os candidatos devem ser proprietários de um lote. Para aqueles que não se recadastraram, deverão enviar juntamente com seus documentos pessoais, a matricula do oficial de registro de imóveis do seu respectivo lote.

Caso desejem autorizar um procurador para essa votação, deverá apresentar uma procuração com poderes específicos para esta assembleia, com firma reconhecida. Lembrando que o outorgado não poderá representar mais de uma unidade na mesma assembleia.

As resoluções tomadas em assembleia pela maioria de quórum, obrigam a todos, ainda que ausentes e/ou divergentes.

ARTIGO 14º - Ficando impedido de votar o associado que estiver em atraso com o rateio mensal destinado aos serviços prestados pela Associação.

Contamos com a presença e participação de todos!
Atenciosamente,
FERNANDO SILVEIRA CASTRO
Diretor Presidente

Fundação Dorina Nowill Para Cegos

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS

CNPJ 60.507.100/0001-30

Demonstrações Financeiras findas em 31 de dezembro de 2023 e 2022

Balanço Patrimonial

	2023	2022 Reapresentado
Ativo		
Circulante		
Caixa e equivalentes de caixas - recursos próprios	13.532.125	7.449.081
Caixa e equivalentes de caixas - recursos restritos	4.863.021	5.131.566
Clientes	952.202	1.910.931
Estoques	1.164.683	1.317.351
Despesas antecipadas	12.036	577.983
Outros créditos	35.178	369.316
	20.559.245	**16.756.228**
Não circulante		
Títulos e valores Mobiliários	153.575.833	125.111.351
Depósitos judiciais	74.550	24.917
Outros créditos	193.376	193.376
	153.843.759	**125.329.644**
Imobilizado e intangíveis		
Imobilizado	4.171.842	4.650.270
Intangível	820.288	592.056
Bens em comodato	29.120	29.120
	5.021.250	**5.271.446**
Total do ativo	**179.424.254**	**147.357.318**
Passivo e patrimônio líquido	**2023**	**2022 Reapresentado**
Circulante		
Fornecedores	374.435	444.354
Salários e encargos sociais	407.209	368.291
Provisões de férias e encargos	691.413	656.735
Convênios, subvenções e leis de incentivo a realizar	4.863.021	5.131.566
Projetos próprios a realizar	880.896	1.531.480
	7.216.974	**8.132.426**
Não circulante		
Receitas diferidas	-	625
Provisão para demandas judiciais	2.144.108	1.108.851
Bens em comodato	29.120	29.120
	2.173.228	**1.138.596**
Patrimônio líquido		
Patrimônio Social	138.086.296	30.272.130
Superávit / (Déficit) do exercício	31.947.755	107.814.166
	170.034.052	**138.086.296**
Total do passivo e patrimônio líquido	**179.424.254**	**147.357.318**

"O balanço patrimonial e demonstrações financeiras elaborados de acordo com os princípios contábeis aceitos, praticados e exigidos pela Lei 6.404/76, Lei 11.638/07, Lei 11.941/09 e Lei 12.868/13"

Demonstração do Resultado do Período

	2023	2022 (Reapresentado)
Receitas operacionais com restrição		
Lei rouanet, Proac e Convênios	4.799.201	3.286.886
Projetos patrocinados	1.053.363	1.766.147
	5.852.564	**5.053.033**
sem restrição		
Doações e campanhas	7.072.004	5.892.138
Venda de bens e serviços	8.765.279	5.967.602
Outras receitas	116.916	17.226
	15.954.199	**11.876.966**
gratuidades		
Trabalho voluntário	446.571	434.751
Gratuidades recebidas	1.721.320	1.431.838
	2.167.891	**1.866.589**
Total das receitas	**23.974.654**	**18.796.588**
Despesas operacionais com restrição		
Execução de convênios	(4.799.201)	(3.286.886)
Desp com projetos patrocinados	(1.053.363)	(1.766.147)
	(5.852.564)	**(5.053.033)**
sem restrição		
Pessoal, encargos e benefícios	(6.924.729)	(7.288.491)
Despesas administrativas	(5.316.892)	(3.232.017)
Contrapartida de uso de imóvel	(86.102)	(56.777)
Depreciação e amortização	(1.320.889)	(1.253.405)
	(13.648.612)	**(11.830.690)**
serviços gratuitos		
Trabalho voluntário	(446.571)	(434.751)
Contrapartida gratuidades recebidas	(1.721.320)	(1.431.838)
	(2.167.891)	**(1.866.589)**
Total das despesas	**(21.669.067)**	**(18.750.312)**
Superávit operacional	**2.305.587**	**46.276**
Receitas não operacionais		
Outras receitas não operacionais	152.042	101.593.493
Superávit/(Déficit) antes do resultado financeiro	**2.457.629**	**101.639.769**
Resultado financeiro	29.490.126	6.174.397
Superávit/(Déficit) do exercício	**31.947.755**	**107.814.166**
Isenções e renuncia fiscal	13.739.046	42.072.265
Cota Patronal Previdenciária	(2.094.857)	(1.901.956)
Pis s/ Folpag	(82.151)	(74.586)
IRPF	(7.962.939)	(26.785.045)
CSLL	(2.875.298)	(9.651.256)
Cofins	(723.801)	(3.659.422)
Superávit/(Déficit) do exercício	**31.947.755**	**107.814.166**

Alexandre Munck - Superintendente - CPF - 178.235.238-41
Verônica Ribeiro Gerlah Paganatto - Contador
CRC 1SP 267754/O-2

Demonstrações do Fluxo de Caixa

Fluxos das Atividades Operacionais	2023	2022 Reapresentado
Superávit / (Déficit) do exercício	31.947.756	107.814.166
Ajustado por:		
Depreciações e amortizações	1.320.889	1.253.405
Baixas de depreciação	97.812	2.351
Reversão / Provisão para contingências trabalhistas	1.035.257	(21.162)
Superávit / (Déficit) do período ajustado	**34.401.714**	**109.048.760**
Variação dos ativos		
Clientes	958.729	(1.509.831)
Estoques	152.668	(532.400)
Despesas antecipadas	577.983	(477.041)
Outros créditos	322.102	(114.952)
Depósitos judiciais	(49.633)	(566)
Variação dos passivos		
Fornecedores	(69.919)	(202.429)
Salários e encargos sociais	38.918	(216.864)
Provisões de férias e encargos	34.678	(106.446)
Convênios, subvenções e leis de incentivo a realizar	(268.545)	(2.331.460)
Projetos próprios a realizar	(650.584)	(172.527)
Outros débitos	(625)	(750)
Fluxo de caixa (cons umido) e gerado pelas atividades ope racionais	**35.447.486**	**103.383.494**
Fluxo de caixa das atividades de investimentos		
Aquisição de imobilizado e intangível	(1.168.505)	(2.417.511)
Títulos e valores Mobiliários	(28.464.482)	(125.111.351)
Fluxo de caixa (consumido) e gerado pelas atividades de investimentos	**(29.632.987)**	**(127.528.862)**
(Diminuição) e aumento em caixas e equivalentes de caixas	**5.814.499**	**(24.145.368)**
Saldo inicial de caixas e equivalentes de caixas	12.580.647	36.726.015
Saldo final de caixas e equivalentes de caixas	18.395.146	12.580.647
(Diminuição) e aumento em caixas e equivalentes de caixas	**5.814.499**	**(24.145.368)**

Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido

	Patrimônio Social	Superávit Déficit	Totais
Saldos em 31/12/22	**30.272.130**	**107.814.166**	**138.086.296**
Incorporação ao patrimônio social	107.814.166	(107.814.166)	-
Superávit do exercício	-	31.947.756	**31.947.756**
Saldos em 31/12/23	**138.086.296**	**31.947.756**	**170.034.052**

Cristopher Vlavianos

Incentivo já foi bem usado, e hoje empresas querem investir em energia limpa

Fundador da Comerc afirma que mundo mudou e é mais avesso a compensação de carbono sem redução de emissões

ENERGIA EM TRANSIÇÃO
ENTREVISTA

Joana Cunha

SÃO PAULO O papel dos subsídios para estimular o avanço das energias renováveis ficou para trás, e o incentivo para o investimento nessas energias, atualmente, deve partir das próprias empresas.

A avaliação é de Cristopher Vlavianos, fundador e presidente do conselho de administração da comercializadora de energia Comerc, companhia que concentra os ativos de energia renovável da Vibra após a distribuidora adquirir 50% de seu capital, em 2021.

"O que a gente vê hoje como um incentivo são as próprias empresas querendo investir em energia renovável. Durante um período, esse subsídio foi bem utilizado. Mas o investidor tem uma consciência, os fundos, os family offices, os próprios bancos, eles olham esse mercado. O direcionamento do capital para esse tipo de projeto já traz um benefício grande para quem quer investir em energia renovável", afirma o empresário.

Vlavianos também diz ver uma mudança no olhar do setor privado para o mercado de crédito de carbono. Em 2023, em parceria com a Vibra, a Comerc lançou sua mesa de operações de crédito de carbono.

"No passado, as empresas que emitiam muito CO_2 acabavam compensando isso comprando crédito de carbono, e muito pouco preocupadas com o processo. O mundo está mudando. Ele não aceita mais você estragar de um lado e compensar do outro", diz.

*



Karime Xavier/Folhapress

CRISTOPHER VLAVIANOS, 59
O empresário, que cursou economia na Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado), sem completar, fundou a Comerc Corretora de Mercadorias aos 22 anos. Quase 15 anos depois, migrou para o setor de energia. Foi CEO de empresas do grupo e assumiu o conselho de administração em 2021

Desde a abertura, em janeiro, do mercado livre para a entrada de novos consumidores com consumo mensal acima de R$ 10 mil, que é um movimento considerado como porta para descarbonização, qual tem sido o reflexo dessa nova demanda? Nos últimos 20 anos, a migração para o mercado livre começou com os grandes consumidores até os médios. Os que estão migrando para o mercado livre agora são aqueles que têm mais ou menos uma conta de energia acima de R$ 10 mil por mês. Pode ser um consumidor comercial, industrial, um condomínio ou uma padaria.

Estamos saindo de um volume de consumidores migrados de 25 mil unidades para 100 mil unidades. Seriam 75 mil unidades de novos consumidores nesse mercado livre com potencial de redução de custos e emissões, porque eles migram para o mercado livre consumindo energia renovável.

Como está a disputa por esse consumidor no varejo? O mercado tem vários players [competidores] hoje. O que ele tem que avaliar é a credibilidade, se essa empresa que está oferecendo um produto vai entregar, se ela vai reduzir o custo de forma consistente. É como comprar qualquer produto. Tem que avaliar de quem você vai comprar essa energia, porque é uma commodity essencial. O consumidor tem que avaliar o novo fornecedor quando vai fazer essa decisão de migrar para o mercado livre.

Como funciona o planejamento da descarbonização, que vocês, na empresa, chamam de jornada da descarbonização? É a conscientização dos consumidores de que eles precisam reduzir a sua pegada de carbono. Ela começa sempre com medição, com um inventário. Se você não consegue medir, você não consegue reduzir nem saber que está reduzindo. O inventário mostra quais são as emissões que esse consumidor tem para ele poder começar a trabalhar nos processos e reduzir.

São três escopos de emissões: as que são diretas do cliente, as que são referentes ao consumo de energia e as emissões dos fornecedores dele. Então, olhando toda a gama de fornecedores, ele pode escolher quem são os consumidores responsáveis ambientalmente e que também reduzem a sua pegada de carbono.

Saiu uma pesquisa da EY em maio, com 100 mil pessoas, segundo a qual só 30% dos entrevistados estão dispostos a investir mais dinheiro em nome da energia limpa e 70% não querem fazer mais do que já fazem. As pessoas estão desanimadas em gastar com placar solar, por exemplo? O que o consumidor avalia é se a oportunidade de redução de emissão também é uma oportunidade de redução de custo. No Brasil, você consegue essas duas vantagens. Consegue reduzir emissões consumindo energia renovável e consegue reduzir custo também com uma energia mais barata do que esse consumidor tem hoje na sua distribuidora.



O Brasil deu o subsídio para fazer com que essas fontes gerassem escala e pudessem ser competitivas e hoje está tirando. O que a gente vê, hoje, como um incentivo são as próprias empresas querendo investir em energia renovável

O consumidor europeu ou americano tem que pagar um adicional para ter essa vantagem de usar a energia renovável. Lá, a renovável é mais cara do que a convencional. O consumidor livre brasileiro tem uma vantagem grande em relação ao restante mundo por termos abundância de fontes renováveis, de sol, de vento. Temos custo de energia elétrica menor hoje. Temos uma modulação de energia porque temos bastante energia hidráulica. A gente não precisa despachar térmicas no intervalo dessas fontes renováveis.

O Brasil já tem essa vantagem da matriz energética limpa, mas alguns especialistas citam dois pontos críticos, que são a digitalização e a descentralização. O que o país precisa fazer para avançar nessas outras frentes da transição energética? O Brasil já vem fazendo essa descentralização. Saímos das grandes usinas agora para usinas menores e até para o chamado prosumidor, o consumidor que tem a placa instalada no telhado. Isso é uma descentralização. Antes, aquela grande usina era financiada com prazo muito longo de construção e de amortização desse investimento.

A digitalização vem junto. Ela permite ter informações, dados de consumo e telemetria desses consumidores. Com isso, você entende como funciona o consumo. Hoje, já tem digitalização e isso vai crescendo. A inteligência artificial também se aplica à energia. Já existem processos em que o consumidor de baixa tensão entra em uma plataforma, assina um contrato e, no mês seguinte, começa a receber energia de fonte renovável. Nós já estamos caminhando para esses 3Ds, da descentralização, digitalização e descarbonização, que vêm junto com o benefício da energia renovável.

Em um futuro não tão distante, é possível que o consumidor brasileiro tenha aplicativo no celular para controlar o consumo de energia da casa dele? Ou essa descentralização vai ficar restrita ao consumidor que tem dinheiro para instalar painel solar no telhado de casa? O consumidor que tem esse painel no telhado já tem um aplicativo em que ele sabe quanto gerou e quanto compensou. Mas não é só nesse caso. Hoje, existem equipamentos que medem consumo sensorizado. E aí o consumidor passa a ser protagonista nesse mercado e conhecer muito mais. O que era uma incógnita para ele, um fantasma de consumo de energia, fica mais acessível. Basta você ter as informações e começar a usar esses dados para fazer o uso consciente dessa energia.

E o debate sobre incentivo econômico, sobre tributar mais produtos de energias que são sujas e isentar as limpas até que elas fiquem competitivas? Na sua avaliação, em que momento o Brasil está nesse cenário? O Brasil criou um subsídio para as energias renováveis com o Proinfa (Programa de Incentivo às Fontes Alternativas) em 2005. Esse subsídio veio sendo aproveitado por essas usinas e está acabando. O subsídio da geração distribuída também teve um período, mais curto, mas também está se encerrando.

O Brasil deu o subsídio para fazer com que essas fontes gerassem escala e pudessem ser competitivas e hoje está tirando. O que a gente vê, hoje, como um incentivo são as próprias empresas querendo investir em energia renovável. E, uma vez que ela é mais competitiva, hoje, independentemente do subsídio, ela pode investir em energia renovável sem necessariamente ter um subsídio para isso. É exatamente porque o subsídio do passado trouxe esse benefício para essas fontes.

Durante um período, esse subsídio foi bem utilizado. Mas o investidor, hoje, tem uma consciência, os fundos, os family offices, os próprios bancos, eles olham esse mercado. Então, o direcionamento do capital para esse tipo de projeto já traz um benefício grande para quem quer investir em energia renovável.

Muitas empresas ainda preferem compensar toda a emissão delas com crédito de carbono, sem procurar ações que reduzam as suas próprias emissões. Como você avalia esse tipo de posicionamento e como isso vem mudando ao longo dos anos? No passado, as empresas que emitiam muito CO_2 acabavam compensando isso comprando crédito de carbono, e muito pouco preocupadas com o processo. O mundo está mudando. Ele não aceita mais você estragar de um lado e compensar do outro.

O que você precisa fazer é tornar seus processos mais eficientes, reduzir essas emissões, e fazer dessa aquisição de crédito de carbono uma compensação de um pedaço dessas emissões que as empresas não conseguiram reduzir. Essa composição de compensação com mudança de processos vai sendo cada vez mais importante para as empresas. E é isso que mostra que a empresa é realmente ambientalmente responsável.

Vocês atuam no Rio Grande do Sul? O ministro de Minas e Energia falou em mais de R$ 1 bilhão em danos para o sistema por causa das chuvas. Que impactos vocês sofreram? Temos um escritório em Bento Gonçalves, e a nossa primeira preocupação foi dar suporte aos nossos colaboradores e clientes também, entendendo como foram afetados. Fizemos campanhas internas da Comerc com a consciência de que esse estado, realmente, vai precisar ser reconstruído.

Estamos fazendo o possível para conseguir ajudar o estado, não na questão da recomposição dessa linha de distribuição e transmissão, porque isso está muito relacionado à questão da distribuidora, mas no apoio à população do estado. É extremamente necessário.

Foi muito pesado para os clientes? Para alguns clientes, foi pesado, porque não puderam consumir a energia e tiveram de parar fábricas. Tivemos de ajudá-los no sentido de não terem nenhum prejuízo em relação à contratação de energia. E para poderem ter a tranquilidade de que estamos atuando como parceiros deles neste momento.

E a nova Bolsa de energia N5X? Como a entrada de uma Bolsa nova atua na transição energética? Já temos hoje uma Bolsa funcionando no mercado, que é uma sociedade de vários agentes. Várias comercializadoras hoje têm um balcão de negociação. A Bolsa é um sinal de liquidez. No nosso mercado, como em qualquer mercado, quanto maior for a liquidez, melhor.

Ainda não pudemos verificar que efeito esse novo instrumento vai trazer porque é muito novo, ainda está sendo desenvolvido, mas qualquer mecanismo que traga liquidez e que tenha uma boa governança em relação à comercialização de energia é muito bem-vindo. Esperamos que ações como essa e outras tenham sucesso e tragam para o nosso mercado uma liquidez com segurança. Como é um mercado muito volátil, não é muito fácil você criar mecanismos de garantias, mas a experiência e o desenvolvimento dessas Bolsas e desses balcões organizados acabam trazendo liquidez, e isso é importante.

CIFRAS & INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS

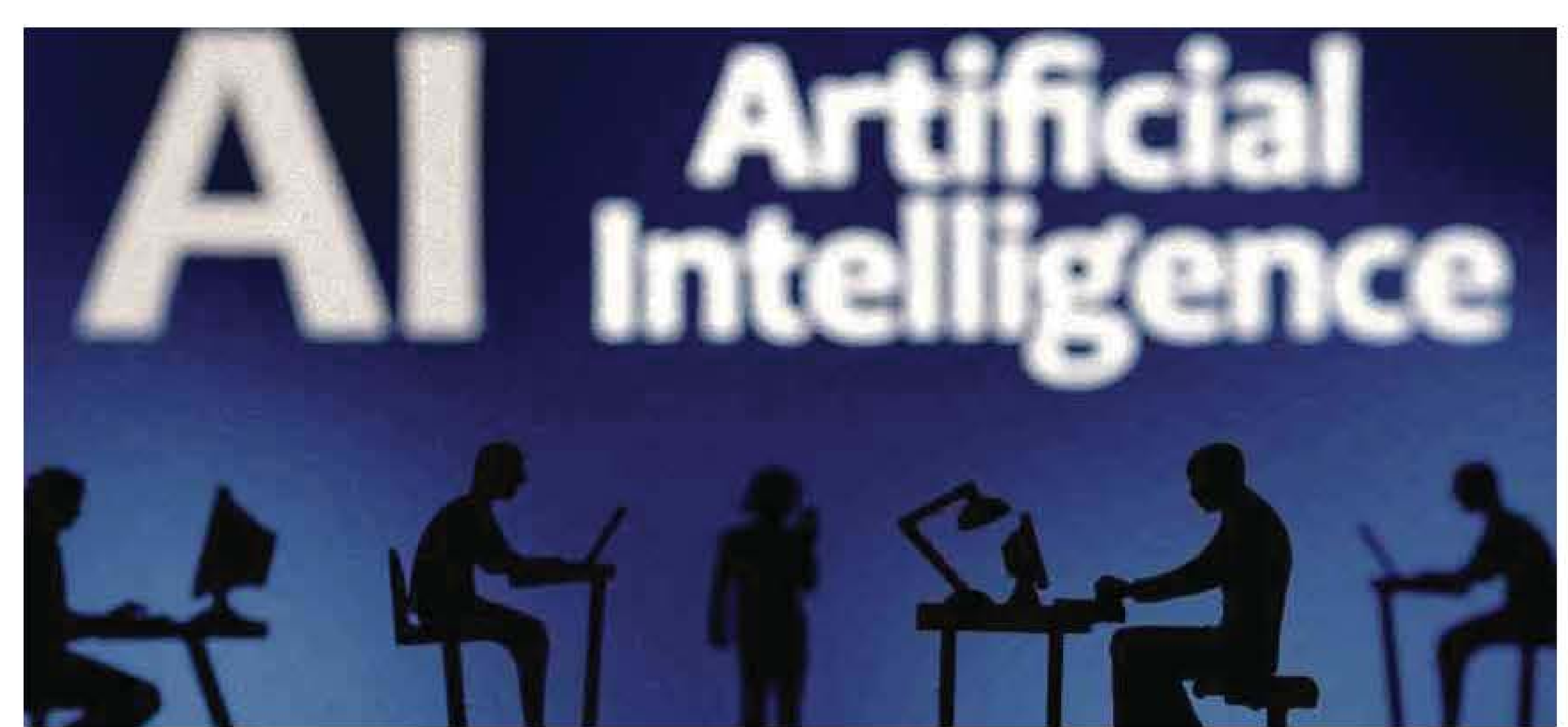


Ilustração sobre IA; tecnologia envolve modelos, apps, hardware, provedores de nuvem e redes sociais Dado Ruvic - 19.fev.24/Reuters

O que está em jogo e quem é quem no tabuleiro da IA

Cada app tem um motor por trás, e desenvolvimento pode envolver várias empresas

Pedro S. Teixeira

são paulo A IA (inteligência artificial) mexeu com negócios, trabalhos e o cotidiano das pessoas. Ainda assim, há certa complexidade em entender o que são modelos, aplicativos e as empresas por trás da inovação e dos riscos trazidos por essa tecnologia.

Para ir além da comparação com o ChatGPT, a **Folha** desenhou um tabuleiro para mostrar o que está em jogo e quem é quem nesse mercado.

*

Os aplicativos

Os apps são as plataformas que os usuários conhecem e acessam. Por definição, eles são programas feitos para executar tarefas específicas.

O ChatGPT, por exemplo, foi feito para conversar com o usuário, a partir da caixa de texto. É uma tarefa genérica, mas uma função definida. O Gemini, do Google, funciona da mesma forma. O FireFly —que permite criar imagens a partir de uma IA generativa—, da Adobe, é outro app.

Os motores

Por trás de cada app, estão os chamados modelos fundacionais, espécie de motor ou cérebro que faz os cálculos probabilísticos que entregam imagens, textos, vídeos ou áudios.

No caso do ChatGPT, da OpenAI, o que move os pistões é o GPT-3.5, na versão gratuita, e o GPT-4, mais potente e dedicado à versão paga. Em breve, todos os usuários terão acesso ao novo GPT-4o, capaz de conversar por voz e vídeo em tempo real.

O ChatGPT para assinantes ainda está equipado com o Dall-E, que gera imagens.

O modelo do Google é o Gemini, disponível em diferentes tamanhos: nano, pro e ultra.

Esses algoritmos, em certa medida, são como o motor de um carro: quanto mais potentes, mais consomem em processamento. Por isso, as empresas criam algoritmos menores para funcionar em smartphones, não tão equipados quanto os computadores.

Código aberto ou código fechado

Parte desses modelos tem o seu código de programação aberto para o público. Assim, outros programadores podem reutilizar a tecnologia e editar para uso próprio. É o caso de Meta (dona do Facebook, Instagram e WhatsApp), xAI (de Elon Musk) e Stable Diffusion (plataforma geradora de imagens).

Outras empresas mantêm a receita de suas IAs guardadas a sete chaves. São os modelos de código fechado, como acontece com os GPTs da OpenAI e o Gemini, do Google.

Essas companhias afirmam que é assim que minimizam os riscos inerentes à IA, como o alastramento de desinformação ou o acesso a instruções perigosas. Por outro lado, escondem seus segredos comerciais da concorrência e limitam o acesso ao conhecimento sobre a tecnologia.

Os críticos dizem que a escolha tem a ver com dinheiro. A francesa Mistral começou com um modelo de código aberto, mas fechou sua tecnologia, após firmar um acordo bilionário com a Microsoft.

Infraestrutura própria ou terceirizada

Outra maneira de diferenciar as soluções de IA é verificando se o algoritmo é executado nos computadores da própria empresa ou em uma nuvem.

Essa separação tem implicações na segurança dos dados e no modelo de negócios.

Os modelos fundacionais da OpenAI, por exemplo, ficam hospedados na nuvem da Microsoft. Com isso, a startup precisa de cada vez mais poder computacional da criadora do Windows para desenvolver as próprias tecnologias e, por isso, reinveste boa parte do dinheiro que recebe na Microsoft.

O Google, por sua vez, mantém infraestrutura própria.

O modelo da Meta, por ser de código aberto, pode ser executado em qualquer ambiente: nuvem, computador ou smartphone. Quanto menor a capacidade computacional, pior o desempenho.

Computadores e chips

As nuvens que processam os modelos de IA são grandes redes de supercomputadores, os chamados data centers.

Os complexos cálculos que fazem os atuais modelos de IA só são possíveis graças a um avanço de engenharia nos chips, em especial à criação das GPUs, unidades de processamento gráficos, da Nvidia. Essas placas de computador fazem diversas operações ao mesmo tempo, por meio de circuitos em paralelo.

Impulsionadas por essa demanda computacional, as empresas que mais cresceram com a disparada da IA foram as que executam serviços de nuvem, como a Microsoft, e as fabricantes de chip, como a Nvidia, que viu seu valor de mercado quadruplicar em um ano e meio.

Redes sociais como plataforma

As redes sociais tentam se projetar nessa corrida pelo mercado de IA. Maior e mais recente sinal disso foi o lançamento da MetaAI, aplicação de inteligência artificial disponível nas redes sociais da Meta —Instagram, Facebook e WhatsApp.

A empresa vai usar o alcance de suas plataformas a quase 4 bilhões de usuários para projetar seus próprios modelos de IA. É uma estratégia similar à adotada no lançamento do Threads, que contou com um impulso do Instagram para se tornar a primeira plataforma a ter mais de 100 milhões de usuários.

Elon Musk faz algo semelhante com o X, antigo Twitter. Seu modelo de IA, Grok, fica integrado à rede social —somente os pagantes da versão premium têm acesso. Além disso, o Grok acessa informações em tempo real do X, algo que os outros apps de IA não conseguem fazer.

Desenvolvedores

Nessa disputa, além das big techs, estão também startups que desenvolvem inteligência artificial. A mais famosa delas é a OpenAI, mas ao menos outras cinco empresas receberam investimentos bilionários.

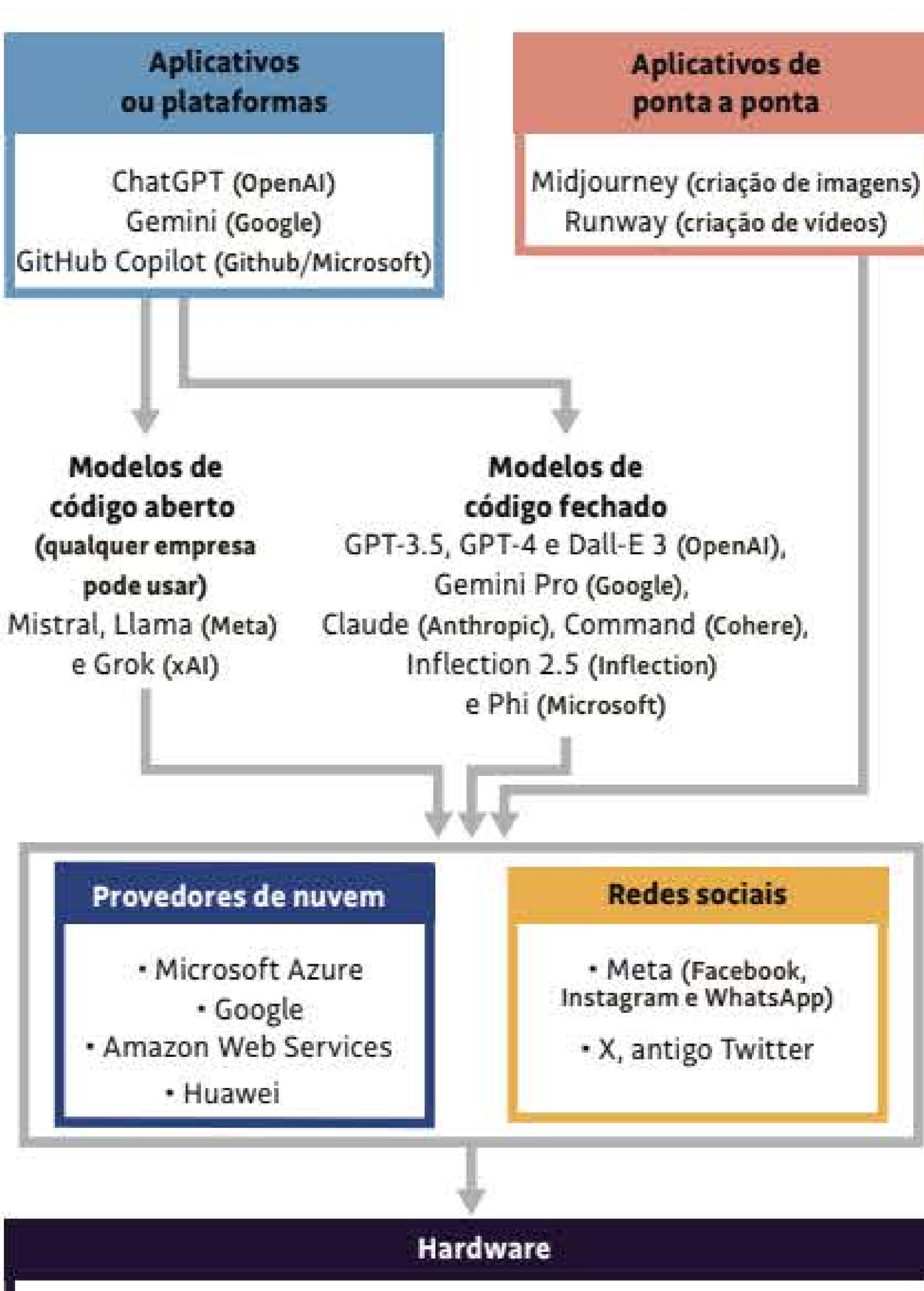
A startup fundada por ex-engenheiros do Google Inflection, por exemplo, chamou a atenção da Microsoft e da Nvidia por conseguir bons resultados com modelos fundacionais menos parrudos que os da OpenAI. Um ano depois, dois de seus fundadores foram contratados pela Microsoft para comandar um laboratório de inteligência artificial da empresa.

A Anthropic, responsável pelo chatbot Claude, se destaca pelas capacidades textuais de sua tecnologia e pela maior atenção ao debate de segurança na operação de plataformas de IA.

A Cohere é a maior parceira do serviço de nuvem da Amazon, a AWS, e tem mais foco em soluções corporativas ou governamentais.

Stability.AI, Midjourney e Runway concentram seus esforços em IAs geradoras de imagens.

Tabuleiro da inteligência artificial



Hardware

- **Nvidia** (domina o mercado), **AMD** e **Dell**
- Big techs e empresas menores como a **Groq** tentam fazer chips especializados para processar modelos de inteligência artificial

INÊS 249

Plantando um futuro medíocre

Decisões acertadas do passado estão sendo desmontadas

Marcos Mendes

Pesquisador Associado do Insper. É organizador do livro 'Para não Esquecer: Políticas Públicas que Empobrecem o Brasil'

Os bons e maus números de PIB e inflação costumam ser associados às políticas implementadas pelo governo do momento. Mas, na realidade, muito do que se colhe no presente é consequência de políticas do passado.

Por exemplo, boa parte do desastre do governo Dilma decorreu de equívocos das gestões anteriores de Lula, como argumentei na coluna de 26 de fevereiro de 2022 (folha.com/zrb01ag3). Por outro lado, a força do mercado de trabalho formal, observada atualmente, tem sido atribuída à reforma trabalhista de 2017.

O que o governo e as instituições públicas estão fazendo hoje influenciará nosso desempenho futuro. Isso é preocupante. Importantes fontes de dinamismo econômico, construídas por decisões acertadas do passado, estão sendo desmontadas, sinalizando um futuro medíocre.

O fim do monopólio da Petrobras, em 1997, expôs a empresa à competição e a forçou a se modernizar. A governança melhorou, a influência do governo diminuiu, atividades de baixo retorno foram deixadas de lado. Joint ventures com outras empresas alavancaram a pesquisa, desembocando na descoberta do pré-sal. Hoje, o petróleo rivaliza com a soja como principal produto de exportação.

O governo, contudo, está reorientando a empresa para atender suas políticas de controle de preços e incentivos setoriais. Reproduz um modelo que, apenas uma década atrás, corroeu o valor da empresa, atrasou a exploração de petróleo e abriu as portas para a corrupção. E que custou caro para consertar.

Outro fator positivo para o crescimento atual é a expansão do mercado privado de capitais, que provê financiamento de longo prazo aos investimentos privados. Nos anos 2000, após reformas do mercado de crédito, iniciou-se o crescimento do mercado de capitais privado. Porém, a partir de 2005/6, o governo optou por expandir o crédito público subsidiado via BNDES, expulsando os mecanismos privados de captação e introduzindo critérios políticos na alocação da poupança, o que reduziu a qualidade dos investimentos e, consequentemente, o potencial de crescimento econômico.

Quando, a partir de 2016, se reduziu a presença dos bancos estatais e os subsídios creditícios por eles concedidos, o mercado de capitais ressurgiu com força.

Vemos, agora, o retorno do protagonismo do crédito público, com o BNDES sendo autorizado a captar recursos com títulos próprios e isenção tributária, a recriação de várias modalidades de taxas de juros subsidiadas e a expansão dos desembolsos dos bancos públicos. Para piorar, esses recursos vão financiar um plano de proteção de produtores internos contra a concorrência internacional.

A autonomia do Banco Central, inovação bem-sucedida adotadas por países desenvolvidos desde meados do século passado, que ganhou força a partir dos anos 1990, chegou tardiamente ao Brasil e tem sido essencial para preservar a inflação sob controle. Contudo, o presidente da República, o ministro da Fazenda e o PT deixam clara a intenção de controlar as decisões do Copom.

Uma condição necessária para o bom desempenho econômico de longo prazo é a estabilidade das regras, os checks and balances entre os Poderes e o adequado funcionamento das instituições reguladoras. Isso assegura um ambiente de estabilidade de regras e segurança jurídica. Também nesse quesito vamos mal.

O Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), que há alguns anos recebia premiações internacionais, foi politicamente capturado e acaba de chancelar ações anticoncorrenciais da Petrobras, que facilitará os planos de uso político da petrolífera.

O STF parece abdicar de neutralidade política para fazer dobradinha com o Poder Executivo —seja suspendendo a Lei das Estatais, para viabilizar a ocupação política de suas diretorias, seja concedendo liminar sob encomenda para facilitar negociações do Executivo com o Legislativo. Ao mesmo tempo, um de seus ministros anula processo de corrupção no qual figura como um dos acusados.

O Legislativo balcanizou o orçamento público, direcionando quase R$ 50 bilhões anuais para as preferências individuais dos parlamentares, sem nenhuma avaliação de custo-benefício da aplicação do dinheiro. Um procedimento que não encontra paralelo no mundo e que é porta aberta para a corrupção.

Em contraposição a esse cenário negativo, temos o avanço de uma reforma tributária modernizante e capaz de aumentar a eficiência da economia. Esse é um legado positivo. É preciso, contudo, evitar que a regulamentação da reforma seja vítima da primazia de interesses privados restritos, em detrimento do interesse coletivo, como usualmente tem acontecido.

| **DOM.** Samuel Pessôa | **SEG.** Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | **TER.** Michael França, Cecilia Machado | **QUA.** Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | **QUI.** Cida Bento, Solange Srour | **SEX.** André Roncaglia | **SÁB.** Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

China cobra entrada do Brasil na Iniciativa Cinturão e Rota

Projeto de infraestrutura é foco de Pequim em encontro na semana que vem

Nelson de Sá

SÃO PAULO Em negociações bilaterais nos últimos meses, a China voltou a defender que o Brasil entre na Iniciativa Cinturão e Rota, seu projeto de investimento em infraestrutura mundo afora. Já o governo brasileiro cobra cooperação chinesa em alta tecnologia e numa aliança de combate à fome.

Tanto no lado da China como no do Brasil, o que se buscava nas reuniões preparatórias para o encontro da Cosban (Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação), na semana que vem, em Pequim, eram ações, não mais discursos.

O motivo é que em agosto se completam 50 anos de relações diplomáticas e em novembro o líder Xi Jinping faz uma visita de Estado ao país. É preciso algo concreto, como ouviu a **Folha** dos dois lados. Com a Cinturão e Rota, por exemplo, seria viabilizado o corredor ferroviário até os portos do oceano Pacífico.

O vice-presidente Geraldo Alckmin, que divide com seu equivalente chinês o comando da Cosban, viaja neste sábado (1º) para o encontro, ao lado do ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, e de outros ministros, parando antes na Arábia Saudita. Chega a Pequim na terça-feira (4), quando inicia os contatos com líderes empresariais. O governo estima cem empresários brasileiros e cem chineses no evento.

Parte da agenda foi tratada na semana passada, também em Pequim, na reunião de três horas do assessor especial da Presidência, Celso Amorim, com Wang Yi, membro da cúpula do Partido Comunista e chanceler da China.

"É natural que o cinquentenário seja marcado por novas iniciativas", diz Amorim, ao ser questionado sobre aderir à Cinturão e Rota. "O que vemos que pode ser positivo é ter uma cooperação em tecnologia avançada, por um lado, e trabalhar nessa aliança contra a fome e a desigualdade. Meu interlocutor concorda."

Ele diz que a parceria estratégica sino-brasileira, "em termos grosseiros, assim, comerciais, é muito boa, mas falta um elemento de ponta, tecnológico". Sem detalhar, diz que falou com Wang Yi sobre investimentos em painéis elétricos e baterias para os carros elétricos a serem fabricados pela chinesa BYD no Brasil, além de voltar a defender maior abertura de mercado à Embraer.

"E nós não queremos excluir ninguém", acrescentou. "Estamos discutindo coisas semelhantes, não idênticas, mais na parte de infraestrutura, com os Estados Unidos. Eles nos têm procurado, por enquanto num nível mais técnico."

Também na semana passada, em visita ao Brasil, inclusive à Embraer, a general Laura Richardson, chefe do Comando Sul dos EUA, voltado para a América Latina, criticou a Cinturão e Rota.

"A soberania é retirada ao longo do tempo", disse ela ao Valor, como aviso "para qualquer um que esteja pensando em aderir à Belt and Road Initiative" ou BRI, nome em inglês do projeto.

Questionada sobre a declaração, a porta-voz do ministério do exterior, Mao Ning, respondeu que a China já assinou documentos de cooperação no âmbito da Iniciativa Cinturão e Rota com mais de 150 países.

"Talvez você possa perguntar à enviada americana que especifique a soberania de qual país foi retirada ao aderir", comentou.

"Até onde sei, muitos países que aderiram à BRI se tornaram realmente mais capazes de proteger sua independência e soberania devido aos benefícios econômicos e sociais que ela trouxe."

Ainda sobre Cinturão e Rota, acrescentou: "Acreditamos que o Brasil não será enganado por essa retórica infundada e tomará decisões de forma independente no interesse de seu próprio desenvolvimento".

Por outro lado, Mao repetiu, como no final da visita de Lula no ano passado, que "a China está pronta para trabalhar por uma maior sinergia entre as estratégias de desenvolvimento dos dois países", vinculando a BRI aos programas Nova Indústria Brasil (NIB) e Novo PAC. Alckmin, que é também ministro da Indústria e Comércio, responde pelo NIB. Rui Costa, pelo Novo PAC.

Também está na delegação o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro. Segundo o governo brasileiro, entre os produtos a serem tratados no encontro, visando maior acesso ao mercado chinês, estão café e uva.

Outros dois ministros, Wellington Dias (Desenvolvimento Social) e Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário), devem cuidar especificamente da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, cujo lançamento formal está previsto para a cúpula do G20.

Completam a comitiva a ministra do Planejamento, Simone Tebet, o ministro do Empreendedorismo, Márcio França, e a secretária-geral do Ministério das Relações Exteriores, Maria Laura da Rocha. Ao final da Cosban, na quinta (6), todos devem ser recebidos pelo líder Xi Jinping no Grande Salão do Povo, na praça da Paz Celestial, no centro de Pequim.

Pequim oferece casal de pandas nos 50 anos das relações com o país

PEQUIM Negociadores brasileiros e chineses estão em conversas há meses, para novos passos na relação econômica e estratégica bilateral, ainda sem avanço maior para apresentar. As negociações envolvem agora um ato simbólico: o envio de um casal de pandas para um zoológico brasileiro, eventualmente o de São Paulo.

A possibilidade foi levantada pelo lado chinês nas últimas semanas, questionando se o lado brasileiro confirmava o interesse expresso informalmente durante a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, há pouco mais de um ano.

Até onde foi possível checar, também nesse ponto ainda não há definição por parte do governo brasileiro.

Em agosto, os dois países completam 50 anos de relações diplomáticas, daí a atenção às conversas. Na semana que vem, o vice-presidente Geraldo Alckmin, o chefe da Casa Civil, Rui Costa, e outros ministros, além de cem empresários, participam em Pequim da reunião da Cosban (Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação).

E em novembro o líder Xi Jinping deve fazer uma visita de Estado a Brasília, antes ou depois da cúpula do G20 —grupo que reúne as maiores economias do mundo. O encontro do G20, presidido neste ano pelo Brasil, será no Rio de Janeiro, no Museu de Arte Moderna.

A chamada diplomacia do panda é tradicional na China, antecedendo a própria República Popular. Em 1972, após a mulher do presidente Richard Nixon falar do animal durante jantar em Pequim, um casal foi presenteado para marcar a aproximação dos dois países. Ling-Ling and Hsing-Hsing ficaram duas décadas no Zoológico Nacional, do Smithsonian, em Washington.

O panda-gigante é classificado como onívoro, mas se alimenta quase unicamente de bambu. **NS**



O panda-gigante Tian Tian se alimenta em zoológico em Washington, dias antes de voltar para a China Jim Watson - 7.nov.23/AFP

Lula não deve vetar taxação a sites, diz Alckmin

Imposto de 20% sobre compras internacionais de até US$ 50 foi aprovado na Câmara e deve ser votado na terça no Senado

Marianna Holanda

BRASÍLIA O vice-presidente Geraldo Alckmin disse nesta sexta (31) que o presidente Lula (PT) não deve vetar a taxa para compras internacionais de até US$ 50 em sites estrangeiros, como Shein, Shopee e AliExpress, com alíquota de 20%.

A medida consta em projeto de lei que cria o programa automotivo Mover (Mobilidade Verde e Inovação) e deve ser votada na próxima terça-feira (4), no Senado.

Alckmin falou ainda que o governo negocia com o setor de eletrodomésticos redução de imposto em troca de desconto em produtos da linha branca para o Rio Grande do Sul.

As declarações foram feitas em entrevistas à BandNews TV, nesta sexta-feira.

Ao comentar sobre o programa Mover, Alckmin criticou os "jabutis" —termo utilizado para dispositivo sem relação com o texto inicial.

O principal é o da "taxação das blusinhas", como foi apelidado o imposto sobre importados de até US$ 50, até então isentos de tributos federais.

"Não ouvi do presidente ter falado se veta ou não. Mas meu entendimento é que ele não vetará. Foi aprovado praticamente por unanimidade. Foi um acordo inteligente", disse.

O varejo nacional defendia uma tributação superior, com o apoio tanto de Fernando Haddad (Fazenda) quanto de Alckmin, que também é ministro da Indústria, Comércio e Serviços. O presidente Lula, por sua vez, era contrário à medida e buscou freá-la na Câmara, sem sucesso.

Prevaleceu o acordo negociado entre Lula e Lira de instituir a tributação, mas com um porcentual menor, de 20%. "Acho que atende parcialmente a indústria", afirmou.

O vice defendeu ainda a retirada de outro polêmico "jabuti" do Mover no Senado, uma emenda que exige conteúdo local na exploração de petróleo. O trecho contou com o apoio da liderança do governo e do PT na Câmara, mas enfrenta resistência do setor, que fala em fuga de investidores.

Alckmin evitou falar diretamente sobre o mérito da emenda, mas defendeu que seja analisada separadamente, o que uma ala do governo já busca fazer no Congresso.

O vice também falou sobre o desconto para eletrodomésticos a famílias no Rio Grande do Sul e mencionou uma contrapartida tributária.

"Conversamos com Eletros [Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos] e estamos estudando. A gente reduz um pouco a carga tributária e eles dão desconto. Vai ter dois benefícios. Não é muito diferente do que a Miriam Belchior falou, mas vamos aguardar, porque não fechamos ainda esses números", disse ele.

A secretária-executiva da Casa Civil, Miriam Belchior, afirmou nesta semana que está em estudo a possibilidade de desconto de 15% para os itens.

Inicialmente, antes de lançar o auxílio reconstrução de R$ 5.100, o governo cogitou comprar itens e doar para a população, mas abandonou a ideia pela logística. Então, por determinação de Lula, o governo conversa com o setor para ver possibilidade de baratear itens da chamada linha branca —fogões, tanquinhos, geladeiras etc.

O próprio presidente anunciou essa possibilidade durante reunião de anúncio de novas medidas para a população do Rio Grande do Sul, atingida pelas enchentes.



O presidente da Amazon Brasil, Daniel Mazini; empresa é a terceira maior do ecommerce no Brasil, atrás de Mercado Livre e Magalu Eduardo Knapp/Folhapress

'Temos 100 milhões de produtos sem precisar de estoque', diz presidente da Amazon Brasil

Daniele Madureira

SÃO PAULO A Amazon Brasil deu um salto nos últimos cinco anos. No país desde 2012, com a venda do leitor de livros digitais Kindle, foi só a partir de 2019 que a empresa se tornou de verdade um marketplace e expandiu o número de categorias.

De um único centro de distribuição (CD), em São Paulo, passou a 10 CDs no Sudeste, no Sul, no Centro-Oeste e no Nordeste. De zero hub logístico (estação de separação de mercadoria), em 2019, saltou para 64.

Com isso, acelerou a entrega: o número de cidades atendidas em 24 horas passou de 50 para 200. Os municípios com entrega em até 48 horas aumentaram de 90 para 1.300. O número de "sellers" (revendedores cadastrados na plataforma) foi de 20 mil para 80 mil.

No ano passado, a Amazon ultrapassou Casas Bahia e Americanas e se tornou a terceira maior operação de comércio online do país, atrás de Mercado Livre e Magalu, com faturamento bruto estimado em R$ 25 bilhões.

"O Brasil é o segundo maior mercado emergente da empresa no mundo, só depois da Índia", disse à **Folha** o presidente da Amazon Brasil, Daniel Mazini, 45. O executivo entrou como "estagiário de verão" no gigante americano em 2009, quando morava em Londres, e acabou ficando. Foi transferido para a sede, em Seattle, até que em 2014 foi convocado para trabalhar na expansão da filial brasileira.

"Temos uma ferramenta interna que mostra quantas pessoas entraram depois de você. No mundo, 99,7% chegaram depois de mim", diz. "Descobri que sou veterano na Amazon."

Mazini responde pelas operações de comércio eletrônico e entretenimento (filmes, músicas e livros). A área de computação em nuvem, a AWS, é uma empresa em separado. "Nós fazemos questão de manter essa independência, já que alguns rivais do marketplace são clientes da AWS, como Mercado Livre e Netflix."

O crescimento das vendas online da Amazon está ancorado no uso de inteligência artificial para entender o comportamento do consumidor e, assim, gerenciar a demanda. "Eu não preciso ter a mesma TV em 700 lugares diferentes", diz Mazini. "Eu preciso ter só 10 TVs. Se vender bem, compro 40. Se continuar vendendo bem, compro mais 200."

Hoje a Amazon Brasil conta com a oferta de 100 milhões de produtos na plataforma —99% são dos sellers. O estoque próprio é de apenas 1 milhão de mercadorias. "A gente se concentra em comprar grandes marcas, que têm demanda garantida, como iPhones, smartphones da Samsung e computadores Lenovo."

Existe um "porém" nessa estratégia: se o estoque é do seller, a Amazon não determina o preço do produto, que fica a cargo do revendedor. Por isso, em épocas de grande demanda, como Natal e Black Friday, e durante períodos promocionais, a empresa reforça o estoque próprio, chamado de "1P" no jargão do comércio eletrônico. Nessas épocas, até 50% do estoque chega a ser da empresa.

Mazini diz que não se incomoda com o recente avanço das plataformas asiáticas no Brasil, como Shopee, Shein e AliExpress, uma vez que o comércio online representa apenas 12% do varejo brasileiro. "Quanto mais o mercado como um todo cresce, mais nós crescemos", diz o executivo, que pensa o mesmo a respeito da chegada da Temu ao Brasil, ainda neste ano.

A chinesa Temu tem dominado a cena nos EUA, ao se tornar o aplicativo de compras mais baixado do país, de acordo com a ferramenta de pesquisas de mercado App Magic. Na vice-liderança está a também chinesa Shein, enquanto a Amazon ocupa o terceiro lugar em downloads.

O avanço das chinesas nos EUA é preocupante, uma vez que o mercado americano responde sozinho por mais da metade das vendas da Amazon. O grupo registrou receita líquida de US$ 574,8 bilhões (R$ 2,9 trilhões) em 2023, alta de 12% sobre o ano anterior, com lucro de US$ 30,4 bilhões (R$ 157 bilhões) no período. Da receita, 61% vêm da América do Norte, 23%, dos outros países (segmento que a Amazon chama de Internacional), e 16%, da AWS.

O foco da companhia está em fazer com que cada vez mais sellers adotem o seu sistema fulfillment, chamado de FBA: o lojista envia seus produtos para a Amazon, que se encarrega da gestão logística do estoque e do envio das mercadorias. Além de aumentar a sua receita de serviços, o FBA permite à Amazon garantir a entrega grátis aos seus clientes Prime, outro foco de crescimento da empresa.

"A base do nosso negócio é catálogo, conveniência e valor", diz Mazini. "Preciso oferecer cada vez mais ofertas para meus clientes Amazon Prime." O serviço, que inclui uma seleção de músicas e filmes em streaming, custa R$ 19,90 ao mês. A empresa não divulga quantos clientes Prime tem no país.

Em abril, a Amazon informou pela primeira vez seus investimentos no mercado brasileiro desde que deu início à operação: R$ 33 bilhões, em infraestrutura e salários. Segundo especialistas em varejo, a Amazon faz o estilo "low profile", crescendo sem alarde, diferentemente do Mercado Livre, que anuncia todo ano seus investimentos no país.

"A Amazon cresceu silenciosamente, mas de maneira consistente", diz o consultor Alberto Serrentino, sócio da Varese Retail.

A atuação da Amazon no país, porém, causa controvérsias. A empresa é acusada de concorrência desleal pelo mercado de livrarias.

"Se as livrarias brasileiras —pequenas, médias ou grandes— praticassem os mesmos descontos que a Amazon oferece aos seus clientes, todas elas, sem exceção, fechariam suas portas", diz Alexandre Martins Fontes, presidente da ANL (Associação Nacional de Livrarias) e diretor da editora WMF Martins Fontes.

Segundo ele, uma livraria que vive única e exclusivamente da venda de livros não tem como competir com uma empresa que abre mão de suas margens e usa o livro como estratégia para atrair o consumidor. "Desde a chegada da Amazon, temos acompanhado o fechamento de centenas de livrarias, a começar pelas nossas duas maiores redes, Saraiva e Cultura", diz.

Daniel Mazini rebate. Diz que, segundo dados da própria ANL, nos últimos dez anos, o total de livrarias no país caiu apenas 1,8%, para 2.972 unidades. De acordo a ANL, o estado de São Paulo concentra 39% das livrarias no país (1.167), enquanto na outra ponta o estado com menos lojas é o Amapá (4).*

Amazon Brasil

Fundação
2012

Funcionários
18 mil, entre diretos e indiretos

Faturamento
R$ 25 bilhões*

Estrutura logística
10 centros de distribuição em 6 estados e no DF e 64 hubs logísticos

Principais rivais
Mercado Livre, Magazine Luiza e Netflix

Fonte: empresa; *estimativa 2023 Varese Retail

Fundo compra operações brasileiras do supermercado Dia por € 100

SÃO PAULO O grupo varejista espanhol Dia afirmou nesta sexta-feira (31) que irá vender seus negócios no Brasil por um "preço simbólico" de € 100 (cerca de R$ 565) para se concentrar em mercados mais lucrativos, como Espanha e Argentina.

A gestora de ativos brasileira MAM, que pertence ao Banco Master, comprará a rede de supermercados no Brasil, informou o Dia em um comunicado ao órgão regulador do mercado de ações espanhol.

Hoje, são 245 lojas em operação no estado de São Paulo. Segundo a rede, elas continuarão abertas.

A operação brasileira do Dia está em recuperação judicial desde março, com R$ 1 bilhão em dívidas, a maior parte delas com fornecedores e bancos.

Ao vender o controle da rede, a empresa europeia se comprometeu a transferir € 39 milhões (R$ 220 milhões) para sua unidade brasileira antes da venda. A operação fará com que o Dia registre um prejuízo de € 101 milhões em seu balanço, disse a companhia.

O Dia anunciou em março que fecharia mais de 300 lojas e três depósitos no Brasil, após resultados negativos no último ano. Na ocasião, o grupo no Brasil informou que continuaria operando suas unidades em São Paulo.

A empresa está vendendo ativos para reduzir sua dívida financeira líquida. No ano passado, o varejista disse que deixaria Portugal, onde tinha cerca de 500 supermercados.

"Desde sua chegada ao Brasil, em 2001, o Dia fez fortes investimentos no país, que não trouxeram o retorno esperado", disse a subsidiária brasileira nesta sexta.

A situação resultou na decisão de focar Espanha e Argentina, onde o grupo possui "posição relevante", conforme nota à imprensa.

Suas operações em São Paulo empregam mais de 2.500 trabalhadores.

Com Reuters



Desde sua chegada ao Brasil, em 2001, o Dia fez fortes investimentos no país, que não trouxeram o retorno esperado

subsidiária brasileira do Dia em nota